

# Arthur C. Clarke

## OS NÁUFRAGOS DO SELENE



EXILADO DOS  
EXILADO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**Arthur C. Clarke**  
**OS NÁUFRAGOS DO SELENE**

Tradução de JORGE LUIZ CALIFE  
EDITORA NOVA FRONTEIRA S/A

Título original: ***A FALL OF MOONDUST***

Copyright © 1961 by **Arthur C. Clarke**

Direitos adquiridos para a língua portuguesa, no Brasil, pela EDITORA NOVA FRONTEIRA S/A

Rua Maria Angélica, 168 – Lagoa – CEP: 22.461 – Tel.: 286-7822

Endereço Telegráfico: NEOFRONT

Rio de Janeiro – RJ

CIP-Brasil, Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Clarke, Arthur C. CS45n Os Náufragos do Selene / Arthur C. Clarke; tradução de Jorge Luiz Calife. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Tradução de: A fall of Moondust

1. Ficção científica estadunidense I. Título 83-0889

CDD – 813.0876 CDU – 820(73)-311.9

*Para Liz e Mike*

# Capítulo 1

Ser o capitão da única embarcação operando na Lua era um privilégio que Pat Harris apreciava. Enquanto os passageiros entravam em fila no Selene, disputando os assentos junto às janelas, ele se perguntava que tipo de viagem faria desta vez. Pelo espelho retrovisor podia ver a senhorita Wilkins, toda elegante em seu uniforme azul da Comissão Lunar de Turismo, encenando seu ritual de boas-vindas. Quando trabalhavam juntos, sempre tentava pensar nela como "senhorita Wilkins", não Sue, recurso que o ajudava a fixar sua atenção no trabalho. Mas nunca descobrira realmente que idéia ela fazia dele. Nenhum sinal de caras familiares; este era um grupo novo, ansioso pelo primeiro cruzeiro. A maioria dos passageiros compunha-se de turistas típicos: pessoas idosas, visitando um mundo que já fora o próprio símbolo da inacessibilidade quando jovens. Havia somente quatro ou cinco passageiros na casa dos trinta, provavelmente técnicos em férias, vindos de alguma das bases lunares. Pat descobrira ser uma regra quase sem exceção que todas as pessoas velhas vinham da Terra, enquanto os jovens eram residentes na Lua.

Para todos eles, entretanto, o Mar da Sede era uma novidade. Para além das janelas do Selene, sua superfície cinzenta e empoeirada estendia-se sem interrupções até alcançar as estrelas. Acima, o crescente da Terra, suspenso eternamente no céu do qual não se movera em um bilhão de anos. A luz cintilante e azul-esverdeada do mundo pátrio inundava essa terra estranha com uma radiação fria – e de fato essa terra era fria, provavelmente trezentos abaixo de zero nas superfícies expostas.

Ninguém poderia dizer, com um simples olhar, se o Mar era líquido ou sólido.

Completamente plano e sem marcas, não possuía as incontáveis fendas e rachaduras que marcavam todo o resto desse mundo

desolado. Não havia um só montículo, rocha ou pedregulho que interrompesse sua uniformidade monótona. Nenhum mar da Terra, nem mesmo um charco, seria tão calmo quanto este.

Era um mar de pó, não de água, e portanto estranho a toda experiência humana, o que explicava o fascínio e a atração que exercia sobre as pessoas. Fino como talco e mais seco, neste vácuo, que as areias crestadas do Saara, fluía tão facilmente e sem esforço quanto qualquer líquido. Um objeto pesado, ao cair, desapareceria nele instantaneamente sem nenhum esguicho, sem deixar nenhuma marca de sua passagem. Nada poderia mover-se sobre esta superfície traiçoeira, exceto os pequenos esquis de pó para dois homens e o próprio Selene, uma inacreditável combinação de trenó e ônibus, não muito diferente dos Gatos da Neve que no passado haviam desbravado a Antártida.

A designação oficial do Selene era Cruzador do Pó Mark I, embora, para o conhecimento de Pat, não existisse um Mark II nem nas pranchetas de desenho. Ele era chamado de navio, barco ou ônibus lunar, de acordo com a preferência. Pat escolheu "barco" para evitar confusão. Quando usava esta palavra ninguém o tomava por um capitão de espaçonave – e capitães de espaçonave, é claro, havia de sobra.

– Bem-vindos a bordo do Selene – disse a senhorita Wilkins, depois que todos se sentaram. – O capitão Harris e eu estamos felizes de tê-los conosco. O nosso passeio terá a duração de quatro horas e o primeiro objetivo será o Lago Cratera, a cem quilômetros a leste daqui, nas Montanhas da Inacessibilidade...

Pat quase não ouviu a apresentação familiar, pois estava ocupado com a contagem regressiva. O Selene era virtualmente uma espaçonave de solo; tinha de sê-lo, uma vez que viajava no vácuo e precisava proteger sua frágil carga contra o mundo hostil além de suas paredes. Embora nunca deixasse a superfície da Lua e fosse impulsionado por motores elétricos em vez de foguetes, carregava todo o equipamento básico de uma completa nave do espaço. E tudo devia ser checado antes da partida.

Oxigênio – O.K. Força – O.K. Rádio – O.K. ("Alô, base Arco-íris, Selene testando.

Estão recebendo meu rádiofarol?") Navegador inercial – zerado. Segurança da escotilha – ligada. Detector de vazamentos na cabine – O.K. Luzes internas – O.K.

Passarela – desconectada, e assim por diante, mais de cinquenta itens, cada um dos quais chamaria a atenção de forma automática em caso de problemas. Mas Pat Harris, como qualquer espaçonauta que desejava atingir a velhice, nunca confiava em alarmes automáticos quando podia verificar pessoalmente.

Afinal estava pronto. Os motores quase silenciosos começaram a girar, mas as pás das hélices ainda estavam em passo-bandeira e o Selene apenas estremeceu no ancoradouro. Regulou o passo da hélice de bombordo e o "barco" começou a virar lentamente à direita. Ao distanciar-se do lugar de embarque colocou-o num curso retilíneo e empurrou os aceleradores para a frente.

O "barco" se portava muito bem, considerando-se a novidade de seu projeto. Nele não havia milênios de tentativas e erros, fazendo voltar ao primeiro homem neolítico que lançara uma tora na correnteza. O Selene era realmente o primeiro de sua linha, criado nos cérebros de um pequeno grupo de engenheiros que se haviam sentado diante de uma mesa para se perguntarem: "Como vamos construir um veículo que deslize sobre um mar de pó?"

Alguns deles, pensando no velho Mississípi, queriam fazer uma barça com roda de pás na popa, mas as hélices submersas, mais eficientes, haviam prevalecido.

Enquanto perfuravam através do pó, impulsionando a nave para a frente, elas deixavam uma esteira semelhante a uma toupeira em alta velocidade, mas este rastro desaparecia em segundos e o Mar se tornava imaculado, sem qualquer sinal de sua passagem.

Agora os domos pressurizados de Porto Roris mergulhavam rapidamente por trás da linha do horizonte. Desapareceram em



menos de dez minutos: o Selene estava inteiramente só, no centro de alguma coisa para a qual as línguas humanas não tinham nome.

Pat desligou os motores e a embarcação deslizou até parar. Esperou o silêncio crescer ao seu redor – era sempre o mesmo. Os passageiros demoravam um pouco a perceber a estranheza do que havia lá fora. Eles tinham cruzado o espaço e visto as estrelas ao redor; haviam olhado para cima – ou para baixo – descobrindo a fascinante face da Terra, mas isto era diferente. Não era terra, mar, ar ou espaço, mas um pouco de cada coisa.

Antes que o silêncio se tornasse opressivo – se durasse muito alguém podia se apavorar -, Pat levantou-se e olhou com atenção os seus passageiros.

– Boa noite, senhoras e senhores – começou. – Espero que a senhorita Wilkins os tenha deixado confortáveis. Paramos aqui porque é um bom lugar para apresentá-los ao Mar, para dar a todos a sensação de como ele é.

Apontou para as janelas e para o cinza fantasmagórico que jazia além.

– A que distância – perguntou calmamente – vocês imaginam que está o nosso horizonte? Ou, em outras palavras, de que tamanho um homem apareceria se estivesse de pé lá onde as estrelas parecem encontrar o solo?

Era uma pergunta a que ninguém poderia responder baseado apenas na evidência fornecida por seus olhos. A lógica dizia que a Lua é um mundo pequeno, portanto o horizonte deveria estar muito próximo. Mas os sentidos tiravam uma conclusão totalmente diferente: esta terra é absolutamente plana e se estende até o infinito.

Ela divide o universo em dois, e gira para sempre abaixo das estrelas.

A ilusão permanecia, mesmo conhecendo-se sua causa. O olho não tem meios de calcular distâncias quando não há nada para focalizar. A vista deslizava e escorregava desamparada neste oceano de pó.

Aqui nem mesmo havia, como ocorre na Terra, a névoa da atmosfera para dar a idéia de distância ou proximidade. As estrelas eram pontos de luz que jamais piscavam, visíveis até aquele horizonte indeterminado.

– Acreditem ou não – continuou Pat -, cada um de vocês pode ver apenas três quilômetros, ou quase duas milhas, para os que ainda não se acostumaram ao sistema métrico. Eu sei que parece um par de anos-luz daqui até o horizonte, mas vocês poderiam andar até lá em vinte minutos, se alguém pudesse realmente caminhar nesse negócio.

Voltou para o seu assento e ligou novamente os motores.

– Nada para ver nos próximos sessenta quilômetros – avisou por cima do ombro. -

Assim vamos nos colocar em movimento.

O Selene lançou-se à frente e pela primeira vez havia uma sensação real de velocidade. A esteira do barco tornou-se mais longa e revolta, enquanto as hélices mordiam com violência a poeira. Agora a própria poeira estava sendo lançada por ambos os lados em dois grandes penachos fantasmagóricos. Visto de longe, o Selene parecia um limpa-neve atravessando uma paisagem invernal, sob a gélida luz da Lua.

Todavia, aquelas imagens cinzentas, caindo lentamente, não eram feitas de neve, e a lâmpada que iluminava suas trajetórias era o planeta Terra.

Os passageiros relaxaram, apreciando o passeio calmo e quase silencioso. Cada um deles viajara centenas de vezes mais rápido em sua jornada até a Lua. Mas no espaço não se tem noção da velocidade e esta corrida através do pó era muito mais excitante. Quando Pat girou o Selene numa curva fechada, fazendo-o orbitar num círculo, ele quase ultrapassou as cortinas de pó lançadas por suas hélices. Parecia errado, antinatural que esta poeira impalpável pudesse subir e cair em curvas tão perfeitas, sem nenhuma

resistência de ar. Na Terra ela teria flutuado durante horas, talvez dias.

Assim que o barco voltou ao curso normal e não havia mais nada para olhar além da planície vazia, os passageiros começaram a ler o material cuidadosamente preparado para eles. Cada um recebera um folheto com fotografias, mapas, souvenirs ("Certificado de que o Sr./Sra. ... atravessou o Mar da Sede a bordo do Cruzador de Pó Selene") e um folheto informativo. Só tinham de ler para saber tudo sobre o Mar da Sede e talvez um pouco mais.

A superfície da Lua, segundo eles leram, era quase toda coberta por uma fina camada de pó – em geral com apenas alguns milímetros de espessura. Parte desse pó era resíduo de estrelas, remanescente dos meteoritos que caíram sobre a face desprotegida da Lua nos últimos cinco milhões de anos; parte se desprendera das rochas lunares enquanto se expandiam e se contraíam nos violentos extremos de temperatura entre a noite e o dia. Qualquer que fosse a origem, era tão finamente dividido que fluía como um líquido, mesmo sob esta fraca gravidade.

Através dos tempos, o pó deslizara das montanhas para as terras baixas, formando lagos e poças. Os primeiros exploradores esperavam por isso e estavam bem preparados. O Mar da Sede, porém, fora uma surpresa; ninguém previra a descoberta de uma área de poeira com mais de cem quilômetros de largura.

Os "mares" da lua, por sua vez, eram bem pequenos; de fato, os astrônomos nunca reconheceram oficialmente os seus nomes, salientando tratar-se apenas de uma pequena porção da Sinus Roris, a Baía do Orvalho<sup>{1}</sup>. "De que maneira", protestavam eles, "se poderia considerar parte de uma baía como um mar inteiro?" Todavia o nome, inventado por um redator da Comissão Lunar de Turismo, fora adotado apesar das objeções. Era pelo menos tão apropriado quanto os dos que se convencionou chamar de mares – Mar das Nuvens, Mar das Chuvas, Mar da Tranquilidade. Para não mencionar o Mar de Néctar.

O folheto continha ainda algumas informações tranquilizadoras, destinadas a abafar os temores do mais nervoso viajante e provar que a Comissão de Turismo pensava em tudo: "Todas as precauções possíveis foram tomadas em benefício de sua segurança" -, declarava. "O Selene transporta uma reserva de oxigênio suficiente para mais de uma semana e todos os equipamentos vitais são duplicados. Um rádiofarol automático assinala sua posição a intervalos regulares e na eventualidade, extremamente improvável, de uma completa falha de energia, um esquí de pó, vindo de Porto Roris, poderá rebocá-los para casa com um pequeno atraso. Acima de tudo não é preciso se preocupar com mau tempo e, mesmo que você não seja um bom marinheiro, nunca ficará enjoado na Lua. Jamais ocorrem tormentas no Mar da Sede; ele está sempre calmo."

Estas últimas palavras de conforto haviam sido escritas com a melhor das intenções; mas quem poderia imaginar que elas logo se mostrariam falsas?

Enquanto o Selene corria silenciosamente através da noite, iluminada pela luz da Terra, a Lua cuidava de seus negócios. E havia muitos negócios agora, depois de eras de sono. Aconteceram mais coisas aqui nos últimos cinquenta anos do que nos cinco bilhões anteriores, e muitas outras iriam acontecer.

Na primeira cidade construída pelo homem fora de seu mundo de origem, o administrador-chefe Olsen dava seu passeio pelo parque. Ele era muito orgulhoso do parque, assim como todos os 25 mil habitantes de Porto Clavius. Um parque pequeno, é claro, mas não tão pequeno como sugerira aquele miserável comentarista de televisão, que o chamara de "canteirinho com ideias de grandeza".

Certamente não havia parques, jardins ou qualquer coisa parecida na Terra onde se pudessem encontrar girassóis com dez metros de altura. Muito acima, nuvens esfiapadas deslizavam – ou assim pareciam. Elas eram, é claro, apenas imagens projetadas no interior, da cúpula, mas a ilusão era tão perfeita que às vezes

deixava A.C. com saudade do lar. Saudade do lar? Corrigiu a si mesmo; este era o lar!

Contudo, no fundo de seu coração, sabia que não era verdade. Para seus filhos poderia ser, mas não para ele.. Nasceria em Estocolmo, Terra, e eles haviam nascido em Porto Clavius. Eram cidadãos da Lua, enquanto ele estava preso à Terra por laços que talvez enfraquecessem com os anos, mas nunca se partiriam.

A menos de um quilômetro, do lado de fora do domo principal, o chefe da Comissão de Turismo Lunar conferia os últimos lucros, com um modesto sentimento de satisfação. Os ganhos da última estação foram mantidos; não que houvesse estações na Lua, mas era perceptível que mais turistas chegariam quando fosse inverno no hemisfério norte da Terra.

Como poderia manter tal interesse? Este era sempre o problema, pois os turistas querem variedades; não se pode oferecer a eles sempre a mesma coisa. A novidade do cenário, a baixa gravidade, a vista da Terra, os mistérios do lado oculto, o espetáculo do céu, os povoados pioneiros (onde turistas nem sempre são bem-vindos) – depois de se enumerar tudo isso, o que mais tem a Lua para oferecer?

Pena não existirem nativos selenitas, com estranhos costumes e aparências curiosas, para os quais os visitantes pudessem apontar suas câmaras. Aliás, a maior forma de vida já descoberta na Lua precisava de um microscópio para ser vista – seus ancestrais chegaram aqui no Lunik II, apenas uma década à frente do Homem.

O comissário Davis desfilava mentalmente os itens que haviam chegado pelo último telefax, tentando encontrar algo que o pudesse ajudar. Havia, é claro, o pedido usual de uma companhia de televisão, da qual nunca ouvira falar, ansiosa para realizar um documentário na Lua, se todas as despesas fossem pagas. A resposta seria "Não". Se aceitasse todas as ofertas deste tipo seu departamento logo iria à falência.

Havia ainda a carta loquaz de seu concorrente na Grande Comissão de Turismo de Nova Orleães, sugerindo intercâmbio de pessoal. Era difícil entender como isso poderia ajudar a Lua ou Nova Orleães, mas enfim não custava nada e seria simpático.

E ainda mais interessante: uma consulta do campeão de esqui aquático da Austrália, perguntando se alguém já tentara esquiar no Mar da Sede.

Sim, era positivamente uma boa idéia. Ficou surpreso de que ninguém tivesse tentado antes. Talvez já tivessem, atrás do Selene ou de um dos pequenos esquis de pó. Certamente valeria a pena testar; estava sempre de olho em novas formas de recreação lunar e o Mar da Sede era um de seus projetos favoritos.

Um projeto que iria se transformar em pesadelo dentro de poucas horas.

## Capítulo 2

À frente do Selene, o horizonte não era mais um arco perfeito e ininterrupto, Uma linha acidentada de montanhas erguera-se sobre a borda da Lua. Enquanto o cruzador corria ao encontro delas, as montanhas pareciam elevar-se no céu, como se erguidas por algum gigantesco elevador.

– As Montanhas da Inacessibilidade – anunciou a senhorita Wilkins -, assim chamadas por serem inteiramente cercadas pelo Mar. Vocês perceberão também que elas são muito mais íngremes que grande parte das montanhas lunares.

Ela não enfatizou isso, pois era um fato desagradável que a maioria dos picos lunares não passassem de um desapontamento. As imensas crateras, que pareciam tão impressionantes nas fotografias tiradas da Terra, quando vistas a curta distância, surgiam como suaves colinas ondulantes, seu relevo grandemente exagerado pelas sombras lançadas nos poentes e auroras. Não havia uma única cratera lunar cujas encostas se erguessem mais abruptamente do que as ladeiras de São Francisco, e muito poucas poderiam constituir um grave obstáculo para um ciclista. Entretanto, ninguém imaginaria tal coisa, a partir das publicações da Comissão de Turismo que mostravam somente os penhascos e desfiladeiros mais espetaculares, fotografados de pontos cuidadosamente escolhidos.

– Elas nunca foram exploradas de um modo completo, nem mesmo agora -

continuou a senhorita Wilkins. – No ano passado trouxemos um grupo de geólogos e os desembarcamos naquele promontório, mas só conseguiram penetrar alguns quilômetros no interior. Assim, pode existir alguma coisa em cima daquelas elevações que nós simplesmente desconhecemos.

"Ótimo", pensou Pat. Sue era uma guia de primeira e sabia o que deixar à imaginação e o que devia explicar em detalhes. Falava num tom calmo, sem nenhum traço do recitar monótono que era a doença típica de tantos guias profissionais. E dominava o assunto completamente, sendo muito raro lhe fazerem uma pergunta a que não pudesse responder. De fato era uma moça formidável e, embora muitas vezes fizesse parte das fantasias eróticas de Pat, na verdade ele tinha secretamente um pouco de medo dela.

Os passageiros olhavam com fascinado espanto para os picos que se aproximavam. Na Lua misteriosa, havia um mistério ainda mais profundo. Elevando-se como uma ilha para fora do estranho mar que as guardava, as Montanhas da Inacessibilidade permaneciam como um desafio aos exploradores futuros. A despeito do nome, agora era fácil alcançá-las; mas com milhões de quilômetros quadrados de território ainda inexplorados, elas teriam de aguardar a sua vez.

O Selene mergulhava em suas sombras; antes que alguém pudesse perceber o que acontecia, a Terra, baixa no horizonte, se eclipsara. Sua luz brilhante ainda caía sobre os picos, mas embaixo havia completa escuridão.

– Vou desligar as luzes da cabine – disse a comissária. – Assim vocês terão uma visão melhor.

Enquanto a mortíça iluminação avermelhada desaparecia, cada viajante sentia-se sozinho na noite lunar. Mesmo a radiação refletida da Terra sobre aqueles cumes altos sumia aos poucos, enquanto o cruzador avançava dentro da sombra. Em questão de minutos, as estrelas haviam se tornado frios e fixos pontos de luz numa escuridão tão completa que fazia a mente se rebelar contra ela.

Era difícil reconhecer as constelações familiares no meio da multidão de estrelas.

Os olhos se emaranhavam em arranjos nunca vistos da Terra e se perdiam num cintilante labirinto de aglomerados e nebulosas. Em



todo este panorama resplandecente havia apenas um marco inconfundível: o deslumbrante farol de Vênus, brilhando mais que todos os corpos celestes e anunciando a proximidade da aurora.

Passaram-se vários minutos antes que os passageiros notassem que nem todas as maravilhas estavam no céu. Atrás do cruzador acelerado estendia-se uma longa esteira fosforescente, como se um dedo mágico houvesse traçado uma linha de luz sobre a face escura e poeirenta da Lua. O Selene desenhava uma cauda de cometa em seu rastro como um navio qualquer abrindo caminho pelos oceanos tropicais da Terra.

Todavia não existiam microrganismos, com suas minúsculas lâmpadas, para iluminar esse mar morto. Apenas incontáveis grãos de pó, cujo choque provocava centelhas, enquanto as descargas estáticas, causadas pela rápida passagem do Selene, se neutralizavam. Mesmo quando se conhecia a explicação, era lindo olhar dentro da noite e ver a luminosa faixa elétrica continuamente se renovando, continuamente morrendo, como se a própria Via Láctea estivesse refletida na superfície da Lua.

A esteira cintilante perdeu-se no clarão quando Pat ligou o holofote. Assustadoramente próxima, a grande muralha de rocha deslizava ao alcance da mão.

Neste ponto, a face da montanha erguia-se quase verticalmente do mar de poeira ao seu redor até alturas desconhecidas, já que ela parecia brilhar na existência real apenas onde o fugidio oval de luz a atingia.

Aqui existiam montanhas diante das quais os Himalaias, as Rochosas, os Alpes pareceriam bebês. Na Terra as forças da erosão começaram a demolir as montanhas assim que se formavam, de modo que após alguns milhões de anos elas se tornaram meros fantasmas do que haviam sido. Mas a Lua não conhecia vento nem chuva; não havia nada aqui para desgastar as rochas exceto o lento descascar da poeira, quando suas superfícies se contraíam no frio

da noite. Essas montanhas eram tão velhas quanto o mundo que as trouxera à luz.

Pat se orgulhava de seu senso de espetáculo e planejara o próximo ato com muito cuidado. Parecia perigoso, mas era perfeitamente seguro, pois o Selene executara este trajeto cem vezes e a memória eletrônica de seu sistema de navegação conhecia o caminho melhor do que qualquer piloto humano. Subitamente, ele desligou o holofote e agora os passageiros podiam perceber que, enquanto estavam deslumbrados com o clarão num dos lados, as montanhas se haviam fechado sorrateiramente ao redor deles.

Numa escuridão quase total, o Selene avançava por um estreito desfiladeiro – e nem sempre num curso retilíneo, pois de vez em quando ziguezagueava para evitar obstáculos invisíveis. Alguns deles, de fato, não eram meramente invisíveis: eram inexistentes. Pat programara este curso em velocidade lenta e na segurança da luz do dia a fim de produzir o máximo de impacto nos nervos. Os "ahs" e "ohs" vindos da cabine escurecida provavam que fizera um bom trabalho.

Muito acima, uma estreita faixa de estrelas era tudo o que se podia ver do mundo exterior. Ela descrevia arcos loucos da direita para a esquerda, a cada mudança brusca do curso do Selene. O "passeio noturno", como Pat o chamava, durou cinco minutos, mas parecia muito mais longo. Quando ligou novamente os faróis, de modo que o cruzador se movesse no centro de um grande círculo de luz, houve um murmúrio de alívio e desapontamento da parte dos passageiros. Esta fora uma experiência que nenhum deles iria facilmente esquecer.

Agora, restaurada a visão, perceberam ter viajado em um vale de paredes íngremes ou uma garganta, cujos lados lentamente se afastavam. O desfiladeiro se alargara para dentro de um anfiteatro oval, com cerca de três quilômetros de largura. O coração de um vulcão extinto, dos tempos em que a Lua ainda era jovem.

A cratera, muito pequena para os padrões lunares, era única. A poeira onipresente a inundara, penetrando no vale durante milhões

de anos, de modo que os turistas da Terra podiam agora passear no acolchoado confortável do que havia sido um caldeirão cheio dos fogos do inferno. Tais fogos morreram muito antes da aurora da vida na Terra e nunca mais se acenderiam de novo. Porém, havia outras forças que não estavam mortas – apenas esperavam pela sua hora.

Quando o Selene iniciou um lento circuito no anfiteatro de paredes íngremes, alguns passageiros lembraram-se de um passeio em lagos de montanha na Terra.

Aqui havia a mesma quietude, o mesmo senso de profundezas desconhecidas sob o barco. A Terra possuía muitos lagos-crateras, mas a Lua apenas um – embora tivesse muitas crateras.

Deixando o tempo passar, Pat deu duas voltas completas no lago, enquanto os holofotes brincavam sobre as paredes ao redor. Este era o melhor modo de conhecê-lo, pois durante o dia, com o sol bombardeando-o de calor e luz, perdia muito de sua magia. Agora, porém, pertencia ao reino da fantasia, como se tivesse saído da mente assombrosa de Edgar Allan Poe. Pensava-se vislumbrar aqui e ali estranhas formas, movendo-se no extremo da visão, além do restrito alcance das luzes. Era pura imaginação, claro; nada se movia sobre este mundo, exceto as sombras do Sol e da Terra. E não podem existir fantasmas num mundo que jamais conheceu a vida.

Era hora de regressar e mais uma vez singrar o desfiladeiro, ao encontro do mar aberto. Pat apontou a proa rombuda do Selene em direção ao vale estreito, entre as montanhas, e os altos muros os envolveram novamente. Na viagem de volta, deixou as luzes ligadas para que os passageiros vissem aonde iam. Ademais, o truque do "passeio noturno" não funcionaria tão bem numa segunda vez.

Muito além, fora do alcance dos faróis do Selene, uma luz se expandia suavemente sobre as rochas e fendas. Mesmo em seu

último quarto, a Terra ainda tinha a força de uma dúzia de luas cheias; e agora, enquanto emergiam da sombra das montanhas, ela se tornava uma vez mais a senhora dos céus. Cada um dos 22 homens e mulheres a bordo do Selene olhou para o alto, em direção ao crescente verde-azulado, admirando sua beleza, surpreendendo-se com seu brilho. Era estranho que os campos, os lagos e as florestas da Terra brilhassem com tamanha glória celestial quando vistos de longe! Talvez houvesse aqui uma lição, talvez nenhum homem pudesse apreciar seu próprio mundo até vê-lo do espaço.

E na Terra muitos outros olhos estariam nesse momento voltados para a Lua minguante. Mais do que no passado, pois agora a Lua significava muito para a humanidade. Era mesmo possível, embora não muito provável, que alguns desses olhos fitassem através de poderosos telescópios, enxergando a fraca centelha dos holofotes do Selene, que se arrastava através da noite lunar. Mas eles não se importariam com o fato de esta centelha tremular e desaparecer no espaço.

Durante milhões de anos a bolha estivera crescendo como um vasto abscesso sob a raiz das montanhas. Através de toda a história do Homem, gases vindos do interior ainda não inteiramente morto da Lua forçaram caminho entre unhas de fratura, acumulando-se em cavidades de centenas de metros abaixo da superfície. Na vizinha Terra, as idades do gelo marchavam, uma por uma, enquanto as cavernas soterradas cresciam, fundiam-se e finalmente se aglutinavam. E agora o abscesso estava a ponto de romper.

O capitão Harris deixara os controles no piloto automático e conversava com a primeira fila de passageiros, quando o tremor sacudiu o barco. Por uma fração de segundo, imaginou que uma das pás da hélice batera em algum obstáculo submerso; em seguida, o chão literalmente desabou.

Mas o fez lentamente, como todas as coisas na Lua. À frente do Selene, num círculo de muitos acres de extensão, a planície uniforme enrugava-se, formando um umbigo. O Mar estava vivo e

se movendo, estremecido por forças que o despertavam de seu sono milenar. O centro da turbulência tomou a forma de um funil, como se um gigantesco redemoinho crescesse na poeira. Cada estádio desse pesadelo era implacavelmente iluminado pela luz da Terra, até a cratera tornar-se tão profunda que a sua parede mais afastada perdera-se na sombra. Parecia que o Selene deslizava num crescente de completa escuridão – um arco de aniquilamento.

À verdade era quase tão sinistra quanto essa imagem. No momento em que Pat chegou aos controles, a embarcação já escorregava nessa encosta inacessível. O seu próprio impulso e o fluxo acelerado de poeira transportavam-na para as profundezas.

Não havia nada a fazer senão tentar manter a quilha abaixada e torcer para que a velocidade os levasse ao outro lado da cratera, antes que desabasse sobre eles.

Se os passageiros gritaram, Pat não os ouviu. Pensava apenas no nauseante e terrível deslizamento e em seus próprios esforços para evitar que o cruzador emborcasse. Enquanto lutava com os controles, dando mais força a uma hélice e depois à outra, a fim de recuperar o curso normal do Selene, uma lembrança estranha e insistente o atormentava. Em algum lugar, de algum modo, ele vira isto acontecer antes.

Era certamente ridículo, mas a lembrança persistia. Só quando atingiu o fundo daquele funil e avistou o aclave de poeira, deslizando da borda da cratera, o véu do tempo ergueu-se por um momento.

Ele era um menino, brincando nas areias quentes de um verão perdido. Encontrara um pequenino buraco simétrico e uniforme, e havia em sua profundidade alguma coisa à espreita – uma coisinha totalmente enterrada, exceto as suas mandíbulas expectantes. O menino observava surpreso e logo percebeu ser este o palco de algum drama microscópico. Vira uma formiga, distraída em sua missão, tropeçar na borda da cratera e tombar declive abaixo. Ela teria escapado com facilidade; mas quando o primeiro grão de areia rolou para o fundo da cavidade a fera assomou de seu refúgio. Com

as pernas dianteiras "aquilo" lançou uma rajada de areia sobre a formiga, que se debatia, até a avalanche vencê-la, fazendo-a deslizar para o fundo.

Era como o Selene deslizava agora. Nenhum inseto cavara um fosso na superfície da Lua, mas Pat sentia-se tão condenado quanto a formiga que observara tantos anos atrás. Da mesma forma, Pat lutava para alcançar a segurança da borda, enquanto o solo movediço o arrastava às profundezas onde a morte o aguardava.

Uma morte rápida para a formiga, lenta para ele e seus companheiros.

Os motores sobrecarregados conseguiam algum resultado, mas não o suficiente. A poeira deslizante ganhava ímpeto e, o que era pior, se elevava, do lado de fora, sobre as paredes do cruzador. Já atingira a borda inferior das janelas; continuou a subir e finalmente as cobriu. Pat desligou os motores antes que estourassem e, enquanto o fazia, a maré apagava o último vislumbre da Terra crescente. Em meio à escuridão e ao silêncio, eles afundavam no interior da Lua.

# Capítulo 3

Nos painéis de comunicação do Controle de Tráfego, lado terrestre Norte, uma memória eletrônica agitava-se inquieta. O tempo marcava um segundo além das duzentas horas GMT<sup>{2}</sup>: um padrão de impulsos que deveria chegar automaticamente ao final de cada hora revelava uma falha.

Com uma rapidez superior à do pensamento humano, aquele punhado de células e relês microscópicos procurava suas instruções: "Espere cinco segundos", diziam as ordens codificadas. "Se não acontecer nada, feche o circuito 10011001".

Á diminuta porção do tráfego do computador ainda envolvida com o problema esperou pacientemente por esse enorme período de tempo – o suficiente para realizar cem milhões de somas de vinte algarismos ou imprimir grande parte dos volumes da Biblioteca do Congresso. E então fechou o circuito 10011001.

Muito acima da superfície da Lua, partindo de uma antena curiosamente apontada para a face da Terra, um pulso de rádio lançou-se no espaço. Em um sexto de segundo, ele relampejou pelos cinquenta mil quilômetros até um satélite retransmissor, conhecido como Lagrange II, diretamente alinhado com a Lua e a Terra. Em outro sexto de segundo o pulso retornava, amplificado, inundando o lado Norte do pólo ao equador.

Em termos de linguagem humana, transportava uma mensagem simples. "Alô, Selene", dizia o pulso. "Não estou recebendo o seu sinal. Por favor, responda imediatamente".

O computador esperou mais cinco segundos. Em seguida, enviou novamente o pulso, e ainda outro. Eras geológicas haviam transcorrido no mundo da eletrônica, mas a máquina era infinitamente paciente.

Uma vez mais ela consultou suas instruções. Agora diziam: "Feche o circuito 10101010." O computador obedeceu. No Controle de Tráfego uma luz verde tornou-se subitamente vermelha e uma sirene começou a ferir o ar com seu alarme. Pela primeira vez os homens, assim como as máquinas, tomavam consciência de que havia problemas em algum lugar da Lua.

A princípio a notícia se espalhou lentamente, uma vez que o administrador-chefe via com maus olhos o pânico desnecessário; da mesma forma e com razões mais fortes, o comissário do Turismo. Nada era pior para os negócios do que as situações de alerta e emergência, mesmo quando nove entre dez casos eram causados por fusíveis queimados, relês fundidos ou alarmes supersensíveis. Entretanto, num mundo como a Lua, era preciso andar na ponta dos pés. Melhor se assustar com crises imaginárias do que falhar com as reais.

Vários minutos passaram antes que o comissário Davis admitisse, com relutância, que esta parecia ser uma crise real. O radiofarol automático do Selene havia falhado numa ocasião anterior, mas Pat Harris respondera imediatamente, quando chamado na frequência do cruzador. Desta vez era apenas silêncio. O Selene nem mesmo respondera ao sinal enviado na faixa Desastre lunar, cuidadosamente guardada e reservada só para casos de emergência. Foi isso o que fez o comissário da Torre de Turismo correr para a Cidade Clavius, através do deslizador subterrâneo.

Na entrada do Controle de Tráfego, ele encontrou o engenheiro-chefe do Lado Terrestre<sup>{3}</sup>, o que era um mau sinal: alguém julgou necessário acionar as operações de salvamento. Os dois homens se entreolharam com expressões graves, cada um obcecado pelo mesmo pensamento.

– Espero que não precisem de mim – disse o engenheiro-chefe Lawrence. – Onde está o problema? Tudo o que sei é que o sinal Desastre lunar disparou. Qual é a nave?

– Não é uma nave. É o Selene; não está respondendo do Mar da Sede.



– Meu Deus! Se alguma coisa aconteceu só poderemos alcançá-la com os esquis de pó. Eu sempre disse que devíamos ter dois cruzadores em operação antes de enviar turistas para lá.

– Foi o que também argumentei, mas as Finanças vetaram a idéia. Disseram que não podíamos ter outro até o Selene provar que podia dar lucros.

– Espero que ele não ocupe as manchetes em vez disso – respondeu Lawrence, amargamente. – Você sabe o que eu penso sobre trazer turistas à Lua.

O comissário sabia muito bem, há muito tempo, que esse era um motivo de discórdia entre os dois. E pela primeira vez se perguntava se o engenheiro-chefe não poderia ter razão.

– Como sempre, havia muita calma no Controle de Tráfego. Nos grandes mapas murais as luzes verdes e âmbar piscavam continuamente suas mensagens sem importância diante da única luz vermelha. Nas mesas de Ar, Energia e Radiação os encarregados de plantão estavam sentados como anjos da guarda, zelando pela segurança de um quarto do mundo.

– Nenhuma novidade – avisou o oficial do Tráfego do Solo. – Ainda estamos totalmente no escuro. Tudo o que sabemos é que aconteceu alguma coisa no Mar.

Traçou um círculo no grande mapa dividido em escalas.

– A não ser que se encontrem totalmente fora da rota, eles devem estar nesta área. Na verificação das 1.900 horas eles permaneceram na quilometragem do curso planejado. Nas duas mil, o sinal desapareceu; portanto, o que quer que tenha ocorrido sucedeu naqueles sessenta minutos.

– Que distância o Selene pode percorrer em uma hora? – perguntou alguém.

– Cerca de cento e vinte quilômetros – respondeu o comissário. – Mas ele normalmente viaja abaixo de cem. Ninguém corre num passeio turístico.

Fixou intensamente os olhos no mapa, como se tentasse extrair informação apenas pela força do olhar.

– Se eles estão no Mar, não vamos demorar a encontrá-los. Já enviou os esquis de pó?– Não, senhor. Estava esperando autorização. Davis olhou para o engenheiro-chefe, que era superior em grau hierárquico a qualquer pessoa deste lado da Lua, exceto ao administrador-chefe Olsen. Lawrence acenou lentamente.

– Mande-os para lá. Mas não espere resultados imediatos. Levará algum tempo para vasculhar vários milhares de quilômetros quadrados, especialmente à noite.

Diga a eles que sigam na rota da última posição recebida; um esquí em cada lado da área, de modo a cobrir a faixa mais larga possível.

Dada a ordem, Davis perguntou tristemente:

– O que vocês acham que aconteceu?

– Existem poucas hipóteses. Deve ter acontecido de forma inesperada, pois não houve mensagem de socorro. Isto geralmente significa uma explosão.

O comissário empalideceu. Havia sempre chance de sabotagem, da qual ninguém estava livre. Devido à sua vulnerabilidade, os veículos espaciais, como os antigos aviões, exerciam uma atração irresistível sobre um certo tipo de criminoso. Davis lembrou-se da Argo, uma nave que cobria a rota de Vênus, destruída com duzentos homens, mulheres e crianças a bordo porque um maníaco odiava um passageiro que mal o conhecia.

– Existe ainda a possibilidade de uma colisão – prosseguiu o engenheiro-chefe. -

Ele pode ter atingido um obstáculo.

– Harris é um piloto muito cuidadoso – disse o comissário. – E já fez esta viagem várias vezes.

– Qualquer um pode cometer erros. É fácil calcular mal as distâncias quando se dirige sob a luz da Terra.

O comissário Davis quase não o ouviu. Já pensava em tudo o que teria de ser providenciado se o pior tivesse acontecido. Era melhor avisar o Setor Judiciário para verificar os formulários de indenização. Se os parentes comesçassem a processar a Comissão de Turismo em alguns milhões de dólares, seria o fim de toda a campanha publicitária deste ano, mesmo se ela ganhasse na Justiça.

O oficial do Controle de Tráfego tossiu nervosamente.

– Se me permite uma sugestão – disse ao engenheiro-chefe -, podíamos chamar Lagrange. Os astrônomos lá de cima podem ser capazes de ver alguma coisa.

– De noite? – indagou Davis ceticamente. – De cinquenta mil quilômetros de altura?

– É fácil, se os holofotes ainda estiverem acesos. Vale a pena tentar.

– Excelente idéia – disse o engenheiro-chefe. – Faça isso agora mesmo. – Ele próprio devia ter pensado nisso e imaginou se não haveria outras possibilidades que tivesse deixado de considerar. Não era a primeira vez que se sentia forçado a empregar toda a sua sagacidade contra um mundo tão belo e estranho, um mundo sedutor em seus momentos de magia, mortal em seus momentos de perigo. A Lua nunca seria completamente conquistada como a Terra, e talvez fosse melhor assim.

Pois a atração das terras virgens e o leve mas sempre presente indício de perigo eram o que agora fascinava exploradores e turistas, através dos abismos do espaço.

Preferia passar sem os turistas, mas eles ajudavam a pagar o seu salário.

E agora era melhor começar a arrumar as malas. Toda essa crise terminaria se o Selene ressurgisse, sem saber do pânico que provocara. Mas não considerava isso provável e seus temores transformavam-se em certezas, enquanto os minutos passavam.

Esperaria mais uma hora e em seguida tomaria o ônibus suborbital para Porto Roris e o reino do seu inimigo – o Mar da Sede.

Quando o sinal vermelho de prioridade atingiu Lagrange, o Dr. Thomas Lawson dormia profundamente. Irritou-se com a interrupção de seu sono, embora precisasse dormir apenas duas horas em cada 24, quando sob a gravidade zero. Mesmo assim, parecia injusto ser despertado. Porém, ao perceber o significado da mensagem, acordou completamente. Afinal iria fazer alguma coisa de útil naquele lugar.

Tom Lawson jamais gostara desse trabalho; desejava realizar uma pesquisa científica, mas a atmosfera a bordo de Lagrange II era perturbadora. Suspenso entre a Terra e a Lua num ato de equilíbri­smo cósmico, possibilitado por uma das mais obscuras con­sequências da lei da gravidade, o satélite era um faz-de-tudo astronáutico. Naves passavam em ambas as direções, a fim de marcar a sua posição a partir dele, e o usavam como um centro de mensagens – embora não houvesse nenhuma verdade no boato de que paravam ali apenas para pegar a correspondência. Lagrange era também a estação retransmissora para quase todo tráfego lunar de rádio, pois sob ela se estendia toda a face da Lua voltada para a Terra.

Apesar do telescópio de cem centímetros ter sido projetado para captar objetos bilhões de vezes mais distantes que a Lua, era um instrumento admiravelmente adequado para esse trabalho. De tão perto, mesmo com a regulagem mínima, a vista era soberba. Tom sentia-se suspenso no espaço, diretamente acima do Mar das Chuvas, olhando os picos dentados dos Apeninos embaixo, enquanto cintilavam na luz da manhã. Mesmo com um conhecimento vago de geografia lunar, podia reconhecer de relance as grandes crateras de Archimedes e Platão, Aristil us e Eudoxus, a cicatriz negra do Vale Alpino e a pirâmide solitária de Pico, lançando sua longa sombra através da planície.

Mas a região iluminada pelo Sol não o interessava; o que buscava encontrava-se naquele crescente escuro onde o Sol ainda não surgira. De certa forma isto tornava sua tarefa mais fácil. Uma lâmpada de sinalização, mesmo uma lanterna, seria facilmente visível lá embaixo durante a noite. Checou as coordenadas no mapa e apertou os botões de controle. As montanhas deslizaram para fora de seu campo visual e somente a escuridão permaneceu, enquanto ele fitava a noite lunar que acabara de engolir vinte homens e mulheres.

De início não pôde ver nada; certamente não havia nenhum sinal piscando seu apelo para as estrelas. E então, enquanto seus olhos se tornavam mais sensíveis, percebia que esta terra não estava inteiramente às escuras. Brilhava com uma fosforescência fantasmagórica, banhada pela luz da Terra, e, quanto mais olhava, mais detalhes podia distinguir.

Lá estavam as montanhas, a leste da Baía do Arco-Íris, esperando que a aurora as atingisse dentro em breve. E então – meu Deus! O que é aquela estrela piscando na escuridão? Suas esperanças cresceram, mas rapidamente desabaram. Eram apenas as luzes de Porto Roris, onde, nesse momento, estariam aguardando ansiosamente os resultados de suas inspeções.

Em questão de minutos convenceu-se de que a busca visual era inútil. Não havia a menor chance de ver um objeto do tamanho de um ônibus naquela paisagem fracamente iluminada. Durante o dia teria sido diferente, ele poderia localizar o Selene graças à longa sombra que este lançaria através do Mar. Todavia, o olho humano não era suficientemente sensível para realizar tal busca na luz de uma Terra minguante, de uma altura de cinquenta mil quilômetros.

Isso não preocupava Tom. Ele não esperava vislumbrar alguma coisa em sua primeira busca visual. Já se passara um século e meio desde a época em que os astrônomos dependiam de sua acuidade visual. Hoje possuíam armas muito mais delicadas, todo um arsenal de amplificadores de luz e detectores de radiação. Um destes, certamente, seria capaz de encontrar o Selene.

Mas não teria tanta certeza se soubesse que ela não se encontrava mais na superfície da Lua.

# Capítulo 4

Quando o Selene enfim parou, seus tripulantes e passageiros estavam terrivelmente chocados para emitir qualquer som. O capitão Harris foi o primeiro a se recobrar, talvez por ser o único a ter alguma idéia do que acontecera.

Era, sem dúvida, um desmoronamento; eles não eram raros, embora nenhum houvesse sido registrado no Mar da Sede. Alguma coisa cedera nas profundezas da Lua; possivelmente o próprio peso infinitesimal do Selene provocara o colapso.

Enquanto se erguia, ainda trêmulo, Pat Harris decidia-se pelo melhor modo de falar com os passageiros. Dificilmente poderia fingir que estava tudo sob controle e que se colocariam de novo a caminho dentro de cinco minutos. Por outro lado, haveria pânico se a real seriedade da situação fosse revelada. Mais cedo ou mais tarde teria de fazê-lo, mas agora era essencial manter segredo.

Percebeu a senhorita Wilkins levantando-se no final da cabine, atrás dos passageiros. Estava muito pálida, mas serena. Sabia que podia confiar nela e deu-lhe um sorriso confortador.

– Parece que estamos inteiros – falou num tom descontraído. – Tivemos um pequeno acidente, como percebem, mas poderia ter sido pior. (Como?, perguntou uma parte de sua mente. Bem, o casco podia ter se rompido...Quer prolongar a agonia, então? Calou o monólogo interior, com enorme esforço.) – Fomos apanhados num deslizamento de terra, um lunamoto se preferirem. Mas não há razão para alarme. Mesmo que não possamos sair daqui com os nossos motores, Porto Roris logo enviará socorro. Enquanto isso, a senhorita Wilkins servirá refrescos. Sugiro que relaxem um pouco. Eu... ah... farei o que for necessário.

Parecia ter se saído muito bem, e com um suspiro de alívio voltou-se para os controles. Enquanto o fazia, notou que um dos

passageiros acendera um cigarro.

Era uma reação automática, que ele gostaria de compartilhar. Não disse nada, para não destruir a atmosfera criada por sua pequena palestra. Mas fitou o homem de maneira incisiva para fazê-lo perceber, e o cigarro foi apagado antes que retornasse ao seu assento.

Enquanto ligava o rádio, Pat ouvia o murmúrio da conversação que se iniciava atrás de si. Quando um grupo de pessoas começa a falar ao mesmo tempo, pode-se perceber o seu estado de espírito, mesmo sendo impossível distinguir as palavras.

Ele podia detectar aborrecimento, excitação, até gracejos, mas muito pouco medo, no momento. Talvez os que falavam não tivessem ainda consciência de todo o perigo da situação. Os que o conheciam mantinham-se calados.

Assim era o espaço celeste. Buscou em todas as faixas de onda, de um lado ao outro, e só ouviu o fraco estalar da poeira eletrificada que os enterrara. Exatamente como esperava. Essa substância mortal, com seu alto conteúdo metálico, era um escudo quase perfeito. Não deixaria passar nem som nem ondas de rádio, e quando tentasse transmitir seria como um homem gritando do fundo de um poço cheio de penas.

Passou o radiofarol para o ajuste de alta potência de emergência a fim de transmitir automaticamente o sinal de perigo na faixa Desastre lunar. Somente isso tinha a possibilidade de conseguir passar; não havia razão para tentar chamar Porto Roris. Seus esforços infrutíferos apenas perturbariam os passageiros. Deixou o receptor ligado na frequência destinada ao Selene no caso de alguém responder, mas sabia que era inútil. Ninguém iria ouvi-los, ninguém iria lhes falar. No que se relacionava a eles, o resto da raça humana poderia muito bem não existir.

Não perdeu muito tempo pensando nesse inconveniente. Já o esperava e havia muito que fazer. Com cuidado, verificou os instrumentos e mostradores. Tudo parecia normal, exceto a



temperatura – um pouco alta. Isso também já era esperado, pois o cobertor de poeira os isolava do frio do espaço.

Sua maior preocupação era quanto à espessura desse cobertor e à pressão exercida por ele sobre o barco. Deviam existir milhares de toneladas do material acima do Selene – e seu casco fora projetado para suportar pressão de dentro para fora, não o contrário. Se ela descesse ainda mais, poderia se quebrar como uma casca de ovo.

Não fazia idéia da profundidade em que se achava o barco. Quando vira as estrelas pela última vez, a embarcação encontrava-se a dez metros sob a superfície, mas podia ter sido arrastada a uma profundidade muito maior pela sucção da poeira.

Seria recomendável – mesmo com maior consumo de oxigênio – aumentar a pressão interna, tirando assim um pouco da tensão sobre o casco.

Lentamente, de modo a não haver indícios – como ouvidos estalando – para alarmar ninguém, aumentou a pressão da cabine em vinte por cento. Quando terminou, sentiu-se um pouco melhor e não foi o único. Assim que a agulha no mostrador de pressão se estabilizou em novo nível, uma voz suave falou sobre seu ombro:

– Acho que isso foi uma boa idéia.

Virou-se para ver quem era o intrometido a espioná-lo, mas não chegou a manifestar o seu protesto. Na primeira inspeção, Pat não reconheceu nenhum dos passageiros, agora, porém, podia dizer que havia alguma coisa vagamente familiar nesse homem atarracado e de cabelos grisalhos que viera até o lugar do piloto.

– Eu não quero me intrometer, capitão. É o comandante aqui, mas achei que seria melhor me apresentar no caso de poder ajudar. Sou o comodoro Hansteen.

Pat olhou boquiaberto para o homem que liderara a primeira expedição a Plutão e que provavelmente pisara em mais planetas e luas inexploradas do que qualquer outra pessoa na história. Apenas pôde dizer, para expressar o seu espanto: – O senhor não estava na lista de passageiros! O comodoro sorriu: – Meu cognome é Hanson.

Desde que me aposentei, tento fazer um pouco de turismo, sem muitas preocupações. E agora, com a minha barba raspada, ninguém me reconhece.

– Estou muito feliz de tê-lo conosco – disse Pat com sinceridade. Parte do peso já parecia sair de seus ombros. O comodoro constituiria um apoio nas horas difíceis – os dias seguintes.

– Se não se importar – continuou Hansteen, com a mesma polidez cautelosa -, eu gostaria de ter um quadro da situação. Dizendo cruamente: quanto tempo podemos aguentar?

– Oxigênio é o fator limite, como de costume. Temos o suficiente para sete dias, aproximadamente, se não houver vazamentos. Até agora não há sinal de nenhum.

– Bem, isso nos dá tempo para pensar. E quanto a comida e água?

– Ficaremos famintos, mas não morreremos. Existe uma reserva de emergência de comida desidratada e o purificador de ar produzirá a água de que necessitarmos.

Assim, não há problemas.

– Energia?

– Bastante, já que não estamos usando os motores.

– Notei que não tentou chamar a base.

– É inútil, a poeira nos bloqueia completamente. Coloquei o radiofarol em emergência. É a nossa única chance de conseguir enviar um sinal, e é uma chance pequena.

– Assim eles terão que nos achar de algum outro modo. Quanto tempo acha que poderão levar?

– É muito difícil dizer. As buscas irão começar assim que a nossa transmissão das duas mil horas não for ouvida, e eles saberão a área em que nos encontramos. Mas devemos ter afundado sem deixar traços; e mesmo que nos encontrem...

– Como irão nos tirar daqui?

– Exatamente,

O capitão do cruzador do pó de vinte lugares e o comodoro do espaço olharam um para o outro em silêncio, enquanto suas mentes giravam ao redor do mesmo problema. E então, em meio ao murmúrio dos passageiros, ouviram uma voz muito britânica:

– Quero dizer-lhe, senhorita, que esta é a primeira xícara de chá decente que eu bebo na Lua. Pensei que ninguém seria capaz de fazê-la aqui. Minhas congratulações.

O comodoro riu.

– Ele deveria agradecer a você, não à aeromoça – disse, apontando o mostrador de pressão.

Pat sorriu. Era verdade, com o aumento da pressão, a água podia ser fervida normalmente, quase na temperatura ao nível do mar na Terra. Pelo menos desfrutariam algumas bebidas quentes, e não mornas como de hábito. Mas parecia um modo extravagante de fazer chá, não muito diferente do conhecido método chinês de assar o porco colocando fogo na casa.

– O nosso maior problema – disse o comodoro (e Pat não se incomodou com "nosso") – é manter o moral alto. Acho importante, por exemplo, que você dê informações sobre os procedimentos de busca que devem estar sendo iniciados agora. Mas não seja muito otimista. Não deve transmitir a impressão de que alguém vai bater na porta dentro de meia hora. Isto tornaria as coisas difíceis se nós tivémos de esperar, digamos, vários dias.

– Não vou demorar muito tempo para descrever a organização Desastre lunar – disse Pat. – E francamente ela não foi planejada para lidar com uma situação como esta. Quando uma nave tem problemas na Lua, ela pode ser localizada muito rapidamente pelos satélites Lagrange II, acima do lado voltado para a Terra, ou Lagrange I, do lado oposto. Mas tenho dúvidas de que possam nos ajudar agora. Como eu disse, provavelmente afundamos sem deixar vestígios.

– Isso é difícil de acreditar. Quando um navio afunda na Terra, sempre deixa alguma coisa para trás. Bolhas, manchas de óleo,

destroços flutuantes...

– Nada disso se aplica em nosso caso. E não consigo pensar em nenhum meio de enviar algo à superfície, não importa o quão distante ela esteja de nós.

– Assim só nos resta sentar e esperar.

– Certo – concordou Pat. Olhou para os indicadores de reserva de oxigênio. – E de uma coisa podemos estar certos: só conseguiremos esperar durante uma semana.

Cinquenta mil quilômetros acima da Lua, Tom Lawson abandonou a última de suas fotografias. Examinara cada milímetro quadrado de cada uma com lente de aumento.

A qualidade era excelente; os intensificadores eletrônicos de imagem, milhões de vezes mais sensíveis do que o olho humano, revelavam detalhes tão claros como se já houvesse luz do dia sobre aquela planície fracamente cintilante. Localizara até um dos esquís de pó – ou, mais exatamente, sua longa sombra projetada pela luz da Terra. Porém, não havia vestígio do Selene; o Mar estava liso e plano como antes da vinda do Homem e como estaria, com toda a certeza, eras depois de sua extinção.

Tom odiava admitir uma derrota, mesmo numa questão pouco importante como essa. Acreditava que todos os problemas podiam ter solução, se abordados do modo certo e com o equipamento adequado. Este era o desafio à sua engenhosidade científica; o fato de que houvesse tantas vidas em jogo não era importante. O Dr. Tom Lawson não tinha grande consideração pelos seres humanos, mas respeitava o universo. Esta era uma luta particular entre os dois.

Considerou a situação com sua inteligência friamente crítica. Vejamos: como o grande Holmes teria abordado este problema? (Era característico de Tom que um dos poucos homens verdadeiramente admirados por ele nunca houvesse existido.) Já eliminara o Mar da Sede, o que deixava apenas uma possibilidade.

O cruzador do pó tivera problemas ao longo da costa ou próximo das montanhas, provavelmente na região conhecida como – verificou nas cartas – Lago Cratera. Isso fazia sentido, um acidente era muito mais provável aqui do que na planície lisa e livre de obstáculos.

Olhou as fotografias novamente, desta vez concentrando-se nas montanhas. Logo encontrou nova dificuldade. Havia dúzias de penhascos isolados e pedras ao longo da borda do Mar, qualquer um dos quais poderia ser o barco perdido. Pior ainda, havia áreas que não podia observar, pois sua visão estava bloqueada pelas montanhas.

Nesse ponto, o Mar da Sede aparecia bem ao longo da curvatura da Lua, e sua visão era muito afetada pela perspectiva. O Lago Cratera, por exemplo, estava completamente oculto pelas paredes montanhosas. Era uma área que só poderia ser investigada pelos esquis de pó, ao nível do solo. Mesmo a eminência divina de Tom Lawson era inútil neste caso.

Seria melhor chamar o Lado Terrestre e dar-lhe o seu primeiro relatório.

– Lawson, Lagrange II – disse, quando Comunicações completou a ligação. – Já investiguei o Mar da Sede. Não há nada na planície aberta. O seu barco deve ter encalhado próximo à borda.

– Obrigado – disse uma voz desanimada. – Tem certeza disso?

– Absoluta. Posso ver seus esquis de pó e eles têm apenas um quarto do tamanho do Selene.

– Algo visível ao longo da borda do Mar?

– Há muitos pontos em pequena escala que possibilitam uma busca. Posso ver cinquenta... oh, cem objetos, que devem ser do mesmo tamanho. Assim que o Sol se levantar serei capaz de examiná-los mais detalhadamente. Lembre-se de que agora é noite, lá embaixo.

– Apreciamos a sua ajuda. Avise-nos se encontrar algo mais.

Na Cidade Clavius o comissário de Turismo ouviu, resignado, o relatório de Lawson. Isto resolvia a questão: os parentes teriam de ser avisados. Não seria prudente nem possível manter o segredo por mais tempo.

Voltou-se para o oficial de Controle de Tráfego de Solo e perguntou:  
– Á lista de passageiros já chegou?

– Acaba de chegar pelo telefax de Porto Roris. Aqui está ela – e entregou a folha delgada. – Alguém importante a bordo? – disse de forma inquisitiva.

– Todos os turistas são importantes – respondeu o comissário friamente, sem olhá-

lo. – Oh, meu Deus! – acrescentou, quase no mesmo tom.

– O que houve?

– O comodoro Hansteen está a bordo.

– O quê? Eu nem sabia que ele estava na Lua.

– Mantivemos em segredo. Pensávamos ser uma boa idéia tê-lo na Comissão de Turismo, agora que se aposentou. Ele queria dar uma olhada incógnito, antes de se decidir.

Houve silêncio enquanto os dois homens consideravam a ironia da situação. Um dos grandes heróis do espaço, perdido como um turista comum em algum acidente estúpido no quintal da Terra, a Lua.

– Pode ser um terrível azar para o comodoro – disse finalmente o controlador de tráfego. – Mas é uma sorte para os passageiros, se é que ainda estão vivos.

– Eles irão precisar de toda a sorte do mundo, pois o Observatório não pode nos ajudar – concluiu o comissário. Estava certo quanto ao primeiro item, mas errado em relação ao segundo. O Dr. Tom Lawson ainda possuía alguns truques em sua manga.

E da mesma forma o reverendo Vicente Ferraro, da ordem dos jesuítas, um cientista de uma espécie bem diferente. Era uma pena que ele e Tom Lawson estivessem destinados a nunca se encontrarem; as chispas produzidas .nesse encontro seriam curiosas. O padre Ferraro acreditava em Deus e no Homem; o Dr. Lawson era descrente de ambos.

O padre começara sua carreira científica como geólogo; depois mudara de mundo e se tornara selenólogo – embora este fosse um termo que ele só usasse em seus momentos mais pedantes. Nenhum homem vivo possuía maior conhecimento do interior da Lua, adquirido através de baterias de instrumentos colocados de maneira estratégica sobre toda a superfície do satélite.

Tais instrumentos haviam produzido, recentemente, alguns resultados interessantes. Às 19 horas, 35 minutos e 47 segundos GMT ocorrera um grande tremor na área geral da Baía do Arco-íris, fato um pouco surpreendente, pois a região era muito estável, mesmo para a tranquila Lua. O padre Ferraro colocou seus computadores em funcionamento a fim de localizarem o foco da perturbação e os instruiu, ainda, para que processassem qualquer leitura anômala. Abandonou-os nesta tarefa e foi lanchar, ocasião em que seus colegas souberam do desaparecimento do Selene.

Nenhum computador eletrônico é capaz de igualar o cérebro humano na associação de fatos aparentemente irrelevantes. O padre Ferraro mal tivera tempo para uma colherada de sopa, antes de somar dois-mais-dois e chegar a uma resposta muito razoável, mas desastrosamente errada.

# Capítulo 5

– E esta, senhoras e senhores, é a nossa situação – concluiu o comodoro Hansteen.

– Não estamos em perigo imediato e não tenho a menor dúvida de que seremos localizados muito em breve. Por enquanto, devemos procurar agir do melhor modo possível.

Fez uma pausa e rapidamente observou os rostos erguidos e ansiosos. Já localizara os possíveis problemas – o pequeno homem com o tique nervoso e a senhora com cara de ameixa seca que dava nós no lenço. Talvez os dois se neutralizassem, se ele conseguisse fazê-los sentar juntos.

– Eu e o capitão Harris – ele é o chefe aqui, só estou agindo como assessor – elaboramos um plano de ação. A comida será simples e racionada, mas suficiente, já que os senhores não irão realizar nenhuma atividade física. Gostaríamos de pedir às senhoras que auxiliassem a senhorita Wilkins, que terá um bocado de trabalho extra e apreciará alguma ajuda. Nosso maior problema, francamente, será o tédio. A propósito, alguém trouxe livros?

Houve um remexer de bolsas e malas. A coleta total produziu vários guias lunares, incluindo-se seis cópias do livro oficial; um A laranja e a maçã, cujo tema pouco prometedora era um romance entre Nel Gwyn e Sir Isaac Newton; uma edição de Harvard do filme Os brutos também amam, com comentários de um professor de inglês; uma introdução ao positivismo lógico de Augusto Comte; e um exemplar de uma semana atrás, do New York Times, edição terrestre. Não era exatamente uma biblioteca, mas com um revezamento cuidadoso ajudaria a passar as horas.

– Acho que devemos formar um comitê de entretenimentos para decidir como usar este material, embora eu não saiba como vamos lidar com monsieur Comte.



Enquanto isso, agora que conhecem a nossa situação, existe alguma pergunta, alguma questão que desejaríamos saber mais detalhadamente?

– Há algo que gostaria de perguntar, senhor – disse a voz inglesa que fizera comentários elogiosos sobre o chá. – Existe alguma chance de flutuarmos até a superfície? Quero dizer, se este negócio é igual a água, por que não deveremos boiar, cedo ou tarde, como uma rolha?

Isso derrubou completamente o comodoro. Olhou para Pat e disse: – A resposta é sua, senhor Harris. Algum comentário? – disse secamente.

Pat sacudiu a cabeça:

– Temo que não funcione. É verdade que o ar dentro do casco nos dá flutuação, mas a resistência da poeira é enorme. Podemos acabar flutuando daqui a alguns milhares de anos.

O inglês não parecia facilmente desencorajado.

– Reparei que existe um traje espacial na comporta de ar. Alguém poderia ir lá fora e nadar até a superfície, para que a equipe de buscas saiba onde nós estamos?

Pat estremeceu, incomodado. Ele era a única pessoa capaz de usar o traje, que servia apenas para casos de emergência.

– Tenho quase certeza de que é impossível – respondeu. – Duvido que um homem pudesse se mover contra a resistência; além disso, estaria totalmente cego. E como saber de que lado é para cima? Como fechar a porta externa depois que ele sair? Uma vez que a poeira tenha inundado o compartimento, não há como esvaziá-lo. Certamente não se conseguiria bombeá-la para fora de novo.

Podia ter dito mais, porém decidiu deixar assim. Eles talvez tivessem de recorrer a tais métodos desesperados, se não houvesse sinal de resgate no final da semana.

Mas esse era um pesadelo que devia permanecer escondido em sua mente, pois pensar muito a respeito só iria minar a sua coragem.

– Se não há mais perguntas – disse Hansteen – sugiro que nos apresentemos.

Agradável ou não, teremos de nos acostumar à companhia um do outro; assim, vamos descobrir quem somos. Vou percorrer a cabine e talvez cada um de vocês possa me dar seus nomes, ocupações e cidade em que residem. O senhor, primeiro.

– Robert Bryan, engenheiro civil aposentado, Kingston, Jamaica.

– Irving Schuster, advogado, Chicago, e minha esposa Myra.

– Nihal Jayawardene, professor de zoologia, Universidade do Ceilão, Peradeniya.

Enquanto a lista de nomes continuava, Pat agradecia uma vez mais o golpe de sorte nesta situação desesperadora – personalidade, treinamento e experiência. O comodoro Hansteen era um líder nato: já começava a fundir essa coleção casual de indivíduos em uma unidade, para construir o indefinível esprit du corps que transforma uma turba em uma equipe. Aprendera tais coisas quando a sua pequenina frota – a primeira a se aventurar além da órbita de Netuno, a quase três bilhões de milhas do Sol – flutuara inerte na vastidão, semana após semana, entre os planetas. Pat, que era trinta anos mais moço e nunca se afastara do sistema Terra-Lua, não sentia nenhum ressentimento com a mudança do comando. Era uma gentileza do comodoro dizer que ele era o chefe.

– Duncan McKenzie, físico, Observatório Mount Stromlo, Camberra.

– Pierre Blanchard, contador, Cidade Clavius, Lado Terrestre.

– Phylis Morley, jornalista, Londres.

– Karl Johanson, engenheiro nuclear, Base Tsiolkovski, Lado Remoto.

Era tudo. Uma boa coleção de talentos, embora não extraordinária, pois as pessoas que vinham à Lua sempre tinham algo fora do comum. Mesmo se fosse apenas dinheiro. Porém toda a habilidade e experiência agora encerradas no Selene não poderiam, assim pareceu a Pat, fazer nada para ajudá-los na atual situação.

Isso não era inteiramente verdadeiro, como o comodoro Hansteen estava a ponto de provar. Ele sabia, como qualquer homem vivo, que deveriam enfrentar o tédio e o medo. Tinham-se reduzido a seus próprios recursos; numa era de comunicações e entretenimentos universais, encontravam-se isolados do resto da raça humana.

Rádio, TV, telefax, jornais, filmes, telefone – todas estas coisas, agora, não significavam mais para eles do que para os homens da Idade da Pedra. Estavam, como uma tribo ancestral, reunidos em torno da fogueira numa terra inóspita, onde não existiam outros homens. Mesmo na corrida para Plutão, pensou o comodoro Hansteen, não houve solidão como esta. Possuíam uma ótima biblioteca e um estoque gravado de cada forma possível de entretenimento. Podiam falar por microondas com os planetas internos quando quisessem; mas aqui no Selene nem mesmo havia um baralho. Eis uma idéia:

– Senhorita Morley! como uma jornalista, eu suponho que tenha um bloco de notas...

– Sim, comodoro, por quê?

– Cinquenta e duas folhas em branco?

– Acho que sim.

– Então devo lhe pedir que as sacrifique. Por favor, destaque-as e faça um baralho com elas. Não é preciso ser artístico, desde que seja legível e não transparente.

– Como vamos embaralhar cartas de papel? – indagou alguém.

– Um bom problema para o nosso comitê de entretenimento resolver. Alguém acredita ter outros talentos neste sentido?

– Eu costumava trabalhar no palco – disse Myra Schuster, um pouco hesitante. Seu marido não pareceu nada satisfeito com a revelação, mas isso encantou o comodoro.

– Excelente! Embora estejamos um pouco apertados, talvez pudéssemos encenar uma peça.

Agora era a vez da senhora Schuster parecer tão infeliz quanto o marido.

– Foi há muito tempo – disse ela. – E de qualquer modo, eu... eu nunca falava muito.

Houve vários risinhos; o próprio comodoro mal conseguiu ficar sério. Olhando para a senhora Schuster, acima dos cinquenta anos e dos cem quilos, era difícil imaginar que tivesse sido, como ele suspeitava, uma corista.

– Não importa – disse ele. – É o espírito que conta.

– Já fiz um pouco de teatro amador – disse o professor Jayawardene. – Todavia, na maior parte, Brecht e Ibsen.

O "todavia" indicava um reconhecimento de ser necessário algo mais ligeiro.

Digamos, uma daquelas comédias decadentes, mas divertidas, de 1980, que invadiram os canais, após o colapso da censura na TV.

Não houve mais voluntários. Assim, o comodoro mudou a senhora Schuster e o professor Jayawardene para assentos adjacentes e disselhes que começassem a planejar um programa.

Parecia improvável que um par tão desigual produzisse algo de útil, mas isso nunca se sabe. O principal era manter todos ocupados em suas próprias tarefas ou ajudando os outros.

– Vamos deixar assim por enquanto – concluiu Hansteen. – Se um de vocês tiver alguma idéia brilhante, por favor comunique ao comitê. Agora, sugiro que estiquem suas pernas e procurem se conhecer. Todos anunciaram seus trabalhos e suas cidades, e muitos de vocês devem ter interesses em comum ou conhecer os mesmos amigos. Terão um bocado de coisas sobre o que conversar.

E um bocado de tempo também, acrescentou silenciosamente.

Conferenciava com Pat no cubículo do piloto quando o Dr. McKenzie, o físico australiano, surgiu. Ele parecia muito preocupado, mais do que a situação merecia.

– Há algo que quero lhe dizer, comodoro – falou, num tom de exigência. – Se estou certo, a reserva de sete dias de oxigênio não vai adiantar nada. Há um perigo muito mais sério.

– Qual é?

– O calor. – E o australiano indicou o mundo exterior com um aceno de mão. – Estamos cobertos por esse material, que por acaso é o melhor isolante que pode haver. Na superfície, o calor gerado por nossas máquinas e corpos pode escapar para o espaço, mas aqui ele está aprisionado. Isso significa que vamos nos tornar cada vez mais quentes até cozinhar.

– Meu Deus! – disse o comodoro. – Nunca pensei nisso. Quanto tempo levará?

– Dê-me meia hora e farei uma estimativa razoável. Meu palpite é não mais que um dia.

O comodoro sentiu-se envolver por uma onda de completo desamparo. Tinha um enjôo terrível no estômago, como na segunda vez em que saltara em queda livre (não na primeira, para a qual fora preparado; mas na segunda viagem, quando estava superconfiante). Se a estimativa fosse correta, todas as suas esperanças iriam por água abaixo. Existiam problemas, mas com uma semana de tempo havia uma pequena chance de que algo pudesse ser feito. Com um dia, apenas, ficava fora de questão. E, mesmo que os localizassem, jamais seriam resgatados.

– Vocês podem checar a temperatura da cabine – continuou McKenzie. – Isto nos dará alguma indicação.

Hansteen caminhou até o painel de controle e olhou o labirinto de indicadores e relógios.

– Temo que esteja certo – disse. – Já subiu dois graus.

O comodoro voltou-se para Harris, que ouvia a discussão cada vez mais preocupado.

– Há algo que se possa fazer para aumentar o resfriamento? Qual a reserva de força do condicionador de ar?

Antes que Pat pudesse responder, o físico observou: – Isso não vai nos ajudar – disse, impaciente. – A refrigeração apenas bombeia calor para fora da cabine e o irradia a distância. Mas é exatamente isso o que ela não pode fazer agora, por causa da poeira a nossa volta. Sobrecarregar o equipamento de refrigeração só tornará as coisas piores.

Houve um silêncio melancólico, que durou até o comodoro sugerir: – Por favor, refaça aqueles cálculos e me forneça a estimativa correta assim que puder. E, pelo amor de Deus, não deixe que ninguém tome conhecimento disso além de nós três.

Sentiu-se subitamente muito velho. Quase apreciara este último comando inesperado; e agora talvez fosse mantê-lo apenas por um dia.

Naquele exato momento, embora nenhuma das partes envolvidas o soubesse, um dos esquis de pó passava sobre o cruzador. Construído para velocidade, eficiência e economia, não para o conforto dos turistas, era muito pouco semelhante ao Selene afundado. Era, de fato, nada mais do que um trenó aberto, com assentos para um piloto e um passageiro – ambos providos de trajes espaciais – com uma nacela por cima, a fim de dar proteção contra os raios solares. Um simples painel de controle, um motor, hélices duplas à ré e prateleiras para armazenar ferramentas e instrumentos – isso completava a descrição. Um esquí, ao realizar o seu trabalho normal, usualmente rebocava um trenó, às vezes dois ou três, mas esse estava leve.

Ziguezagueara para a frente e para trás em várias centenas de quilômetros quadrados do Mar e não encontrara nada.

Pelo intercomunicador de seu traje, o motorista falava com seu companheiro.

– O que você acha que aconteceu com eles, George? Não acredito que estejam aqui.

– Onde mais poderiam estar? Sequestrados por extraterrenos?

– Estou quase aceitando essa idéia – respondeu, meio irônico. Todo astronauta acreditava que mais cedo ou mais tarde a raça humana encontraria inteligências vindas de outro lugar. Tal encontro ainda poderia estar muito distante, mas os hipotéticos "extraterrenos" já eram parte da mitologia do espaço e recebiam a culpa de tudo o que não tivesse explicação.

É fácil acreditar neles quando alguém se encontra com um grupo de companheiros em um mundo estranho e hostil, onde as próprias rochas e o ar (se houver ar) são totalmente exóticos. Aí nada pode ser considerado absurdo e a experiência de mil gerações, nascidas na Terra, pode ser inútil. Da mesma forma que o homem primitivo povoara o desconhecido ao seu redor com deuses e espíritos, assim o Homo astronauticus olhava por sobre o ombro, quando pousava em cada novo mundo, perguntando-se quem ou o quê já não estaria por lá. Durante alguns breves séculos o Homem se imaginara senhor do Universo; e essas esperanças e temores primitivos, sepultados em seu subconsciente, estavam agora mais fortes que nunca – e com boa dose de razão enquanto olhava a face brilhante dos céus e pensava nos poderes que estariam à espreita por lá.

– Melhor relatar à base – disse George. – Já cobrimos nossa área e não tem sentido passar sobre ela mais uma vez. Pelo menos até o nascer do Sol, quando teremos uma chance melhor de encontrá-los. Essa maldita luz da Terra me dá arrepios.

Ligou o rádio e transmitiu o sinal de chamada.

– Espanador Dois chamando Controle de Tráfego. Câmbio.

– Aqui Controle de Porto Roris. Encontraram algo?

- Nada. O que há de novo do seu lado?
- Não acreditamos que esteja no Mar. O engenheiro-chefe quer falar com vocês.
- Certo. Ponha na linha.
- Alô, Espanador Dois, aqui Lawrence. O Observatório em Plato acabou de relatar um tremor próximo das Montanhas da Inacessibilidade. Ocorreu às 19:35, o que é muito próximo do tempo em que o Selene deveria estar no Lago Cratera. Eles sugerem que foi apanhado por uma avalanche em algum lugar daquela área.

Portanto, dirijam-se às montanhas e vejam se podem localizar algum deslizamento recente ou queda de rochas.

- Senhor, qual a probabilidade de que ocorram mais tremores? – indagou o piloto ansiosamente.
- Muito pequena, de acordo com o Observatório. Eles dizem que serão necessários milhares de anos para que algo assim aconteça de novo, pois as tensões foram liberadas.
- Espero que estejam certos. Transmitirei quando chegar ao Lago Cratera, o que deve ocorrer em vinte minutos.

Em apenas 15 minutos o Espanador Dois destruiu as últimas esperanças dos que aguardavam.

- Espanador Dois chamando. Temo que vocês tenham acertado. Ainda não atingimos o Lago Cratera, estamos percorrendo o desfiladeiro. O observatório estava certo a respeito do tremor. Houve vários deslizamentos e encontramos dificuldades em passar por alguns deles. Deve haver dez mil toneladas de rochas no que estou olhando agora. Se o Selene se encontra debaixo disso, nunca a encontraremos e não valerá a pena procurar.

O silêncio do Controle de Tráfego durou tanto que o esqui chamou de novo: – Alô, Controle de Tráfego. Ainda me recebem?

- Recebendo – disse o engenheiro-chefe numa voz cansada. Veja se pode encontrar algum sinal. Mandarei o Espanador Um para ajudar.



Tem certeza de que não há esperança de desenterrá-los?

Levaria semanas, mesmo se os localizássemos. Vi um deslizamento com trezentos metros de comprimento. E se tentarmos escavar as rochas elas provavelmente voltarão a mover-se.

– Tenham muito cuidado. Relatem a cada 15 minutos, encontrando ou não alguma coisa.

Lawrence afastou-se do microfone, física e mentalmente exaurido. Não havia mais nada que pudesse fazer nem, conforme suspeitava, que alguém mais pudesse fazer.

Tentando conciliar seus pensamentos, caminhou até a janela de observação voltada para o sul e olhou a face da Terra crescente.

Era difícil acreditar que ela estivesse lá, fixa no céu, e que embora pairando tão próximo ao horizonte jamais houvesse se erguido ou ocultado em um milhão de anos. Por mais longo que fosse o tempo que alguém aqui vivesse, jamais aceitaria este fato, que violava toda a sabedoria racial da humanidade.

Do outro lado daquele golfo (pequeno para uma geração que não conhecera o tempo em que ele não podia ser cruzado), ondas de espanto e pesar logo se propagariam. Milhares de homens e mulheres estariam envolvidos direta ou indiretamente, pois a Lua estremecera em seu sono.

Perdido em seus pensamentos, Lawrence demorou algum tempo para perceber que o oficial de sinaleiros do Porto tentava atrair a sua atenção.

– Desculpe-me, senhor, mas não chamou o Espanador Um. Devo fazê-lo agora?

– O quê? Oh?, sim, vá em frente. Mande-o ajudar o Dois no Lago Cratera. Diga-lhes que cancelamos a busca no Mar da Sede.

# Capítulo 6

A notícia de que a busca fora cancelada chegou a Lagrange II quando Tom Lawson estava quase completando suas modificações no telescópio de cem centímetros de abertura. Correria contra o tempo e agora parecia que todos os seus esforços tinham sido em vão. O Selene não estava no Mar da Sede e sim num local onde jamais o encontraria. Escondido pelos contrafortes do Lago Cratera e, como se não bastasse, enterrado por alguns milhares de toneladas de rocha.

A primeira reação de Tom não foi de compaixão pelas vítimas, mas de ódio pelo tempo e esforço desperdiçados. A manchete "Jovem astrônomo encontra turistas perdidos" nunca brilharia nos telejornais dos mundos habitados. Ao ver os seus desejos secretos de glória irem por água abaixo, praguejou por uns trinta segundos, com uma fluência que surpreenderia os seus colegas. Em seguida, ainda furioso, começou a desmontar o equipamento que mendigara, conseguira emprestado ou roubara de outros projetos no satélite.

Tinha certeza de que aquilo teria funcionado. A teoria era sólida, baseada em quase cem anos de prática. O reconhecimento por meio de infravermelhos remontava pelo menos à II Guerra Mundial, quando fora utilizado para localizar fábricas camufladas através de seus sinais de calor.

Embora o Selene não revelasse uma trilha visível no Mar, devia certamente deixar um rastro infravermelho. Suas hélices haviam remexido a poeira relativamente morna em quase meio metro de profundidade, espalhando-a sobre as camadas superficiais muito mais frias. Um olho que pudesse enxergar raios de calor seguiria sua pista horas depois de sua passagem. Haveria tempo, Tom calculava, de realizar tal busca infravermelha antes que o Sol se erguesse, apagando todos os traços da tênue trilha de calor através da gélida noite lunar.

Agora, obviamente, não adiantava tentar.

Era bom que ninguém a bordo do Selene soubesse que a busca no Mar da Sede fora cancelada e que os esquis de pó concentravam agora seus esforços no Lago Cratera. Era bom, também, que nenhum dos passageiros conhecesse as previsões do Dr. McKenzie.

O físico desenhara num pedaço de papel improvisado a previsão do aumento de temperatura. Anotara a indicação do termômetro da cabine a cada hora e a marcara na curva. A coincidência com a teoria era tristemente certa; em vinte horas, o calor ultrapassaria os 45 graus centígrados e as primeiras mortes começariam a ocorrer. À parte o modo como encaravam tal perspectiva, eles tinham pouco mais de um dia de vida. Nessas circunstâncias, os esforços do comodoro Hansteen para manter o moral pareciam ser apenas uma piada irônica. Com sucesso ou não, daria no mesmo.

Entretanto, seria esta a verdade? Embora a única escolha estivesse entre morrer como homens ou como animais, a primeira era a preferível. Não fazia diferença, ainda, que o Selene permanecesse perdido até o fim dos tempos, de modo que ninguém viesse a saber como os seus ocupantes haviam passado suas últimas horas.

Isto estava além da lógica ou da razão; mas é sempre assim, no momento em que se trata de moldar as vidas ou as mortes de homens.

O comodoro Hansteen tinha plena consciência disso quando planejava o programa para as horas que se estendiam. Alguns homens são líderes natos e ele era um deles. O vazio de sua aposentadoria fora subitamente preenchido; pela primeira vez desde que deixara a nau capitania Centaurus, sentia-se realizado.

Enquanto a tripulação estivesse ocupada, não precisava se preocupar com o moral.

Não importava o que estivessem fazendo, desde que o julgassem essencial e interessante. Aquele jogo de pôquer, por exemplo, dominava o contador da Administração Espacial, o engenheiro civil aposentado e os dois executivos de Nova Iorque. Podia-se dizer, de

relance, que eles eram fanáticos por pôquer; o problema seria fazê-los parar de jogar, não mantê-los ocupados.

A maioria dos outros passageiros dividia-se em pequenos grupos, conversando muito alegremente. O comitê de entretenimento continuava reunido com o professor Jayawardene, que tomava notas ocasionais, enquanto a senhora Schuster relembrava seus dias no teatro, apesar das tentativas de seu marido para fazê-la calar-se. A única pessoa que parecia distante de tudo isso era a senhorita Morley, que escrevia lentamente, com uma caligrafia diminuta, no que restara de seu livro de notas.

Talvez, como boa jornalista, ela tentasse manter um diário de sua aventura. O comodoro Hansteen temia que nem mesmo aquelas poucas páginas seriam preenchidas. Caso fossem, duvidava que alguém chegasse a lê-las.

Olhando para o relógio, ficou surpreso ao ver como era tarde. A esta hora já devia estar do outro lado da Lua, de volta à Cidade Clavius. Marcara um encontro para almoçar no Lunar Hilton e em seguida faria uma viagem, mas não tinha sentido pensar num futuro que nunca existiria. O breve presente era tudo o que o preocupava agora.

Seria melhor dormir um pouco, antes que a temperatura se tornasse insuportável.

O Selene não fora projetado como dormitório – ou tumba -, mas agora teria de ser transformado. Isso envolvia algum planejamento, além de uma certa quantidade de danos à Comissão de Turismo. Levou vinte minutos para reunir todos os fatos e então, depois de uma breve conversa com o capitão Harris, pediu atenção.

– Senhoras e senhores, tivemos todos um dia ocupado e eu acredito que a maioria ficará satisfeita se conseguir dormir um pouco. Isto apresenta alguns problemas, mas andei fazendo umas experiências e descobri que, com uma leve pressão, os apoios dos braços entre os assentos podem ser soltos. Não são feitos para isso, mas eu duvido que a Comissão nos processe. Assim, dez pessoas poderão

se esticar sobre os assentos; o resto terá de usar o chão. Outro ponto: como devem ter notado, está fazendo calor e continuará esquentando por algum tempo. Dessa forma, aconselho-os a retirar toda a roupa desnecessária. Conforto é mais importante do que pudor.

E sobrevivência, pensou, é mais importante do que conforto, mas ainda se passariam algumas horas antes que chegassem a esse ponto.

– Vamos apagar a iluminação principal da cabine. Como não queremos permanecer em completa escuridão, vamos deixar acesa a luz de emergência. Um de nós ficará de plantão no assento do piloto. O sr. Harris está organizando uma escala de turnos de duas horas. Alguma pergunta?

Não havia nenhuma, e o comodoro deu um suspiro de alívio. Temia que alguém ficasse curioso a respeito do aumento de temperatura e não tinha certeza de como responderia. Suas habilidades não incluíam o dom de mentir o mais possível, e ele ansiava que os passageiros desfrutassem um sono tranquilo, naquelas circunstâncias.

A menos que houvesse um milagre, seria o último que teriam.

A senhorita Wilkins, que começava a perder um pouco da sua elegância profissional, levou os últimos drinques para os que deles necessitavam. Grande parte dos passageiros já começava a tirar as roupas; os mais recatados esperavam que as luzes principais se apagassem. Sob a mortífera iluminação vermelha, o interior do Selene adquiria uma aparência fantástica, totalmente inconcebível quando deixara Porto Roris algumas horas atrás. Vinte e dois homens e mulheres, usando apenas roupas de baixo, jaziam estendidos sobre os assentos e o piso. Alguns com mais sorte já ressonavam, embora para a maioria o sono não viesse assim tão facilmente.

O capitão Harris escolhera uma posição na própria traseira do cruzador. De fato, ele não se encontrava na cabine, mas na minúscula cozinha-comporta de saída. Era um ótimo ângulo. Com a porta da cabine aberta, poderia ver todo o comprimento do barco e controlar tudo dentro dele.

Dobrou o seu uniforme a fim de formar um travesseiro e colocou-o sobre o piso duro. Faltavam seis horas para o seu turno de plantão, e ele esperava dormir um pouco antes disso.

Dormir! As últimas horas de sua vida estavam se esgotando e ele não tinha nada melhor para fazer. Ele imaginava se os condenados dormirão bem na noite que antecede o patíbulo.

Estava tão desesperadamente cansado que nem mesmo esse pensamento lhe transmitiu alguma emoção. A última coisa que viu, antes que a consciência lhe escapasse, foi o Dr. McKenzie lendo mais uma vez a temperatura e marcando-a com cuidado em seu gráfico, como um astrólogo ao preparar um horóscopo.

Quinze metros acima, uma distância que poderia ser coberta num único salto sob baixa gravidade, a manhã já despontara. Não há crepúsculo na Lua, mas por muitas horas o céu exibira a promessa da aurora. Estendendo-se diante do Sol, surgia a resplandecente pirâmide da luz zodiacal, raramente vista da Terra. Com infinita lentidão ela se esgueirou acima do horizonte, tornando-se cada vez mais luzidia à medida que se aproximava o momento do nascer do astro. Agora, fundia-se na glória opalina da corona; finalmente, um milhão de vezes mais brilhante que ambas, um fino risco de fogo começou a se espalhar no horizonte, enquanto o Sol reaparecia depois de quinze dias de escuridão. Levaria mais de uma hora até que se elevasse por completo sobre a linha do horizonte, tão lento é o giro da Lua em torno de seu eixo, mas a noite já terminara.

Uma onda de tinta nanquim escoava rapidamente do Mar da Sede, enquanto a violenta luz da alvorada expulsava a escuridão. Quase toda a vastidão monótona do Mar parecia riscada por raios quase

horizontais. Se alguma coisa se mostrasse acima da superfície, essa luz rasante teria projetado sua sombra por centenas de metros, revelando-a imediatamente a qualquer um que a buscasse.

Mas não havia buscas, aqui. O Espanador Um e o Espanador Dois estavam ocupados em sua procura infrutífera no Lago Cratera, a 15 quilômetros. Ainda se encontravam na escuridão, pois seriam necessários mais dois dias para que o Sol se erguesse sobre os picos circundantes, embora seus cumes já ardessem sob a aurora.

Com o passar das horas, uma linha abrupta de luz se arrastaria ao longo do flanco das montanhas – às vezes movendo-se tão lenta como um homem caminhando – até que o Sol se elevasse a ponto de seus raios atingirem o interior da cratera.

Uma luz produzida pelo homem já brilhava lá, piscando entre as rochas, enquanto os pesquisadores fotografavam os aludes que haviam escorregado em silêncio, montanha abaixo, quando a Lua tremera em seu sono. Essas fotografias teriam chegado à Terra em uma hora; em outras duas, todos os mundos habitados as teriam visto.

O que seria péssimo para o turismo.

Quando o capitão Harris acordou já estava muito quente. No entanto, não fora o calor, agora opressivo, que lhe interrompera o sono, uma hora antes de seu turno de plantão.

Apesar de nunca ter passado uma noite a bordo, Pat conhecia todos os sons que o Selene era capaz de produzir. Quando os motores não funcionavam, era quase silencioso. Alguém teria de apurar muito o ouvido para perceber o sussurro das bombas de ar e o quieto pulsar da usina de resfriamento. Estes sons permaneceram, assim, antes de ele dormir. Eram os mesmos, porém outro ruído se lhes juntara.

Era um sussurro quase inaudível, tão fraco que por um momento Pat pensou que o imaginara. Parecia incrível que isso tivesse

despertado o seu subconsciente, através das barreiras do sono. Mesmo agora, acordado, não conseguia identificá-lo, ou decidir de que direção vinha.

Então, abruptamente, soube por que aquilo o despertara. Num segundo sua sonolência desapareceu. Levantou-se rapidamente e pressionou o ouvido contra a porta externa, pois o som misterioso parecia vir de fora do casco.

Agora podia ouvi-lo, fraco mas distinto, e isso deixou a sua pele arrepiada de apreensão. Não havia dúvida, era o som de incontáveis grãos de pó deslizando, sussurrantes, pelas paredes do Selene como uma fantasmagórica tempestade de areia. O que significava? Estaria o Mar novamente em movimento? Se assim fosse, levaria o Selene consigo? Entretanto, não existia a menor vibração ou sentido de movimento no cruzador, somente o mundo externo passava murmurando.

Silencioso, evitando perturbar o sono de seus companheiros, Pat caminhou na ponta dos pés pela cabine às escuras. Era o turno do Dr. McKenzie e o cientista encontrava-se curvado no assento do piloto, olhando através das janelas tapadas. Ele voltou-se quando Pat se aproximou, indagando: – Algo de errado? – perguntou.

– Não sei. Venha ver.

De volta à cozinha, pressionaram as orelhas contra a porta externa e ouviram por um longo tempo aquela misteriosa crepitação.

– A poeira está se movendo, mas não sei por quê. Isso é outro enigma para nos preocuparmos – disse McKenzie.

– Outro?

– Sim. Não entendo o que está acontecendo com a temperatura. Continua subindo, mas não tão rápido como deveria.

O físico parecia verdadeiramente aborrecido com o fato de seus cálculos se mostrarem incorretos, mas para Pat era o primeiro indício de boas-novas desde o desastre.



– Não fique tão aborrecido. Todos nós cometemos erros, e se este nos dá mais alguns dias de vida, não vou me queixar.

– Mas eu não podia ter cometido este erro. A matemática é elementar. Sabemos quanto calor é gerado por 22 pessoas, e ele deve ir para algum lugar.

– Elas não produzem tanto calor quando estão dormindo. Talvez seja esta a explicação.

– Você acha que eu deixaria de levar em conta algo tão óbvio! – disse o cientista irritado. – Isso ajuda, mas não é o suficiente. Existe outra razão de não estarmos tão aquecidos quanto deveríamos.

– Vamos aceitar o fato e ser gratos – disse Pat. – Enquanto isso, o que pensa do ruído?

Com óbvia relutância, McKenzie voltou sua mente para o novo problema.

– A poeira está se movendo, mas nós não estamos. Assim, trata-se provavelmente de um efeito local. De fato, parece ocorrer apenas na parte de trás da cabine e não sei se isso tem algum significado.

– Gesticulou para o anteparo às suas costas.

– O que há do outro lado disto?

– Os motores, reserva de oxigênio, equipamento resfriador...

– Equipamento resfriador! É claro! Lembro-me de ter reparado quando vim a bordo. Nossas aletas irradiadoras estão lá atrás, não estão?

– Certo.

– Agora entendo o que aconteceu. Elas ficaram tão quentes que a poeira começou a circular, como qualquer líquido aquecido. Existe uma fonte de poeira lá fora e ela carrega nosso excesso de calor. Com alguma sorte, a temperatura se estabilizará. Não ficaremos confortáveis, mas vamos sobreviver.

No crepúsculo escarlate, os dois homens se entreolharam com esperanças crescentes.

– Estou certo de que esta é a explicação. Talvez a nossa sorte esteja começando a mudar – disse Pat, lentamente. Olhou para o relógio e fez um rápido cálculo mental.

– O sol está se erguendo agora sobre o Mar. A Base, a esta altura, já terá enviado os esquis de pó à nossa procura, e eles devem conhecer a nossa posição aproximada. Aposto dez contra um como vão nos encontrar dentro de algumas horas.

– Devemos contar ao comodoro?

– Não. Deixe-o dormir. Ele teve um dia mais duro do que qualquer um de nós.

Estas notícias podem esperar até amanhã.

Quando McKenzie o deixou, Pat tentou dormir de novo, mas não conseguiu. Ficou de olhos abertos no fraco brilho vermelho, pensando na estranha volta do destino. A poeira que os engolira e ameaçara cozinhá-los viera agora em seu socorro, enquanto suas correntes de convecção arrastavam o excesso de calor à superfície. Mas ele não podia conjecturar se essas correntes continuariam a fluir quando o Sol nascente inflamasse o Mar com a sua fúria.

Do outro lado da parede, a poeira deslizava sussurrante, e Pat lembrou-se, de repente, da antiga ampulheta que possuía quando criança. Ao ser invertida, a areia escoava através do estreito gargalo para dentro da câmara inferior, e o nível crescente marcava a passagem dos minutos e das horas.

Antes da invenção dos relógios, miríades de homens deviam ter seus dias divididos por tais grãos de areia. Mas certamente ninguém jamais tivera sua vida medida por uma fonte de poeira ascendente.

# Capítulo 7

Na Cidade Clavius, o administrador-chefe Olsen e o comissário Davis acabavam de conferenciar com o Departamento Jurídico. Não fora uma conversa alegre; consumiu-se muito do tempo em discussões sobre os documentos de isenção de responsabilidade da Administração, em caso de acidente, assinados por todos os turistas antes de embarcarem no Selene. O comissário Davis argumentara contra isso quando as viagens foram inauguradas, achando que assustaria os usuários, mas os juristas da Administração insistiram. Agora, estava satisfeito com o fato de o ponto de vista deles ter prevalecido.

Estava satisfeito também com as autoridades em Porto Roris, que haviam realizado o seu trabalho de maneira correta; questões como essa eram às vezes tratadas como formalidades sem importância e silenciosamente ignoradas. Havia uma lista completa de assinaturas dos passageiros do Selene, com uma possível exceção, que os juristas ainda discutiam.

O incógnito comodoro fora relacionado como R. S. Hamson, e parecia que ele realmente assinara este nome. A assinatura, entretanto, era tão ilegível que poderia muito bem ser "Hansteen". Até que um fac-símile fosse irradiado da Terra, ninguém seria capaz de decidir a questão. Provavelmente não tinha importância. Como o comodoro viajava para negócios oficiais, a Administração devia aceitar que tinha alguma responsabilidade por ele. E no que se relacionava aos outros passageiros, ele era moralmente, se não legalmente, responsável.

Acima de tudo, deveria ser feito um esforço no sentido de encontrá-los e dar-lhes um enterro decente. Este pequeno problema fora inteiramente colocado nas mãos do engenheiro-chefe Lawrence, ainda em Porto Roris.

Ele poucas vezes estudara alguma coisa com menos entusiasmo. Enquanto houvesse uma chance de os passageiros do Selene estarem vivos, ele moveria céus, Terra e Lua para resgatá-los. Mas agora, que deveriam estar necessariamente mortos, não via razão para arriscar vidas, tentando localizá-los e desenterrá-los.

Pessoalmente, ele não conseguia imaginar um lugar melhor para ser enterrado do que entre aquelas montanhas eternas.

E o engenheiro-chefe Lawrence não tinha a menor dúvida de que eles estavam mortos; todos os fatos se ajustavam perfeitamente. O tremor talvez tivesse ocorrido no exato momento em que o Selene deixava o Lago Cratera, e a garganta estava agora semi-bloqueada pelos deslizamentos. Mesmo o menor destes teria esmagado a embarcação como um brinquedo de papel, todos a bordo parecendo em segundos enquanto o ar esguichava para fora. Se, por uma chance em um milhão, escapara de ser achatado, seus sinais teriam sido recebidos. O resistente radiofarol automático era construído para resistir a qualquer abalo razoável, e se estava fora de ação devia ser por uma séria falha estrutural.

O primeiro problema era localizar os destroços. Isto seria razoavelmente fácil, mesmo que estivessem enterrados sob um milhão de toneladas de material. Existiam instrumentos de prospecção e uma grande variedade de detectores de metal que poderiam fazer esse trabalho. E quando o casco rachara, o ar teria esguichado no quase vácuo lunar; mesmo agora, horas depois, haveria traços de dióxido de carbono e oxigênio que poderiam ser localizados por um dos detectores de gases usados na determinação de escapamentos em espaçonaves. Assim que os esquis de pó retornassem à base para recarregar e efetuar a checagem mecânica, ele os equiparia com detectores de vazamentos e os mandaria farejar em torno dos deslizamentos de rochas.

Não, achar os destroços seria simples, mas recuperá-los era tarefa impossível. Ele nem ao menos garantia que isso pudesse ser feito ao custo de cem milhões (já podia ver a cara do A.C., caso

mencionasse tal soma!), por causa de um detalhe: a impossibilidade física de transportar equipamento pesado para a área, o necessário para remover milhares de toneladas de calhaus. Os frágeis e pequenos esquis de pó eram inúteis. Para mover aqueles aludes, alguém teria de fazer as escavadeiras flutuarem através do Mar da Sede, e importar carregamentos inteiros de gelignite para abrir uma estrada entre as montanhas. A idéia era inteiramente absurda. Podia entender o ponto de vista da Administração, mas estaria condenado se permitisse que sua Divisão de Engenharia, já sobrecarregada, recebesse um tal trabalho de Sísifo.

Com o maior tato possível – pois o administrador-chefe não era o tipo de homem que gostava de receber um não como resposta – começou a esboçar o seu relatório.

Em resumo, deveria ser lido assim:

- a) *O trabalho é quase impossível;*
- b) *Se puder ser feito, custará milhões e talvez acarrete perdas de vidas;*
- c) *De qualquer modo, não vale a pena. Como semelhante rudeza o tornaria muito impopular e, além disso, teria de apresentar justificativas, o relatório chegava a mais de três mil palavras.*

Quando terminou de ditar, fez uma pausa a fim de alinhavar as ideias. Não conseguiu pensar em mais nada e adicionou: "Cópias para o administrador-chefe, Lua; engenheiro-chefe, Lado Remoto; supervisor do Controle de Tráfego; Comissário de Turismo; Arquivo Central. Classifique como confidencial."

Apertou a tecla de transcrição. Em vinte segundos, todas as 12 páginas de seu relatório, impecavelmente datilografadas e pontuadas, com vários deslizes gramaticais corrigidos, emergira da telefax oficial. Observou-as rapidamente para o caso de a eletrossecretária ter cometido enganos. Ela os cometia ocasionalmente (todas as eletrossecretárias eram tratadas no

feminino), especialmente nos períodos mais sobrecarregados, em que deveria anotar ditados de uma dúzia de fontes ao mesmo tempo. Em todo caso, nenhuma boa máquina poderia encarregar-se de todas as excentricidades de um idioma como o inglês e todo executivo sábio checava a cópia final antes de enviá-la. Muitos desastres hilariantes atingiram os que deixavam tudo para a eletrônica.

Lawrence estava no meio desta tarefa quando o telefone tocou.

– Lagrange II na linha, senhor – disse o operador, por acaso humano. – Um Dr. Lawson quer lhe falar.

Lawson? Quem era esse?, perguntou a si mesmo o E.C. Depois se lembrou: era o astrônomo encarregado da busca telescópica. Certamente alguém lhe dissera ser inútil tal tarefa.

O engenheiro-chefe nunca tivera o duvidoso privilégio de encontrar o Dr. Lawson.

Ele não sabia que o astrônomo era um jovem muito neurótico e muito brilhante, além de – o que era mais importante neste caso – muito teimoso.

Lawson apenas começara a dismantelar o esquadrinhador infravermelho, quando parou para considerar a sua ação. Desde que praticamente completara a maldita coisa, podia muito bem testá-la por pura curiosidade científica. Ele se orgulhava, com razão, de ser um experimentador prático, algo um pouco fora do comum numa era em que a maioria dos chamados astrônomos eram realmente matemáticos que nunca chegavam perto de um observatório.

Estava tão cansado que somente a pura obstinação o fazia insistir. Se o esquadrinhador não tivesse funcionado da primeira vez, adiaria o teste até que conseguisse dormir um pouco. Mas, com sorte, que ocasionalmente é a recompensa pela habilidade, aquilo funcionou; foram necessários apenas alguns pequenos ajustes antes que a

imagem do Mar da Sede começasse a se formar na tela de observação.

Ela apareceu linha por linha, como uma velha imagem de televisão, enquanto o detector infravermelho varria para a frente e para trás, através da face da Lua. As manchas luminosas indicavam áreas relativamente aquecidas, as escuras regiões frias. Quase todo o Mar estava escuro, exceto numa faixa brilhante, onde o Sol nascente tocara com seu fogo. Mas na escuridão, olhando detidamente, Tom podia ver algumas trilhas muito fracas, que brilhavam palidamente, como as trilhas das lesmas em um jardim iluminado pelo luar, na Terra.

Sem dúvida, lá estava a trilha de calor do Selene, e lá também, muito mais fracas, os ziguezagues dos esquis de pó, que ainda o procuravam. Todas as trilhas convergiam para as Montanhas da Inaccessibilidade, onde desapareciam além do campo de visão.

Estava muito cansado para examiná-lo em detalhes; em todo caso, isso não importava mais, pois somente confirmava o que era conhecido. Sua única satisfação, de alguma importância para ele, residia no fato de que uma outra peça de equipamento construído por Lawson obedecera à sua vontade. Fotografou a tela apenas para registro e depois cambaleou para a cama, a fim de pagar suas dívidas com o sono.

Três horas depois acordou de um sono agitado. Apesar da hora extra na cama, ainda se sentia cansado, mas alguma coisa o preocupava e não o deixava dormir.

Assim como o fraco sussurro da poeira perturbara Pat Harris no Selene afundado, aqui também, a cinquenta mil quilômetros de distância, Tom Lawson despertara por causa de uma variação insignificante da normalidade. A mente tem muitos cães de guarda; algumas vezes eles latem desnecessariamente, mas um homem sábio nunca ignora seus avisos.

Com a vista ainda turva, Tom deixou a pequena cela atravancada de sua cabine particular a bordo do Lagrange, enganchou-se na

cinta rolante mais próxima e deslizou ao longo dos corredores sem gravidade até chegar ao Observatório. Deu um bom-dia azedo (embora já fosse hora adiantada na tarde arbitrária do satélite) aos colegas, que apenas tiveram tempo de vê-lo afastar-se. Então, grato por estar só, acomodou-se entre os instrumentos que constituíam as únicas coisas que amava.

Tirou a fotografia da câmara de chapa única, onde permanecera toda a noite, e olhou-a pela primeira vez. Foi quando viu a trilha emergindo das Montanhas da Inacessibilidade e terminando a uma curta distância para dentro do Mar da Sede.

Ele devia tê-la visto na noite passada, quando olhara a tela, mas não a percebera.

Para um cientista, este era um lapso sério e quase indesculpável, e Tom ficou extremamente furioso consigo mesmo. Deixara que ideias preconcebidas afetassem seus poderes de observação.

Mas o que aquilo significava? Examinou a área de perto, com o ampliador. A trilha acabava num ponto difuso e pequeno, que julgou ter uns duzentos metros de diâmetro. Era muito estranho, quase como se o Selene tivesse emergido das montanhas para decolar como espaçonave.

A primeira teoria de Tom era a de que o barco estourara e a mancha de calor constituía o resíduo deixado pela explosão. Mas, neste caso, haveria uma quantidade enorme de fragmentos, na maioria suficientemente leves para flutuarem no pó. Os esquis dificilmente deixariam de vê-los ao passarem na área, pois a fina e distinta trilha de um mostrava que isso de fato acontecera.

Havia apenas uma outra explicação, embora parecesse absurda como alternativa.

Era quase impossível acreditar que algo tão grande quanto o Selene pudesse afundar sem deixar vestígios no Mar da Sede, somente porque ocorrera um tremor nas redondezas. Sem dúvida, não poderia chamar a Lua, tendo como evidência uma única foto, e dizer: "Vocês estão procurando no lugar errado." Embora fingisse



que a opinião alheia nada significava para ele, Tom tinha muito medo de parecer tolo diante dos outros. Antes de poder avançar nessa teoria fantástica, deveria conseguir maiores indícios.

Através do telescópio, o Mar era um brilho de luz plana e sem traços. A observação visual apenas confirmou o que já se" provara antes do nascente: não existia nada com mais de alguns centímetros de altura projetando-se acima da superfície empoeirada. O esquadrinhador infravermelho não era de grande ajuda agora; as trilhas de calor haviam desaparecido, apagadas horas atrás pelo Sol.

Tom regulou o instrumento na sensibilidade máxima e pesquisou a área onde a trilha terminara. Talvez houvesse algum traço persistente que pudesse ser captado, algum borrão de calor suficientemente forte para ser detectado mesmo na aquecida manhã lunar. O sol estava baixo no horizonte e seus raios ainda não possuíam a força mortífera do meio-dia.

Seria imaginação? Ele colocara potência máxima, de modo que o instrumento beirava a instabilidade. De vez em quando, no limite do poder de detecção, pensara ver um débil bruxuleio de calor na área exata onde terminara a trilha da noite passada.

Tudo isso não levava a nenhuma conclusão, o que era irritante – não eram os dados de que um cientista necessita, principalmente quando vai arriscar o seu pescoço. Se não dissesse nada, ninguém jamais saberia, mas toda a sua vida seria obcecada pela dúvida. Porém, caso se envolvesse, poderia levantar falsas esperanças, tornar-se motivo de risos no sistema solar ou ser acusado de querer publicidade.

Não poderia continuar indeciso, tinha de tomar uma decisão. Com grande relutância, consciente de dar um passo do qual não havia possibilidade de voltar atrás, pegou o fone do Observatório.

– Aqui fala Lawson – disse. – Ligue-me com a Central Lunar, urgente.

# Capítulo 8

A bordo do Selene o café da manhã fora adequado, mas pouco animador. Houve várias queixas dos passageiros, pois, segundo eles, bolachas, carne comprimida, uma porção de mel e um copo de água morna dificilmente constituíam uma boa refeição. Mas o comodoro permanecera inflexível: – Não sabemos quanto tempo esta situação vai durar. Talvez não tenhamos refeições quentes. Não há meios de prepará-las e já faz muito calor na cabine. Lamento, mas nada de chá nem café. E francamente não creio que nos faça mal baixar as calorias por alguns dias.

Esta última frase escapou antes que se lembrasse da senhora Schuster, e ele torceu para que ela não a considerasse uma afronta pessoal. Sem a cinta, depois do tira-roupa geral da última noite, ela agora parecia um hipopótamo amigável, espalhando-se sobre um assento e meio.

– O Sol já se levantou – disse Hansteen. – As equipes de busca estarão em campo para nos encontrar. Agora é só uma questão de tempo. Aliás, alguém sugeriu que fizéssemos uma aposta sobre isso. A senhorita Morley, que está mantendo o diário, fará a coleta dos palpites. Quanto ao nosso programa para o dia de hoje, professor Jayawardene, pode nos dizer o que o Comitê de Entretenimento sugere?

O professor era uma pessoa pequena, com um jeito de passarinho, cujos olhos negros pareciam grandes demais para ele. Obviamente levava a tarefa do entretenimento muito a sério, pois a sua mão morena e delicada segurava um impressionante maço de notas.

– Como sabem – disse ele -, minha especialidade é o teatro, mas talvez isto não nos ajude muito. Seria ótimo ter uma leitura de peças e pensei em escrever alguns atos; infelizmente estamos com escassez de papel. Assim, teremos de pensar em outra coisa. Não existe muito material de leitura a bordo; o que temos é em parte

especializado. Mas há dois romances: uma edição universitária de um dos westerns clássicos, *Os brutos também amam*, e este novo romance histórico *A laranja e a maçã*. A sugestão é que formemos uma equipe de leitores e comecemos com um deles. Alguém faz alguma objeção ou tem ideias melhores?

– Nós queremos jogar pôquer – disse uma voz firme.

– Mas vocês não podem jogar, pôquer o tempo todo – protestou o professor, de-monstrando uma certa ignorância sobre o mundo não-acadêmico. O comodoro decidiu ir em seu socorro.

– A leitura não precisa interferir no pôquer – disse ele. – Além disso, sugiro que façam uma pausa de vez em quando. Essas cartas não vão durar muito tempo.

– Bem, que livro vamos ler primeiro? Algum voluntário para ler? Eu ficaria muito feliz em fazê-lo, mas queremos alguma variedade.

– Não concordo em perder o nosso tempo com *A laranja e a maçã* – disse a senhorita Morley. – É um lixo completo e a maior parte dele é... quase pornográfica.

– Como sabe? – perguntou David Barrett, o inglês que recomendara o chá.

A única resposta foi uma expressão de desdém. O professor Jayawardene pareceu muito perturbado e olhou para o comodoro em busca de apoio. Não conseguiu nenhum. Hansteen olhava para outra direção. Se os passageiros se apoiassem nele em tudo, seria fatal. Era melhor que se arranjassem sozinhos no que fosse possível.

– Muito bem – disse o professor. – Para evitar mais discussões, vamos começar com *Os brutos também amam*.

Houve vários gritos de protestos: "*Queremos A laranja e a maçã!*", mas o professor permaneceu surpreendentemente firme: – É um livro muito longo – explicou. – Eu realmente não acredito que tenhamos tempo para terminá-lo antes de sermos salvos.

Limpou a garganta e olhou ao redor para ver se havia mais alguma objeção.

Começou a ler, então, com uma voz extremamente agradável, embora um pouco monótona.

– Introdução: o papel do Oeste na era espacial. Por Karl Adams, professor de inglês. Baseado nos seminários de Crítica Kingsley Amis, 2037, na Universidade de Chicago.

Os jogadores de pôquer estavam hesitantes. Um deles examinava nervosamente os pedaços de papel gasto que serviam de cartas. O resto da audiência se acomodara com expressões de tédio ou de expectativa. A senhorita Wilkins estava na cozinha checando as provisões. A voz melodiosa continuou: – Um dos fenômenos literários mais inesperados da nossa era tem sido o renascimento, após um século de abandono, do romance conhecido como western. Essas histórias, situadas num cenário extremamente limitado, tanto no espaço como no tempo, ou seja, os Estados Unidos da América, cerca de 1865-1880, foram durante um período considerável uma das mais populares formas de ficção que o mundo já conheceu. Milhões delas foram escritas, quase todas publicadas em revistas baratas e livros de produção inferior. Mas desses milhões algumas sobreviveram como literatura e registro de uma época, embora não devamos nunca nos esquecer de que os autores descreviam uma época que se acabara muito antes de eles nascerem. Com a abertura do sistema solar nos anos de 1970, a fronteira terrestre do Oeste americano pareceu tão ridiculamente pequena que o público leitor perdeu o interesse, o que é tão ilógico como rejeitar o Hamlet, com base no fato de que eventos restritos a um pequeno castelo dinamarquês não poderiam ter significado universal. Durante os últimos anos, porém, houve uma reação a isso.

“Estou informado, com segurança, de que as histórias de faroeste estão entre as leituras mais populares das bibliotecas das espaçonaves. Vamos ver se descobrimos a razão oculta deste aparente paradoxo: o elo entre o Velho Oeste e o Novo Espaço. Talvez possamos, fazê-lo despindo-nos de todas as nossas

modernas realizações científicas e imaginando que estamos de volta ao mundo incrivelmente primitivo de 1870. Pensem em uma vasta planície aberta, estendendo-se na distância até se fundir numa remota linha de montanhas enevoadas. Através da planície arrasta-se, com agonizante lentidão, uma fileira de carroças rudimentares. Em torno delas cavalgam homens portando armas, pois este é um território índio. Levará mais tempo para estas carroças chegarem às montanhas do que uma nave de classe estelar viajando da Terra à Lua. Portanto, o espaço da pradaria era tão grande, para os homens que o desafiavam, como o espaço do sistema solar o é para nós. Este é um dos elos que guardamos com o western; há outros, alguns ainda mais fundamentais. Para compreendê-los devemos primeiro considerar o papel do épico na literatura...”

Parecia estar indo muito bem, pensou o comodoro. Uma hora seria o suficiente; ao final dela o professor J. teria acabado a introdução e já estaria na estória. Então poderiam mudar para algo mais, preferivelmente um momento excitante na narrativa, de modo que a audiência ficasse ansiosa em voltar a ele.

Sim, o segundo dia debaixo da poeira começara muito bem, com todos satisfeitos.

Mas quantos dias ainda se seguiriam?

A resposta a esta pergunta dependia de dois homens que se antipatizaram imediatamente, embora separados por cinquenta mil quilômetros. Enquanto ouvia o Dr. Lawson descrever suas descobertas, o engenheiro-chefe sentia-se dividido entre direções opostas. O astrônomo tinha um método de abordagem bastante infeliz, especialmente da parte de um jovem que se dirige a um funcionário superior, com o dobro da sua idade. Ele fala comigo – pensou Lawrence, a princípio mais divertido do que furioso – como se eu fosse uma criança retardada para a qual se deve descrever tudo em palavras de uma sílaba só.

Quando Lawson terminou, o engenheiro-chefe permaneceu em silêncio por alguns segundos, examinando as fotografias que haviam chegado pelo telefax enquanto conversavam. A primeira, tirada antes da aurora, era certamente sugestiva, mas não o suficiente para provar o caso, em sua opinião. A segunda, batida depois da alvorada, não mostrava nada na reprodução recebida. Talvez existisse algo na original, mas detestaria ter de aceitar a palavra desse jovem desagradável.

– Muito interessante, Dr. Lawson – disse finalmente. – É uma pena que não tenha continuado as suas observações quando bateu as primeiras fotos. Poderíamos então contar com algo mais conclusivo.

Tom empertigou-se instantaneamente diante da crítica. Talvez porque fosse bem fundamentada.

– Acha que outra pessoa teria feito melhor – respondeu.

– Oh, não. Não estou sugerindo isso – disse Lawrence, ansioso por manter a paz. – Mas a que chegamos com isso? Não importa que a mancha indicada seja razoavelmente pequena; mas a sua posição é incerta em pelo menos meio quilômetro. Pode não existir nada visível na superfície, mesmo à luz do dia. Há algum modo de localizá-la de maneira mais precisa?

– Existe um método óbvio: usar a mesma técnica a nível do solo e percorrer a área com um detector infravermelho. Assim será possível localizar qualquer ponto quente, mesmo que esteja apenas uma fração de grau mais aquecido que as áreas ao redor.

– Boa idéia – disse Lawrence. – Vou ver o que pode ser feito e o chamarei depois, se precisar de maiores informações. Obrigado, doutor.

Desligou rapidamente e passou a mão na testa. Em seguida, fez outra chamada para o satélite.

– Lagrange II? Engenheiro-chefe, Lado Terrestre. Ligue-me com o diretor por gentileza... Professor Kotelnikov? Aqui fala Lawrence... Estou bem, obrigado. Estive conversando com o Dr. Lawson... Não, ele não fez nada, exceto quase me levar a perder a calma. Está

procurando por nosso cruzador do pó e acredita que o encontrou. Eu gostaria de saber se ele é competente.

Nos cinco minutos seguintes o engenheiro-chefe aprendeu um bocado a respeito do jovem Dr. Lawson, muito mais do que tinha direito a saber, mesmo no circuito confidencial. Quando o professor Kotelnikov fez uma pausa para tomar fôlego, interveio solidariamente:

– Posso entender por que o senhor o suporta. Pobre garoto, pensei que esse tipo de orfanato tivesse acabado com Dickens e com o século. XX. Ainda bem que ele se incendiou. Acha que foi Lawson quem colocou fogo? Não, não responda a esta pergunta, o senhor já me contou que ele é um observador de primeira classe e isso é tudo que eu quero saber. Muito obrigado. Quando o verei aqui embaixo?

Durante meia hora, Lawrence fez uma dúzia de chamadas para vários pontos da Lua. No final, acumulara uma grande quantidade de informações; agora devia agir baseado nelas.

No Observatório Plato, o padre Ferraro achou a idéia perfeitamente plausível. De fato, ele já suspeitava de que o foco do tremor estava sob o Mar da Sede e não nas Montanhas da Inacessibilidade, mas não podia prová-lo, devido ao efeito bloqueador que o Mar exercia em todas as vibrações. Não, um completo conjunto de sondagens nunca fora feito, seria tedioso e gastaria muito tempo. Ele o sondara pessoalmente em alguns locais com varas telescópicas e sempre atingira o fundo em menos de quarenta metros. Sua hipótese quanto à profundidade média estava abaixo de dez metros, e o Mar era muito mais raso ao redor das bordas. Não, ele não possuía um detector infravermelho, mas os astrônomos no Lado Remoto poderiam ajudar.

– Sinto, nenhum detector I.V. em Dostoievski. Nosso trabalho é todo no ultravioleta.

– Tente Verne.

– Oh, sim, costumávamos realizar trabalhos em infravermelhos, alguns anos atrás: espectrogramas de estrelas vermelhas gigantes. Mas sabe de uma coisa? Os traços de atmosfera lunar eram suficientes para interferir nas leituras; assim, transferiu-se todo o programa para o espaço.

– Tente Lagrange,

Neste ponto, Lawrence chamou o Controle de Tráfego, pedindo os horários das naves da Terra e descobriu estar com sorte. Mas o próximo movimento custaria um bocado de dinheiro e somente o administrador-chefe poderia autorizá-lo.

Uma boa coisa em Olsen era que ele nunca consultava a sua equipe técnica a respeito de matérias de seu domínio. Ouviu cuidadosamente a história de Lawrence e foi direto ao ponto principal:

– Se esta teoria é correta – disse -, há uma chance de que ainda estejam vivos, depois de tudo.

– Mais do que uma chance. Eu diria uma grande probabilidade. Sabemos que o Mar é raso; não podem estar muito fundo. A pressão no casco seria razoavelmente baixa, assim ele pode continuar intacto.

– E você quer Lawson para ajudar na busca.

– Ele é a última pessoa que eu quero. Mas precisamos dele – respondeu o engenheiro-chefe, com um gesto de resignação.



# Capítulo 9

O comandante do cargueiro Auriga estava furioso, assim como sua tripulação, mas não havia nada que pudessem fazer. À dez horas da Terra e com ainda cinco para chegar à Lua, eles haviam recebido ordens de parar em Lagrange, com todo o desperdício de velocidade e tempo de computação que tal fato implicava. E para tornar as coisas piores, estavam se desviando da Cidade Clavius para aquele miserável depósito de lixo que era Porto Roris, quase do outro lado da Lua. O espaço celeste estava com mensagens de cancelamento de jantares e encontros sobre todo o hemisfério Sul. O disco de prata manchada da Lua, com sua borda leste enrugada por montanhas facilmente visíveis, formava um cenário deslumbrante por trás de Lagrange II, quando o Auriga se imobilizou a cem quilômetros da estação. A nave não tinha permissão para se aproximar mais; a interferência produzida pelo seu equipamento e pelo brilho de seus jatos já afetara os sensíveis instrumentos registradores do satélite. Apenas aos foguetes químicos, à moda antiga, era permitido operar na vizinhança de Lagrange; propulsão a plasma e motores de fusão eram rigorosamente tabu.

Carregando somente uma pequena valise cheia de roupas e uma mala grande repleta de equipamento, Tom Lawson entrou na nave vinte minutos após a sua partida de Lagrange. O piloto da nave-táxi se recusara a ir depressa, a despeito das reclamações do Auriga. O novo passageiro foi saudado sem nenhum entusiasmo quando chegou a bordo. Seria recebido de modo bem diferente, caso soubessem de sua missão. Contudo, o administrador-chefe ordenara segredo por não querer levantar falsas esperanças entre os parentes dos passageiros perdidos. O comissário de Turismo desejava uma divulgação imediata; isto provaria que estavam fazendo tudo o que era possível, mas Olsen dissera firmemente:

"Espere até que se produza algum resultado. Então você poderá dizer alguma coisa aos seus amigos das agências de notícias."

A ordem, no entanto, fora tardia. A bordo do Auriga viajava Maurice Spencer, redator-chefe das Notícias Interplanetárias, para assumir seu cargo em Cidade Clavius. Ele não tinha certeza se isto era uma promoção ou uma demissão de seu cargo anterior em Pequim.

Ao contrário dos outros passageiros, ele não estava nem um pouco aborrecido com a mudança de curso. O atraso ficava por conta da firma e, como velho jornalista, Spencer sempre dava boas-vindas ao incomum, à quebra da rotina. Era certamente singular que uma nave da rota lunar perdesse várias horas e uma quantidade inimaginável de energia para se deter em Lagrange com o único objetivo de apanhar um rapaz de cara amarrada e com um par de malas. E por que o desvio de Clavius para Porto Roris? "Instruções de alto nível da Terra", dissera o comandante, e parecia estar falando a verdade quando negara qualquer conhecimento. Era um mistério – e mistérios eram o negócio de Spencer. Fez uma suposição sagaz e acertou, ou quase, da primeira vez.

Isso teria relação com o cruzador do pó perdido, que provocara um tumulto na Terra. Este cientista de Lagrange devia ter alguma informação a respeito ou talvez fosse ajudar na busca. Mas por que o segredo? Talvez houvesse algum escândalo ou erro que a Administração Lunar queria abafar. A razão simples e totalmente aceitável nunca ocorreu a Spencer.

Evitou falar com Lawson durante o resto da breve viagem, e se divertiu ao notar que os poucos passageiros que tentaram começar uma conversa foram rapidamente repelidos. Spencer esperava sua hora e ela chegou trinta minutos antes do pouso.

Não era por acaso que ele estava sentado ao lado de Lawson quando se deu o aviso de apertar os cintos. Junto com os outros 15 passageiros, eles se acomodavam na minúscula cabine às escuras, olhando a Lua que rapidamente se aproximava.

Projetada em uma tela de observação por uma lente no casco externo, a imagem parecia mais nítida e brilhante do que se fosse real. Era como se estivessem no interior de uma velha câmara escura; um arranjo muito mais seguro do que uma real janela de observação, uma estrutura perigosa, contra a qual os projetistas de espaçonaves lutavam com unhas e dentes.

O panorama que se expandia acentuadamente era glorioso, uma visão inesquecível; todavia, Spencer dispensava-lhe apenas a metade de sua atenção.

Observava o homem ao seu lado, suas feições intensamente aquilinas, quase invisíveis na luz vinda da tela.

– Não é em algum lugar, lá embaixo – disse ele em seu tom de voz mais displicente – que aquele barco cheio de turistas acabou de se perder?

– Sim – disse Tom, depois de um considerável tempo.

– Eu não sei me orientar na Lua. Tem alguma idéia de onde se supõe que eles estejam?

Spencer descobrira há muito que mesmo os homens menos cooperativos raramente se negam a dar informações se alguém lhes der a impressão de que estão fazendo um favor, oferecendo-lhes a oportunidade de exibirem seu conhecimento superior. O truque funcionava em nove de cada dez casos: funcionava agora com Lawson.

– Eles estão lá – disse, apontando o centro da tela. – Aquelas são as Montanhas da Inacessibilidade; ao redor é o Mar da Sede.

Spencer olhou com verdadeiro espanto os pontos negros e brancos, nitidamente delineados, das montanhas em cuja direção desciam. Esperou que o piloto, humano ou eletrônico, conhecesse seu trabalho; a nave parecia baixar muito depressa.

Percebeu, então, que deslizavam para um território plano na esquerda da imagem.

As montanhas e a curiosa área cinzenta ao redor derivavam agora do centro da tela.

– Porto Roris – disse Tom inesperadamente, indicando uma marca negra quase invisível na extrema esquerda. – É lá que vamos pousar.

– Ótimo, eu detestaria descer naquelas montanhas – disse Spencer, determinado a manter a conversação. – Eles nunca encontrarão os pobres-diabos se estiverem enterrados naquela terra agreste. Em todo caso, supõe-se que estejam sepultados sob uma avalanche, não?

Tom deu uma risada superior.

– Supõe-se que estejam – disse, ironicamente.

– Por quê? Não é verdade?

Um pouco atrasadamente, Tom lembrou-se de suas instruções.

– Não posso lhe dizer mais nada – replicou, na mesma voz afetada e convicta.

Spencer abandonou o assunto; já soubera o suficiente para convencê-lo de uma coisa. Cidade Clavius teria de esperar; ele faria melhor permanecendo em Porto Roris, por enquanto.

A certeza aumentou quando seus olhos cheios de inveja viram o Dr. Tom Lawson ser liberado através da Quarentena, Alfândega e Imigração em três minutos cravados.

Qualquer espião que ouvisse os sons dentro do Selene ficaria muito intrigado. A cabine reverberava, não muito melodiosamente, ao som de vinte e uma vozes e outros tantos tons, cantando "parabéns pra você".

– Alguém mais, além da senhora Williams – falou o comodoro Hansteen, quando o barulho diminuiu um pouco -, acabou de se lembrar de que hoje é o seu aniversário? Sabemos, é claro, que algumas senhoras gostam de manter isto em segredo depois de uma certa idade.

Não houve mais voluntários, mas Duncan McKenzie elevou sua voz acima dos risos.

– Há uma coisa engraçada a respeito de aniversários, com a qual eu costumava ganhar apostas. Sabendo-se que há 365 dias num ano, quantas pessoas seriam necessárias para que, num grupo, tivéssemos chances iguais de que duas delas aniversariassem no mesmo dia?

– Metade de 365 , eu suponho; digamos 180 – respondeu alguém, depois de uma breve pausa.

– Esta é a resposta óbvia, mas totalmente errada. Se você tem um grupo maior que 24 pessoas, as chances são mais do que razoáveis para que duas delas façam aniversário no mesmo dia.

– Isso é ridículo! 24 dias em 365 não podem produzir essa probabilidade.

– Lamento, mas produz. E se há mais do que quarenta pessoas, em nove de cada dez casos duas delas farão aniversário no mesmo dia. Há uma chance de que funcione mesmo com 22. Que tal tentarmos, comodoro?

– Muito bem, vou percorrer a cabine e perguntar a cada um o dia de seu aniversário.

– Oh, não – protestou McKenzie. – As pessoas irão mentir, se fizer assim. As datas devem ser escritas de modo que um não saiba o aniversário do outro.

Uma página quase em branco de um dos guias turísticos foi sacrificada para esse propósito e rasgada em vinte e duas tiras. Ao serem coletadas e lidas, para espanto geral – e satisfação de McKenzie – revelou-se que ambos, Pat Harris e Robert Bryan, haviam nascido em 23 de maio.

– Pura sorte! – disse o cético, estabelecendo com isso um animado debate matemático entre meia dúzia de passageiros do sexo masculino. As senhoras estavam totalmente desinteressadas, talvez

porque não gostassem de matemática, talvez ainda porque preferissem ignorar aniversários.

Quando o comodoro achou que a discussão fora longe demais, pediu atenção.

– Senhoras e senhores. Vamos passar ao item seguinte do nosso programa. Estou satisfeito em dizer que o comitê de entretenimento, composto pela senhora Schuster e pelo professor Jaya... ahm, professor J., teve uma idéia que deverá nos divertir um pouco. Eles sugerem que estabeleçamos uma corte para interrogar todos, um de cada vez. O objetivo da corte é encontrar resposta para esta pergunta: por que você veio à Lua? É claro que algumas pessoas não desejarão ser interrogadas, pois sei que metade de vocês pode estar fugindo da polícia ou de suas esposas. São livres para se recusarem a fornecer declarações, mas não me culpem se eu tirar as piores conclusões possíveis. Muito bem, o que acham da idéia?

Houve um razoável entusiasmo em alguns setores e irônicos grunhidos de desaprovação em outros, mas desde que não houve uma firme oposição o comodoro seguiu em frente. Quase automaticamente foi eleito presidente da corte; igualmente automática foi a indicação de Irving Schuster para promotor.

Os pares de assentos dianteiros foram virados de modo a se voltarem para a traseira do cruzador. Serviam de bancada, dividida entre o presidente e o promotor.

Quando todos se haviam acomodado e o oficial de justiça (Pat Harris) pedira ordem, o presidente fez uma breve advertência.

– Não estamos engajados em uma investigação criminal – disse, mantendo o rosto sério com alguma dificuldade. – Esta é apenas uma comissão de inquérito. Se alguma testemunha sentir que está sendo intimidada pelo meu ilustre colega, pode apelar à corte. Que o oficial chame a primeira testemunha.

– Ah... meritíssimo... quem é a primeira testemunha? – perguntou o oficial de justiça.

Foram necessários dez minutos de discussão entre a corte, promotor e membros do público para se decidir esta importante questão. Finalmente resolveu-se fazer um sorteio, e o primeiro nome foi o de David Barrett.

Sorrindo levemente, a testemunha dirigiu-se à frente e tomou seu assento no estreito espaço diante da bancada.

Irving Schuster, achando que não tinha uma aparência muito jurídica vestido apenas com camiseta e ceroulas, limpou a garganta de maneira significativa.

– Seu nome é David Barrett?

– Sim.

– Sua ocupação?

– Engenheiro agrícola, aposentado.

– Senhor Barrett, pode dizer a esta corte exatamente por que veio à Lua?

– Estava curioso para ver como era aqui e tinha tempo e dinheiro.

Irving Schuster olhou para Barrett de modo oblíquo, através dos óculos de lentes grossas. Sempre achara que isso tinha um efeito perturbador em testemunhas. Usar óculos era quase um sinal de excentricidade nesta era, mas médicos e juristas, especialmente os mais idosos, ainda favoreciam esse costume, que de fato passara a simbolizar a profissão médica e jurídica.

– Estava curioso para ver como era – repetiu Schuster. – Isso não é explicação. Por que estava curioso?

– Temo que a questão esteja tão vagamente formulada que não possa respondê-la. Por que alguém faz algo?

O comodoro Hansteen relaxou, com um sorriso de prazer. Era exatamente o que desejava: colocar os passageiros argumentando e falando livremente sobre algo que seria do interesse de todos, mas que não levantasse controvérsias ou emoções. (A corte poderia fazê-lo, é claro, mas cabia a ele mantê-la em ordem.)

– Admito – continuou o promotor – que minha pergunta devia ser mais específica. Tentarei reformulá-la.

Pensou por alguns instantes, remexendo em suas notas. Eram apenas folhas tiradas de um guia turístico. Escrevera algumas perguntas nas margens. Jamais gostara de se levantar numa corte sem ter alguma coisa na mão.

Havia ocasiões em que alguns segundos de consultas imaginárias eram inestimáveis.

– Seria razoável dizer que o senhor foi atraído pelas belezas cênicas da Lua?

– Sim, isto foi parte da atração, eu vi a literatura turística e os filmes, é claro, e imaginava se a realidade corresponderia a isso.

– E ela correspondeu?

– Eu diria que excedeu as minhas expectativas – foi a resposta seca.

Houve uma gargalhada geral no resto do grupo. O comodoro Hansteen bateu vigorosamente no encosto de seu assento.

– Ordem! – gritou. – Se houver mais distúrbios serei obrigado a esvaziar a corte!

Isso, como pretendia, provocou uma gargalhada mais alta, que ele deixou terminar naturalmente. Quando o riso cessou, Schuster continuou no seu tom de voz do tipo "o que estava fazendo na noite do dia 22?".

– Isto é muito interessante., senhor Barrett. Veio da Terra, com uma despesa considerável, apenas para olhar o panorama. Diga-me, o senhor já viu o Grand Canyon?

– O senhor viu?

– Meritíssimo – apelou Schuster -, a testemunha se recusa a colaborar.

Hansteen olhou severamente para o senhor Barrett, que não parecia nem um pouco intimidado.



– O senhor não está conduzindo este interrogatório, senhor Barrett. Sua função é responder às perguntas, não fazê-las.

– Eu peço o perdão da corte, meu lorde – replicou a testemunha.

– Ah! meu lorde? – disser Hansteen hesitante, olhando para Schuster. – Pensei que era "meritíssimo".

O advogado deu à questão vários minutos, de pensamento solene.

– Eu sugiro, meritíssimo, que cada testemunha use o procedimento a que está acostumada em seu país. Se o respeito for demonstrado para com a corte, isso será o suficiente.

– Muito bem, prossiga.

– Eu gostaria de saber, senhor Barrett, por que achou necessário visitar a Lua, quando ainda havia tantos lugares da Terra que não conhecera. Pode nos dar uma razão válida para tal comportamento ilógico?

Era uma boa pergunta, do tipo que interessaria a todos, e Barrett fazia agora uma tentativa séria para responder.

– Já vi uma porção razoável da Terra – disse lentamente, com seu sotaque inglês, que constituía uma raridade tão grande quanto os óculos de Schuster. – Já estive no Hotel Everest, em ambos os polos, cheguei mesmo a descer ao fundo da fossa de Calypso. Assim, conheço bastante o nosso planeta. Digamos que perdi a capacidade de me surpreender. A Lua, por outro lado, era completamente nova, um mundo inteiro a menos de 24 horas de viagem. Não pude resistir à novidade.

Hansteen ouviu a lenta e cuidadosa análise com a metade de sua mente.

Examinara discretamente a audiência enquanto Barrett falava. A essa altura, já formara uma boa opinião da tripulação e dos passageiros do Selene e decidira com quem poderia contar e quem daria trabalho, se as condições piorassem.

O homem-chave, é claro, era Pat Harris. O comodoro conhecia bem o tipo; encontrara-o frequentemente no espaço – e mais frequentemente ainda em instalações de treinamento como a Astrotech. (Sempre que realizava uma palestra lá, havia uma fileira de "Pat Harris" barbeados e alinhados.) Pat era um jovem competente e despretensioso, interessado em mecânica, que tivera sorte de encontrar um trabalho que lhe agradava e não lhe exigia mais do que cuidado e cortesia. (As passageiras atraentes não teriam queixas, pensava Hansteen, quanto ao último item.) Ele seria leal, consciencioso e realista. Cumpriria a sua tarefa e no final morreria esportivamente, sem estardalhaço. Uma virtude inexistente em homens muito mais hábeis – e que seria necessária a bordo do cruzador, se ainda estivessem nele, dentro de cinco dias.

A aeromoça, senhorita Wilkins, era quase tão importante quanto o capitão no esquema. Ela não era certamente a imagem estereotipada da comissária espacial, com uma gentileza insípida e um sorriso congelado. Hansteen já concluía ser ela uma jovem de personalidade e considerável educação, mas assim o eram muitas comissárias espaciais que conhecera.

Sim, ele tinha sorte com esta tripulação. E quanto aos passageiros? Eles eram consideravelmente acima da média, é claro, de outro modo não estariam na Lua.

Havia um impressionante suprimento de cérebros e talentos no Selene, mas a ironia da situação era que nem cérebros nem talentos poderiam ajudá-los agora. Era preciso personalidade e coragem – valentia em suma.

Poucos homens nesta era chegavam a conhecer a necessidade de bravura física.

Do nascimento até a morte nunca se viam face a face com o perigo. Nenhum homem ou mulher a bordo do Selene possuía treinamento para o que os esperava adiante, e ele não poderia mantê-los ocupados por muito tempo com jogos e divertimentos.

Em algum momento nas próximas doze horas, ele calculou, os primeiros problemas apareceriam. A essa altura seria óbvio que alguma coisa estava atrasando as equipes de resgate e que, se chegassem a encontrar o cruzador, poderia ser muito tarde.

O comodoro Hansteen percorreu rapidamente a cabine com o olhar. Apesar das roupas sumárias e da aparência desarrumada, todos os 22 homens e mulheres ainda eram membros racionais e controlados da sociedade.

Qual deles, perguntou a si mesmo, seria o primeiro a quebrar?

# Capítulo 10

O engenheiro-chefe Lawrence já decidira que o Dr. Tom Lawson era uma exceção ao velho ditado "Saber tudo é tudo perdoar". O conhecimento de que o astrônomo tivera uma infância sem amor numa instituição e que escapara às suas origens através de prodígios de puro intelecto, à custa de todas as outras qualidades humanas, ajudava a entendê-lo, mas não a gostar dele. Era um azar, pensou Lawrence, que fosse o único cientista num raio de trezentos mil quilômetros a possuir um detector infravermelho e a saber usá-lo.

Estava agora sentado no observador do Espanador Dois, fazendo ajustes finais na tosca mas eficiente engenhoca que projetara. Fixara a câmara tripé na capota do esqui e o detector fora montado sobre ela de modo a poder girar em qualquer direção.

Parecia funcionar bem, o que era difícil afirmar no pequeno hangar pressurizado, com uma mistura confusa de fontes de calor à sua volta. O verdadeiro teste só poderia ser efetuado no Mar da Sede.

– Está pronto – disse Lawson ao engenheiro-chefe. – Deixe-me falar com o homem que vai operá-lo.

O E.G. olhou-o pensativo, tentando ainda chegar a uma resolução. Existiam fortes argumentos contra e a favor do que estava considerando agora. Mas, independente-mente do que decidisse, não poderia permitir a interferência de seus sentimentos pessoais. A questão era importante demais para isso.

– Você pode usar um traje espacial, não pode? – perguntou a Lawson.

– Nunca usei um em minha vida. Eles são necessários apenas para se ir do lado de fora, e nós deixamos isso para os engenheiros.

– Bem, agora chegou a sua vez de aprender – disse o E.C., ignorando o pouco-caso (se era de fato pouco-caso; muito da

rudeza de Lawson, concluiu, era devido à indiferença para com as boas maneiras, mais do que um aberto desafio a elas). – Não há muito com que se preocupar quando estiver andando de esqui. Estará sentado na posição do observador e o auto-regulador se encarregará do oxigênio, da temperatura e do resto. Só há um problema.

– E qual é?

– Como vai a sua claustrofobia?

Tom hesitou, pois não desejava admitir qualquer fraqueza. Fora aprovado nos testes espaciais de praxe, é claro, mas suspeitava, com razão, que passara raspando em alguns dos exames psicológicos. Obviamente, não era nenhum claustrofobo agudo, se não jamais teria entrado em uma espaçonave. Mas uma roupa espacial era uma coisa bem diferente.

– Posso suportar – disse finalmente.

– Não tente se iludir – insistiu Lawrence. – Achei que devia vir conosco, mas não vou empurrá-lo para falsos heroísmos. Tudo o que eu peço é que se decida antes que deixemos o hangar. Pode ser um pouco tarde para mudar de idéia quando estivermos vinte quilômetros dentro do Mar.

Tom olhou para o esqui e mordeu o lábio. A idéia de deslizar através daquele lago de pó infernal nesta geringonça frágil parecia loucura. Mas estes homens o faziam diariamente, e se algo saísse errado com o detector haveria pelo menos uma chance de -que pudesse consertá-lo.

– Aqui está um traje do seu tamanho – disse Lawrence. – Experimente, pode ajudá-lo a se decidir.

Tom lutou com a roupa flácida e enrugada, fechou o zíper frontal e ficou ereto, ainda sem o capacete e sentindo-se um pouco tolo. O frasco de oxigênio estava afivelado ao arnês e parecia absurdamente pequeno. Lawrence notou seu olhar ansioso.

– Não se preocupe, é apenas uma reserva de quatro horas. Você nem vai usá-la. O suprimento principal encontra-se no esqui. Cuidado com o nariz, aqui vai o capacete.

Tom podia dizer, pelas expressões dos homens ao seu redor, que este era o momento que separava os homens dos meninos. Até que o capacete esteja ajustado, você ainda é um membro da raça humana; depois, você está sozinho, num minúsculo mundo mecânico só seu. Podem existir outros homens a centímetros de distância, mas terá de vê-los através de um plástico grosso, falar com eles pelo rádio. Não poderá nem mesmo tocá-los, exceto por trás de duplas camadas de pele artificial. Alguém já escrevera que era muito solitário morrer num traje espacial. Pela primeira vez Tom compreendia o quanto esta afirmação era verdadeira.

A voz do engenheiro-chefe soou subitamente, reverberando de minúsculos fones no lado do capacete.

– O único controle com que deve se preocupar é o intercomunicador. Está no painel à sua direita. Normalmente ficará conectado ao seu piloto. O circuito permanecerá ligado o tempo todo, de modo a poderem falar um com o outro quando quiserem. Mas assim que desconectar, terá de usar o rádio, como está fazendo agora para me ouvir. Aperte o botão "transmitir" e responda.

– Para que serve este botão vermelho de emergência? – indagou Tom, após obedecer à ordem.

– Não vai precisar dele, espero. Ativa um radiofarol-guia e dispara um ruído de rádio até que alguém venha buscá-lo. Não toque em nenhum dos equipamentos do traje sem nossas instruções, especialmente esse.

– Não o farei – prometeu Tom. – Vamos embora. Caminhou desajeitadamente, desacostumado ao traje e à gravidade lunar, até o Espanador Dois, tomando o seu lugar no assento do observador. Um único cordão umbilical, inadequadamente ligado ao lado direito dos quadris, conectava o traje ao suprimento de oxigênio, energia e

linha de comunicações do esqui. O veículo poderia mantê-lo vivo, embora dificilmente confortável, por três ou quatro dias.

O pequeno hangar era do tamanho exato para acomodar os dois esquis e levou apenas alguns minutos para as bombas exaurirem o ar. Enquanto o traje enrijecia ao seu redor, Tom sentiu uma pontada de medo. O engenheiro-chefe e dois pilotos o observavam e ele não desejava dar-lhes a satisfação de perceberem que estava em pânico. Nenhum homem pode evitar um sentimento de tensão quando entra no vácuo pela primeira vez em sua vida.

As portas herméticas abriram-se. Houve um fraco puxão de dedos fantasmagóricos, enquanto os últimos vestígios de ar escapavam, pressionando febrilmente o seu traje antes de se dispersarem no vazio. E então, liso e monótono, o vazio cinzento do Mar da Sede estendia-se até encontrar o horizonte.

Por um momento, pareceu impossível que aqui, a apenas alguns metros, estava a realidade por trás das imagens que estudara de uma grande distância no espaço.

(Quem estaria agora olhando através do telescópio de cem centímetros? Estaria um de seus colegas observando, nesse momento, de seu ponto acima da Lua?)

Mas não era uma figura pintada em uma tela por elétrons volantes: a estranha e amorfa matéria que engolira 22 homens e mulheres, sem deixar traços, era real. E Tom Lawson estava a ponto de se aventurar através dela neste veículo frágil.

Teve pouco tempo para meditar. O esqui vibrou quando as hélices começaram a girar; então, seguindo o Espanador Um, ele partiu para a face descoberta da Lua.

Os raios horizontais do sol nascente os atingiram assim que deixaram a longa sombra dos prédios de, Porto Roris. Mesmo com a proteção dos filtros automáticos, era perigoso olhar diretamente para a fúria branco-azulada no céu do leste. Não, corrigiu-se Tom, isto é a Lua, não a Terra, aqui o sol se ergue no oeste. Assim,

estamos nos dirigindo ao nordeste, para dentro de Sinus Roris, ao longo da trilha que o Selene seguiu e de onde não voltou.

Agora que as cúpulas baixas do Porto encolhiam visivelmente em direção ao horizonte, ele sentia a excitação e a alegria de todas as formas de velocidade. A sensação durou apenas alguns minutos, até que todas as marcas do terreno desapareceram e eles tiveram a ilusão de estar suspensos no centro de uma planície infinita. Apesar da agitação das hélices e da lenta e silenciosa queda das nuvens de pó, pareciam estar imóveis. Tom sabia que viajavam a uma velocidade que os levaria através do Mar em poucas horas; entretanto tinha de lutar contra o medo de que estivessem perdidos, a anos-luz de distância de qualquer esperança de salvação. Foi nesse exato momento que começou, um pouco tardiamente, a sentir um relutante respeito pelos homens com quem trabalhava.

Este era um bom lugar para começar a checar o equipamento. Ligou o detector e o deixou esquadrinhando à frente e atrás sobre a vastidão que acabavam de cruzar.

Notou, com satisfação, os dois rastros ofuscantes de luz estendendo-se para trás na escuridão do Mar. Este teste, sem dúvida, era infantilmente fácil; o desvanecente fantasma térmico do Selene seria um milhão de vezes mais difícil de localizar contra o calor crescente da aurora. Mas era encorajador. Se houvesse fracassado aqui, não haveria razão para continuar mais além.

– Como está funcionando? – indagou o engenheiro-chefe, que devia estar obser-  
vando do outro esqui.

– De acordo com as especificações – respondeu Lawson com cautela. – Parece comportar-se normalmente. – Apontou o detector para o minguante crescente da Terra, um alvo um pouco mais difícil, mas não problemático, já que necessitava de pouca sensibilidade para captar o suave calor do mundo terrestre quando projetado contra a noite fria do espaço.



Sim, lá estava a Terra no infravermelho; estranha e à primeira vista desconcertante, pois ela não era mais um crescente geometricamente perfeito, mas um cogumelo esfarrapado, com o caule estendido ao longo do equador.

Tom levou alguns segundos para interpretar a imagem. Ambos os polos haviam sido cortados. O que era compreensível, pois eram frios demais para serem detectados em qualquer ajuste da sensibilidade. Mas por que aquela projeção através do lado noturno e não-iluminado do planeta? Percebeu então estar observando o brilho quente dos oceanos tropicais, irradiando para a escuridão o calor que haviam armazenado durante o dia. No infravermelho, a noite equatorial era mais brilhante do que o dia polar.

Era um fato que nenhum cientista jamais deveria esquecer: os sentidos humanos percebem somente uma pequena e distorcida imagem do universo. Tom Lawson nunca ouvira a analogia de Platão sobre os prisioneiros acorrentados em uma caverna, observando sombras lançadas sobre as paredes e tentando deduzir, a partir delas, as realidades do mundo exterior. Mas aqui havia uma demonstração que Platão teria apreciado: Qual das terras era a "real"? O crescente perfeito, visível ao olho, ou o cogumelo esfarrapado, brilhando no infravermelho extremo? Ou nenhuma das duas?

O escritório era pequeno, mesmo para Porto Roris, que não passava de uma estação de trânsito entre o Lado Terrestre e o Lado Remoto, além de servir de trampolim para os turistas do Mar da Sede (que não tinham o aspecto de desejarem pular naquela direção por algum tempo).

O Porto conhecera um breve momento de glória, trinta anos atrás, como base de um dos poucos criminosos bem-sucedidos da Lua: Jerry Budker, que fizera uma pequena fortuna, comercializando pedaços falsos do Lunik II. Dificilmente seria tão excitante quanto Robin Hood ou Bil y, the Kid, mas era o melhor que a Lua podia oferecer.

Maurice Spencer estava satisfeito que Porto Roris fosse essa cidadezinha calma, embora suspeitasse que não o seria por muito tempo, especialmente quando seus colegas em Clavius despertassem para o fato de que o redator-chefe da Notícias Interplanetárias estava por lá, inexplicavelmente, sem se apressar em ir à cidade grande (população: 52.647). Um discreto telegrama para a Terra fora enviado aos seus superiores, que confiariam em seu julgamento e deduziriam qual a história que ele buscava. Mais cedo ou mais tarde, os seus concorrentes fariam a mesma dedução, mas a essa altura ele esperava estar muito à frente.

O homem com quem conversava era o capitão do Auriga, ainda desapontado, que passara uma hora complicada e insatisfatória ao telefone, falando com seus agentes em Clavius, numa tentativa de conseguir transporte para sua carga. McIver, McDonald, Macarthy e McCul och Ltd. pareciam considerar como uma falha dele o fato de o Auriga ter descido em Porto Roris. Desligou, por fim, depois de mandar que resolvessem com o escritório central. Como ainda era manhã de domingo em Edimburgo, isso os conteria por algum tempo.

O capitão Anson acalmou-se um pouco depois do segundo uísque. Afinal, valia a pena conhecer um homem capaz de encontrar um Johnnie Walker em Porto Roris, e ele perguntou como Spencer conseguira obtê-lo.

– O poder da imprensa – respondeu o outro, com uma risada. – Um repórter nunca revela as suas fontes. Se o fizer, não permanece na profissão por muito tempo.

Abriu a pasta e retirou um maço de mapas e fotos.

– Tive muito trabalho em conseguir isto em tão pouco tempo. Agradeceria a gentileza de não dizê-lo a ninguém. É extremamente confidencial, pelo menos por enquanto.

– Claro. É a respeito de quê? Do Selene?

– Então fez a mesma suposição? Você está certo. Pode dar em nada, mas eu quero estar preparado.

Espalhou as fotos sobre a mesa. Continham uma imagem do Mar da Sede, de uma série tirada por satélites de reconhecimento a baixa altitude e publicada pela Pesquisa Lunar. Embora fossem uma vista do entardecer e as sombras apontassem em direções opostas, eram quase idênticas ao que Spencer vira um pouco antes do pouso. Ele as estudara tão detidamente que as conhecia de cor.

– As Montanhas da Inacessibilidade – disse. – Elas se elevam de forma muito íngreme para fora do Mar, até uma altitude de quase dois mil metros. O oval negro é o Lago Cratera...

– Onde o Selene se perdeu?

– Onde pode estar perdido; há algumas dúvidas quanto a isso. O nosso jovem e sociável amigo de Lagrange tem provas de que afundou realmente no Mar da Sede, em torno desta área. As pessoas a bordo ainda podem estar vivas. E nesse caso, capitão, haverá uma tremenda operação de resgate a apenas cem quilômetros daqui. Porto Roris será o maior centro de novidades do sistema solar.

– Fiuu! E este é o seu jogo. Mas onde é que eu entro? Mais uma vez Spencer colocou o dedo sobre o mapa.

– Exatamente aqui, capitão. Eu quero alugar a sua nave. E quero que me instale com uma câmara e duzentos quilos de equipamento de TV na muralha oeste das Montanhas da Inacessibilidade.

– Eu não tenho mais perguntas, meritíssimo – disse o promotor Schuster, sentando-se abruptamente.

– Muito bem – respondeu o comodoro Hansteen. – Devo ordenar a testemunha que não deixe a jurisdição desta corte.

Em meio à gargalhada geral, David Barrett retornou ao seu assento. Representara bem o seu papel; embora suas respostas fossem sérias e bem pensadas, eram enriquecidas com pitadas de humor que mantinham a audiência continuamente interessada. Se todas as outras testemunhas fossem igualmente solícitas, isso resolveria o problema do entretenimento pelo tempo que fosse necessário. Mesmo que usasse todas as memórias de quatro

gerações por dia, sem dúvida uma completa impossibilidade, alguém ainda estaria falando quando o recipiente de oxigênio desse o seu último sopro.

Hansteen olhou para o relógio. Ainda tinham uma hora antes do lanche frugal.

Poderiam voltar para Os brutos também amam ou começar (a despeito das objeções da senhorita Morley) aquele ridículo romance histórico. Mas era uma pena interromper agora, quando todos estavam receptivos.

– Se todos concordam, chamarei outra testemunha.

– Tem o meu apoio – foi a resposta rápida de David Barrett, que se sentia a salvo agora de qualquer inquisição posterior. Até os jogadores de pôquer eram a favor; assim, o oficial de justiça pegou outro nome no pote de café onde todas as tiras de papel haviam sido misturadas.

Olhou-o com surpresa e hesitou antes de ler.

– Qual é o problema? – indagou a corte. – É o seu nome?

– Ah... não – respondeu o oficial, olhando para o promotor com um riso maldoso.

Limpou a garganta e chamou:

– Senhora Myra Schuster!

– Meritíssimo, eu protesto! – A senhora Schuster ergueu lentamente a sua figura formidável, embora houvesse perdido um quilo ou dois desde que deixara Porto Roris. Apontou para o marido, que parecia embaraçado e tentava se esconder por trás de suas notas.

– É justo que ele me faça perguntas?

– Eu me disponho a me sentar – disse Irving Schuster, antes mesmo que a corte pudesse dizer "objeção aceita".

– Estou preparado para realizar o interrogatório – disse o comodoro, embora sua expressão o desmentisse. – Existe mais alguém que se sinta qualificado para fazê-lo?

Houve um curto silêncio; em seguida, para alívio e surpresa de Hansteen, um dos jogadores de pôquer se levantou.

– Meritíssimo, embora eu não seja advogado, tenho alguma experiência jurídica.

Gostaria de ajudar.

– Muito bem, senhor Harding. A testemunha é sua.

Harding tomou o lugar de Schuster na parte frontal da cabine e observou a audiência fascinada. Era um homem atlético, de aparência dura, que de algum modo não se encaixava com a de um executivo de banco. Hansteen pensava, rapidamente, se isso seria verdade.

– Seu nome é Myra Schuster?

– Sim.

– E o que está fazendo na Lua a senhora Schuster? A testemunha sorriu.

– Esta pergunta é fácil. Eles me disseram que eu pesaria somente vinte quilos aqui.

Assim, eu vim.

– Apenas para registro, por que desejava pesar vinte quilos?

A senhora Schuster olhou para Harding como se ele houvesse dito algo muito tolo.

– Eu era uma dançarina – disse, e sua voz tornou-se subitamente melancólica, sua expressão distante. – Desisti, é claro, quando me casei com Irving.

– Por que "é claro", senhora Schuster?

A testemunha olhou para o marido, que se mexera, desconfortável; pareceu que ia fazer alguma objeção, mas então pensou melhor e ficou quieto.

– Oh, ele dizia que não era dignificante. Eu suponho que estivesse com a razão, tendo em vista o tipo de dança que eu costumava

fazer.

Isso foi demais para o senhor Schuster. Ele se levantou abruptamente, ignorando a corte, e protestou:

– Realmente, Myra! Não há necessidade de...

– Ora, *vector it out*, Irving! – respondeu ela, a gíria fora de moda trazendo de volta um tênue perfume dos anos noventa. – Que importância isso tem agora? Vamos parar de representar e ser nós mesmos. Eu não ligo para o fato de estas pessoas saberem que eu costumava dançar no Asteroide Azul ou que você me tirou da cadeia quando os tiras deram uma batida no lugar.

Irving sentou-se, resmungando, enquanto a corte se dissolvia com grandes gargalhadas, que Sua Excelência não fez nada para interromper. Esta liberação de tensões era exatamente o que ele esperava. Enquanto houvesse pessoas rindo, não precisava temer.

E começou a se admirar mais ainda com o senhor Harding, cujo questionamento casual, mas sagaz, produziu tudo isso. Para um homem que dizia não ser um advogado, ele estava se saindo muito bem. Seria interessante ver como se portaria no banco das testemunhas, quando fosse a vez de Schuster fazer as perguntas.

# Capítulo 11

Finalmente havia algo para quebrar a planura sem marcas do Mar da Sede. Uma estilha de luz, minúscula porém brilhante, despontara no horizonte enquanto os esquis de pó avançavam e agora subia lentamente contra as estrelas. Logo outra se reunia a ela e em seguida uma terceira. Os picos das Montanhas da Inacessibilidade erguiam-se sobre a borda da Lua.

Como de hábito, não havia meios de avaliar a distância até eles; poderiam ser pequenas rochas, a alguns passos dali, ou nem serem parte da Lua, e sim um gigantesco e acidentado mundo, a milhões de quilômetros no espaço. Na realidade eles estavam a cinquenta quilômetros de distância. Os esquis de pó chegariam lá em meia hora.

Tom Lawson olhou-os com gratidão. Agora havia algo com que ocupar seus olhos e sua mente. Sentira que enlouqueceria se tivesse que olhar esta planície aparentemente infinita por muito mais tempo. Estava aborrecido consigo mesmo por ser tão ilógico. Sabia que o horizonte estava muito próximo e que todo o Mar era apenas uma pequena parte da superfície bastante limitada da Lua. Todavia, ao sentar-se aqui, dentro de seu traje espacial, sem aparentemente chegar a parte alguma, lembrou-se daqueles sonhos horríveis, em que se luta com todas as forças para escapar de algum perigo tenebroso mas se permanece preso, inapelavelmente, no mesmo lugar. Tom frequentemente tinha tais sonhos, e outros piores ainda.

Mas agora podia notar que faziam progressos e que sua sombra longa e negra não estava mais congelada no solo, como às vezes parecia. Focalizou o detector nos picos emergentes e ficou impressionado. Como esperava, as rochas estavam quase no ponto de fervura, nas faces voltadas para o Sol. Embora o dia lunar tivesse apenas começado, as Montanhas já estavam queimando.

Era muito mais frio aqui ao "nível do Mar", onde a poeira superficial não atingiria a temperatura máxima antes do meio-dia, ainda a sete dias de distância no tempo. Este era um dos itens a seu favor; embora o dia já se iniciasse, ele ainda tinha uma chance razoável de detectar uma fraca fonte de calor antes que a fúria total do Sol a obliterasse.

Vinte minutos depois, as montanhas já dominavam o céu e os esquis reduziram para meia velocidade.

– Não queremos ultrapassar a trilha deles – explicou Lawrence. – Se olhar com cuidado, bem abaixo daquele pico duplo à direita, verá uma linha negra vertical.

Conseguiu?

– Sim.

– Aquilo é a garganta que leva ao Lago Cratera. A mancha de calor que detectou se encontra a três quilômetros a oeste, portanto fora do alcance da vista, abaixo do nosso horizonte. Em que direção quer se aproximar?

Lawson pensou sobre o assunto. Teria de ser do norte ou do sul. Caso se aproximassem do oeste, aquelas rochas ferventes ocupariam o seu campo de visão; pelo leste, a aproximação seria ainda mais difícil, pois estariam rumando na direção do centro do sol nascente.

– Girem para o norte – disse – e me avisem quando estivermos a dois quilômetros do ponto.

Os esquis aceleraram uma vez mais. Embora ainda não houvesse esperança de detectar alguma coisa, ele começou a esquadrihar de um lado a outro a superfície do Mar. Toda a missão estava baseada numa hipótese: as camadas superficiais de poeira eram normalmente uniformes em temperatura e qualquer distúrbio térmico seria devido à ação do homem. Se estivesse errado...

Estava errado. Calculara de maneira completamente inexata. Na tela de observação, o Mar era um desenho sarapintado de luz e



sombra, ou melhor, de calor e frio. As diferenças de temperatura atingiam apenas frações de um grau, mas a imagem estava inapelavelmente confusa. Não havia a menor possibilidade de localizar qualquer fonte individual em meio àquela colcha de retalhos térmica.

Sentindo-se mal, Tom Lawson ergueu os olhos da tela de observação e fitou incredulamente a poeira. A olho nu, continuava totalmente uniforme. Mas no infravermelho parecia tão mosqueada como um mar da Terra, durante um dia nublado, quando as águas são cobertas por desenhos mutáveis de sombra e luz solar.

Mas não havia nuvens aqui para lançarem suas sombras sobre este mar árido. O sombreado devia ter alguma outra causa. Qualquer que fosse, Tom estava muito chocado para procurar a explicação científica. Percorrera toda aquela distância até a Lua, arriscara o pescoço e a sanidade nessa corrida louca e, no final de tudo, alguma excentricidade da natureza arruinara seu experimento cuidadosamente planejado.

Era a pior sorte possível e ele teve muita pena de si mesmo.

Levou vários minutos antes de se sentir igualmente pesaroso pelas pessoas a bordo do Selene.

– Então – disse o capitão do Auriga com uma calma exagerada – o senhor gostaria de pousar nas Montanhas da Inacessibilidade? É uma idéia muito interessante.

Era óbvio, para Spencer, que o capitão Anson não o levara a sério. Talvez pensasse estar lidando com algum jornalista maluco que não tinha idéia dos problemas envolvidos. Isso seria correto há doze horas, quando todo o plano era somente um sonho vago na mente de Spencer. Mas agora, com toda a informação necessária na ponta da língua, sabia o que estava fazendo.

– Já o ouvi gabar-se, capitão, de que poderia pousar esta nave a um metro de qualquer ponto determinado. Isto é correto?

– Bem, com uma pequena ajuda do computador.

- É o suficiente. Agora dê uma olhada nesta fotografia.
- O que é isso? Glasgow, numa noite úmida de sábado?
- Talvez esteja mal ampliada, porém mostra tudo o que queremos saber. É uma ampliação desta área, exatamente abaixo do cume ocidental das Montanhas. Terei uma cópia melhor, dentro de algumas horas, e um mapa de relevo preciso. A Pesquisa Lunar está desenhando um agora, a partir de suas fotos de arquivo. Minha opinião é que existe uma saliência, aqui, larga o suficiente para uma dúzia de naves pousarem. E é razoavelmente plana, pelo menos nestes pontos. Assim, um pouso não apresentaria problemas, sob o seu ponto de vista.
- Nenhum problema técnico talvez. Mas tem idéia de quanto custaria?
- Isso é comigo, capitão, ou com a minha rede. Nós achamos que valerá a despesa, se meu palpite der certo.

Spencer podia ter dito muito mais; mas era mau negócio mostrar o quanto se necessita dos serviços de alguém. Esta poderia ser a história da década, o primeiro salvamento espacial a ocorrer literalmente debaixo dos olhos das câmaras de TV. Já aconteceram Deus sabe quantos desastres e acidentes no espaço, mas todos careceram dos elementos de drama e suspense. Os envolvidos haviam morrido instantaneamente ou estavam além de qualquer esperança de resgate. Semelhantes tragédias produziam manchetes, mas não histórias realmente interessantes como a que ele pressentia aqui.

- Não é apenas o dinheiro – disse o capitão, embora seu tom de voz mostrasse existirem poucas questões de maior importância. – Mesmo se os proprietários concordarem, você terá de conseguir uma permissão especial do Controle Espacial, Lado Terrestre.
- Eu sei, tenho alguém trabalhando lá agora. Isso pode ser conseguido.
- E quanto ao Loyd's? Nosso seguro não cobre pequenos pulos como este.

Spencer inclinou-se sobre a mesa, preparando-se para soltar a sua bomba arrasadora.

– Capitão – disse, lentamente. – Notícias Interplanetárias está preparada para depositar uma apólice no valor do seguro da nave, que por acaso eu sei ser em torno de 6.425.050 dólares esterlinos inflacionados.

O capitão Anson piscou duas vezes e a sua atitude mudou imediatamente. Então, parecendo muito pensativo, tomou outro drinque.

– Nunca imaginei que fosse fazer alpinismo em minha vida – disse – mas se o senhor é suficientemente tolo para arriscar seis milhões de dólares, então o meu coração está nas terras altas.

Para grande alívio de seu marido, a senhora Schuster teve seu depoimento interrompido pela hora do lanche. Era uma senhora muito loquaz e estava obviamente entusiasmada com a primeira oportunidade que tivera em anos para desabafar. Sua carreira não fora particularmente ilustre quando o destino e a polícia de Chicago a levaram a um súbito término, mas ela certamente tivera chance de circular no meio artístico e conhecera alguns dos grandes nomes da virada do século.

Para os passageiros mais velhos, suas memórias traziam de volta as lembranças de suas juventudes e frágeis ecos de canções de 1990. Em certo ponto, sem nenhum protesto da corte, ela liderou toda a companhia numa interpretação da eterna canção favorita Space-suit blues. Como levantadora do moral, concluiu o comodoro, a senhora Schuster valia seu peso em ouro, o que seria uma soma considerável.

Após a refeição (que os mais lentos conseguiram estender para meia hora ao mastigarem cinquenta vezes cada bocado), retomou-se a leitura de livros, e os partidários de A laranja e a maçã finalmente conseguiram seu intento.

Já que o tema era inglês, decidiu-se que o senhor Barrett era o único homem capaz para o trabalho. Ele protestou com vigor, mas todas as suas objeções foram silenciosas.

– Oh, muito bem – disse, relutantemente. – Aqui vamos nós. Drury Lane 1665...

A autora certamente não perdia tempo. Dentro de três páginas, sir Isaac Newton estaria explicando a lei da gravidade para a senhora Gwyn, a qual já demonstrara que gostaria de lhe dar algo em troca. A forma que tal retribuição tomaria era algo que Pat Harris já podia facilmente adivinhar, mas o dever o chamava. Esse entretenimento era para os passageiros, a tripulação tinha trabalho a fazer.

– Ainda resta um armário de emergência, que nós não abrimos – disse a senhorita Wilkins, enquanto a comporta fechava suavemente por trás deles, interrompendo o sotaque perfeito do senhor Barrett. – Estamos com escassez de geleia e bolachas, mas ainda há bastante carne em conserva.

– Não estou surpreso – respondeu Pat. – Todos parecem detestá-la. Vamos ver as listas de mantimentos.

A aeromoça passou-lhe as folhas datilografadas, agora cheias de anotações a lápis.

– Vamos começar com esta caixa. O que há dentro dela?

– Sabão e toalhas de papel.

– Bem, não podemos comê-los. E esta?

– Doces. Estava guardando-a para uma comemoração. Quando eles nos encontrarem.

– É uma boa idéia, mas acho que você deve distribuir alguns esta noite. Um para cada passageiro, como um tira-gosto antes de dormirem. E esta?

– Mil cigarros.

– Certifique-se de que ninguém os veja. Preferia que não tivesse me mostrado.

Pat sorriu para Sue e passou ao próximo item. Era óbvio que comida não seria o maior problema, mas tinham de manter um controle dos estoques. Conhecia os hábitos da Administração; depois que fossem salvos, um escriturário, humano ou eletrônico, insistiria num balanço preciso de todos os alimentos consumidos.

Depois que fossem salvos. Acreditaria ele que tal coisa realmente fosse acontecer?

Estavam perdidos há mais de dois dias e não havia o menor indício de que alguém os estivesse procurando. Não tinha certeza de que indícios seriam esses, mas esperava alguns.

Ainda pensava em silêncio, quando Sue perguntou ansiosa: – Qual é o problema, Pat? Há algo de errado?

– Oh, não – disse, com ironia. – Estaremos atracando na Base dentro de cinco minutos. Foi uma viagem agradável, não acha?

Sue olhou-o incrédula. Um rubor espalhou-se sobre suas faces e seus olhos começaram a derramar lágrimas.

– Desculpe – disse Pat, arrependido. – Eu não quis dizer isso. É uma grande tensão para nós dois e você tem sido maravilhosa. Não sei o que teria feito sem você, Sue.

Ela secou o nariz com o lenço e deu um breve sorriso.

– Tudo bem, eu entendo.

Ficaram silenciosos por um momento. Depois ela acrescentou: – Acha que vamos escapar disto?

– Quem sabe? – respondeu, com um gesto de desamparo. – De qualquer modo, pelo bem dos passageiros, temos que parecer confiantes. Podemos estar certos de que a Lua inteira nos procura. Não posso acreditar que levará muito tempo...

– Mesmo que nos achem, como vão nos tirar daqui? Os olhos de Pat desviaram-se para a porta externa, a somente alguns centímetros de distância. Podia tocá-la sem sair do lugar; realmente, se imobilizasse o fecho interno de segurança, poderia abri-la, já que ela girava para dentro. Do outro lado daquela fina folha de metal,

toneladas incontáveis de pó se derramariam como água em um navio soçobrando, se houvesse a mais estreita fenda através da qual elas pudessem entrar. A que distância estariam da superfície? Este era um problema que o preocupava desde o naufrágio, mas que parecia impossível de resolver.

Não poderia responder à pergunta de Sue. Era difícil pensar além da possibilidade de serem encontrados. Se tal acontecesse, certamente haveria um resgate. A raça humana não os deixaria morrer, se os descobrissem ainda vivos.

Mas isto era apenas um desejo. Centenas de vezes no passado homens e mulheres se encontraram presos, como eles, sem que todos os recursos das grandes nações pudessem salvá-los. Eram mineiros atrás de deslizamentos, marinheiros em submarinos afundados e, acima de tudo, astronautas de naves perdidas em órbitas descontroladas, além da possibilidade de intercessão. Frequentemente, conseguiram falar com seus parentes e amigos até o fim. Algo assim acontecera apenas dois anos atrás, quando o propulsor principal de Cassiopeia emperrara e todas as suas energias haviam se exaurido, lançando-a para longe do Sol. Ela estava lá fora agora, rumando para Canopus, em uma das órbitas mais conhecidas de qualquer veículo espacial. Os astrônomos seriam capazes de determinar-lhe a posição com uma precisão de alguns milhares de quilômetros no próximo milhão de anos. Isso devia ter sido um grande consolo para a sua tripulação, agora em uma tumba mais eterna do que a de qualquer faraó.

Pat afastou sua mente desse devaneio infrutífero. Sua sorte não se acabara ainda, e esperar um desastre poderia ser atraí-lo.

– Vamos acabar logo com isso. Quero ouvir como Nel está se saindo com Sir Isaac.

Era uma cadeia de pensamentos muito mais agradável, especialmente quando se está tão próximo de uma moça muito atraente e sumariamente vestida. Numa situação como esta, pensou Pat, as mulheres têm uma grande vantagem sobre os homens. Sue ainda parecia elegante, apesar do fato de que não

restara muito de seu uniforme neste calor tropical. Mas ele, como todos os homens a bordo do Selene, sentia a sua barba de três dias cocar desconfortavelmente, e não havia nada que pudesse fazer.

Sue pareceu não se importar com a barba quando ele abandonou seu pretenso trabalho e se aproximou tanto dela que seus pêlos roçaram-lhe a face. Por outro lado, ela não demonstrou o menor entusiasmo. Permaneceu imóvel em frente ao armário meio vazio, como se estivesse esperando por isso e não ficasse nem um pouco surpresa. Era uma reação desconcertante; depois de alguns segundos Pat se afastou.

– Suponho que me julgue um conquistador inescrupuloso – disse ele – que tenta se aproveitar de você.

– Não, particularmente – respondeu Sue, e riu de modo cansado. – Fico feliz em saber que não passo despercebida. Nenhuma garota se importa que um homem faça investidas. É quando ele não para que ela se aborrece.

– Você quer que eu pare?

– Não nos amamos, Pat. E para mim isso é importante. Mesmo agora.

– Ainda seria importante se soubesse que nunca sairemos daqui?

A testa dela se franziu.

– Não estou certa. Você mesmo disse que devemos presumir que vão nos encontrar. Se não, seria melhor desistir agora mesmo.

– Lamento – disse Pat. – Eu não a quero nesses termos. Gosto demais de você para isso.

– Fico feliz em escutar isso. Sabe que sempre gostei de trabalhar com você. Houve muitos outros empregos, para os quais eu podia ter me transferido.

– Má sorte sua, que não o fez – respondeu Pat. Seu breve ímpeto de desejo, provocado pela proximidade, solidão, trajes sumários e pura tensão emocional, já se dissipara.

– Agora está sendo pessimista novamente – disse Sue. – Sabe que este é o seu maior problema. Deixa-se abater facilmente e é incapaz de reivindicar seus direitos.

Qualquer um toma o seu lugar.

Pat olhou para ela com mais surpresa do que aborrecimento.

– Eu não tinha idéia – disse ele – de que você estivesse tão ocupada em fazer análise psicológica de mim.

– Não estou. Mas quando se está interessado em alguém e se trabalha com essa pessoa, não se pode deixar de aprender um bocado sobre ela.

– Bem, não acredito que outras pessoas estejam tomando o meu lugar.

– Não? Quem está dirigindo este barco agora?

– Se você se refere ao comodoro, isto é diferente. Ele é mil vezes mais qualificado para exercer o comando do que eu. E foi absolutamente correto a esse respeito; pediu a minha permissão.

– Ele não importa agora. De qualquer modo, a questão não é essa. Não está feliz de que ele tenha assumido o comando?

Pat pensou nisso por alguns segundos. Em seguida olhou para Sue com um respeito relutante.

– Talvez você tenha razão. Eu nunca me preocupei em impor minha vontade ou afirmar minha autoridade, se é que tenho alguma. Talvez porque eu seja o motorista de um ônibus lunar, não o capitão de uma nave de carreira. E agora é tarde para mudar.

– Você ainda não chegou aos trinta.

– Obrigado pela gentileza. Tenho 32 anos. Nós, os Harris, retemos nossa juventude e boa aparência até idade avançada. É geralmente tudo o que nos resta.

– Trinta e dois e nenhuma namorada firme?

Ah, pensou Pat, há várias coisas que você não sabe a meu respeito. Mas não adiantava mencionar Clarissa e seu pequeno apartamento



em Cidade Copérnico, que agora parece tão distante. (E como estaria Clarissa agora?, perguntou para si mesmo. Qual dos rapazes a estaria consolando? Talvez Sue esteja certa, apesar de tudo. Eu não tenho nenhum relacionamento duradouro, não tive nenhum desde Yvonne, e isto foi há cinco anos. Não, meu Deus, sete anos atrás.) – Acredito em segurança. Algum dia destes me acomodo – disse ele.

– Talvez continue a dizer isto quando tiver quarenta ou cinquenta anos. Há tantos espaçonautas assim. Não se acomodaram quando era tempo de se aposentar e agora é muito tarde. Veja o comodoro, por exemplo.

– O que tem ele? Já estou começando a me cansar deste assunto.

– Ele passou toda a sua vida no espaço. Não tem família nem filhos. A Terra não significa muito para ele, passou tão pouco tempo lá. Deve ter se sentido desamparado quando atingiu a idade limite. Este acidente é uma dádiva para ele, está realmente feliz agora.

– Ótimo, ele merece. Ficarei satisfeito se eu fizer um décimo do que ele já fez quando chegar a sua idade. O que não parece muito provável, no momento.

Pat deu-se conta de que estivera segurando as folhas do estoque, esquecido delas.

Eram uma lembrança de seus minguantes recursos e ele as olhou com desgosto.

– De volta ao trabalho – disse. – Temos de pensar nos passageiros.

– E se ficarmos aqui por mais tempo – respondeu Sue – os passageiros começarão a reparar em nós.

Ela não se deu conta de como suas palavras eram verdadeiras.

# Capítulo 12

O engenheiro-chefe decidiu que o silêncio do Dr. Lawson já se alongara demais.

Era hora de restabelecer a comunicação.

– Tudo bem, doutor? – perguntou com a sua voz mais fraterna.

Houve um som curto e agudo, mas a raiva era dirigida contra o universo, não contra ele.

– Não funciona – respondeu Lawson amargamente. – A imagem de calor está muito confusa. Existem dúzias de pontos quentes, não apenas o único que eu esperava.

– Pare o seu esqui. Quero dar uma olhada.

O Espanador Dois deslizou até parar; o Espanador Um moveu-se ao seu lado até que os dois veículos quase se tocaram. Movimentando-se com surpreendente desembaraço, apesar do estorvo do traje espacial, Lawrence saltou de um veículo para o outro e ficou de pé, agarrando-se aos suportes da capota superior, por trás do Dr. Lawson. Olhou por cima do ombro do astrônomo a imagem no conversor infravermelho.

– Vejo o que quer dizer. É uma confusão. Mas por que estaria uniforme quando tirou as fotos?

– Deve ser um efeito da aurora. O Mar está se aquecendo e por algum motivo não se aquece do mesmo modo em todas as partes.

– Talvez este desenho possa ter algum significado. Reparei que existem áreas razoavelmente claras, deve haver uma explicação para elas. Se entendermos o que está acontecendo, isto poderá ajudar.

Tom Lawson mexeu-se com grande esforço. A frágil concha de sua autoconfiança fora despedaçada pelo contratempo inesperado e ele estava muito cansado. Dormira muito pouco nos últimos dois dias,

fora arrastado do satélite à espaçonave, à Lua e ao esqui de pó, e depois de tudo a sua ciência falhara.

– Pode haver uma dúzia de explicações – disse secamente. – Esta poeira parece uniforme, mas podem existir trechos com condutividades diferentes. E ela deve ser mais profunda em certos lugares do que em outros; isto afetaria o fluxo de calor.

Lawrence ainda olhava para o desenho na tela, tentando relacioná-lo com a cena visual ao redor.

– Um instante. Acho que conseguiu alguma coisa – disse ele. Chamou a atenção do piloto. – Qual é a profundidade da poeira neste trecho?

– Ninguém sabe. O Mar nunca foi devidamente sondado. Mas é muito raso por aqui, estamos próximos da borda norte. Às vezes batemos com uma pá da hélice num recife.

– Tão raso assim? Bem, aí está a nossa resposta. Se existem rochas a alguns centímetros abaixo de nós, qualquer coisa poderia alterar o padrão de calor. Aposto dez contra um que verá esta imagem se tornar mais simples assim que estivermos fora dos baixios. Este é apenas um efeito local, causado por irregularidades bem embaixo de onde estamos.

– Talvez tenha razão – disse Tom, animando-se ligeiramente. – Se o Selene afundou, deve se encontrar em uma área onde a poeira é razoavelmente profunda. Tem certeza de que aqui é raso?

– Vamos descobrir. Há uma sonda de vinte metros no meu esqui.

Um único segmento da vara telescópica foi o suficiente para confirmar a suposição.

Quando Lawrence o empurrou no pó, penetrou menos de dois metros antes de atingir uma obstrução.

– Quantas hélices de reserva nós temos? – indagou, pensativo.

– Quatro. Dois conjuntos completos – respondeu o piloto. – Mas quando atingimos uma rocha, o pino se dobra e a lâmina não é danificada. De qualquer modo, elas são feitas de borracha e

geralmente apenas se curvam, voltando depois ao normal. Perdi apenas três no ano passado. O Selene perdeu uma outro dia e Pat Harris teve de sair e substituí-la. Deu aos passageiros um bocado de emoção.

– Está bem. Vamos nos mover novamente. Dirija-se para a garganta. Tenho uma teoria de que ela se prolonga sob o Mar; a poeira será muito profunda ali. Se for assim, a sua imagem imediatamente se tornará mais simples.

Sem muita esperança, Tom observou os desenhos de luz e sombra fluírem através da tela. Os esquis moviam-se bem devagar agora, dando-lhe tempo para analisar a imagem. Tinham viajado dois quilômetros quando percebeu que Lawrence estava absolutamente certo.

O malhado e sarapintado começava a desaparecer, a confusa mistura de calor e frio fundia-se em uniformidade. A tela tornava-se um cinza plano, enquanto as variações de temperatura se anulavam. Sem dúvida, a poeira aprofundava-se rapidamente debaixo deles.

A consciência de que seu equipamento era uma vez mais eficiente deveria deixar Tom satisfeito, mas o resultado foi quase o oposto. Ele só conseguia pensar nas profundezas ocultas, acima das quais flutuava, suportado por um dos meios mais instáveis e traiçoeiros. Abaixo, agora, podiam existir abismos estendendo-se profundamente no coração ainda misterioso da Lua. A qualquer momento, eles poderiam tragar o esqui de pó, assim como haviam engolido o Selene.

Sentia-se na corda bamba sobre o abismo ou então como se caminhasse numa trilha estreita em meio a areias movediças. Em toda a sua vida ele se sentira inseguro, buscando a confiança e a certeza apenas através de suas habilidades técnicas, nunca ao nível do relacionamento pessoal.

E agora os perigos da situação presente agiam sobre os medos interiores. Sentia uma desesperada necessidade de solidez, de algo

firme e estável a que pudesse agarrar-se.

E lá estavam as montanhas, a apenas três quilômetros de distância, maciças e eternas, com suas raízes profundamente cravadas na Lua. Olhou o santuário iluminado daqueles picos com a mesma ansiedade de um naufrago do Pacífico que avistasse, de sua balsa à deriva, uma ilha passando além do seu alcance.

De todo o coração, ele desejou que Lawrence abandonasse este oceano traiçoeiro e insubstancial de pó pela segurança da Terra. "Rume para as montanhas!", ele se percebeu sussurrando, "rume para as montanhas!"

Não existe privacidade num traje espacial quando o seu rádio está ligado. À cinquenta metros de distância, Lawrence ouviu o murmúrio e soube exatamente o que significava.

Ninguém se torna engenheiro-chefe de meio mundo sem saber tanto a respeito de homens quanto de máquinas. "Corri um risco calculado", pensou Lawrence, "e parece que perdi. Mas não vou desistir sem luta; talvez ainda possa desarmar esta bomba-relógio psicológica antes que detone."

Tom nem percebeu a aproximação do segundo esqui, perdido que estava em seu próprio pesadelo. Mas logo foi sacudido violentamente, tão violentamente que sua testa bateu no bordo inferior do capacete. Por um instante sua visão tornou-se ofuscada em meio a lágrimas de dor; depois com raiva, mas ao mesmo tempo sentindo um inexplicável alívio, encontrou-se olhando diretamente para os olhos decididos do engenheiro-chefe Lawrence e ouvindo sua voz reverberar dos fones do traje espacial.

– Basta dessa tolice – dizia o E.C. – Eu o farei se arrepender, se enjoar num dos nossos trajes espaciais. Cada vez que isso acontece nos custa quinhentos stollars para colocá-lo em condições de uso, e mesmo assim nunca mais volta ao normal.

– Eu não ia enjoar..– murmurou Tom. Então percebeu que a verdade era muito pior e sentiu-se grato a Lawrence por seu tato.

Antes que pudesse acrescentar algo mais, o outro prosseguiu, falando de modo firme mas gentil: – Ninguém mais pode nos ouvir, Tom; estamos no circuito do traje, agora. Assim, escute-me e não enlouqueça. Sei um bocado a seu respeito, e sei o quanto apanhou da vida. Mas você tem um cérebro, e um cérebro danado de bom; não o desperdice comportando-se como um menino assustado. Certo, todos nós somos crianças assustadas, uma vez ou outra, mas isto não é hora para semelhante coisa. Existem 22 vidas dependendo de você. Dentro de cinco minutos vamos decidir esta questão de um modo ou de outro. Fique de olho na tela e esqueça o resto. Vou tirá-lo daqui, tudo bem, portanto não se preocupe.

Lawrence bateu no traje, suavemente desta vez, sem tirar os olhos do rosto aflito do jovem cientista. Então, com um vasto sentimento de alívio, viu Lawson descontrair-se lentamente.

Por alguns instantes o astrônomo permaneceu imóvel, sem dúvida em completo controle sobre si mesmo, mas aparentemente ouvindo alguma voz interior. O que ela estaria lhe dizendo?, pensou Lawrence. Talvez ele fizesse parte da humanidade, embora ela o tivesse condenado àquele abominável orfanato, quando criança. Talvez em algum lugar do mundo existisse uma pessoa capaz de se importar com ele e de abrir caminho através do gelo que lhe incrustara o coração.

Era uma cena estranha, aqui, nesta planície espelhada, entre as Montanhas da Inacessibilidade e o sol nascente. Como navios imobilizados num mar morto e estagnado, os Espanadores Um e Dois flutuavam lado a lado, sem que seus pilotos percebessem o conflito de sentimentos que se desenrolara, embora dele tivessem certa noção. Ninguém, observando à distância, faria idéia dos valores em jogo, das vidas e destinos que tremiam na balança, e os dois homens envolvidos jamais tornariam a falar sobre isso.

De fato, já estavam preocupados com outra coisa, pois tomaram consciência, ao mesmo tempo, de uma situação altamente irônica.

Em todo o tempo que haviam permanecido ali, tão preocupados com seus próprios problemas, não observaram nenhuma vez o

detector infravermelho, que pacientemente exibira a imagem que buscavam.

Quando Pat e Sue completaram seu inventário e saíram da cozinha-comporta de pressão, os passageiros ainda se encontravam na Inglaterra da Restauração. A breve aula de física de Sir Isaac fora seguida, como facilmente se poderia prever, de uma lição de anatomia bem mais demorada de Nel Gwyn. A audiência se divertia, ainda mais que o sotaque inglês de Barrett estava agora a pleno vapor.

– Realmente, Sir Isaac, o senhor é um homem de grande sabedoria. Mas penso existir muita coisa que uma mulher possa lhe ensinar.

– Sobre o que, minha linda dama? Nel enrubesceu timidamente.

– Receio – sussurrou ela – que tenha dedicado sua vida aos assuntos da mente.

Esqueceu-se, Sir Isaac, de que o corpo também possui uma estranha sabedoria.

– Chame-me Ike – disse o sábio roucamente, enquanto seus dedos desajeitados puxavam os laços da blusa de Nel .

– Não aqui no palácio! – protestou ela, sem fazer esforço para contê-lo. – O rei logo estará de volta!

– Não se alarme, minha formosa. Charles está fanfarrando com aquele escriba Pepys. Não o veremos esta noite...

Se eu conseguir escapar desta, pensou Pat, devo mandar uma carta de agradecimentos àquela estudante de 17 anos em Marte, que se supõe tenha escrito essa tolice. Ela mantém todos divertidamente distraídos, e isto é o que importa agora.

Não. Havia alguém que positivamente não estava se divertindo. Pat ficou desconfortavelmente ciente de que a senhorita Morley tentava atrair a sua atenção.

Lembrando-se de suas tarefas como comandante, voltou-se para ela e deu-lhe um sorriso tranquilizador, embora um tanto forçado.

Ela não retribuiu e sua expressão se tornou ainda mais sombria. Lenta e deliberadamente, olhou para Sue Wilkins e em seguida para Pat.

Não havia necessidade de palavras. Ela dissera tão claramente quanto se gritasse a plenos pulmões: "Eu sei o que vocês andaram fazendo lá na cozinha."

Pat sentiu o rosto queimar de indignação, a justa indignação de um homem acusado sem motivo. Por um momento, sentou-se rijo em seu assento, enquanto o sangue lhe subia à face. Então, murmurou para si mesmo: "Eu vou lhe mostrar, sua velha cadela."

Levantou-se e concedeu à senhorita Morley um sorriso de venenosa brandura; depois falou suficientemente alto para que ela ouvisse: – Senhorita Wilkins, acho que nos esquecemos de algo. Quer voltar comigo para a cozinha?

Enquanto a comporta se fechava atrás deles, interrompendo a narrativa do incidente que lançava as mais graves dúvidas quanto à paternidade do duque de St.

Albans, Sue Wilkins olhou-o intrigada.

– Você viu aquilo? – disse ele, ainda fervendo de raiva.

– Vi o quê?

– A senhorita Morley...

– Ah – interrompeu Sue. – Não se aborreça com ela, coitada. Está de olho em você desde que deixamos a base. Sabe qual o problema dela?

– Qual é? – indagou Pat, ainda incerto quanto à resposta.

– Suponho que possa se chamar de virgindade encruada. É uma queixa comum e os sintomas são sempre os mesmos. Só existe uma cura para isso.



Os caminhos do amor são estranhos e tortuosos. Há apenas dez minutos Pat e Sue deixaram a comporta, ambos decididos a permanecer num estado de casta afeição.

Mas, agora, a improvável aliança entre a senhorita Morley e Nel Gwyn, o sentimento de que deviam ser condenados ao menos por um motivo justo, bem como o impulso instintivo de seus corpos de que, a longo prazo, o amor era a única defesa contra a morte, uniam-se para dominá-los. Por um momento ficaram imóveis no minúsculo e abarrotado espaço da cozinha, e então, sem saber quem fizera o primeiro movimento, viram-se nos braços um do outro.

Sue teve apenas tempo para uma frase, antes que os lábios de Pat a silenciassem: – Não aqui – sussurrou – no palácio!

# Capítulo 13

O engenheiro-chefe Lawrence fitou a tela tenuemente brilhante, tentando ler sua mensagem. Como todos os engenheiros e cientistas, ele passara uma parte apreciável de sua vida olhando imagens pintadas por elétrons velozes, a registrarem eventos muito grandes ou muito pequenos, resplandecentes ou fracos demais para serem vistos por olhos humanos. Passaram-se mais de cem anos desde que o tubo de raios catódicos colocara o mundo invisível ao alcance do homem, e agora eleja se esquecera do tempo em que o tivera fora de seu controle.

A duzentos metros de distância, de acordo com o esquadrinhador infravermelho, um trecho levemente mais aquecido estendia-se sobre a face do deserto poeirento.

Era quase circular e bastante isolado; não havia outras fontes de calor em todo o campo de visão. Apesar de bem menor do. que o ponto que Lawson fotografara em Lagrange, estava na área-certa. Existiam poucas dúvidas de que não fosse a mesma, coisa.

Não havia provas, no entanto, de que era o que buscavam. Poderia haver muitas outras explicações: talvez marcasse o local de um pico isolado, projetando-se das profundezas até quase a superfície do Mar. Só havia um meio de descobrir.

– Fique aqui – disse Lawrence. – Eu vou na frente com o Espanador Um. Diga-me quando eu estiver exatamente no centro da mancha.

– Acha que pode haver perigo?

– Não é provável, mas não há razão para que ambos corramos o risco.

Lentamente, o Espanador Um deslizou até a mancha que brilhava enigmáticamente, tão clara no sensor infravermelho, mas tão invisível a olho nu.

– Um pouco para a esquerda – ordenou Tom. – Mais alguns metros, está quase lá. Ooa!

Lawrence olhou para a poeira cinzenta na qual seu veículo flutuava. À primeira vista parecia tão homogênea como qualquer outra porção do Mar; então, enquanto olhava mais de perto, viu algo que o deixou arrepiado.

Quando examinada muito atentamente, como ele o fazia agora, a poeira exibia um desenho em preto e branco, extremamente fino. E esse desenho se movia: a superfície do Mar arrastava-se muito lentamente em sua direção, como se soprada por uma brisa imaterial.

Lawrence não gostou nem um pouco. Na Lua aprende-se a ter cuidado com o anormal e o inexplicado, pois geralmente indicam que alguma coisa está errada ou logo vai estar. Essa poeira lentamente rastejante era perturbadora e sinistra. Se um barco já afundara aqui, uma vez, algo tão pequeno quanto um esqui correria perigo ainda maior.

– Melhor manter-se afastado – ele alertou o Espanador Dois. – Há algo estranho aqui; eu não entendo.

Descreveu cuidadosamente o fenômeno a Lawson, que pensou e respondeu quase imediatamente:

– Você diz que é como uma fonte de pó? Pois é exatamente isto. Já sabemos que existe uma fonte de calor aí, suficientemente poderosa para iniciar uma corrente de convecção.

– O que seria? Não pode ser o Selene.

Sentiu uma onda de decepção sufocá-lo. Tudo não passara de uma corrida louca, como temera desde o início. Algum bolsão de radioatividade ou um afloramento de gases quentes liberados pelo terremoto iludira seus instrumentos e o arrastara para esse local desolado. Quanto mais cedo partissem, melhor; ainda poderia ser perigoso.

– Espere um minuto – disse Tom. – Um veículo com uma quantidade razoável de maquinaria e 22 passageiros produz um bocado de calor. Três ou quatro quilowatts, no mínimo. Se esta poeira estava em equilíbrio, pode ter sido o suficiente para iniciar uma fonte.

Lawrence achou bastante improvável, mas agora estava disposto a se agarrar ao menor fio de esperança. Apanhou a fina sonda de metal e a impulsionou verticalmente na poeira. De início, ela penetrou quase sem resistência, mas, quando as extensões telescópicas se adicionaram ao seu comprimento, tornou-se cada vez mais difícil movê-la. Ao atingir o total de vinte metros, foi necessário empregar toda a sua força a fim de empurrá-la para baixo.

A extremidade superior da sonda desapareceu na poeira e ele não atingiu nada, mas dificilmente teria esperado obter sucesso na primeira tentativa. Teria que fazer o trabalho de modo científico, estabelecendo um modelo de busca.

Depois de alguns minutos de manobras para a frente e para trás, entrecruzara a área com fitas paralelas de plástico branco, em intervalos de cinco metros. Como um fazendeiro dos velhos tempos ao plantar batatas, Lawrence começou a se mover ao longo da primeira fita, empurrando sua sonda na poeira. Era um trabalho lento, pois tinha de ser feito escrupulosamente. Sentia-se como um cego, tateando com sua bengala fina e flexível. Se o que buscava estivesse além do alcance da bengala, deveria pensar em alguma outra coisa. Mas preferia lidar com esse problema, quando chegasse a hora.

Dez minutos depois, enquanto pesquisava, cometeu um deslize. Precisava de ambas as mãos para operar a sonda, principalmente nas proximidades do limite da extensão. Empurrava com toda a sua força, inclinado sobre a borda do esqui, quando escorregou e caiu de cabeça na poeira.

Pat tomou consciência da mudança de atmosfera assim que saiu da comporta. A leitura de A laranja e a maçã terminara algum tempo atrás e se desenvolvia numa discussão acalorada, interrompida assim que ele entrou na cabine. Houve um silêncio embaraçoso enquanto observava a cena. Alguns dos passageiros olhavam-no pelo canto dos olhos, enquanto outros fingiam ignorar sua presença.

– Bem, comodoro – disse Pat. – Qual é o problema?

– Há uma sensação geral – respondeu Hansteen – de que não estamos fazendo tudo o que poderíamos para escapar. Já expliquei que não temos outra alternativa senão esperar até que alguém nos encontre, mas nem todos concordam.

Era inevitável que isso acontecesse mais cedo ou mais tarde, pensou Pat. À medida que o tempo se esgotava e não surgiam sinais de salvamento, os nervos começaram a fraquejar e o medo se apoderou de todos. Logo surgiram apelos à ação, qualquer ação, sendo contra a natureza humana ficar de braços cruzados diante da morte.

– Já discutimos isto anteriormente – falou cansado. – Estamos no mínimo a dez metros de profundidade e mesmo que abrissemos a comporta ninguém chegaria à superfície devido à resistência do pó.

– Tem certeza disso? – perguntou alguém.

– Absoluta – respondeu Pat. – Já tentou nadar através da areia? Não iria muito longe.

– Que tal tentar os motores?

– Eu duvido que nos empurrem por um centímetro. E, mesmo que o fizessem, nos moveríamos para a frente, não para cima.

– Podemos todos ficar na traseira, nosso peso levantaria a proa.

– É a tensão sobre o casco que me preocupa – disse Pat. – Suponha que eu dê partida nos motores; seria como ir de cabeça contra uma parede de tijolos. Deus sabe o dano que poderia causar.

– Mas há uma chance de que funcione. Não vale a pena arriscar?

Pat olhou para o comodo, sentindo-se aborrecido por não ter o seu apoio.

Hansteen o encarou de volta como se dissesse: "Cuidei disso até aqui, agora é a sua vez." Bem, era justo, principalmente depois do que Sue dissera. Era tempo de se apoiar em seus próprios pés ou, no mínimo, provar que poderia fazê-lo.

– O risco é muito grande – disse secamente. – Estaremos perfeitamente seguros aqui por mais quatro dias, no mínimo. Muito antes disso seremos encontrados. Assim, para que arriscar tudo numa chance em um milhão? Se este fosse o nosso único recurso eu diria sim, mas não agora.

Passou os olhos pela cabine, desafiando alguém a discordar. Enquanto o fazia, não podia evitar o olhar da senhorita Morley, nem tentou. Mesmo assim foi com muita surpresa e embaraço que a ouviu dizer:

– Talvez o capitão não tenha pressa de partir. Reparei que não o temos visto muito, nem a senhorita Wilkins.

Porque, sua vaca pretenciosa, pensou Pat, porque ninguém em seu juízo perfeito...

– Espere, Harris! – gritou o comodo em tempo. – Eu cuidarei disso.

Era a primeira vez que Hansteen se impunha; até o momento se comportara de modo brando e indolente, ficando em segundo plano e deixando Pat fazer seu trabalho. Agora, porém, eles ouviam a voz autêntica da autoridade, como um toque de cometa através de um campo de batalha. Este não era um astronauta aposentado falando; era o comodo do espaço.

– Senhorita Morley – disse – esta foi uma observação muito tola e inconveniente. Apenas o fato de estarmos todos vivendo sob considerável tensão pode desculpá-la. Acho que deve pedir desculpas ao capitão.

– É verdade – insistiu ela, teimosamente. – Peça a ele que negue, se puder.

O comodoro Hansteen não perdera a calma em trinta anos e não tinha a intenção de perdê-la agora, mas sabia quando era necessário fingir e um pouco de simulação seria necessário neste caso. Não estava somente furioso com a senhorita Morley, estava aborrecido com Pat por sentir que ele os deixara em má situação. Obviamente poderia não haver nenhuma verdade nas acusações de Morley, mas Pat e Sue perderam muito tempo para fazer um trabalho simples. Existem ocasiões em que a aparência de ser inocente é quase tão importante quanto a inocência em si.

Lembrou-se de um provérbio chinês muito antigo: "*Não se abaixe para amarrar os sapatos na plantação de melões do vizinho.*"

– Eu não dou a mínima importância – disse com sua voz mais causticante – ao relacionamento, se existe algum, da senhorita Wilkins com o capitão. Isso é problema deles e enquanto fizerem suas tarefas de modo eficiente não temos o direito de interferir. Está sugerindo que o capitão Harris não cumpre as suas obrigações?

– Bem, eu não diria isso.

– Então, por favor, não diga nada. Já temos problemas demais em nossas mãos; não precisamos criar outros.

Os demais passageiros escutavam, com o misto de embaraço e satisfação que a maioria dos homens sente ao ouvir uma disputa na qual não tomam parte. Embora, em certo sentido, isso se relacionasse com todos a bordo do Selene por ser o primeiro desafio à autoridade, o primeiro indício de que a disciplina se fragmentava.

Até o momento o grupo permanecera unido num todo harmonioso, mas agora uma voz se erguera contra os velhos da tribo.

A senhorita Morley poderia ser uma solteirona neurótica, mas também era dura e obstinada. O comodoro percebia, com

compreensível desagrado, que ela se preparava para dar uma resposta.

Mas ninguém jamais soube o que ela tencionava dizer, pois naquele momento a senhora Schuster soltou um grito à altura de suas dimensões.

Quando um homem cai na Lua, ele geralmente tem tempo para fazer alguma coisa, pois seus nervos e músculos são construídos para lidarem com uma gravidade seis vezes maior. Entretanto, quando o engenheiro-chefe Lawrence caiu de seu esqui, a distância era curta demais para que ele tivesse tempo de reagir. Quase instantaneamente, atingiu a poeira e foi engolfado pela escuridão.

Não conseguia ver nada, exceto a fluorescência muito fraca do painel de instrumentos iluminado, dentro de seu traje. Com extremo cuidado, começou a tatear ao redor, através daquela substância semi-líquida e suavemente resistente na qual se debatia, buscando algum suporte sólido. Não havia nada, nem mesmo um indício de qual direção seria para cima.

Um desespero que parecia sugar toda a força de seu corpo quase o dominou. Seu coração estrondava com aquela batida errática que anuncia a chegada do pânico, da derrubada final da razão. Já vira outros homens se transformarem em animais a gritar e se debater e sabia estar quase a ponto de agir como um deles.

Com o mínimo que restava de sua mente racional pôde se recordar de que há apenas alguns minutos ele salvara Lawson de um destino semelhante. Mas não se encontrava em situação de apreciar a ironia. Precisava concentrar toda a sua força para manter o autocontrole, freando as batidas em seu peito que o ameaçavam despedaçar.

Em seguida, alto e claro no fone de seu capacete, chegou um som tão inesperado que as ondas do pânico pararam de quebrar-se na ilha de sua alma. Era Tom Lawson rindo.

Uma risada breve, seguida de um pedido de desculpas.



– Lamento, senhor Lawrence, não pude evitá-lo. O senhor parecia tão engraçado, sacudindo as pernas para o céu.

O engenheiro-chefe gelou dentro de seu traje. O medo desapareceu instantaneamente, cedendo lugar à raiva. Estava furioso com Lawson, porém muito mais irritado consigo mesmo.

Sem dúvida não estivera em perigo. Ele era, em seu traje inflado, como um balão flutuando sobre a água, igualmente incapaz de afundar. Agora que sabia o que lhe acontecera podia se ajeitar sozinho. Chutou decididamente com as pernas e remou com as mãos, até girar em torno de seu centro de gravidade. E a visão retornou, com a poeira escorrendo de seu capacete. Afundara no máximo dez centímetros e o esqui estivera ao seu alcance o tempo todo. Foi uma proeza tê-lo deixado escapar enquanto se agitava como um polvo embaraçado com os seus tentáculos.

Reunindo tanta dignidade quanto possível, apoiou-se no esqui e se arrastou para bordo. Não confiava em si mesmo para falar; ainda estava sem fôlego devido ao esforço desnecessário. Se o fizesse, sua voz trairia o pânico recente. E ainda sentia raiva; não era tão tolo nos dias em que trabalhava constantemente na superfície lunar. Agora estava sem prática, pois a última vez que usara uma roupa espacial fora durante o teste anual de capacidade e mesmo assim não saíra da câmara de descompressão.

De volta ao esqui, continuou as sondagens, enquanto a mistura de ódio e medo evaporava-se lentamente. Foi substituída por um estado pensativo, no qual refletia o quanto (gostasse ou não) os acontecimentos da última meia hora haviam-no ligado a Lawson. Era verdade que o astrônomo rira enquanto ele se agitava na poeira, mas devia ter sido um espetáculo irresistivelmente cômico. E Lawson pedira desculpas.

Um curto espaço de tempo atrás, ambos, riso e desculpa, teriam sido igualmente impensáveis.

E então Lawrence esqueceu-se de tudo, quando a sua sonda atingiu um obstáculo, 15 metros abaixo.

# Capítulo 14

A primeira reação do comodoro Hansteen quando a senhora Schuster gritou foi: "Meu Deus, a mulher ficou histérica." Meio segundo depois, precisou de toda a sua força de vontade para não se unir a ela.

Do lado de fora do casco, onde durante três dias só se ouvira o deslizar da poeira, surgiu finalmente um outro ruído. Era inconfundível, assim como o seu significado: alguma coisa metálica arranhava o casco.

Instantaneamente, a cabine encheu-se de gritos, aplausos e exclamações de alívio.

Com considerável dificuldade, Hansteen conseguiu se fazer ouvir.

– Eles nos encontraram – disse. – Mas podem não saber disso. Se todos trabalhar-mos juntos haverá uma chance maior de que nos localizem. Pat, você tenta o rádio. O resto de nós vai bater no casco. O velho sinal V em código Morse: Da, Da, Da, De. Vamos, todos juntos!

O Selene reverberou com uma saraivada desconexa de pontos e traços, que lentamente se sincronizou num único toque.

– Parem! – comandou Hansteen, um minuto depois. – Escutem todos, cuidadosamente.

Depois do ruído, o silêncio era sinistro, enervante. Pat desligara as bombas de ar e os ventiladores de modo que o único som a bordo do Selene era a batida de 22 corações.

O silêncio se arrastou. Será que aquele ruído, depois de tudo, não passara de alguma contração e expansão do casco do Selene? Ou teria o grupo de salvamento, sé havia um, deixado de percebê-los, prosseguindo através da face vazia do Mar?

Abruptamente, o arranhar voltou. Hansteen refreou o entusiasmo renovado com um aceno de sua mão.

– Ouçam, pelo amor de Deus! Vamos ver se conseguimos descobrir o que é – suplicou.

O ruído durou apenas alguns segundos antes de ser seguido, uma vez mais, pelo silêncio torturante. Em seguida, alguém falou baixinho, mais para quebrar o suspense do que para dar qualquer contribuição útil.

– Soava mais como um fio sendo arrastado. Talvez estejam arrastando uma rede à nossa procura.

– Impossível – respondeu Pat. – A resistência seria muito grande, principalmente nesta profundidade. É mais provável que seja uma vara sondando.

– De qualquer modo – disse o comodoro – há uma equipe de buscas a alguns metros de nós. Vamos dar-lhe outro toque. Uma vez mais, todos juntos.

– DaDaDaDe...

– DaDaDaDe...

Através do duplo casco e para fora, em meio à poeira, pulsava a fatídica abertura da Quinta sinfonia de Beethoven, tal como um século atrás soara através da Europa ocupada. No assento do piloto, Pat Harris repetia com desesperada insistência: " Selene chamando, estão me ouvindo? Câmbio", então esperava, por eternos 15 segundos antes de repetir a transmissão. Todavia, o espaço celeste permanecia silencioso, como estivera desde que a poeira os engolira.

A bordo do Auriga, Maurice Spencer olhou ansioso para o relógio.

– Maldição! – praguejou. – Aqueles esquis já devem estar lá há muito tempo.

Quando foi a última mensagem?

– Há 25 minutos – respondeu o oficial de comunicações. – Aquele relatório a cada meia hora deve vir logo, tenham ou não encontrado algo.

– Tem certeza de que está ouvindo na frequência certa?

– O senhor cuida do seu negócio que eu cuido do meu – respondeu indignado o operador de rádio.

– Desculpe – replicou Spencer, que há muito aprendera quando era hora de se desculpar rapidamente. – Acho que meus nervos estão estourando.

Levantou-se da poltrona e começou a andar pela minúscula sala de controle do Auriga. Depois de esbarrar dolorosamente num painel de instrumentos (não se acostumara ainda com a gravidade lunar e começava a duvidar que algum dia o conseguisse), recuperou o controle mais uma vez.

Esta era a pior parte de seu trabalho: a espera até saber se tinha ou não uma história. Já investira uma pequena fortuna em despesas; isso não era nada, comparado à conta que se acumularia, se desse ordens ao capitão Anson de ir adiante. Porém, neste caso, suas preocupações terminariam, pois ele teria o seu furo de reportagem.

– Aqui estão eles – disse o radioperador subitamente. – Dois minutos antes do tempo. Alguma coisa aconteceu.

– Atingi alguma coisa – advertiu Lawrence, laconicamente. – Mas não posso dizer o que é.

– Qual a profundidade? – indagaram Lawson e os pilotos ao mesmo tempo.

– Uns 15 metros abaixo. Leve-me dois metros à direita. Vou tentar novamente.

Recolheu a sonda e a impulsionou mais uma vez quando o esqui se moveu para a nova posição.

– Ainda aqui – relatou. – E na mesma profundidade. Leve-me por mais dois metros.

Agora o obstáculo se fora ou encontrava-se a uma profundidade além do alcance da sonda.

– Nada aqui. Leve-me de volta na outra direção. Seria um trabalho lento e cansativo até determinarem os contornos do que quer que estivesse sepultado lá embaixo. Através de semelhante método tedioso, os homens haviam sondado, dois séculos atrás, os oceanos da Terra, baixando linhas com pesos até o leito do mar e puxando-as de novo. Era uma pena, pensou Lawrence, que não possuíssem uma sonda de eco que pudesse operar aqui, mas duvidava que ondas de rádio ou som pudessem penetrar mais do que alguns metros no pó.

Que imbecil! Devia ter pensado nisso antes! Era isso o que sucedera aos sinais de rádio do Selene. Se o barco fora engolido pela poeira, esta cobria e abafara todas as suas transmissões. Mas em tal extensão, se estavam realmente sobre o cruzador...

Lawrence ligou seu receptor na faixa Desastre lunar e lá estava o Selene, a gritar com sua voz metálica. O sinal era penetrantemente forte; o bastante, pensou ele, para ter sido captado em Lagrange ou Porto Roris. Então lembrou-se de que sua sonda metálica ainda se encontrava repousando sobre o casco submerso, dando às ondas de rádio um canal livre para a superfície.

Ficou quieto, ouvindo a fileira de pulsos por uns bons 15 segundos antes de reunir suficiente coragem para dar o próximo passo. Jamais esperara encontrar algo e mesmo agora a busca poderia ter sido em vão. O radiofarol automático chamaria por semanas, como uma voz da tumba, muito depois que todos os ocupantes do Selene estivessem mortos. Então, com um gesto abrupto de raiva, que desafiava o destino a fazer o pior, Lawrence mudou para a frequência do cruzador e quase ficou surdo com a voz de Pat Harris gritando:

– Selene chamando, Selene chamando. Podem me ouvir? Câmbio.

– Aqui Espanador Um – respondeu. – Engenheiro-chefe, Lado Terrestre, falando. Estou 15 metros acima de vocês. Estão todos

bem? Câmbio.

Levou algum tempo para discernir alguma coisa da resposta, tal era o fundo de gritos e palmas. Isto já era suficiente para lhe dizer que todos os passageiros estavam vivos e em bom estado. Ouvindo-os, poderia de fato imaginar que estavam dando alguma festa. Na alegria de serem descobertos e fazerem contato com a raça humana, eles pensavam que seus problemas estavam terminados.

– Espanador Um chamando Controle de Porto Roris – disse Lawrence, enquanto esperava que o tumulto diminuísse. – Encontramos o Selene e estabelecemos radio-contato A julgar pelo ruído lá dentro, estão todos bem. Está 15 metros abaixo, exatamente onde o doutor Lawson indicou. Chamarei vocês de novo em alguns minutos. Desligando.

Na velocidade da luz, ondas de alívio e alegria estariam agora se espalhando sobre a Lua, a Terra e os planetas interiores, trazendo uma súbita esperança aos corações de bilhões de pessoas. Em ruas e calçadas móveis, em ônibus e espaçonaves, estranhos iriam olhar um para o outro e dizer: "Já ouviu? Eles encontraram o Selene."

Em todo o sistema solar, havia apenas um homem que não compartilhava plenamente aquela alegria. Enquanto se sentava em seu esqui, ouvindo aqueles risos do subsolo e olhando para o desenho rastejante da poeira, o engenheiro-chefe Lawrence sentia-se mais assustado e desamparado que os homens e mulheres aprisionados sob seus pés. Pois ele sabia estar enfrentando a maior batalha de sua vida.

# Capítulo 15

Pela primeira vez em 24 horas, Maurice Spencer podia relaxar. Fizera-se tudo o que era possível. Homens e equipamentos já se moviam em direção a Porto Roris. (Sorte que Jules Braques estava em Clavius; era um dos melhores câmaras no ramo e eles frequentemente trabalhavam juntos.) O capitão Anson fazia somas com o computador e olhava pensativo para os mapas de relevo das Montanhas. A tripulação (todos seis) fora retirada dos bares (todos três) e informada de que houvera outra mudança de rota. Na Terra, pelo menos uma dúzia de contratos fora assinada e tele-transmitida, e largas somas em dinheiro já mudavam de dono. Os magos financeiros de Notícias Interplanetárias estavam calculando, com precisão científica, a soma exata que deveriam cobrar das outras agências pela história, sem incentivá-las a alugar as suas próprias naves; o que não era muito provável, devido à grande dianteira tomada por Spencer. Nenhum competidor, possivelmente, poderia chegar às Montanhas em menos de 48 horas; ele estaria lá em seis.

Sim, era muito agradável descansar na calma e confiança de que tudo se encontrava sob controle e caminhando do modo desejado. Eram estes interlúdios que faziam com que a vida valesse a pena ser vivida e Spencer sabia como aproveitá-los. Eles eram a sua panaceia contra úlceras – ainda, depois de um século, a doença ocupacional da indústria da comunicação.

Era típico de Spencer, contudo, relaxar-se no trabalho. Estava reclinado com um drinque numa das mãos, o prato de sanduíches na outra, na pequena sala de observação do prédio do embarcadouro. Através das duplas chapas de vidro, podia observar o minúsculo cais de onde o Selene zarpara há três dias. (Não havia como escapar de tais termos marítimos, apesar de inapropriados nesta situação.) Era simplesmente uma faixa de concreto

estendendo-se vinte metros para dentro da misteriosa planura de pó. Tombado sobre quase todo o seu comprimento, como uma gigantesca sanfona, encontrava-se o tubo flexível através do qual os passageiros haviam caminhado do Porto para o cruzador. Agora, aberto no vácuo, encontrava-se flácido e parcialmente desabado. Spencer não podia deixar de considerá-lo uma cena deprimente.

Olhou para o relógio e em seguida para o incrível horizonte. Se lhe perguntassem, teria calculado a sua distância como no mínimo de cem quilômetros, não dois ou três. Alguns minutos depois, uma cintilação de luz refletida atraiu a sua atenção. Lá estavam eles, subindo sobre a borda da Lua. Estariam aqui em cinco minutos; sairiam da comporta em dez. Tempo de sobra para terminar o último sanduíche.

O Dr. Lawson não pareceu reconhecê-lo quando Spencer o cumprimentou, o que não era surpreendente, pois a breve conversa entre ambos acontecera numa escuridão quase total.

– Dr. Lawson? Sou o redator-chefe de Notícias Interplanetárias. Posso gravar?

– Espere um minuto – interrompeu Lawrence. – Eu conheço o homem da Interplanetária, você não é Joe Leonard...

– Correto. Sou Maurice Spencer. Substituí o Joe na semana passada. Ele teve de se acostumar à gravidade terrestre novamente ou ficaria preso aqui pelo resto da vida.

– Bem, você é muito rápido. Faz somente uma hora que nós transmitimos a notícia.

Spencer achou melhor não mencionar que estivera ali a maior parte do dia.

– Gostaria de saber se posso gravar – repetiu. Era muito consciencioso a este respeito. Alguns jornalistas arriscam e vão gravando as conversas sem permissão, mas, se é apanhado, perde o emprego. E como redator-chefe, ele devia manter as regras, estabelecidas para salvaguardar sua profissão e o público.



– Não agora, se não se importa – disse Lawrence. – Tenho uma série de coisas para organizar, mas o Dr. Lawson ficará feliz em conversar com você. Ele fez a maior parte do trabalho e merece crédito. Pode ter certeza disso.

– Hã... obrigado – murmurou Tom, parecendo embaraçado.

– Vejo você depois – disse Lawrence. – Estarei no escritório do engenheiro local.

Mas você pode muito bem dormir um pouco.

– Não até que terminemos – corrigiu Spencer, agarrando Tom e levando-o em direção ao hotel.

A primeira pessoa que encontraram no salão de entrada de dez metros quadrados foi o capitão Anson.

– Eu o estava procurando, senhor Spencer – disse ele. – A União dos Trabalhadores do Espaço vai nos criar problemas. Sabe que há uma regra quanto ao intervalo de tempo entre duas viagens. Bem, parece que...

– Por favor, capitão, agora não. Leve isto ao Departamento Legal de Notícias Interplanetárias. Chame Clavius 1234 e peça para falar com Harry Dantzig. Ele cuidará de tudo.

Impulsionou o apático Tom Lawson escadaria acima (era curioso encontrar um hotel sem elevadores, mas eles eram desnecessários num mundo onde uma pessoa pesa apenas poucos quilos) e para dentro da suíte.

À parte o tamanho excessivamente pequeno e a completa ausência de janelas, a suíte poderia estar situada em qualquer hotel barato da Terra. As cadeiras simples, o sofá e a mesa eram fabricados com o mínimo de matéria-prima, geralmente fibra de vidro, pelo fato de o quartzo ser muito comum na Lua. O banheiro era convencional (um alívio, depois daqueles toaletes de queda-livre, cheios de truques), mas a cama tinha uma aparência um pouco desconcertante. Alguns visitantes da Terra sentiam dificuldade de

dormir em um sexto de gravidade; para benefício dessas pessoas, um lençol elástico poderia ser estendido sobre a cama e mantido preso por molas finas.

O arranjo dava um certo aspecto de camisas-de-força e celas acolchoadas.

Outro toque sombrio era o aviso atrás da porta, que anunciava em inglês, russo e chinês: "Este hotel possui pressurização independente. Em caso de falha, você estará perfeitamente seguro. Se isto acontecer, por favor permaneça em seu quarto e aguarde instruções. Obrigado."

Spencer já lera o aviso várias vezes e ainda pensava que a informação básica poderia ser transmitida de modo mais seguro e elegante. As frases não tinham charme.

E isso, concluiu, era o problema da Lua. A luta contra as forças da natureza fora tão violenta que não deixara nenhuma energia para a sofisticação. Era mais evidente no contraste entre a suprema eficiência dos serviços técnicos e a atitude indolente, tipo "ame ou deixe", encontrada em todas as outras facetas da vida. Se você se queixa dos serviços telefônicos, encanamentos ou ar (principalmente o ar), o problema é atendido em questão de minutos. Mas tente conseguir um atendimento rápido num restaurante ou num bar...

– Eu sei que está muito cansado – começou Spencer – mas gostaria de fazer-lhe algumas perguntas. Não se importa que eu grave, espero?

– Não – respondeu Tom, que há muito passara do estágio de se importar com alguma coisa. Estava caído numa cadeira, provando mecanicamente a bebida que Spencer servira, sem nem ao menos sentir-lhe o gosto.

– Aqui Maurice Spencer, Notícias Interplanetárias, falando com o Dr. Thomas Lawson. Doutor, tudo o que sabemos no momento é que o senhor e o engenheiro-chefe Lawrence, do Lado Terrestre, encontraram o Selene e que todos a bordo estão em segurança.

Talvez possa nos dizer, sem entrar em muitos detalhes técnicos, exatamente como... Com mil diabos!

Apanhou o copo que caía lentamente, sem derramar uma gota, e colocou o astrônomo já adormecido no sofá. Bem, não podia se queixar, este fora o único detalhe que não funcionara de acordo com o plano. E ainda assim estava em vantagem, pois ninguém poderia encontrar Lawson (muito menos entrevistá-lo) enquanto estivesse dormindo no que o Hotel Roris, com excelente senso de humor, chamava de suíte luxuosa.

Na cidade de Clavius, o comissário de Turismo conseguira finalmente convencer todos de que não havia favoritismo. Seu alívio ao saber da descoberta do Selene desaparecera quando a Reuter's, a Tempo Espacial, a Publicações Triplanetárias e a Notícias Lunares telefonaram seguidamente para perguntar como a Notícias Interplanetárias conseguira descobrir a história na frente de todos. Ela fora telegrafada antes mesmo de chegar ao quartel-general da Administração, graças à previdente escuta de Spencer, monitorando os rádios dos esquis de pó. Agora, sabendo-se o que acontecera, a suspeita de todos os outros serviços de notícias era substituída por uma franca admiração pela sorte e iniciativa de Spencer. Ainda demoraria um pouco para se darem conta de que ele tinha um truque ainda maior dentro de sua volumosa manga.

O Centro de Comunicações de Clavius conhecera muitos momentos dramáticos, mas este seria um dos mais inesquecíveis. Era, pensou o comissário Davis, quase como ouvir vozes do além-túmulo. Algumas horas atrás, todos esses homens e mulheres estavam presumivelmente mortos, e no entanto ei-los alinhados diante do microfone enterrado para transmitir mensagens tranquilizadoras aos seus amigos e parentes. Graças à sonda que Lawrence deixara como marco e antena, o cobertor de poeira de 15 metros não podia mais separá-los do resto da humanidade.

Os repórteres impacientes tinham de esperar até que houvesse uma interrupção nas transmissões do Selene para conseguirem suas

entrevistas. A senhorita Wilkins falava agora, ditando as mensagens que lhe eram passadas pelos passageiros. O

cruzador devia estar cheio de pessoas escrevendo em linguagem telegráfica nos versos de folhetos rasgados, tentando sintetizar o máximo de informação com o menor número possível de palavras. Nenhuma parte deste material, é claro, poderia ser citada ou reproduzida; era tudo particular, e os Correios Gerais de três planetas desencadeariam sua fúria contra qualquer jornalista suficientemente tolo para usá-la.

A bem da verdade, eles nem deveriam estar ouvindo o circuito, como o oficial de Comunicações seguidamente advertira cada vez mais indignado.

– ...diga a Martha, Jan e Ivy para não se preocuparem comigo. Estarei em casa logo. Pergunte ao Tom como ficou a negociação com Erickson e me informe quando ligar para mim. Com todo o meu amor. George. Fim da mensagem. Pegaram isto? Selene chamando. Câmbio.

– Central Lunar chamando Selene. Sim, temos tudo. Cuidaremos para que as mensagens sejam transmitidas e passaremos as respostas assim que elas chegarem. Posso falar com o capitão Harris? Câmbio.

Houve uma breve pausa, durante a qual os ruídos de fundo do cruzador podiam ser claramente ouvidos. O som de vozes reverberando ligeiramente no espaço fechado, o estalar de uma cadeira, um abafado pedido de desculpas e em seguida: – Capitão Harris chamando Central. Câmbio. O comissário Davis pegou o microfone.

– Capitão Harris, aqui é o comissário de Turismo. Eu sei que todos têm mensagens que desejam enviar, mas os serviços de notícias estão ansiosos para terem algumas palavras do senhor. Primeiramente, poderia nos dar uma breve descrição das condições dentro do Selene? Câmbio.

– Bem, está muito quente e usamos pouca roupa. Mas não creio que possamos nos queixar do calor, já que ajudou vocês a nos encontrarem. De qualquer modo, já nos acostumamos a ele. O ar ainda está bom e temos água e comida suficientes, embora o cardápio seja, digamos, um pouco monótono. Que mais querem saber? Câmbio.

– Pergunte a ele quanto ao moral, como os passageiros estão suportando tudo, se há sinais de tensão – disse o representante das Publicações Triplanetárias. O comissário de Turismo retransmitiu a pergunta com um pouco mais de tato. Ela pareceu causar um ligeiro embaraço no outro lado da linha.

– Todos se comportaram bem – disse Pat um tanto apressado. – É claro que todos perguntávamos quanto tempo levariam para nos resgatar. Pode nos dar alguma idéia quanto a isso? Câmbio.

– O engenheiro-chefe Lawrence está em Porto Roris agora, planejando a operação de resgate – respondeu Davis. – Assim que ele tiver uma estimativa, a passarei para vocês. Enquanto isso, como estão ocupando o tempo? Câmbio.

Pat contou, multiplicando enormemente o sucesso de Os brutos também amam e, com menos felicidade, deu um empurrão à frágil A laranja e a maçã. Fez ainda um relatório das sessões do tribunal, agora interrompidas sine die.

– Isso deve ter sido divertido – disse Davis – mas agora não precisarão mais depender de seus próprios recursos. Podemos transmitir o que desejarem, música, peças de radioteatro, debates. É só pedir que conseguiremos. Câmbio.

Pat respondeu com calma. A ligação de rádio já transformara suas vidas, trazendo-lhes esperança e colocando-os em contato com seus entes queridos. Todavia, de um certo modo, ele quase sentia que o isolamento estivesse terminado. O caloroso senso de solidariedade, que nem mesmo a explosão da senhorita Morley conseguira abalar, já era um sonho desvanecente. Eles não mais formavam um grupo unido, coeso na causa comum da

sobrevivência. Suas vidas divergiam novamente num punhado de objetivos e ambições. A humanidade os engolira uma vez mais, como o oceano absorvendo uma gota de chuva.

# Capítulo 16

O engenheiro-chefe Lawrence nunca acreditara que os comitês conseguissem alguma coisa. Seu ponto de vista era bem conhecido na Lua, pois logo após a visita bianual da Junta Lunar de Pesquisa, aparecera um quadro sobre a sua mesa transmitindo a informação: "Uma tábua é longa, dura e estreita. Ela é feita de madeira."

Entretanto, aprovara este comitê porque ele preenchia as suas severas exigências.

Ele era o presidente; não havia secretário, nem agenda, nem minuta. Melhor ainda, poderia aceitar ou ignorar as recomendações, como lhe agradasse. Era o homem encarregado das operações de salvamento, a não ser que o administrador-chefe resolvesse demiti-lo, algo que só poderia fazer em caso de pressões extremas da Terra. O comitê existia apenas como fonte de ideias, e conhecimento técnico constituía o seu monopólio cerebral particular.

Apenas meia dúzia de membros encontravam-se fisicamente presentes. O resto se espalhara pela Lua, Terra e espaço. O físico especializado em solos na Terra vivia em desvantagem, devido à velocidade finita das ondas de rádio que o colocavam num atraso de um segundo e meio. Quando suas observações atingissem a Lua, três segundos teriam se passado. Deste modo, recebera a recomendação de preparar notas e reservar seus comentários para o final, somente interrompendo se fosse absolutamente necessário. Como muitas pessoas haviam descoberto, depois de estabelecer uma conferência lunar com grandes despesas, nada prejudica mais uma discussão animada do que um retardo de três segundos.

– Para benefício dos recém-chegados – disse Lawrence, quando a lista de chamada terminou – farei um breve relatório da situação. O Selene está a 15 metros de profundidade, com a quilha na horizontal. Ela não sofreu danos e todo o seu equipamento funciona. Todas as 22 pessoas a bordo estão com um ânimo

excelente. Há oxigênio suficiente para noventa horas. Este é o limite que devemos ter em mente.

– Para os que, dentre vocês, não conhecem o Selene, aqui está um modelo em escala um por vinte. – Levantou o modelo da mesa e girou-o lentamente, diante da câmara. – Ele é como um ônibus ou um pequeno avião, a única diferença é seu sistema de propulsão, que utiliza hélices de passo variável e lâmina larga. O nosso maior problema, evidentemente, é a poeira. Quem nunca a viu não pode imaginar como é. Qualquer idéia baseada em areia ou outros materiais da Terra não se aplica neste caso. Ela se parece mais com um líquido. Eis uma amostra.

Lawrence apanhou um cilindro vertical, cuja terça parte inferior encontrava-se cheia de uma substância cinzenta amorfa. Inclinou o cilindro e o material começou a fluir. Movia-se mais rapidamente que melado, mais lento que água e levou alguns segundos para que sua superfície se tornasse novamente horizontal, após ter sido perturbada. Ninguém poderia supor, unicamente com o olhar, que aquilo não fosse um fluido.

– Este cilindro encontra-se lacrado – explicou Lawrence – com vácuo em seu interior, de modo que a poeira mostre seu comportamento normal. No ar ela é bem diferente: muito mais pegajosa e se comporta mais como areia fina ou talco. Devo adverti-los de que é impossível criar uma amostra sintética com as propriedades da real. São necessários alguns bilhões de anos de dessecação para se produzir o artigo genuíno. Se quiserem fazer experiências, mandaremos por nave a poeira que quiserem. Deus sabe como podemos esbanjá-la. Há outras questões. O Selene encontra-se a três quilômetros da terra sólida mais próxima: as Montanhas da Inacessibilidade. Podem existir várias centenas de metros de poeira sob ela, embora não estejamos certos quanto a isso. Nem ao menos temos certeza de que não ocorrerão novos desmoronamentos, apesar de os geólogos acreditarem ser pouco provável. O único modo pelo qual podemos chegar à área é através dos esquis de pó. Possuímos duas unidades e uma terceira está



sendo embarcada do Lado Remoto. Podem transportar ou rebocar mais de cinco toneladas de equipamento; o maior volume individual que poderíamos colocar sobre um trenó não pesaria mais que duas toneladas. Portanto, não é possível levar nada realmente pesado ao local. Bem, esta é a situação. Temos noventa horas. Alguma sugestão? Eu tenho algumas ideias, mas primeiro gostaria de ouvir as suas.

Houve um longo silêncio, enquanto os membros do comitê, espalhados por um espaço de quase quatrocentos mil quilômetros de largura, focalizavam o problema segundo as suas várias aptidões. Então, o engenheiro-chefe do Lado Remoto falou de algum lugar nas cercanias de Joliot-Curie: – É meu palpite que não poderemos fazer nada em noventa horas; deveríamos construir um equipamento especializado e isto exige tempo. Portanto, teremos de levar um conduto de ar para o Selene. Onde é a conexão umbilical?

– Por trás da entrada principal, na traseira. Não vejo como se poderia descer um tubo de ar e acoplá-lo a 15 metros abaixo da superfície. Além disso, tudo estaria entupido de poeira.

– Tenho uma idéia melhor – disse alguém. – Desça um encanamento através do teto.

– Seriam necessários dois encanamentos – observou outro membro.

– Um para bombear o oxigênio, outro para sugar o ar viciado.

– Isto significa usar um purificador de ar completo. E nós nem precisaremos de um se conseguirmos tirar aquelas pessoas em noventa horas.

– Um risco muito grande. Uma vez que o suprimento de ar esteja garantido, poderemos agir com calma e o limite das noventa horas não nos incomodará mais.

– Aceito o argumento – disse Lawrence. – De fato, tenho vários homens trabalhando naquelas linhas neste momento. A pergunta seguinte é: devemos tentar erguer o cruzador com todos a bordo ou

retiramos os passageiros individualmente? Lembrem-se de que existe apenas um traje espacial a bordo.

– Poderíamos baixar uma passagem até a porta e acoplá-la na comporta de ar? – indagou um dos cientistas.

– É o mesmo problema da mangueira de ar. Pior ainda, na verdade, pois a conexão seria muito maior.

– Que tal um compartimento suficientemente largo para envolver todo o cruzador? Poderíamos mergulhá-lo ao redor dele e em seguida escavar a poeira.

– Seriam necessárias toneladas de escoras e estacas. E não se esqueça de que esse compartimento precisaria ser selado no fundo. Do contrário, o pó simplesmente fluiria para dentro com a mesma rapidez com que o retirassem em cima.

– Podemos bombear a coisa? – indagou alguém.

– Sim, com o tipo certo de impulsor. Mas não pode sugá-la, evidentemente. Tem de ser erguida. Uma bomba normal apenas provocaria uma cavitação.

– Essa poeira – resmungou o engenheiro-assistente de Porto Roris – tem as piores propriedades dos sólidos e dos líquidos, com nenhuma das vantagens. Ela não flui quando se quer e não estabiliza quando se deseja.

– Posso dar uma opinião? – perguntou o padre Ferraro, falando de Plato. – A palavra "poeira" é altamente ilusória. O que temos é uma substância que não pode existir na Terra; portanto não tem um nome em nossa linguagem. A última idéia apresentada estava correta; às vezes é preciso pensar nela como um líquido não-úmido, como o mercúrio, porém muito mais leve. Outras vezes é um sólido fluido, como o piche, exceto que se move muito mais rapidamente, é claro.

– Algum meio de estabilizá-lo? – indagou alguém.

– Penso que esta é uma pergunta para a Terra – disse Lawrence. – Doutor Evans, gostaria de responder?

Todos aguardaram os três segundos, que como de hábito pareciam muito mais longos. Então o físico respondeu claramente, como se estivesse na mesma sala: – Estive pensando nisso. Podem existir aglutinantes orgânicos, cola se preferirem, que fariam a coisa se fundir, de modo que pudesse ser manuseada mais facilmente.

Á água teria alguma utilidade? Já tentaram isso?

– Não, mas o faremos – respondeu Lawrence, tomando notas.

– O material é magnético? – indagou o oficial do Controle de Tráfego.

– Uma boa pergunta – disse Lawrence. – É, padre?

– Ligeiramente. Contém uma quantidade razoável de ferro meteórico. Mas não creio que isso vá nos ajudar. Um campo magnético retiraria o material ferroso, mas não afetaria a poeira como um todo.

– De qualquer modo vamos tentar. – Lawrence tomou nota. Era sua esperança, embora muito frágil, que deste encontro de cérebros surgisse alguma idéia brilhante, alguma concepção aparentemente bizarra, mas bastante segura, que resolveria os seus problemas. E eram seus problemas, gostasse ou não. Ele era responsável, através de seus vários subalternos e departamentos, por cada peça de equipamento técnico neste lado da Lua. Especialmente quando alguma coisa saía errada.

– Receio – disse o oficial de Controle de Tráfego de Clavius – que sua maior preocupação será a logística. Cada item do equipamento deverá ser transportado nos esquis; eles levam no mínimo duas horas na viagem de ida e volta, e mais tempo ainda se rebocarem uma carga pesada. Antes mesmo que comecem a operar, vocês terão de construir algum tipo de plataforma, semelhante a uma jangada, que possam deixar no local. Talvez demore um dia para colocá-la em posição e muito mais para transportar todo o equipamento.

- Incluindo os alojamentos temporários – acrescentou alguém. – Os trabalhadores terão de permanecer no local.
- Isso é consequência direta. Assim que instalarmos a jangada poderemos inflar um Ighi em cima.
- Melhor ainda, não vão precisar da jangada: o Iglu flutuará por si mesmo.
- Voltando à jangada – disse Lawrence -, queremos peças fortes e desmontáveis que possam ser aparafusadas no local. Alguma idéia?
- Tanques de combustíveis vazios?
- Grandes demais e frágeis. Talvez a Estoques Técnicos tenha alguma coisa.

E assim prosseguia a sessão de consórcio cerebral. Lawrence iria permitir mais meia hora e então decidiria o seu plano de ação.

Não se pode perder muito tempo em falacções quando os minutos se escoam e muitas vidas estão em jogo. E os esquemas apressados e mal concebidos são piores do que os simplesmente inúteis, pois absorvem material e talentos que podem desequilibrar a balança entre o sucesso e o fracasso.

À primeira vista parecia um trabalho objetivo. Lá estava o Selene a cem quilômetros de uma base bem equipada. Sua posição era precisamente conhecida e ela se encontrava a apenas 15 metros de profundidade. Mas estes 15 metros representavam para Lawrence o problema mais desconcertante de toda a sua carreira.

E era uma carreira, ele o sabia bem, que poderia terminar abruptamente, pois seria muito difícil explicar a sua falha se aqueles 22 homens e mulheres morressem.

Era uma pena que nenhuma testemunha presenciasse a descida do Auriga, pois ela era uma visão gloriosa. Uma espaçonave pousando ou decolando é um dos espetáculos mais impressionantes que o homem já realizou, à exceção de alguns dos esforços mais exuberantes dos engenheiros nucleares. E quando ocorre na Lua,

em câmara lenta e silêncio total, adquire um caráter de sonho, que se torna inesquecível.

O capitão Anson não via motivo em tentar qualquer navegação extravagante, principalmente com alguém pagando o consumo de combustível. Não havia nada no manual a respeito de voar com uma nave de carreira por uma distância de cem quilômetros – cem quilômetros, francamente! – embora, sem sombra de dúvida, os matemáticos ficassem encantados em calcular uma trajetória baseada no cálculo das variações, usando uma quantidade mínima de combustível. Anson simplesmente decolou até uma altura de mil quilômetros (qualificando assim a missão dentro dos níveis de espaço profundo segundo a lei interplanetária, algo que ele só contaria a Spencer muito depois) e desceu de novo, numa aproximação normal na vertical, com guia final através de radar. O computador da nave e o radar controlavam-se mutuamente; ambos, por sua vez, eram controlados pelo capitão Anson. Qualquer um dos três teria feito o trabalho, de tão simples e seguro que era, embora não parecesse.

Principalmente para Maurice Spencer, que começava a sentir uma grande saudade das ondulantes e verdes colinas da Terra, enquanto aqueles picos desolados erguiam-se ao seu encontro como garras afiadas. Afinal, por que se metera nisto?

Certamente havia métodos menos dispendiosos de cometer suicídio.

A pior parte era a queda livre entre os sucessivos períodos de frenagem. Suponha que os foguetes falhem em disparar ao comando e a nave continue a mergulhar para a Lua, acelerando lenta mas inexoravelmente até se espatifar?

Não adianta fingir que isso é um medo estúpido e infantil, pois já aconteceu mais de uma vez.

No entanto, isso não iria acontecer ao Auriga. A insuportável fúria dos jatos de frenagem já se derramava sobre as rochas, lançando para o céu a poeira e os resíduos cósmicos que não haviam sido

perturbados em três bilhões de anos. Por um momento, a nave flutuou num delicado equilíbrio a centímetros do solo; em seguida, quase relutantemente, as colunas de chama que a sustentavam retraíram-se. As pernas separadas do trem de pouso fizeram contato, suas almofadas inclinaram-se de acordo com os contornos do solo e toda a nave balançou ligeiramente por um segundo, enquanto os absorvedores de choque neutralizavam a energia residual do impacto.

Pela segunda vez em 24 horas Maurice Spencer pousara na Lua. Este era um feito que poucos homens poderiam realizar.

– Bem – disse o capitão Anson, enquanto se erguia do painel de controle -, espero que esteja satisfeito com a vista. Ela custou-lhe um bocado de dinheiro e ainda há o problema da hora extra. De acordo com o Sindicato dos Trabalhadores Espaciais...

– Será que não tem alma, capitão? Por que me incomodar com essas trivialidades num momento como este? Mas se posso dizê-lo, sem nenhum ônus extra, este foi um pouso ótimo.

– Oh, é tudo parte do trabalho diário – respondeu o comandante, embora não ocultasse leves sinais de satisfação. – A propósito, importa-se se iniciarmos o diário agora, na hora do pouso?

– Para que serve? – indagou Spencer, desconfiado.

– Prova de entrega. O diário é o nosso maior documento legal.

– Parece um pouco antiquado ter um diário escrito – comentou Spencer. – Pensei que tudo, hoje em dia, fosse feito pela nucleônica.

– Tradições de serviço – respondeu Anson.– É claro que os gravadores de vôo da nave estão em movimento durante todo o tempo em que se está com os motores ligados e o vôo pode sempre ser reconstituído a partir deles. Mas somente o diário do capitão dá os pequenos detalhes que fazem uma viagem diferente da outra. Por exemplo "gêmeos nascidos de uma passageira de estibordo, esta manhã" ou "no toque das seis avistamos a Baleia Branca á estibordo da proa".

– Retiro o que disse, capitão. O senhor tem alma, afinal de contas.

Spencer colocou sua assinatura no diário e dirigiu-se à janela para examinar a vista.

À cabine de comando, a 150 metros acima do solo, possuía as únicas janelas de visão direta da nave e a vista através delas era soberba. Atrás, para o Norte, erguiam-se os contrafortes superiores das Montanhas da Inacessibilidade, cobrindo a metade do céu. O nome não era mais apropriado, pensou Spencer; ele as alcançara e, enquanto a " nave permanecesse aqui, seria até possível realizar alguma pesquisa científica útil, como a coleta de amostras de rocha. À parte o valor jornalístico de chegar a tal região de fronteira, ele estava efetivamente interessado no que poderia ser descoberto aqui. Nenhum homem pode se tornar tão indiferente a ponto de a promessa do desconhecido e do inexplorado não conseguir comovê-lo.

Na direção oposta, podia enxergar através de quarenta quilômetros do Mar da Sede, que tomava mais da metade do seu campo de visão num grande arco de imaculada planura. Todavia, o que o preocupava estava agora a menos de cinco quilômetros de distância e dois quilômetros abaixo.

Claramente visível através de um par de binóculos de baixo aumento, encontrava-se a vara metálica deixada por Lawrence como marco e através da qual o Selene se ligava agora ao mundo. A visão não era impressionante – apenas uma ponta solitária, projetando-se da planície interminável – e no entanto sua simplicidade atraía Spencer. Isto produziria uma boa abertura: simbolizava a solidão do Homem no imenso e hostil universo que tentava conquistar. Dentro de algumas horas, esta planície não estaria mais vazia; até então, a vara serviria para estabelecer um cenário, enquanto os comentaristas discutissem os planos de resgate e ocupassem o tempo com as entrevistas adequadas. Não haveria problema; a unidade em Clavius e os estúdios na Terra cuidariam disso. Spencer tinha apenas um trabalho no momento:

ficar aqui, neste ninho de águia, e cuidar para que as imagens fossem transmitidas. Com a grande lente zoom, graças à claridade perfeita deste mundo sem ar, poderia obter um resultado próximo a um close-up daqui de cima, quando a ação começasse.

Olhou para o sudoeste, onde o Sol se elevava tão vagarosamente no céu. Haveria quase duas semanas de luz do dia, pela contagem da Terra. Nenhuma necessidade, portanto, de se preocupar com a iluminação. O palco estava pronto.



# Capítulo 17

O administrador-chefe Olsen quase nunca realizava atos públicos. Preferia governar a Lua calma e eficientemente por trás dos bastidores, deixando que os amáveis extrovertidos, como o comissário de Turismo, enfrentassem os jornalistas.

Suas raras aparições eram portanto muito mais notáveis, como ele desejava que fossem.

Embora milhões o observassem, os 22 homens e mulheres para os quais se dirigia não podiam vê-lo, já que não se julgara necessário equipar o Selene com circuitos de visão. Mas a sua voz era suficientemente tranquilizadora; informava tudo que desejavam saber.

– Alô, Selene – começou. – Quero que saibam que todos os recursos da Lua estão sendo mobilizados neste momento para socorrê-los. As equipes de engenharia e técnica da minha administração estão trabalhando dia e noite. O senhor Lawrence, engenheiro-chefe do Lado Terrestre, encontra-se no comando e eu tenho a mais completa confiança nele; encontra-se em Porto Roris, onde todo o equipamento especial, necessário à operação, está sendo montado. Decidiu-se, e eu tenho a certeza de que os senhores concordarão, que a tarefa mais urgente é assegurar a manutenção de seu suprimento de oxigênio. Assim, pretendemos descer mangueiras até vocês; isto pode ser feito rapidamente, e então poderemos bombear oxigênio, bem como água e alimento, se necessário. Logo que estas mangueiras estiverem instaladas, vocês não terão mais nada com que se preocupar. Pode demorar um pouco para alcançá-los e retirá-los, mas estarão em segurança. Só terão que sentar e esperar por nós. Agora vou sair do ar e devolver-lhes este canal para que possam falar com seus amigos. Lamento a tensão e o incômodo por que passaram, mas está tudo terminado agora. Resgataremos vocês dentro de um dia ou dois. Boa sorte!

Uma alegre conversa iniciou-se a bordo do Selene assim que terminou a transmissão do administrador-chefe. Ele conseguira obter exatamente o efeito que pretendia: os passageiros já pensavam em todo o episódio como uma aventura para contarem durante o resto da vida. Somente Pat Harris não parecia muito feliz.

– Eu gostaria – contou ao comodoro Hansteen – que o A.C. não fosse tão confiante. Na Lua, afirmações como aquelas parecem sempre desafiar o destino.

– Sei como se sente – respondeu o comodoro. – Mas não pode culpá-lo. Ele pensa no nosso estado de espírito.

– Que está ótimo, principalmente agora que podemos conversar com parentes e amigos.

– Isso me lembra que há um passageiro que não recebeu nem enviou qualquer mensagem. E, o que é pior, não demonstra o menor interesse em fazê-lo.

– Quem é?

Hansteen abaixou ainda mais o tom de voz:

– O neozelandês Radley. Ele fica sentado num canto, quieto. Não sei por quê, mas me preocupa.

– Talvez o pobre coitado não tenha ninguém na Terra com quem deseja falar.

– Um homem com dinheiro suficiente para ir à Lua certamente deve ter alguns amigos – respondeu Hansteen. E então sorriu, um sorriso quase infantil que passou rapidamente pelo seu rosto, suavizando as rugas. – Isto me parece muito cínico, não queria dizê-lo, mas sugiro que fiquemos de olho no senhor Radley.

– Já mencionou isto para a Sue... ahn... senhorita Wilkins?

– Foi ela quem chamou a minha atenção.

Devia ter imaginado, pensou Pat, nada escapa à atenção dela. Agora que pareciam ter um futuro pela frente, apesar de tudo, começava a pensar seriamente em Sue e no que ela lhe dissera. Em

sua vida, ele amara umas cinco ou seis garotas, ou assim pensara na ocasião, mas isso era diferente. Conhecia Sue há mais de um ano e desde o começo se sentira atraído por ela, mas até agora não conseguira nada.

Quais seriam os seus reais sentimentos?, pensou. Lamentaria aquele momento de paixão mútua ou ele não teria significado nada para ela? Sue poderia afirmar, assim como ele, que o ocorrido na comporta de ar não era importante; fora apenas o ato de um homem e uma mulher que julgavam ter apenas algumas horas de vida. Como se fossem outras pessoas, não eles mesmos.

Mas talvez tivessem sido, talvez aquele fosse o Pat Harris real, a Sue Wilkins real, que finalmente emergiram do disfarce, revelados pela tensão e ansiedade dos últimos dias. Pensou se poderia ter certeza disto, mas sabia que apenas o tempo daria a resposta. Se existia um teste preciso e científico para determinar quando se está apaixonado, Pat Harris ainda não o descobrira.

A poeira que lambia (se esta era a palavra adequada) o cais de onde o Selene partira há quatro dias tinha apenas um par de metros de profundidade, mas para este teste era o suficiente. Se o equipamento construído às pressas funcionasse aqui, funcionaria também lá fora, no Mar aberto.

Lawrence observava, do prédio do embarcadouro, os seus assistentes aparafusarem a estrutura. Era constituída por tiras e barras de alumínio, como noventa por cento das estruturas na Lua. De certo modo, pensou Lawrence, a Lua é o paraíso do engenheiro. A baixa gravidade, a ausência total de ferrugem ou corrosão, a própria falta de clima, com suas chuvas, geadas e ventos imprevisíveis removiam de uma só vez todo o espectro de problemas que afligiam os empreendimentos terrestres. Para contrabalançar, é claro, a Lua tinha algumas particularidades – como as noites de duzentos graus abaixo de zero e a poeira contra a qual lutavam agora.

A estrutura leve da jangada repousava sobre uma série de grandes tambores de metal, que exibiam inscrições proeminentes: "Contém álcool etílico. Por favor, devolva quando vazio ao centro de despachos nº 3, em Copérnico." O conteúdo agora era um alto grau de vácuo, podendo cada tambor suportar um peso de duas toneladas lunares, antes de afundar.

A jangada tomava forma rapidamente. Não se esqueça de dispor de parafusos sobressalentes em quantidade, pensou Lawrence. Já vira pelo menos seis caírem na poeira, que os engolira instantaneamente. E lá ia uma chave. Faça uma recomendação para que todas as ferramentas sejam amarradas à jangada, mesmo quando em uso, não importando o quanto inconveniente isso seja.

Quinze minutos. Nada mal, considerando que os homens trabalhavam no vácuo e estavam, portanto, tolhidos pelos seus trajes. A jangada poderia ser estendida em qualquer direção necessária, mas isso seria suficiente, de início. A primeira seção poderia suportar sozinha vinte toneladas de equipamento e levaria algum tempo para descarregarem este peso no local.

Satisfeito com essa fase do projeto, Lawrence deixou o prédio do embarcadouro, enquanto seus assistentes ainda desmantelavam a jangada. Cinco minutos depois (era uma das vantagens de Porto Roris, chega-se a qualquer lugar em cinco minutos), ele estava no depósito local de engenharia. E o que encontrou lá não era tão satisfatório. Suspensa por um par de cavaletes, havia uma réplica do teto do Selene com dois metros quadrados – uma cópia exata do verdadeiro, feita com os mesmos materiais. Faltavam apenas a folha externa do tecido aluminizado, que servia de escudo contra o Sol. Era tão fina e frágil que não influiria no teste.

O experimento era absurdamente simples e envolvia apenas três instrumentos: um pé-de-cabra pontudo, uma marreta e um engenheiro frustrado, que a despeito dos esforços extenuantes não conseguira atravessar o telhado com o pé-de-cabra.

Qualquer pessoa, com algum conhecimento das condições lunares, teria adivinhado imediatamente por que ele falhara. A marreta,

obviamente, tinha um sexto de seu peso terrestre, e portanto era muito menos eficiente.

Mas tal raciocínio era completamente falso. Uma das coisas mais difíceis para a compreensão do leigo é a diferença entre peso e massa, e esta incompreensão tem conduzido a incontáveis acidentes. Pois o peso é uma característica arbitrária; você pode alterá-lo, movendo-o de um mundo a outro. Na Terra, aquela marreta pesaria seis vezes mais do que aqui, no Sol seria duzentas vezes mais pesada, e no espaço não pesaria absolutamente nada.

Mas em todos os três lugares, e de fato através de todo o universo, sua massa ou inércia seriam precisamente as mesmas. O esforço necessário para colocá-la em movimento numa velocidade determinada e o impacto com ela produzido, quando parasse, seriam constantes através do espaço e do tempo. Num asteróide quase sem gravidade, onde pesaria menos que uma pena, aquela marreta pulverizaria uma rocha exatamente como na Terra.

– Qual é o problema? – indagou Lawrence.

– O teto é muito elástico – explicou o engenheiro, tirando o suor da testa. – Este pé-de-cabra apenas pula de volta cada vez que o atinge.

– Estou vendo. Mas o que acontecerá quando estivermos usando um encanamento de 15 metros, com poeira compactada em volta? Ela pode absorver o ricochete.

– Talvez, mas olhe para isto.

Ajoelharam-se sob a réplica do teto e inspecionaram a parte inferior. Linhas marcadas a giz indicavam a posição da instalação elétrica, que devia ser evitada a todo o custo.

– Esta fibra de vidro é tão resistente que não se pode fazer um furo regular através dela. Quando cede, ela se despedaça e racha. Veja, já começou. Desconfio que o uso de força bruta racharia o teto.

– E não podemos correr esse risco – concordou Lawrence. – Vamos desistir da idéia.

Se não podemos cravar, teremos de perfurar com uma broca giratória. Faça com que ela seja enrascada na extremidade do encanamento de maneira a poder ser facilmente retirada. Como estão se saindo com o resto da tubulação?

– Está quase pronta. É tudo equipamento padronizado. Devemos terminar em duas ou três horas.

– Estarei de volta em duas – disse Lawrence. Ele não acrescentou, como alguns homens o fariam: "E quero que esteja terminado." Sua equipe produzia o máximo e não era bom intimidar ou bajular homens devotados, que trabalhavam mais rapidamente do que se consideraria possível. Tarefas como esta não deveriam ser apressadas, e o tempo limite para a reserva de oxigênio do Selene ainda era de três dias. Dentro de algumas horas, se tudo corresse bem, o prazo seria estendido de forma indefinida.

Infelizmente, nem tudo corria bem.

O comodoro Hansteen foi o primeiro a reconhecer o perigo lento e insidioso que se arrastava sobre eles. Já o enfrentara antes, quando usara um traje espacial defeituoso em Ganimedes. Um acidente que ele não desejava relembrar, mas que nunca esquecerá completamente.

– Pat – disse calmamente, certificando-se de que ninguém os ouvia -, notou alguma dificuldade em respirar?

– Sim, agora que o mencionou. Pensei que fosse o calor – respondeu Pat, espanta-do.

– Também pensei, no início. Mas conheço esses sintomas, principalmente a respiração acelerada. Estamos caminhando para um envenenamento com dióxido de carbono.

– Mas isso é ridículo. Ainda temos três dias. A não ser que alguma coisa tenha funcionado mal nos purificadores.

– Acho que sim. Que sistema é usado para a eliminação do dióxido de carbono?

– Absorção química direta. É muito simples e seguro; nunca tivemos problemas com isso antes.

– Certo, mas nunca trabalharam nestas condições. Acredito que o calor deve ter destruído as substâncias químicas. Há algum meio de verificarmos?

Pat sacudiu a cabeça:

– Nenhum. A tampa de acesso fica no lado de fora do casco.

– Sue, minha querida – disse uma voz cansada, que quase não reconheceram como sendo da senhora Schuster -, tem alguma coisa para dor de cabeça?

– Se tiver – disse outro passageiro – eu também quero.

Pat e o comodoro olharam-se gravemente. Os sintomas desenvolviam-se com uma precisão clínica.

– Quanto tempo acha que temos? – indagou Pat.

– Duas ou três horas, no máximo. E vai levar pelo menos seis horas para Lawrence e seus homens chegarem aqui.

Foi nesse momento, sem necessidade de qualquer outra prova, que Pat descobriu estar verdadeiramente apaixonado por Sue. De fato, a sua primeira reação não foi o temor pela sua própria segurança, mas a raiva e o pesar de que, depois de ter suportado tanto, ela morresse tão próximo à salvação.

# Capítulo 18

Quando Tom Lawson acordou, num quarto estranho de hotel, não estava nem mesmo certo de quem ele era, quanto mais de onde se encontrava. O fato de possuir algum peso foi a primeira lembrança de que não estava mais em Lagrange, mas não se sentia suficientemente pesado para a Terra. E, depois, não era mais um sonho; encontrava-se na Lua e realmente estivera naquele mortífero Mar da Sede.

E ajudara a encontrar o Selene; 22 homens e mulheres agora tinham uma chance de vida, graças à sua habilidade e à sua ciência. Após tantos desapontamentos e frustrações, seus sonhos adolescentes de glória estavam a ponto de se tornarem realidade. O mundo, agora, teria de compensar todo o desprezo e indiferença que sofrera.

O fato de que a sociedade lhe fornecera uma educação, o que um século antes seria um privilégio acessível a somente alguns homens, não apaziguava o ressentimento de Tom. Semelhantes cuidados eram normais nesta era, em que se educava cada criança até os níveis permitidos pela sua inteligência e pelas suas aptidões. Agora que a civilização necessitava de todo o talento possível para garantir a sua sobrevivência, qualquer outra política educacional seria suicida. Assim, Tom não estava agradecido à sociedade por prover o ambiente do qual obtivera o seu grau de doutorado – ela agira em seu próprio benefício.

Todavia, nesta manhã em particular, não se sentia tão amargo em relação à vida nem tão cético quanto aos seres humanos. Sucesso e reconhecimento são um ótimo lenitivo, e ele se encontrava a caminho de obter ambos. Havia ainda mais.

Vislumbrara uma satisfação mais profunda. Lá fora, no Espanador Dois, quando seus medos e incertezas estavam a ponto de dominá-



lo, fizera contato com outro ser humano e trabalhara em parceria com um homem cuja habilidade e coragem podia respeitar.

Fora apenas um breve contato e, como outros no passado, poderia não levar a coisa alguma. Uma parte de sua mente, de fato, esperava que assim fosse, de modo a poder reafirmar mais uma vez a sua crença de que todos os homens eram egoístas, patifes e sádicos. Tom não conseguiria escapar mais de sua infância do que Charles Dickens pudera, com todo o seu sucesso e sua fama, escapar da fábrica de tinta que, tanto metafórica quanto literalmente, coloriu de negro a sua juventude.

Entretanto, tivera um novo começo, embora ainda houvesse um longo caminho pela frente, antes de adquirir condições dignas de um membro da raça humana.

Depois de tomar uma ducha e se enxugar, percebeu a mensagem de Spencer sobre a mesa. "Fique à vontade, tive que sair correndo. Mike Graham está assumindo o meu lugar. Chame-o no 3443 depois de acordar." Eu dificilmente o chamaria antes de acordar, pensou Tom, cuja mente excessivamente lógica adorava captar tais vícios de linguagem. Mas obedeceu ao pedido de Spencer, resistindo heroicamente ao impulso de ordenar antes um desjejum.

Quando terminou de falar com Mike Graham, descobriu que dormira durante as horas mais excitantes da história de Porto Roris, que Spencer decolara no Auriga para o Mar da Sede e que a cidade estava repleta de jornalistas, a maioria procurando pelo Dr. Lawson.

– Fique onde está – disse Graham, cujo nome e voz pareciam vagamente familiares a Tom. Devia tê-lo visto numa das raras ocasiões em que assistira aos tele-noticiários lunares. – Estarei aí em cinco minutos.

– Estou faminto – protestou Tom.

– Chame o serviço de quarto e peça o que quiser. Por nossa conta, é claro. Mas não saia da suíte.

Tom não se incomodou em ser manipulado desse modo um tanto cavalheiresco.

Significava, apesar de tudo, que se tornara uma peça importante. Ficou muito mais aborrecido pelo fato de o serviço de quarto chegar muito depois de Mike Graham.

Algo que qualquer pessoa em Porto Roris poderia ter lhe avisado. Assim, era um astrônomo faminto, que agora encarava a telecâmara em miniatura de Mike e tentava explicar para apenas duzentos milhões de telespectadores (por enquanto) exatamente como pudera encontrar o Selene.

Graças à transformação produzida pela fome e por suas experiências mais recentes, fez um trabalho de primeira classe. Alguns dias atrás, se algum repórter de TV conseguisse arrastar Lawson para a frente de uma câmara, a fim de explicar a técnica de detecção infravermelha, teria sido desdenhosamente ofuscado pela ciência. Tom lhe daria uma palestra, rápida e contínua, repleta de termos como "eficiência quântica", "radiação do corpo negro" e "sensitividade espectral", que convenceriam a sua audiência de que o assunto era extremamente complexo (o que era verdade) e totalmente impossível de ser entendido por um leigo (o que era falso).

Todavia, ele agora respondia a Mike Graham de modo cuidadoso e paciente (apesar dos protestos de seu estômago), usando termos que a maioria dos espectadores poderia compreender. Para a maior parte da comunidade astronômica, que Tom magoara de vez em quando, era uma revelação. Lá em cima, em Lagrange II, o professor Kotelnikov resumiu os sentimentos de seus colegas quando prestou a Tom a homenagem final ao término da exposição: "Francamente", disse em tom de incredulidade, "eu nunca o teria reconhecido."

Era um feito notável conseguir espremer sete homens na comporta de ar do Selene, mas, como Pat demonstrara, este era o único lugar

onde poderia haver uma troca de ideias em particular. Sem dúvida, os outros passageiros ignoravam o que estava acontecendo. Iriam sabê-lo em breve.

Quando Hansteen terminou de explicar, seus ouvintes pareciam compreensivelmente preocupados, mas não muito surpresos. Eram homens inteligentes e já deviam ter deduzido a verdade.

– Estou explicando a vocês primeiro – disse o comodoro – porque eu e o capitão Harris concluímos que são todos sensatos e suficientemente seguros para nos fornecerem a ajuda de que necessitamos. Por Deus, espero que não cheguemos a isso, mas pode haver tumulto quando eu o anunciar.

– E se houver? – disse Harding.

– Se alguém der trabalho, agarrem-no – respondeu o comodoro. – Mas ajam do modo mais natural possível, quando voltarmos à cabine. Procurem não se comportar como se estivessem esperando uma briga; este é o melhor modo de começar uma. O

trabalho de vocês será sufocar o pânico antes que se espalhe.

– Acha melhor – perguntou o Dr. McKenzie – não dar-lhes uma oportunidade de...

bem... enviar as últimas mensagens?

– Já pensamos nisso, mas levaria muito tempo e deixaria todos excessivamente deprimidos. Queremos acabar com isso o mais rápido possível. Quanto mais cedo agirmos, maiores as nossas chances.

– Pensa realmente que temos chances? – indagou Barrett.

– Sim – disse Hansteen – embora não me pareçam promissoras. Mais alguma pergunta? Bryan? Johanson? Certo, vamos em frente.

Enquanto retornavam à cabine, os outros passageiros observavam com uma curiosidade e um alerta crescentes. Hansteen evitou mantê-los em suspense.

– Tenho uma grave notificação a fazer – disse de forma bem pausada, – Todos vocês devem ter notado uma dificuldade em respirar e vários estão se queixando de dores de cabeça. Sim, receio que seja o ar. Ainda temos bastante oxigênio, este não é o nosso problema. Porém, não nos podemos livrar do dióxido de carbono que exalamos; ele está se acumulando dentro da cabine. Por quê, não sabemos. Meu palpite é que o calor afetou os absorventes químicos. Mas esta explicação não importa, já que não há nada que possamos fazer a respeito.

Teve de parar e respirar profundamente várias vezes, antes de prosseguir.

– Desse modo, devemos enfrentar a situação.. A dificuldade em respirar vai se tornar inexoravelmente pior, bem como as dores de cabeça. Não vou tentar enganá-los. A equipe de resgate não poderá nos alcançar antes de seis horas e nós não podemos esperar tanto.

Ouviu-se um som ofegante em algum lugar da audiência. Hansteen evitou olhar para a fonte. Um momento depois, ouviu-se um ressonar ruidoso da parte da senhora Schuster. Em outra ocasião teria sido engraçado, mas não agora. Ela estava tranquila, embora não totalmente inconsciente.

O comodoro respirou fundo mais uma vez. Era cansativo falar.

– Se eu não pudesse oferecer a vocês nenhuma esperança – continuou – não diria nada. Mas temos uma chance e devemos aproveitá-la logo. Não é uma alternativa agradável, mas o contrário é muito pior. Senhorita Wilkins, por favor, passe-me os tubos soporíferos.

Houve um silêncio mortal, nem mesmo interrompido pela senhora Schuster, quando a comissária passou uma pequena caixa de metal. Hansteen abriu e retirou um cilindro branco com o tamanho e a forma de um cigarro.

– Provavelmente sabem – continuou – que todos os veículos espaciais são obrigados por lei a transportar isto em seus estojos de remédios. São completamente indolores e vão deixá-los

desacordados durante dez horas. Isto pode significar a diferença entre a vida e a morte, pois o ritmo respiratório de um homem é reduzido em cinquenta por cento quando se encontra inconsciente. Assim, nossa reserva de ar irá durar o dobro do tempo. O suficiente, esperamos, para que a equipe de Porto Roris nos alcance.

– Agora, é essencial que pelo menos uma pessoa permaneça acordada para se manter em contato com a equipe de resgate. E para termos certeza vamos deixar duas. Uma delas deve ser o capitão. Acho que não há objeções quanto a isso.

– E suponho que a outra seja o senhor – disse uma voz muito familiar.

– Sinto muito, senhorita Morley – disse o comodoro, sem o menor indício de ressentimento. Não havia motivo para fazer caso de uma questão já resolvida. – Exatamente para evitar qualquer possível mal-entendido...

E antes que alguém percebesse o que acontecera ele pressionou o cilindro contra o antebraço.

– Espero vê-los dentro de dez horas – disse de modo lento mas distinto, enquanto se dirigia ao assento mais próximo. Mal chegara a ele, quando tombou inconsciente.

O espetáculo agora é todo seu, pensou Pat ao se levantar. Por alguns instantes teve vontade de dizer poucas e boas à senhorita Morley, mas percebeu que se o fizesse estragaria toda a dignidade da saída do comodoro.

– Sou o capitão deste barco – disse em voz baixa mas firme. – E de agora em diante o que eu disser será feito.

– Não comigo – respondeu a indomável senhorita Morley. – Paguei a minha passagem e tenho os meus direitos. Não tenho a menor intenção de usar umas dessas coisas.

A maldita mulher parecia incontrolável. Mas Pat tinha de admitir que ela possuía coragem. Teve um breve vislumbre do futuro que

suas palavras sugeriam: dez horas sozinho com a senhorita Morley e mais ninguém com quem conversar.

Olhou para os cinco controladores de distúrbios. O mais próximo dela era o engenheiro civil jamaicano, Robert Bryan. Ele parecia pronto e desejoso de entrar em ação, mas Pat ainda esperava que isso pudesse ser evitado.

– Não quero discutir os seus direitos – disse – mas se olharem as letras menores de suas passagens vão descobrir que durante uma emergência eu tenho autoridade total aqui. De qualquer modo, isto é para o benefício e o próprio conforto de vocês. Para mim seria melhor estar dormindo do que acordado, enquanto a equipe de salvamento tenta nos alcançar.

– Também penso assim – disse o professor Jayawardene de modo inesperado. – Como o comodoro falou, isso vai conservar o ar por mais tempo, de modo que é nossa única chance. Senhorita Wilkins, quer me dar uma dessas coisas?

Essa calma lógica ajudou a baixar a temperatura emocional, e assim o professor mergulhou de modo suave e obviamente confortável na inconsciência. Caíram dois, faltam 18, murmurou Pat.

– Não vamos perder mais tempo – disse em voz alta. – Como podem ver, estas injeções são completamente indolores. Existe uma hipodérmica micro-jato dentro de cada cilindro e vocês nem mesmo sentirão a picada.

Sue já distribuía os pequenos tubos de aparência inocente, e vários passageiros faziam uso deles. Lá iam os Schusters (Irving pressionara o tubo com relutância e carinho contra o braço da esposa adormecida) e o enigmático senhor Radley.

Restavam apenas 15. Quem seria o próximo?

Agora Sue chegara junto à senhorita Morley. É agora, pensou Pat. Se ela ainda está decidida a criar caso... Já devia adivinhar.

– Eu pensei ter deixado bem claro que não quero uma dessas coisas. Por favor, afaste isso de mim.

Robert Bryan começou a se aproximar lentamente, mas a voz inglesa, em tom jocoso, de David Barrett realizou o truque.

– O que realmente perturba a boa senhora, capitão – falou com evidente prazer –, é que o senhor possa se aproveitar dela enquanto estiver desacordada.

Por alguns segundos a senhorita Morley ficou sem voz de tanto ódio, enquanto seu rosto se tornava vermelho.

– Nunca fui tão insultada em minha vida – começou ela.

– Nem eu, senhora – acrescentou Pat, aumentando a desmoralização. Ela olhou em torno do círculo de rostos que, apesar de alguns sorrisos, mesmo numa ocasião como esta, estavam em sua maioria sérios. Percebeu que só havia um jeito de escapar.

Enquanto ela caía inerte em seu assento, Pat dava um profundo suspiro de alívio.

Depois deste pequeno episódio, o resto seria fácil.

Foi então que ele viu a senhora Williams, cujo aniversário fora celebrado de modo espartano há apenas algumas horas. Ela fitava o cilindro em sua mão, numa espécie de transe. A pobre mulher estava obviamente aterrorizada e ninguém poderia censurá-la. No assento ao lado, seu marido já tombara. De modo muito pouco cavalheiresco, pensou Pat, pois fora primeiro para a inconsciência, deixando a esposa defender-se sozinha.

Antes que ele pudesse tomar qualquer atitude, Sue adiantou-se.

– Sinto muito, senhora Williams. Cometi um engano. Dei-lhe um tubo vazio. Poderia me devolver?...

A coisa foi feita de um modo tão hábil que pareceu um truque de mágica. Sue pegou, ou pareceu tirar, o tubo dos dedos da senhora Williams; mas, ao fazê-lo, deve tê-lo comprimido contra a pele da mulher. A senhora Williams nunca soube o que acontecera e dobrou-se languidamente, juntando-se a seu marido.

Agora, metade do grupo estava inconsciente. No cômputo geral, pensou Pat, houve pouca dificuldade. O comodo Hansteen fora

muito pessimista e o "esquadrão anti-tumulto" não se fizera necessário.

Então, com um leve sentimento de pesar, percebeu algo que o fez mudar de opinião. Parecia, como de hábito, que o comodoro sabia exatamente o que estava fazendo. A senhorita Morley não seria o único problema.

Haviam-se passado dois anos desde a última ocasião em que Lawrence estivera dentro de um iglu. Quando engenheiro recém-formado, trabalhando em projetos de construção, vivera em um deles durante semanas e se esquecera de como era estar cercado por paredes rijas. Depois, é claro, houve muitos melhoramentos no seu desenho; agora não era mais tão penoso viver numa residência que cabia, dobrada, dentro de um baú.

Este era um dos últimos modelos, um Goodyear Mark XX, com capacidade para suportar seis homens em um período de tempo indefinido, desde que fosse mantido um suprimento de energia, água, comida e oxigênio. O iglu poderia provê-los com tudo o mais, até mesmo entretenimento, pois possuía uma micro-biblioteca embutida, com livros, música e vídeo. Não era um luxo extravagante, embora se indagasse bastante a respeito. No espaço, o tédio pode ser mortal. Talvez leve mais tempo do que, digamos, um vazamento na tubulação de ar, mas é igualmente eficaz e às vezes até mais cruel.

Lawrence parou antes de penetrar na comporta. Em alguns dos modelos antigos, lembrou-se, era preciso ficar de quatro para entrar. Esperou o sinal de "pressão equalizada" e entrou na câmara principal hemisférica.

Era como estar dentro de um balão; e de fato consistia exatamente nisso. Podia ver apenas parte do interior, dividido em vários compartimentos por tabiques desmontáveis. (Outro refinamento; em seu tempo, a única forma de privacidade era a cortina no banheiro.) Acima, três metros sobre o solo, estavam as luzes e a



grade do condicionador de ar, suspensas do teto por uma teia elástica. Contra a parede curva erguiam-se prateleiras de metal parcialmente montadas. Do outro lado de um dos tabiques mais próximos veio o som de uma voz lendo um inventário, enquanto a cada três segundos alguém respondia: "Confere."

Lawrence deu a volta à parede e se encontrou no dormitório do iglu. Como todas as prateleiras de parede, os beliches duplos ainda não estavam totalmente montados. Era apenas necessário assegurar que todas as peças e seções estivessem no lugar, pois assim que a inspeção se completasse tudo seria embalado e enviado a toda pressa para o local.

Lawrence não interrompeu os dois homens do depósito, que continuaram a sua cuidadosa verificação do estoque. Este era um dos trabalhos mais tediosos, porém vitais, do tipo que havia muito na Lua e do qual vidas dependiam. Um engano poderia representar uma sentença de morte para alguém.

Quando os inspetores chegaram ao final das anotações, Lawrence disse: – Este é o maior modelo que possuem no estoque?

– O maior que se encontra disponível – foi a resposta. – Temos um Mark 19 para 12 homens, mas há um vazamento no invólucro externo que precisa de conserto.

– Quanto tempo levaria?

– Somente alguns minutos. Mas então teríamos um teste de inflação de 12 horas antes que pudéssemos inspecioná-lo.

Era uma daquelas ocasiões em que o homem que faz as regras deve quebrá-las.

– Não podemos esperar um teste completo. Coloque um remendo duplo e faça uma leitura de vazamento; se ela estiver dentro do padrão de tolerância, inspecione o iglu imediatamente. Autorizarei a liberação.

O risco era insignificante, e ele talvez precisasse daquele domo grande com urgência. De algum modo, teria de providenciar abrigo

e ar para 22 homens e mulheres no Mar da Sede. Eles não seriam capazes de usar trajes espaciais durante o tempo necessário para serem retirados do Selene e transportados a Porto Roris.

Ouviu um "bipe-bipe" do comunicador por trás de sua orelha direita. Apertou o botão no cinto e respondeu à chamada:

– E.C. falando.

– Mensagem do Selene, senhor – disse uma voz diminuta, mas clara. – Muito urgente, eles estão em apuros.

# Capítulo 19

Até o momento, Pat quase não notara o homem sentado, de braços cruzados, na poltrona 3D, ao lado da janela, e precisou pensar duas vezes para lembrar-se do seu nome. Era alguma coisa como Builder – era isso, Baldur. Hans Baldur. Parecia o típico turista pacato, que nunca dá trabalho.

Ele continuava quieto, porém não era mais típico, já que permanecia teimosamente consciente. À primeira vista parecia ignorar todos à sua volta, mas a contração de um músculo da face traía o seu estado de tensão.

– O que está esperando, senhor Baldur? – indagou Pat, no tom de voz mais neutro que podia conseguir. Sentia-se feliz pelo apoio moral e físico lá atrás. Baldur não parecia excepcionalmente forte, mas sem dúvida tinha mais força do que os músculos de Pat, desenvolvidos na Lua, poderiam suportar, se chegassem às vias de fato.

Baldur sacudiu a cabeça e continuou olhando pela janela, como se pudesse ver alguma coisa além de sua própria reflexão.

– Você não pode me forçar a tomar esse negócio. Não vou fazê-lo – disse num inglês de forte sotaque.

– Eu não quero forçá-lo a fazer nada – respondeu Pat. – Mas não percebe que é para o seu próprio bem e para o bem de todos os outros? Qual é a objeção?

Baldur hesitou, parecendo ter dificuldade em encontrar as palavras.

– É... contra os meus princípios. Sim, é isso. Minha religião não permite que eu tome injeções.

Pat sabia vagamente que existem pessoas com tais escrúpulos. Mas nem por um momento acreditou que Baldur fosse uma delas. O homem estava mentindo. Mas por quê?

- Posso fazer uma observação? – disse uma voz às costas de Pat.
- É claro, senhor Harding – respondeu, agradecendo qualquer coisa que pudesse solucionar o impasse.
- O senhor disse que não permite nenhuma injeção, senhor Baldur – continuou Harding num tom que lembrava o interrogatório da senhora Schuster. (Parecia ter-se passado tanto tempo!) – Mas posso notar que não nasceu na Lua. E ninguém pode deixar de se submeter à quarentena; Assim, como chegou aqui sem tomar as injeções regulamentares?

A pergunta deixou Baldur extremamente nervoso.

- Isso não é problema de vocês – resmungou.
- Está bem. Só estou tentando ajudar – disse Harding, amavelmente. Aproximou-se, estendendo a mão esquerda. – Eu poderia ver o seu certificado interplanetário de vacinação?

Era uma pergunta muito tola, pensou Pat. Nenhum olho humano poderia ler a informação gravada magneticamente no CIV. Ele se perguntou se Baldur perceberia isso e o que poderia, então, ocorrer.

Mas Baldur não teve tempo de perceber nada. Ainda estava olhando, obviamente tomado de surpresa, para a palma aberta de Harding, quando este moveu a outra mão de um modo tão rápido que Pat nem viu o que acontecera.

Era como o truque de prestidigitação de Sue com a senhora Williams, porém muito mais espetacular e também mais mortífero. Até onde Pat pôde perceber, aquilo envolvera apenas o lado da mão de Harding sobre a base do pescoço de Baldur; não era, com certeza, o tipo de habilidade que Pat desejaria adquirir.

- Isso vai contê-lo durante 15 minutos – disse Harding bastante seguro de si, enquanto Baldur desabava em seu assento. – Pode me dar um desses tubos? Obrigado.

Pressionou o cilindro contra o braço do homem desacordado e não houve nenhum indício de que o golpe tivera qualquer efeito adicional.

A situação, pensou Pat, de certo modo escapara de seu controle. Estava grato por Harding exercitar as suas habilidades singulares, mas não muito contente quanto a elas.

– Agora, o que significa tudo isso? – indagou, um tanto queixoso.

Harding arregaçou a manga esquerda de Baldur e virou-lhe o braço para mostrar a pele do lado inferior. Ela estava literalmente coberta com centenas de picadas quase invisíveis.

– Sabe o que é isso?

Pat acenou que sim. Alguns demoraram mais tempo para fazer a viagem do que outros, mas agora todos os vícios da Terra já haviam alcançado a Lua.

– Não pode culpar o pobre-diabo por não revelar os seus motivos. Ele foi condicionado contra o uso da agulha. A julgar pelo estado destas marcas, começou a sua cura apenas algumas semanas atrás. E agora tornou-se psicologicamente impossível aceitar uma injeção. Espero que não tenhamos lhe causado uma recaída, mas esta é a menor de suas preocupações.

– Como ele conseguiu passar pela quarentena?

– Oh, há uma seção especial para pessoas assim. Os médicos não comentam a respeito, mas os clientes são temporariamente descondicionados sob hipnose. Há mais deles do que se pode imaginar. Uma viagem à Lua é altamente recomendada como parte da cura. Ela o afasta de seu ambiente.

Existiam outras perguntas que Pat gostaria de fazer ao senhor Harding, mas já haviam perdido vários minutos. Graças a Deus, todos os outros passageiros já estavam inconscientes. A demonstração de judô, ou o que quer que fosse, devia ter encorajado qualquer indeciso.

– Você não vai mais precisar de mim – disse Sue, com um pequeno sorriso de bravura. – Adeus, Pat. Acorde-me quando estiver tudo acabado.

– Farei isso – prometeu ele, enquanto a deitava gentilmente no espaço entre duas fileiras de assentos. – Ou não o farei nunca mais – acrescentou, quando viu que os olhos dela já estavam fechados.

Permaneceu curvado vários segundos sobre o corpo de Sue antes de recuperar suficiente autocontrole para encarar os outros. Havia tantas coisas que quisera dizer-lhe, mas agora a oportunidade se fora, talvez para sempre.

Engolindo para dominar a sensação de aspereza em sua garganta, voltou-se para os cinco remanescentes. Existia ainda mais um problema e David Barrett o resumiu: – Bem, capitão, não nos deixe mais em suspense. Qual de nós vai querer como companhia?

Cada um deles recebeu de Pat um tubo soporífero.

– Obrigado pela ajuda. Sei que isto é um tanto melodramático, mas é o modo mais justo. Apenas quatro desses tubos irão funcionar.

– Espero que seja o meu – disse Barrett, sem perder tempo. Foi o que aconteceu.

Alguns instantes depois, Harding, Bryan e Johanson seguiram o inglês rumo ao limbo.

– Bem – disse o Dr. McKenzie. – Acho que sou o homem sorteado. Estou lisonjeado por sua escolha. Ou foi apenas sorte?

– Antes de responder a essa pergunta é melhor fazer com que Porto Roris saiba o que está acontecendo.

Dirigiu-se ao rádio e enviou um breve relatório da situação. Houve um silêncio comovido na outra extremidade do circuito. Alguns minutos depois o engenheiro-chefe Lawrence entrou na linha.

– Você fez a melhor coisa, é claro – disse ele, depois que Pat repetiu a história com maior riqueza de detalhes. – Mesmo que não tenhamos problemas, não poderemos alcançá-los em menos de cinco horas. Será capaz de aguentar até lá?

– Dois de nós, sim – respondeu Pat. – Poderemos nos revezar no circuito respirador do traje espacial. É com os passageiros que me preocupo.

– A única coisa que pode fazer é verificar-lhes a respiração e dar-lhes uma descarga de oxigênio, se parecerem muito agoniados. Faremos o melhor que pudermos, do nosso lado. Algo mais que queira dizer?

Pat pensou alguns segundos.

– Não – respondeu, cansado. – Chamarei a cada 15 minutos. Selene desligando.

Levantou-se muito lentamente, pois a tensão e o envenenamento por dióxido de carbono começavam a pesar sobre ele, e falou com McKenzie: – Doutor... dê-me uma mão com aquele traje espacial.

– Que vergonha. Esqueci-me completamente dele.

– E eu me preocupava que algum passageiro pudesse se lembrar. Todos eles devem ter visto quando entraram pela comporta. Isto apenas prova como se pode deixar de notar o óbvio.

Levaram apenas cinco minutos para destacar os recipientes de absorção e o suprimento de oxigênio para 24 horas do traje. Todo o circuito do respirador fora desenhado para ser rapidamente retirado, em caso de necessidade. Mais uma vez Pat abençoou a engenhosidade, talento e visão esbanjados no projeto do Selene.

Algumas coisas haviam sido negligenciadas, ou talvez pudessem ser melhor desenhadas, mas não eram muitas.

Com os pulmões doendo, os dois únicos homens ainda conscientes a bordo do cruzador entreolharam-se por sobre o cilindro de metal cinzento que continha outro dia de vida. Simultaneamente os dois disseram: – Você primeiro.

Riram sem muita vontade da situação e em seguida Pat respondeu: – Não vou discutir – e colocou a máscara sobre o rosto.

Como a fria brisa do mar após um dia poeirento de verão, como o vento de uma floresta alpina de pinheiros, revolvendo o ar estagnado de um vale profundo, assim pareceu a Pat o fluxo de oxigênio. Ele respirou fundo quatro vezes e exalou completamente,

para retirar o dióxido de carbono de seus pulmões. E então passou o estojo do respirador, como um cachimbo da paz, para Mckenzie.

As quatro inspirações foram suficientes para revigorá-lo e afastar as teias que lhe cobriam o cérebro. Talvez o efeito fosse psicológico. (Alguns centímetros cúbicos de oxigênio poderiam ter um efeito tão profundo?) Qualquer que fosse a explicação sentia-se um homem novo. Agora poderia enfrentar as cinco ou mais horas de espera. Dez minutos depois sentiu outra onda de confiança. Todos os passageiros pareciam respirar tão normalmente quanto seria possível. De um modo lento, mas regular. Deu a cada um alguns segundos de oxigênio e chamou novamente a base.

– Selene na linha. Capitão Harris falando. O Dr. Mckenzie e eu nos sentimos bastante em forma agora e nenhum dos passageiros parece ter problemas. Permanecerei na escuta e chamarei de novo daqui a meia hora.

– Mensagem recebida. Mas espere um pouco. Várias agências de notícias querem lhe falar.

– Lamento – respondeu Pat – Já dei toda a informação possível e tenho vinte homens e mulheres inconscientes para cuidar. Selene desliga.

Era apenas uma desculpa, claro, e muito fraca. Pat nem mesmo sabia por que dissera isso. Sentiu um rancor súbito e anormal: por que um homem não pode morrer em paz hoje em dia? Se ele soubesse da câmara que o esperava a somente cinco quilômetros de distância, a sua reação teria sido ainda mais forte.

– Não respondeu à minha pergunta, capitão – falou o Dr. Mckenzie, muito paciente.

– Que pergunta? Oh, aquilo. Não, não foi sorte. O comodoro e eu achamos que seria o homem mais útil para manter acordado. É um cientista e detectou o perigo de superaquecimento antes de todos. E calou-se quando lhe pedimos.

– Bem, tentarei corresponder às suas expectativas. Certamente me sinto agora mais alerta do que me sentia antes. Deve ser o



oxigênio que estamos cheirando. A grande questão é: quanto tempo ele irá durar?

– Entre nós dois, 12 horas. Tempo mais do que suficiente para os esquis chegarem aqui. Mas talvez precisemos gastar a maior parte com os outros, se mostrarem sinais de asfixia. Receio que será a conta exata.

Os dois estavam sentados com as pernas cruzadas sobre o piso, ao lado do assento do piloto, com o tubo de oxigênio entre eles. A intervalos de alguns minutos aspiravam o inalador, um de cada vez, mas apenas duas inspirações. Nunca imaginei, pensou Pat, que me envolveria com o clichê número um das óperas espaciais da TV.

Entretanto, isso já acontecera tantas vezes na vida real que perdera a graça, especialmente quando acontece conosco.

Ambos, Pat e McKenzie – ou quase certamente um dos dois -, poderiam sobreviver se abandonassem os outros passageiros à sua própria sorte. Tentar manter esses vinte homens e mulheres vivos poderia condená-los.

A situação era tal que a lógica ia de encontro à consciência. Contudo, não era nova nem peculiar à era espacial, mas tão velha quanto a humanidade, pois incontáveis vezes no passado grupos perdidos ou isolados enfrentaram a morte através da falta de água, comida ou calor. Agora faltava oxigênio; o princípio, entretanto, era o mesmo.

Alguns daqueles grupos não deixaram sobreviventes, outros, um punhado de homens que passaram o resto de suas vidas se penitenciando. Em que pensaria George Pollard, último capitão do baleeiro Essex, ao caminhar pelas ruas de Nantucket, com a mácula do canibalismo sobre a sua alma? Esta era uma história com duzentos anos de idade, de que Pat nunca ouvira falar. Ele vivia num mundo muito ocupado em criar suas próprias lendas para se importar com as que havia na Terra. No que lhe dizia respeito, já fizera a sua escolha e sabia, sem precisar perguntar, que McKenzie

concordaria com ele. Nenhum dos dois era o tipo de homem que lutaria pela última bolha de oxigênio no tanque. Mas se houvesse uma luta...

– De que está rindo? – indagou McKenzie.

– Se quer mesmo saber – disse, abaixando a máscara de oxigênio – eu pensava que não teria muita chance se você decidisse ficar sozinho com o tubo de oxigênio.

McKenzie pareceu um pouco surpreso e então sorriu também.

– Calculei que todos vocês, nascidos na Lua, eram sensíveis a esse respeito.

– Nunca me senti assim – respondeu Pat. – Apesar de tudo, o cérebro é mais importante do que os músculos. Não posso evitar o fato de ter nascido num campo gravitacional seis vezes menor do que o seu. De qualquer modo, como sabe que eu nasci na Lua?

– Em parte pelo físico. Todos vocês têm a mesma estrutura alta e delgada. E a cor da sua pele. Às lâmpadas ultravioletas nunca fornecem o mesmo bronzeado da luz solar natural.

– Que certamente o bronzeou – retrucou Pat, com um sorriso. – À noite você deve ser um perigo à navegação. Aliás, como conseguiu ter um nome como McKenzie?

Tendo pouco contato com as tensões raciais ainda não totalmente extintas na Terra, Pat podia fazer tais observações sem perceber que elas poderiam causar algum embaraço.

– O meu avô o recebeu de um missionário quando foi batizado. Sou muito descrente quanto a qualquer significação genética. Sei apenas que sou um abo puro sangue.

– Abo?

– Aborígine. Éramos as pessoas que ocupavam a Austrália antes da vinda do homem branco. Os fatos subsequentes foram um pouco deprimentes.

O conhecimento de Pat quanto à história terrestre era muito vago. Como a maioria dos residentes da Lua, ele tendia a presumir que nada de maior importância ocorrera antes de 8 de novembro de 1967, quando o quinquagésimo aniversário da Revolução Russa fora celebrado de modo tão espetacular<sup>{4}</sup>.

– Suponho que houve uma guerra?

– Dificilmente poderia chamá-la assim. Tínhamos lanças e bumerangues; eles tinham rifles. Para não falar da tuberculose e das doenças venéreas, muito mais eficientes. Levamos 150 anos para nos recobrar do impacto. Somente no século passado, depois de 1940, a nossa população tornou a crescer. Agora existem uns cem mil de nós, quase tantos quanto havia na época em que seus ancestrais chegaram.

McKenzie forneceu estas informações com uma indiferença irônica que eliminava qualquer acusação pessoal, mas Pat achou melhor se isentar de qualquer responsabilidade pelos crimes de seus antepassados terrestres.

– Não me culpe pelo que aconteceu na Terra; nunca estive lá e nunca estarei. Não poderia suportar sua gravidade. Mas já vi a Austrália muitas vezes através do telescópio. Tenho alguns laços sentimentais com o lugar. Meus pais decolaram de Woomera.

– E meus ancestrais batizaram o lugar. Um Woomera é um objeto propulsor para as lanças e também é um estado da Austrália.

– Ainda existe alguém de seu povo vivendo em condições primitivas? – indagou Pat escolhendo cuidadosamente as palavras.

– Já ouvi que isso ocorre em Certas regiões da Ásia.

– A antiga vida tribal se foi. E acabou rapidamente quando as nações africanas começaram a pressionar a Austrália na ONU. De um modo muito desonesto, devo acrescentar, pois sou um australiano primeiro e um aborígene depois. Mas devo admitir que meus compatriotas brancos eram geralmente muito estúpidos; deviam ser, para pensarem que éramos estúpidos! Por quê? Até meados do último século alguns deles ainda pensavam em nós

como selvagens da Idade da Pedra. Nossa tecnologia era da Idade da Pedra, certo, mas nós não éramos.

Para Pat, tal discussão, abaixo da superfície da Lua, a respeito de um modo de vida tão distante no espaço e no tempo, não parecia nada absurda. Ele e McKenzie deviam entreter um ao outro, ficar de olho nos vinte companheiros inconscientes e lutar contra o sono durante pelo menos cinco horas. Este era um modo tão eficiente de fazê-lo quanto qualquer outro.

– Se o seu povo não estava na Idade da Pedra, doutor – apenas em benefício do argumento concordarei que não estava -, como os brancos tiveram tal impressão?

– Pura estupidez, somada ao preconceito. É uma conclusão fácil de se tirar: se um homem não pode contar, escrever ou falar um bom inglês, não deve ser inteligente. Posso lhe dar um perfeito exemplo em minha própria família. Meu avô, o primeiro McKenzie, viveu o suficiente para conhecer o ano dois mil, mas nunca aprendeu a contar além de dez. E sua descrição de um eclipse total da Lua seria: "Jesus Cristo apagou a lâmpada de querosene lá no céu." Agora eu sou capaz de escrever as equações do movimento orbital da Lua, mas não afirmaria ser mais inteligente que meu avô. Se tivéssemos trocado de lugar no tempo talvez ele fosse o grande físico. Nossas oportunidades foram diferentes, apenas isso. Vovô nunca teve ocasião de aprender a contar e eu nunca precisei sustentar uma família num deserto, o que era um trabalho altamente especializado, em tempo integral.

– Talvez – disse Pat, pensativo – pudéssemos utilizar as habilidades de seu avô por aqui. É o que estamos tentando fazer agora: sobreviver num deserto.

– Suponho que possa definir desta maneira, embora não acredite que bumerangues e paus de fazer fogo tenham muita utilidade. Talvez pudéssemos usar um pouco de magia. Mas receio não conhecer nenhuma e duvido que os deuses tribais pudessem fazê-lo lá da terra de Arnhem.

– Já se sentiu pesaroso pela destruição do modo de vida de sua gente?

– Como poderia? Eu nem o conheci. Nasci em Brisbane e aprendi a usar um computador eletrônico antes mesmo de ver um corroboree...

– Um o quê?

– Dança religiosa tribal. E metade dos participantes da que presenciei estavam se graduando em antropologia cultural. Não tenho ilusões românticas quanto à vida simples do nobre selvagem. Meus ancestrais eram pessoas ótimas e não me envergonho deles, mas a geografia os prendera num beco sem saída. Após a luta pela sobrevivência eles não tinham nenhuma energia de sobra para dedicar à civilização. Á longo prazo, a chegada dos colonizadores brancos foi uma boa coisa, apesar do seu hábito fascinante de nos venderem farinha envenenada quando queriam as nossas terras.

– Eles faziam isso?!

– Certamente. Mas por que está surpreso? Isto foi uns cem anos antes de Belsen.

Pat pensou nisso alguns minutos. Em seguida olhou para o relógio e disse com uma distinta sensação de alívio:

– Hora de contactar de novo a base. Antes, vamos dar uma olhada nos passageiros.

# Capítulo 20

Não havia tempo agora, pensou Lawrence, para se preocupar com iglus infláveis e outros refinamentos do bem-viver no Mar da Sede. Tudo o que importava era descer aqueles dutos de ar até o cruzador. Os engenheiros e técnicos teriam de suar nos seus trajes espaciais até que a tarefa estivesse terminada. O sacrifício não seria longo. Se não conseguissem realizá-la em cinco ou seis horas, poderiam dar a volta e ir para casa, deixando o Selene no mundo do qual tirara o nome.

Nas oficinas de Porto Roris realizavam-se milagres de improvisação, nunca antes vistos ou ouvidos. Uma usina de ar condicionado completa, com seus tanques de oxigênio líquido, absorventes de umidade e dióxido de carbono, reguladores de pressão e temperatura, fora desmontada e colocada num trenó; da mesma forma, uma perfuratriz de pequeno porte, trazida num ônibus-foguete, da divisão de geofísica em Clavius; além do encanamento de desenho especial, que deveria funcionar na primeira tentativa, pois não haveria oportunidade para modificações.

Lawrence não tentou apressar seus homens; sabia ser desnecessário. Manteve-se nos bastidores, checando o fluxo de equipamento dos depósitos para as oficinas e daí para os trenós. Tentava pensar nos possíveis contratempos: que tipo de ferramentas seriam necessárias? Quantas sobressalentes? A jangada devia ser colocada nos esquis por último, de modo a ser descarregada em primeiro lugar?

Seria seguro bombear o oxigênio para o Selene antes de conectar uma linha de exaustão? Estes e centenas de outros detalhes, alguns simples, outros vitais, passaram pela sua mente. Chamou Pat várias vezes a fim de obter informações técnicas, tais como a pressão interna e temperatura, se a válvula de exaustão da cabine já estourara (ainda não, provavelmente estava entupida de poeira) e

pediu conselhos quanto aos melhores pontos para se perfurar o teto. Em cada ocasião, Pat respondia com crescente lentidão e dificuldade.

A despeito das tentativas para contactá-lo, Lawrence recusou-se firmemente a falar com os jornalistas, que agora se apinhavam em torno de Porto Roris e ocupavam metade dos circuitos de som e vídeo entre a Terra e a Lua. Fornecera-lhes uma breve declaração, explicando qual era a situação e o que pretendia fazer a respeito. O resto era com o pessoal da administração. Era trabalho deles protegê-lo, de modo a poder prosseguir a sua tarefa sem ser perturbado. Deixara isto bem claro ao comissário de Turismo, e desligara antes que Davis pudesse argumentar.

Não tinha tempo, é claro, nem para olhar rapidamente a cobertura da televisão, embora ouvisse comentários de que o Dr. Lawson estava rapidamente criando a reputação de ter personalidade um tanto rabugenta. Isso, presumiu, era trabalho do homem da Notícias Interplanetárias, em cujas mãos jogara o astrônomo. O sujeito devia sentir-se muito feliz em relação a isso.

Mas não estava. Alto, nos contrafortes das Montanhas da Inacessibilidade, cujo título tão convincentemente refutara, Maurice Spencer caminhava a passos rápidos ao encontro da úlcera que evitara durante toda a sua vida profissional. Gastara cem mil stollars para trazer o Auriga até aqui e parecia, afinal, não ter nenhuma história.

Estaria tudo acabado antes que os esquis chegassem. A operação de resgate, cheia de suspense, que manteria bilhões colados às suas telas, jamais se materializaria. Poucas pessoas resistiriam ao desejo de observar 22 homens e mulheres serem resgatados da morte, mas ninguém desejaria ver uma exumação.

Esta era a fria análise de Spencer, sob a óptica do comentarista de TV; mas o ser humano estava igualmente infeliz. Era terrível estar aqui na montanha, a apenas cinco quilômetros da tragédia iminente, impossibilitado de fazer alguma coisa para evitá-la. Sentia-se quase envergonhado cada vez que respirava, sabendo

que aquelas pessoas lá embaixo estariam sufocando. Várias vezes pensara se não haveria algo que o Auriga pudesse fazer para ajudar (o valor jornalístico disto, é claro, não lhe escapou), mas agora tinha certeza de que seria apenas uma simples testemunha. O Mar implacável eliminava qualquer possibilidade de ajuda.

Já cobrira desastres antes, mas desta vez sentia-se anormalmente como um vampiro.

Estava muito tranquilo agora, a bordo do Selene, tão tranquilo que era preciso lutar contra o sono. Que bom seria, pensava Pat, unir-se aos outros, que sonhavam felizes ao seu redor. E então tomava algumas inalações de oxigênio e a realidade se fechava sobre ele assim que percebia o perigo.

Um homem só jamais permaneceria acordado ou manteria uma vigília sobre vinte homens e mulheres inconscientes, fornecendo-lhes oxigênio sempre que mostravam sinais de problemas respiratórios. Ele e McKenzie faziam uma vigília mútua, e várias vezes um sacudira o outro da iminência do sono. Não haveria dificuldade se tivessem bastante oxigênio, mas a garrafa se tornava rapidamente vazia. Era enlouquecedor o fato de saber que ainda existiam muitos quilos de oxigênio líquido nos tanques principais do cruzador, sem meios de utilizá-los. O sistema automático o liberava aos poucos através dos evaporadores para a cabine, onde era instantaneamente contaminado pela atmosfera, agora quase irrespirável.

Pat nunca vira o tempo passar tão vagorosamente. Parecia incrível que tivessem transcorrido apenas quatro horas desde que ele e McKenzie ficaram incumbidos de zelar pelos companheiros adormecidos. Ele afirmaria estar aqui há dias, falando baixinho com o colega, chamando Porto Roris a cada 15 minutos, checando pulsos e respirações e concedendo pequenas doses de oxigênio.

Mas nada dura para sempre. Pelo rádio, vindo de um mundo que nenhum dos dois homens acreditava ver novamente, chegavam as



notícias esperadas.

– Estamos a caminho – disse a voz cansada, mas decidida, do engenheiro-chefe Lawrence. – Só precisam aguentar por mais uma hora. Como se sentem?

– Muito cansados – respondeu Pat com lentidão. – Mas aguentaremos.

– E os passageiros?

– Na mesma.

– Certo, chamaremos vocês a cada dez minutos. Deixe o volume do receptor todo aberto. Esta é uma sugestão da Divisão Médica. Eles não querem correr o risco de vocês caírem no sono.

O som das trombetas trovejou através da face da Lua e ecoou até a Terra e pelas vastidões do sistema solar. Hector Berlioz nunca seria capaz de sonhar que dois séculos após compor o ritmo vibrante de sua Marcha Rakoczy levaria animo e esperança a homens que lutavam por suas vidas num outro mundo.

Enquanto a música reverberava através da cabine, Pat olhou para o Dr. McKenzie com um leve sorriso.

– Pode ser antiquado – disse – mas está funcionando.

O sangue pulsava em suas veias, os pés batiam ao compasso da música. Do céu lunar, relampejando do espaço, chegava o som dos exércitos marchando, o trovão da cavalaria através de mil campos de batalha, o chamado dos clarins que um dia convocaram nações para enfrentarem seus destinos. Tudo perdido, há muito tempo, o que era bom para o mundo. Mas deixando em seu rastro muito do que era bom e nobre. Exemplos de heroísmo e auto-sacrifício, provas de que os homens ainda eram capazes de se manterem de pé, quando seus corpos há muito haviam passado os limites da resistência física.

Enquanto seus pulmões trabalhavam no ar estagnado, Pat sabia que precisava dessa inspiração do passado para conseguir sobreviver àquela hora interminável que se estendia à sua frente.

A bordo do minúsculo e abarrotado convés do Espanador Um, o engenheiro-chefe Lawrence ouvia a mesma música e reagia do mesmo modo. Sua pequena frota dirigia-se realmente para uma batalha, contra um inimigo que o Homem enfrentaria até o final dos tempos. Enquanto se lançasse através do universo, de planeta em planeta, de sol a sol, as forças da Natureza colocar-se-iam contra ele de novas e inesperadas formas. Até na Terra, após todas estas eras, ainda existiam muitas armadilhas para os incautos; naquele mundo que o Homem conhecia há apenas uma geração, a morte espreitava com mil disfarces inocentes. Mesmo que o Mar da Sede fosse privado de sua presa, Lawrence estava certo de uma coisa: sempre haveria outro desafio.

Cada esqui rebocava um único trenó, cheio de equipamentos e parecendo muito mais pesado e imponente do que realmente era. Á maior parte da carga constituía-se apenas de tambores vazios, sobre os quais a jangada deveria flutuar. Tudo o que não fosse absolutamente essencial fora deixado para trás. Logo que o Espanador Um desembarcasse sua carga, Lawrence o mandaria de volta a Porto Roris a fim de buscar uma nova leva de equipamentos. Assim, seria capaz de manter um serviço de transporte contínuo entre a Base e o local de trabalho, de modo que se precisasse de alguma coisa com urgência não teria de esperar mais do que uma hora. Isso, é claro, com um certo otimismo. Talvez quando chegassem ao Selene já não houvesse razão para tanta pressa.

Enquanto os edifícios de Porto Roris mergulhavam rapidamente sob a linha do horizonte, Lawrence dava instruções aos seus homens. Pretendera realizar um ensaio geral antes de partirem, mas esta fora outra idéia abandonada em função da falta de tempo. A primeira contagem seria a única que valeria.

– Jones, Sikorsky, Coleman, Matsui, quando chegarmos na marca vocês deverão descarregar os tambores e colocá-los na disposição adequada. Tão logo isto seja feito, Bruce e Hodges fixarão as vigas transversais. Tenham muito cuidado para não deixar cair porcas ou

parafusos e mantenham todas as ferramentas amarradas a vocês. Se caírem acidentalmente, não entrem em pânico, não podem afundar mais do que alguns centímetros." Eu sei. Sikorsky, Jones, vocês ajudam na instalação do piso assim que a estrutura básica da jangada esteja completa. Coleman, Matsui, assim que houver espaço de trabalho suficiente comecem a instalar as mangueiras de ar e os encanamentos. Greenwood, Renaldi, vocês ficam incumbidos da operação da perfuratriz...

E assim prosseguiu, detalhe por detalhe. O maior perigo, sabia Lawrence, era que seus homens ficassem um no caminho do outro, enquanto trabalhavam em espaço confinado. Um único acidente e todo o esforço estaria perdido. Um dos medos particulares de Lawrence, que o assombrava desde que deixaram Porto Roris, era que alguma ferramenta vital fosse esquecida. E havia um pesadelo pior: que os 22 homens e mulheres do Selene morressem minutos antes de serem salvos porque a única chave capaz de fazer a conexão final caíra pela borda da jangada.

Nas Montanhas da Inacessibilidade, Maurice Spencer olhava pelo seu binóculo e ouvia as vozes do rádio, chamando através do Mar da Sede.

A cada dez minutos Lawrence falava com o Selene e em cada ocasião a pausa antes da resposta era mais longa. Mas Harris e McKenzie ainda se agarravam à consciência, graças à absoluta força de vontade e talvez ao encorajamento musical que recebiam da Cidade Clavius.

– O que o disc-jockey psicólogo está mandando para eles agora? – indagou Spencer. Do outro lado da cabine de controle o radioperador aumentou o volume e As Valquírias cavalgaram sobre as Montanhas da Inacessibilidade.

– Não acredito – resmungou o capitão Anson – que eles tenham tocado algo mais recente do que o século XIX.

– Ah, tocaram sim – corrigiu Jules Braques, enquanto fazia algum ajuste minúsculo em sua câmara. – Tocaram a Dança do sabre, de Khachaturian, ainda agora. Esta só tem cem anos de idade.

– Está na hora do Espanador Um chamar de novo – disse o radioperador. A cabine tornou-se instantaneamente silenciosa.

No momento exato chegou o sinal do esqui de pó. A expedição estava tão próxima do Auriga que poderiam ouvi-la diretamente, sem utilizar o relê em Lagrange.

– Lawrence chamando Selene. Estaremos sobre vocês em dez minutos. Estão bem?

Uma pausa agonizante, alongando-se desta vez durante quase cinco segundos.

Então:

– Selene responde. Nenhuma mudança aqui.

Isto era tudo. Pat Harris não desperdiçava o fôlego que lhe restava.

– Dez minutos – disse Spencer. – Deviam estar à vista agora. Algo na tela?

– Ainda não – respondeu Jules, focalizando o horizonte com a lente zoom e lentamente varrendo ao longo de seu arco vazio. Não havia nada acima, além do espaço negro como a noite.

A Lua, pensava Jules, sempre apresentava algumas dores de cabeça para o câmara. Tudo era cor de fuligem ou branco lavado, não havia nenhum belo meio-tom. E, é claro, existia o clássico e eterno dilema das estrelas, embora esta fosse uma questão estética, não técnica.

O público esperava ver estrelas no céu lunar, mesmo durante o dia, porque elas lá estavam. Mas o olho humano não poderia vê-las; durante o dia, o olho encontrava-se tão dessensibilizado pelo brilho que o céu parecia vazio, absolutamente negro. Se alguém desejasse ver as estrelas, teria de procurar por elas através de óculos protetores, que filtrassem todo o excesso de luz. Dessa forma, suas pupilas se expandiriam gradualmente e as estrelas

surgiriam uma por uma até preencherem o campo de visão. Mas assim que olhasse para qualquer outra coisa, elas sumiriam. O olho humano poderia fixar as estrelas à luz do dia ou a paisagem iluminada, mas não ambas as coisas ao mesmo tempo.

A câmara de TV, contudo, poderia, se isso fosse desejado; alguns diretores preferiam fazê-lo, outros argumentavam que falsificava a realidade. Era um daqueles problemas que não possuíam resposta correta. Jules estava do lado do realismo e mantinha o circuito "portal das estrelas" desligado até que o estúdio o exigisse.

A qualquer momento receberia instruções da Terra. Algumas das redes de notícias já haviam pedido flashes: vistas gerais das montanhas, lentas varreduras através do Mar, doses do marco solitário erguendo-se através do pó. Mas dentro em breve e talvez durante horas a fio, essa câmara seria os olhos de vários bilhões de pessoas. A reportagem talvez fosse um fracasso ou a maior história do ano.

Segurou o amuleto em seu bolso. Jules Braques, membro da Sociedade dos Engenheiros do Cinema e da Televisão, ficaria ofendido se alguém o acusasse de carregar um talismã. Por outro lado, teria dificuldade em explicar por que nunca mostrava o seu pequeno brinquedo antes que a história que estivesse cobrindo seguramente entrasse no ar.

– Aí vêm eles! – gritou Spencer; sua voz revelava a tensão sob a qual se encontrava. Abaixou o binóculo e olhou para a câmara. – Você está muito à direita!

Jules já estava filmando. Na tela do monitor, a planura geométrica do horizonte fora afinal interrompida: duas minúsculas estrelas cintilantes apareciam agora no arco perfeito que separava o Mar e o espaço. Os esquis de pó aproximavam-se sobre a face da Lua.

Mesmo com o foco mais longo da lente zoom eles pareciam pequenos e distantes.

Era deste modo que Jules queria; estava ansioso em oferecer uma impressão de vazio e solidão. Deu uma rápida olhada na tela

principal da nave, sintonizada no canal interplanetário. Sim, eles o estavam transmitindo.

Enfiou a mão no bolso, retirou um pequeno diário e o colocou sobre a câmara.

Levantou a capa, que se prendeu em posição quase vertical – e imediatamente tomou vida em cor e movimento. Ao mesmo tempo uma voz fraca começou a dizer-lhe que este era um programa especial de Notícias Interplanetárias, canal um-zero-sete, e "agora estamos levando vocês até a Lua".

A minúscula tela projetava a imagem que ele via diretamente em seu monitor.

Não, não a mesma imagem. Esta era a que captara dois segundos e meio atrás; ele olhava para tal distância no passado. Nos dois e meio milhões de microssegundos, de acordo com a escala de tempo de um engenheiro eletrônico, aquela cena passara por muitas aventuras e transformações. De sua câmara fora canalizada para o transmissor do Auriga e irradiada para Lagrange, cinquenta mil quilômetros acima.

Lá, fora arrancada do espaço, amplificada algumas centenas de vezes e disparada na direção da Terra, para ser captada por outro satélite retransmissor. Em seguida para baixo, através da ionosfera, pelos últimos mais árdios cem quilômetros até o edifício da Interplanetária, onde suas aventuras realmente começavam, ao se juntar ao fluxo incessante de sons, imagens e impulsos elétricos, que informavam e divertiam uma fração substancial da raça humana.

E aqui estava ela novamente, depois de passar pelas mãos dos diretores de programa, departamentos de efeitos especiais e assistentes de engenharia – direto de volta ao lugar onde tudo começara, irradiada para todo o lado terrestre do transmissor de alta potência em Lagrange II e sobre o Lado Remoto via Lagrange I.

Para percorrer um único palmo de distância entre a câmara de TV de Jules e seu diário-receptor de bolso, aquela imagem viajara três quartos de milhão de quilômetros.

Ele se perguntou se valia a pena; coisa que os homens viviam se perguntando desde que a televisão fora inventada.

# Capítulo 21

Lawrence avistou o Auriga quando se encontrava a 15 quilômetros de distância.

Difícilmente teria deixado de fazê-lo, pois era um objeto bastante distinto enquanto a luz do sol brilhasse sobre o seu metal e o seu plástico.

Que diabo era aquilo?, perguntou-se e respondeu quase ao mesmo tempo. Era obviamente uma nave, e ele se lembrava de ter ouvido vagos rumores de que alguma rede noticiosa conseguira um vôo charter para as montanhas. Isso não era da sua conta, embora em certa ocasião tivesse examinado a questão do desembarque de equipamento ali como um modo de evitar o tedioso transporte sobre o Mar. Infelizmente, o plano não funcionaria. Não existia nenhum ponto seguro para pouso a menos de quinhentos metros acima do nível do mar. A saliência que fora tão conveniente para Spencer ficava numa altitude elevada demais para ser útil.

O engenheiro-chefe não tinha certeza se lhe agradava a idéia de ter cada movimento seu registrado por lentes de longo alcance lá nas colinas, embora não pudesse fazer nada quanto a isso. Vetara uma tentativa para colocar uma câmara num dos esquis – para enorme alívio, embora Lawrence não soubesse, da Notícias Interplanetárias e extrema frustração das outras redes. Então percebeu que talvez fosse útil ter uma nave a apenas alguns quilômetros de distância. Ela poderia prover um canal adicional de informação, e talvez utilizassem seus serviços de outro modo.

Ela poderia fornecer hospitalidade até que os iglus fossem enviados.

Onde estaria o marco? Certamente deveria estar à vista, agora! Por um desconfortável momento Lawrence pensou que tivesse caído, desaparecendo na poeira. Aquilo não os impediria de encontrar o



Selene, é claro, mas poderia retardá-los por cinco ou dez minutos numa ocasião em que cada segundo era vital.

Deu um suspiro de alívio; deixara de notar a fina haste contra o luminoso fundo das montanhas. O piloto já localizara o seu objetivo e mudara ligeiramente o curso para alcançá-lo.

Os esquis deslizaram até parar em ambos os lados do marco e imediatamente tornaram-se palco de intensa atividade. Oito figuras em trajes espaciais começaram a descarregar volumes e grandes tambores cilíndricos com grande agilidade, segundo o esquema predeterminado. Rapidamente a jangada começou a tomar forma, enquanto sua estrutura de metal chanfrado era aparafusada em volta dos tambores e o leve piso de fibra de vidro colocado por cima.

Nenhuma construção, em toda a história da Lua, fora realizada com tamanho esquema de publicidade, graças ao olho vigilante nas montanhas. Todavia, uma vez começado o trabalho, os oito homens nos esquis tornaram-se totalmente indiferentes aos milhões de olhos voltados para eles. Tudo o que lhes importava agora era colocar a jangada em posição e fixar a armação que guiaria a perfuratriz oca, portadora da vida, até o seu objetivo.

A cada cinco minutos, ou menos, Lawrence falava com o Selene, mantendo Pat e McKenzie informados de seu progresso. O fato de também informar o mundo angustiado com a espera quase não lhe passou pela cabeça.

Finalmente, no tempo incrível de vinte minutos, a perfuratriz estava pronta, seus cinco primeiros metros apontados com um arpão pronto a mergulhar no Mar. Só que esse arpão era projetado para levar a vida, não a morte.

– Estamos baixando – disse Lawrence. – A primeira parte é a maior.

– É melhor se apressarem – sussurrou Pat. – Não aguentarei mais muito tempo.

Ele parecia estar se movendo dentro da névoa e não podia se lembrar de quando ela não estivera ali. Apesar da dor constante em

seus pulmões, não se sentia realmente desconfortável; apenas cansado, inacreditavelmente cansado. Agora não era mais que um robô realizando uma tarefa cujo significado já esquecera, se de fato alguma vez o conhecera. Havia uma chave em sua mão; ele a retirara do estojo de ferramentas horas atrás, sabendo que seria necessária. Talvez ela o fizesse recordar-se do que deveria fazer quando chegasse a ocasião.

Parecia ouvir, de uma grande distância, um fragmento de conversação que obviamente não lhe era destinado. Alguém se esquecera de mudar de canal.

– Devemos ajustá-la de modo que a broca possa ser desenroscada da extremidade. Mas se ele estiver muito fraco para fazê-lo?

– Temos de correr o risco. Os acessórios extras nos teriam atrasado mais uma hora. Dê-me aquele...

Então o circuito foi desligado, mas Pat já ouvira o suficiente para ficar aborrecido, ou tão aborrecido quanto um homem poderia estar em sua condição semi-atordoada.

Mostraria a eles... ele e seu bom amigo Dr. Mac... Mac o quê? Não conseguia mais se lembrar do nome.

Voltou-se lentamente na cadeira giratória e olhou para o comprimento da cabine, cujas ruínas lembravam o Gólgota. Por um instante não foi capaz de avistar o físico entre os demais corpos tombados, e então o viu, ajoelhado junto à senhora Williams, cujas datas de nascimento e morte agora pareciam muito próximas. McKenzie segurava a máscara de oxigênio sobre o rosto dela, totalmente inconsciente do fato de que o sopro de gás do cilindro cessara e o mostrador há muito atingira o zero.

– Estamos quase aí – disse o rádio. – Deverá ouvir, quando o atingirmos dentro de um minuto.

Tão rápido?, pensou Pat. Mas é claro que o pesado tubo iria atravessar a poeira com a mesma velocidade com que fosse baixado. Julgou-se muito esperto por deduzir isso.

Batida! Alguma coisa atingira o teto. Mas onde?

– Posso ouvi-los – sussurrou. – Vocês nos alcançaram.

– Sabemos disso – respondeu a voz. – Podemos sentir o contato, mas você tem de fazer o resto. Pode nos dizer onde foi que a broca tocou? É uma parte livre do teto ou está sobre a fiação? Vamos levantar e abaixar várias vezes para ajudá-lo a localizá-la.

Pat sentiu-se muito ofendido com isso. Parecia terrivelmente desonesto que o obrigassem a decidir sobre uma questão tão complicada.

Toque, toque, soava a broca contra o teto. Ele não poderia, nem que sua vida dependesse disso (que frase apropriada!), localizar a posição exata do som. Bem, não tinha nada a perder.

– Vão em frente – murmurou -, vocês estão num ponto livre. – Teve de repetir duas vezes até que entendessem suas palavras.

Instantaneamente (eles eram rápidos na plataforma lá em cima) a broca começou a zumbir contra o casco externo. Podia ouvir o som muito distintamente, mais belo do que a música.

A ponta atravessou o primeiro obstáculo em menos de um minuto. Ouviu-a correr e em seguida parar, quando o motor foi desligado. O operador baixou-a mais alguns centímetros até atingir o casco interno e começou a girá-la novamente.

O som agora era muito mais alto e poderia ser facilmente localizado. Vinha, notou Pat um tanto inquieto, de muito perto do principal cabo condutor de energia, ao longo do centro do teto. Se aquilo o atravessasse...

Lento e cambaleante, levantou-se e caminhou até a fonte do som. Quase a alcançara quando houve uma chuva de pó do teto, um súbito faiscar de eletricidade e as luzes se apagaram.

Felizmente a iluminação de emergência permaneceu acesa. Pat levou vários segundos para adaptar seus olhos ao fraco brilho vermelho. Viu o tubo de metal projetando-se do teto. Moveu-se

lentamente para baixo, até chegar meio metro para dentro da cabine, quando então parou.

O rádio falava ao fundo, dizendo alguma coisa que ele sabia ser muito importante.

Tentou descobrir o sentido enquanto ajustava a chave ao redor da cabeça da broca.

– Não retire a broca até avisarmos – dizia a voz distante. – Precisamos de tempo para instalar uma válvula de não-retorno. O encanamento está aberto no vácuo nesta extremidade. Avisaremos assim que estivermos prontos. Repito: não remova a broca até avisarmos.

Pat desejava que o homem parasse de incomodá-lo. Sabia exatamente o que devia fazer. Bastava inclinar-se com toda a sua força sobre a chave e a cabeça de corte se soltaria. Então poderia respirar novamente.

Por que não estava se movendo? Tentou mais uma vez.

– Meu Deus! – disse o rádio. – Pare com isso! Não estamos prontos ainda, vai perder todo o seu ar!

Espere um minuto, pensou Pat, sem fazer caso da interpretação. Há algo errado aqui. Uma rosca pode girar de um modo ou de outro. E se eu estiver apertando ao invés de abrir?

Isso era horrivelmente complexo. Olhou para sua mão direita, em seguida para a esquerda, nenhuma pareceu ajudar (nem aquele homem tolo gritando no rádio).

Bem, iria tentar do outro modo e ver se funcionava.

Com grande dignidade deu uma volta completa em torno do tubo, mantendo um braço ao redor. Quando chegou na chave, do outro lado, agarrou-a com ambas as mãos para não cair. Descansou por um instante contra ela, a cabeça abaixada.

– Erguer periscópio – balbuciou. O que era mesmo que isto significava na Terra?

Não tinha a menor idéia, mas ouvira em algum lugar e agora parecia apropriado.

Ainda matutava a respeito, quando a cabeça de corte começou a desenroscar lentamente sob o seu peso, de um modo muito fácil e suave.

Quinze metros acima, o engenheiro-chefe Lawrence e seus assistentes permaneceram imóveis por um instante, quase paralisados de terror. Era algo que ninguém imaginaria; haviam pensado numa centena de outros possíveis acidentes, mas não isso.

– Coleman, Matsui! – gritou Lawrence. – Encaixem a mangueira de oxigênio, pelo amor de Deus!

Mesmo enquanto gritava sabia que seria muito tarde. Haveria ainda mais duas conexões a serem feitas, antes que o circuito de oxigênio estivesse completo. E, é claro, elas eram roscas, e não encaixes de liberação rápida. Um daqueles pequenos detalhes que não teriam importância em um milhar de anos, mas que agora eram toda a diferença entre a vida e a morte.

Como Sansão atado à mó, Pat marchava à volta do cano, empurrando o cabo da chave na sua frente. Ele não oferecia mais resistência, mesmo em seu estado de exaustão. Agora a broca já desenroscara mais de dois centímetros. Certamente cairia dentro de mais alguns segundos.

Ah, quase lá. Podia ouvir um fraco assovio, que se tornava mais pronunciado enquanto a broca desenroscava. Devia ser o oxigênio entrando na cabine. Em poucos segundos, seria capaz de respirar novamente e acabariam todos os seus problemas.

O assovio tornara-se um uivo sinistro, e pela primeira vez Pat se perguntou se estava fazendo a coisa certa. Parou, olhou pensativo para a chave inglesa e cocou a cabeça. Seu lento processo mental não encontrou nenhuma falha em suas ações; se o rádio lhe desse ordens teria obedecido, mas o rádio abandonara suas tentativas.

Bem, de volta ao trabalho. (Havia anos que não tinha uma ressaca como esta.) Começou a empurrar a chave inglesa mais uma vez e caiu de bruços no chão, quando a broca se soltou.

No mesmo instante a cabine inteira reverberou com um rugido agudo. Um vento começou a carregar todos os papéis soltos, como folhas de outono. Uma névoa de condensação formou-se no ar, resfriado pela súbita expansão e descarregando sua umidade num denso nevoeiro. Quando Pat rolou de costas, consciente afinal do que fizera, estava quase cego pela neblina ao seu redor.

Aquele uivo significava apenas uma coisa para o espaçonauta treinado, e suas reações automáticas assumiam agora pleno controle. Deveria encontrar algum objeto para tapar o buraco, qualquer coisa suficientemente forte.

Olhou à sua volta através da neblina escarlate, que já se atenuava, à medida que era sugada para o espaço. O barulho era ensurdecedor e parecia inacreditável que um cano tão pequeno pudesse produzir semelhante ruído.

Cambaleando sobre seus companheiros inconscientes, arrastando-se de assento em assento, estava quase perdendo a esperança quando encontrou a resposta para as suas preces. Lá estava – um grosso volume com a capa aberta sobre o solo onde caíra. Este não era modo de tratar os livros, pensou, mas estava grato que alguém fosse tão descuidado. Nunca o encontraria de outro modo.

Quando chegou ao orifício uivante, que sugava toda a vida para fora do cruzador, o livro foi literalmente arrancado de suas mãos e achatado contra a extremidade do cano. O som morreu instantaneamente, bem como o vento. Por um instante Pat oscilou como um bêbado e em seguida dobrou os joelhos, caindo no chão.

# Capítulo 22

Os momentos realmente inesquecíveis da televisão são os inesperados para os quais nem as câmaras nem os comentaristas estão preparados. Nos últimos trinta minutos a jangada fora o palco de uma atividade febril mas controlada; e então, sem aviso algum, entrara em erupção.

Embora fosse impossível, parecia que um gêiser brotara do Mar da Sede.

Automaticamente, Jules seguiu a coluna ascendente de vapor, enquanto ela subia para as estrelas (que agora estavam visíveis, a pedido do diretor). Enquanto subia, a coluna expandia-se como alguma planta estranha e debilitada ou como uma versão mais fina e tênue da nuvem em forma de cogumelo que aterrorizara duas gerações da humanidade.

Persistiu por apenas alguns segundos, mas durante esse tempo manteve milhões de pessoas imobilizadas em frente às suas tevês, tentando compreender como uma tromba d'água poderia se elevar desse oceano árido. Em seguida a coisa desabou e morreu no mesmo silêncio misterioso em que nascera.

Para os homens na jangada aquele gêiser de ar úmido fora igualmente silencioso, mas sentiram as suas vibrações enquanto lutavam para colocar a última conexão no lugar. Conseguiriam, mais cedo ou mais tarde, mesmo que Pat não tivesse cortado o fluxo, já que as forças envolvidas eram insignificantes. Mas o "mais tarde" poderia ter sido tarde demais. Talvez já o fosse...

– Chamando Selene! Chamando Selene! – gritou Lawrence. – Podem me ouvir?

Não houve resposta. O transmissor do cruzador não estava funcionando; ele não podia ouvir nem mesmo os sons que o microfone aberto captaria dentro da cabine.

– Conexões prontas, senhor – disse Coleman. – Devo ligar o gerador de oxigênio?

Não adiantaria nada, pensou Lawrence, se Harris tivesse conseguido colocar aquela maldita broca de novo no lugar. Sua única esperança era que ele apenas tivesse enfiado algo na extremidade do cano e que a pressão pudesse arrancá-lo.

– Ok. Vamos lá. Libere toda a pressão que puder.

Com um súbito estampido, a cópia surrada de A laranja e a maçã foi cuspidas do cano onde estivera fixada pela ação do vácuo. Do orifício aberto esguichou uma fonte invertida de gás, tão frio que os contornos eram claramente visíveis em volutas fantasmagóricas de vapor d'água condensado.

Por vários minutos o gêiser de oxigênio rugiu sem produzir qualquer efeito. Então, Pat Harris mexeu-se lentamente, tentando se levantar, mas foi derrubado pelo jato concentrado. Não era um jato particularmente forte, porém mais forte do que Pat em seu presente estado.

Deixou-se ficar deitado enquanto a descarga gelada soprava em seu rosto, apreciando sua frescura quase tanto quanto a possibilidade de respirar. Em questão de segundos ele estava completamente alerta, embora com uma terrível dor de cabeça, e consciente de tudo o que acontecera na última meia hora.

Quase desmaiou de novo quando se lembrou de ter desenroscado a cabeça de corte e lutado contra o ciclone de ar que escapava. Mas não havia tempo para se preocupar com os erros passados; tudo o que importava agora era que estava vivo e com alguma sorte permaneceria assim.

Pegou McKenzie, ainda inconsciente, como se fosse um boneco e o colocou debaixo da descarga de oxigênio. A força do gás estava muito mais fraca, agora que a pressão dentro do cruzador voltara ao normal; dentro de mais alguns minutos seria apenas uma brisa. O cientista reanimou-se quase imediatamente e olhou de um modo vago ao redor.



– Onde estou? – disse ele, sem muita originalidade. – Oh! eles conseguiram penetrar. Graças a Deus posso respirar novamente. O que aconteceu com as luzes?

– Não se incomode com elas; eu as consertarei logo. Devemos colocar todo mundo sob este jato, tão rápido quanto pudermos, e injetar um pouco de oxigênio em seus pulmões. Sabe fazer respiração artificial?

– Nunca tentei.

– É muito simples. Espere até que eu encontre o estojo de primeiros-socorros.

Quando Pat apanhou o ressuscitador, fez uma demonstração com o paciente mais próximo que por casualidade era Irving Schuster.

– Puxe a língua para fora e introduza o tubo na garganta. Agora aperte este bulbo, lentamente. Mantenha um ritmo normal de respiração. Entendeu?

– Sim, mas por quanto tempo devo fazê-lo?

– Cinco ou seis inspirações devem bastar, eu acho. Não queremos reanimá-los, só tirar o ar estagnado de seus pulmões. Fico com a metade traseira da cabine, você com a dianteira.

– Mas há somente um ressuscitador. Pat sorriu meio sem graça.

– Não é necessário – respondeu, curvando-se sobre o paciente seguinte.

– Oh! – exclamou McKenzie. – Havia me esquecido disto.

Não foi por acaso que Pat se dirigiu diretamente a Sue; agora soprava o ar através de seus lábios pelo antiquado mas altamente eficaz método de respiração boca-a-boca. Para ser justo com ele, porém, deve-se destacar que não se ocupou mais dela, depois de perceber que respirava normalmente.

Estava apenas começando com o seu terceiro paciente, quando o rádio transmitiu outro apelo desesperado.

– Alô, Selene. Há alguém aí?

Levou alguns segundos para agarrar o microfone.

– Harris falando. Estamos bem. Aplicando agora respiração artificial nos passageiros. Sem tempo para dizer mais nada. Chamarei depois. Ficaremos ouvindo, enquanto dizem o que está acontecendo.

– Graças a Deus você está bem. íamos desistir. Levamos um susto danado quando retirou aquela broca.

Ouvindo a voz do engenheiro-chefe enquanto soprava ar no senhor Radley, que dormia pacificamente, Pat não desejava ser lembrado do incidente. Sabia que, apesar do que acontecesse, jamais o esqueceria. Mas talvez tivesse sido melhor, pois a maior parte do ar viciado fora sifonada para fora do Selene naquele dramático minuto da descompressão. Poderia durar mais do que isso, já que levaria três minutos para uma cabine daquele tamanho perder grande parte de seu ar através de um tubo de apenas quatro centímetros de diâmetro.

– Agora ouçam – continuou Lawrence. – Como estiveram superaquecidos, estamos liberando o oxigênio tão frio quanto julgamos seguro. Avisem-nos se ficar frio ou seco demais. Dentro de cinco ou dez minutos estaremos baixando o segundo cano, de modo a poder completar o circuito e tomar conta de toda a sua carga de condicionamento de ar. Vamos apontar esta tubulação para a parte traseira da cabine assim que tenhamos rebocado a jangada por alguns metros. Estamos em movimento, agora. Chamo vocês em um minuto.

Pat e o doutor não descansaram até terminarem de bombear o ar viciado para fora dos pulmões de todos os companheiros inconscientes. Então, muito cansados, mas sentindo a alegria calma de homens que já vêem um final feliz para uma grande provação, eles se deitaram no chão e aguardaram até que a segunda perfuratriz atravessasse o teto.

Dez minutos depois ouviram a segunda pancada contra o casco externo, exatamente à frente da comporta de ar.

Quando Lawrence chamou para verificar a posição, Pat confirmou que desta vez ela estava livre de obstruções.

– E não se preocupem – acrescentou. – Não tocarei na broca até que dêem permissão.

Estava agora tão frio que ele e McKenzie foram obrigado a vestir de novo suas roupas e colocar cobertores sobre os passageiros adormecidos. Mas Pat não reclamou; se não estivessem em perigo, quando mais frio melhor. Assim, expulsavam o calor mortal que quase os cozinhou e – mais importante – seus próprios purificadores de ar talvez começassem a funcionar de novo, já que a temperatura caíra tão drasticamente.

Quando o segundo cano atravessasse o teto, eles estariam duplamente protegidos.

Os homens na jangada poderiam supri-los de ar indefinidamente; além disso, teriam várias horas, talvez um dia inteiro, de ar de sua própria reserva. Poderia haver ainda uma longa espera sob a poeira, mas o suspense estava terminado.

Á não ser, é claro, que a Lua ainda reservasse alguma nova surpresa.

– Bem, senhor Spencer – disse o capitão Anson -, parece que conseguiu a sua história.

Depois da tensão das últimas horas, Spencer sentia-se tão exausto quanto qualquer um dos homens na jangada, dois quilômetros abaixo. Podia vê-los quase em dose no monitor. Eles estavam obviamente relaxando, se é que um homem pode relaxar dentro de um traje espacial.

Cinco deles, de fato, pareciam tentar dormir um pouco e o faziam de um modo surpreendente, mas sensato. Deitaram-se ao lado da jangada, meio submersos na poeira como bonecos de borracha flutuantes. Não ocorrera a Spencer que um traje espacial possuísse tamanha flutuabilidade para não afundar naquele material. Fora da jangada, os cinco técnicos não apenas desfrutavam um leito

incomparavelmente confortável, como deixavam um espaço de trabalho muito maior para seus companheiros.

Os três membros remanescentes da equipe moviam-se lentamente à volta, ajustando e checando equipamentos, especialmente o volume retangular do purificador de ar e as grandes esferas de oxigênio líquido acopladas a ele. Com o máximo zoom óptico e eletrônico, a câmara podia ver todo o equipamento a uma distância de dez metros, quase o suficiente para ler os mostradores. Mesmo com a ampliação média era fácil perceber as duas canalizações mergulhando sobre a borda e descendo para o invisível Selene.

Esta cena calma e pacífica fazia um contraste extraordinário com a de uma hora atrás. Não havia, porém, mais nada a ser feito antes que a próxima leva de equipamento chegasse. Ambos os esquis retornaram a Porto Roris, onde se desenvolvia agora toda a atividade – a equipe de engenharia testava e montava o equipamento que talvez fosse capaz de atingir o Selene. Seria necessário mais um dia para tudo ficar pronto e, enquanto isso, descontando-se a possibilidade de acidentes, o Mar da Sede continuaria se aquecendo sob o sol sem ser perturbado, e a câmara não teria novas cenas para lançar ao espaço.

De uma distância de um segundo-luz e meio, a voz do diretor do programa soou na cabine de controle do Auriga.

– Ótimo trabalho, Maurice, Jules. Vamos continuar gravando a imagem para o caso de acontecer algo inesperado por aí, mas não deveremos transmitir ao vivo antes do noticiário das seis.

– Como está a audiência?

– Enorme. E há uma novidade: todos aqueles inventores malucos que vivem tentando patentear alguma coisa estão trazendo ideias. Vamos reunir um grupo deles, às 6:15. Deve ser divertido.

– Quem sabe? Talvez um deles apresente alguma idéia útil.

– Talvez, mas eu duvido. Os mais sensatos não vão nem chegar perto do nosso programa quando virem o tratamento que os outros estarão recebendo.

– Por quê? O que vai fazer com eles?

– Suas ideias serão analisadas pelo seu amigo cientista, o Dr. Lawson. Fizemos um ensaio e ele os esfolou vivos.

– Ele não é meu amigo – protestou Spencer. – Só o encontrei duas vezes. Na primeira consegui que me dissesse dez palavras, na segunda adormeceu em cima de mim.

– Bem, ele melhorou desde então, acredite se quiser. Poderá vê-lo dentro de 45 minutos.

– Posso esperar. Em todo caso, só estou interessado no que Lawrence planeja fazer. Ele deu alguma declaração? Você seria capaz de chegar a ele agora que a pressão diminuiu?

– Ele está terrivelmente ocupado e não quer falar. Além disso, acreditamos que o Departamento de Engenharia ainda não se decidiu. Estão testando todo o tipo de engenhocas em Porto Roris e recebendo equipamento enviado de todas as partes da Lua. Manteremos você a par se descobirmos algo de novo.

Era um fato paradoxal, considerado corriqueiro por Spencer, que quando alguém cobre uma história como esta frequentemente perde a noção do quadro geral.

Mesmo quando se está no centro de tudo, como ele se encontrava agora. Empurrara a bola de neve, porém não tinha mais controle sobre ela.

Era verdade que ele e Jules forneciam a mais importante cobertura de vídeo – ou forneceriam quando a ação voltasse a se situar aqui. Todavia, o esquema estava agora sendo montado nos centros noticiosos da Terra e da Cidade Clavius. Ele quase desejava que pudesse deixar Jules aqui e correr de volta ao quartel-general.

Isso era impossível, sem dúvida; e, mesmo que o fizesse, logo se arrependeria.

Pois este não era apenas o maior furo de sua carreira; era, já o suspeitava, a última vez que seria capaz de cobrir uma matéria em

campo. Devido ao seu próprio sucesso, ele estaria irrevogavelmente condenado a uma cadeira de escritório ou, no máximo, a uma confortável cabine de observação, por trás das telas monitoras no estúdio da Central Clavius.

# Capítulo 23

Ainda estava muito calmo a bordo do Selene, mas a calma era do sono, não da morte. Logo todas essas pessoas estariam acordando para saudar um novo dia, que poucas dentre elas pensaram presenciar.

Pat Harris estava de pé sobre um assento, equilibrando-se de um modo um tanto precário, a fim de consertar a ruptura no circuito de iluminação. Era uma sorte que a broca não houvesse penetrado cinco milímetros para a direita, pois teria rompido o circuito de rádio, além das luzes, e neste caso o trabalho seria muito mais difícil.

– Feche a chave de circuito número três, doutor – avisou, enquanto enrolava a fita isolante. – Deve estar em ordem agora.

As luzes principais acenderam-se de maneira ofuscante, depois do crepúsculo avermelhado. Ao mesmo tempo, houve um som explosivo, tão súbito e inesperado que derrubou Pat de seu lugar instável.

Antes que chegasse ao chão, já o identificara. Era um espirro.

Os passageiros começavam a acordar, e ele descuidara um pouco da refrigeração.

A cabine encontrava-se agora extremamente fria.

Imaginava quem seria o primeiro a recobrar a consciência. Desejava que fosse Sue, pois assim seria possível conversarem sem interrupção pelo menos por um breve período. Depois do que haviam suportado juntos, ele não considerava a presença de Duncan McKenzie como uma interferência, embora talvez Sue dificilmente visse deste modo.

Sob os cobertores, a primeira figura já se movimentava. Pat correu para dar assistência e então parou desapontado.

– Oh, não – sussurrou.

Bem, não se pode vencer sempre e o capitão tem que fazer seu trabalho, venha o que vier, custe o que custar. Inclinou-se sobre a figura magra que tentava se levantar e disse muito solícito:

– Como se sente, senhorita Morley?

Tornar-se uma propriedade da TV era ao mesmo tempo a melhor e a pior coisa que poderia ter acontecido ao Dr. Lawson. Isto aumentara sua autoconfiança por convencê-lo de que o mundo – que se acostumara a desprezar – estava realmente interessado em seu conhecimento especial e suas habilidades. (Ele não percebia quão rapidamente ele poderia ser abandonado de novo, assim que o incidente com o Selene terminasse.) A TV dera-lhe um meio pelo qual pudesse expressar sua genuína devoção à astronomia, uma devoção um tanto frustrada por uma vida muito longa dentro da comunidade exclusiva dos astrônomos. E também lhe renderia uma quantidade satisfatória de dinheiro.

Todavia, o programa no qual estava envolvido talvez fosse concebido para confirmar a sua velha concepção de que os homens, quando não eram brutos, eram na maioria tolos. Isso dificilmente seria uma falha da parte do Notícias Interplanetárias, o qual não pudera resistir a um programa que preencheria de modo perfeito os longos períodos em que nada estaria acontecendo na jangada.

O fato de Lawson encontrar-se na Lua enquanto suas vítimas permaneciam na Terra apresentava um ligeiro problema técnico que os operadores da TV já haviam resolvido muito tempo atrás. O programa não poderia ser transmitido ao vivo; devia ser gravado, para que fossem editadas todas aquelas aborrecidas pausas de dois segundos e meio, durante as quais as ondas de rádio relampejavam do planeta para o satélite e de volta mais uma vez. Isso incomodava os participantes, mas nada poderia ser feito em contrário. Porém, depois que um editor hábil montasse o tape, o espectador seria incapaz de dizer que assistia a um diálogo que atravessara quase quatrocentos mil quilômetros.



O engenheiro-chefe Lawrence ouvia o programa deitado de costas no Mar da Sede, olhando para o céu vazio. Era a sua primeira oportunidade de repousar já não lembrava há quanto tempo, mas sua mente estava muito ativa para permitir que ele dormisse. De qualquer modo, nunca adquirira o hábito de dormir inteiramente vestido e não via necessidade de aprender agora, já que o primeiro iglu encontrava-se a caminho, vindo de Porto Roris. Quando chegasse, seria possível instalar-se com o conforto bem merecido e muito necessitado.

Apesar de todas as afirmativas dos fabricantes, ninguém pode trabalhar eficientemente numa roupa espacial por mais de 24 horas, devido a várias razões óbvias e algumas não tão óbvias. Existe, por exemplo, a intrigante queixa conhecida como a "coceira do espaçonauta", que afeta o meio das costas ou locais ainda menos acessíveis, após um dia de encarceramento dentro de um traje. Os médicos afirmam ser puramente psicológica; além disso, os pesquisadores espaciais mais heróicos usaram os trajes durante uma semana ou mais para provar esta afirmativa. A demonstração não obtivera nenhum efeito na incidência da doença.

A mitologia dos trajes espaciais é vasta, complexa e frequentemente assunto de histórias obscenas, com uma nomenclatura própria. Ninguém sabe ao certo por que um modelo dos anos 1970 ficou conhecido como "donzela de ferro", mas qualquer astronauta explicará com todo o prazer por que o Mark XIV de 2010 era chamado de "câmara dos horrores". Há pouca verdade na teoria de que ele foi projetado por uma engenheira sádica, determinada a infligir uma diabólica vingança contra o sexo oposto.

Lawrence, todavia, estava razoavelmente à vontade em seu modelo, enquanto ouvia aqueles amadores entusiastas exporem suas ideias. Era apenas possível, embora muito improvável, que um desses pensadores desinibidos surgisse com uma ideia de uso prático. Já vira isto acontecer antes e estava preparado para ouvir

as sugestões de um modo muito mais paciente que o Dr. Lawson, o qual, era óbvio, nunca aprendera a ouvir tolices de boa vontade.

Ele acabara de refutar a proposta de um engenheiro amador da Sicília que desejava soprar a poeira por meio de jatos estrategicamente colocados. O plano era tão utópico quanto os já apresentados. Mesmo quando não havia nenhum erro científico fundamental, a maioria dessas ideias ia por água abaixo quando examinadas quantitativamente. Você pode soprar a poeira para longe – se possuir um suprimento ilimitado de ar. Enquanto o loquaz fluxo de inglês-italiano prosseguia, Lawson estivera fazendo alguns cálculos rápidos.

– Eu estimo, signor Gusali – disse ele – que o senhor necessitaria de pelo menos cinco toneladas de ar por minuto a fim de manter aberto um buraco suficientemente grande para ser útil. Seria totalmente impossível transportar tamanha quantidade até o local.

– Ah, mas o senhor poderia coletar o ar e usá-lo de novo muitas vezes!

– Obrigado, signor Gusali – interrompeu com voz firme o mestre-de-cerimônias. -

Agora, nós temos o senhor Robertson, de Ontário. Qual é o seu plano, senhor Robertson?

– Eu sugiro o congelamento.

– Só um minuto – protestou Lawson. – Como se pode congelar poeira?

– Primeiro eu a saturaria de água. Depois, mergulharia serpentinas de refrigeração e transformaria toda a massa em gelo. Isto manteria a poeira no lugar e então seria fácil perfurá-la.

– É uma idéia interessante – admitiu Lawson, um tanto relutante. – Pelo menos não é tão louca como algumas que apareceram. Mas a quantidade necessária de água seria impraticavelmente grande. Lembre-se que o cruzador está a uma profundidade de quinze metros...

– Quanto é isso em pés? – perguntou o canadense, num tom de voz que deixava claro ser um dos opositores à escala métrica.

– Cinquenta pés... como, estou certo, o senhor sabe muito bem. Teríamos de lidar com uma coluna de pelo menos um metro de largura... para o senhor, uma jarda...

isso envolveria uma hã... aproximadamente 15 multiplicado por dez ao quadrado vezes dez, a quatro centímetros cúbicos, o que dá... como?... claro! 15 toneladas de água. Mas isto, presumindo-se que não haja perdas. Precisaria de várias vezes isto. Talvez chegasse a cem toneladas. E quanto acha que pesaria o equipamento de refrigeração?

Lawrence estava bastante impressionado. Ao contrário da maioria dos cientistas que conhecera, Lawson tinha uma noção firme das realidades práticas e era também um calculador veloz. Normalmente, quando um astrônomo ou um físico fazem um cálculo rápido, o primeiro resultado diverge do real por um fator que pode ir de dez a cem. Até onde Lawrence podia julgar, Lawson estava sempre certo da primeira vez.

O entusiasta canadense da refrigeração ainda resistia teimosamente quando foi arrastado para fora do programa e substituído por um cavalheiro africano que pretendia adotar o oposto: calor. Planejava usar um imenso espelho côncavo para focalizar a luz do sol sobre a poeira e fundi-la numa massa imóvel.

Era óbvio que Lawson mantinha sua calma com uma grande força de vontade. O defensor da fornalha solar era um daqueles teimosos especialistas autodidatas que se recusam a admitir que possa haver um erro em seus cálculos. A discussão estava se tornando um pouco violenta, quando uma voz muito mais próxima soou no meio do programa.

– Os esquis estão chegando, senhor Lawrence. Lawrence rolou para uma posição sentada e subiu a bordo da jangada. Se algo já se encontrava à vista, significava estar quase em cima deles. Sim, lá estava o Espanador Um e também o Espanador Três, que fizera

uma viagem difícil e dispendiosa desde o Lago da Seca, o equivalente menor do mar, no Lado Remoto. Esta jornada constituirá uma saga em si mesma e permanecerá desconhecida para sempre, exceto pelo grupo de homens envolvidos.

Cada esqui rebocava dois trenós cheios de equipamentos. Quando pararam ao lado da jangada, o primeiro objeto a ser descarregado foi uma caixa grande contendo o iglu. Era sempre fascinante observar um deles sendo inflado, e Lawrence nunca aguardara tal espetáculo com mais avidez. (Sim, ele definitivamente tinha a coceira de espaçonauta.) O processo era completamente automático: alguém quebrava o selo, girava duas alavancas separadas – uma segurança contra a desastrosa possibilidade de uma ativação acidental – e então esperava.

Lawrence não esperou muito. Os lados da caixa caíram, revelando uma massa de circunvoluções de tecido cor de prata, dobrado de modo compacto. Aquilo estremecia e lutava como uma criatura viva. Lawrence vira uma vez uma mariposa emergir da crisálida, com as asas ainda dobradas, e os dois processos tinham uma estranha similaridade. O inseto, todavia, levava uma hora para atingir todo o seu tamanho e esplendor, enquanto o iglu só levou três minutos.

Enquanto o gerador de ar bombeava para dentro do envelope flácido, ele se expandia e endurecia em espasmos súbitos, seguidos por lentos períodos de consolidação. Agora já estava com um metro de altura e se desenvolvia mais para os lados do que para cima. Mas, quando chegou aos limites de sua extensão, começou a subir novamente, e a comporta de ar saltou do domo principal. Toda a operação, que se julgaria ser acompanhada de chiados e sopros, parecia estranha, pois se desenvolvia em total silêncio.

Agora, com a estrutura quase atingindo as suas dimensões finais, tornava-se óbvio que o termo "iglu" era o único nome possível para ela. Embora projetadas a fim de fornecerem proteção contra um ambiente bem diverso, mas quase tão hostil, as casas dos esquimós

tinham exatamente a mesma forma. O problema técnico fora similar e assim era a solução.

Levavam mais tempo para instalar os acessórios do que para inflar o iglu, já que todo o equipamento – beliches, cadeiras, mesas, armários e equipamento eletrônico – devia ser carregado para dentro através da comporta de ar. Algumas das peças maiores, projetadas com apenas alguns centímetros de folga, quase não passavam.

Finalmente houve uma chamada de rádio de dentro do domo: – Está funcionando. Podem entrar!

Lawrence não vacilou em aceitar o convite. Começou a desconectar os equipamentos de seu traje, enquanto ainda estava na seção externa da câmara de ar de dois estádios, e retirou o capacete assim que ouviu vozes vindas de dentro do domo, através da atmosfera que se tornava cada vez mais espessa.

Era maravilhoso ser novamente um homem livre, capaz de se mexer, coçar-se, mover-se sem dificuldade ou falar com seus companheiros face a face. O chuveiro do tamanho de um ataúde eliminou o cheiro do traje espacial e fez com que ele se sentisse adequado para o convívio social. Vestiu um calção – era tudo o que se usava num iglu – e sentou-se para uma reunião com seus assistentes.

A maior parte do material solicitado viera nesta viagem. O resto chegaria com o Espanador Dois dentro de algumas horas. Enquanto checava as listas de suprimentos, sentia-se cada vez mais dono da situação. O oxigênio estava assegurado, salvo se houvesse uma catástrofe; a água começava a escassear lá embaixo, mas ele poderia fornecê-la com facilidade. Comida era um pouco mais difícil, porém seria uma simples questão de embalagem. A Despensa Central já fornecera amostras de chocolate, carne em conserva, queijo e até mesmo pão francês, tudo embalado em cilindros de três centímetros de largura. Daí a pouco, ele iria impulsioná-los

através dos tubos de ar a fim de dar um grande reforço ao moral no Selene.

Mas isso era menos importante do que as recomendações do seu monopólio cerebral, incorporadas em uma dúzia de diagramas e um lacônico memorando de seis páginas. Lawrence leu com extremo cuidado, acenando afirmativamente de vez em quando. Já chegara às mesmas conclusões e não percebia o meio de escapar delas.

À parte o que acontecesse aos seus passageiros, o Selene fizera sua última viagem.

# Capítulo 24

O vento que soprava através do Selene parecia ter levado a maior parte do ar viciado. Olhando para trás, em direção aos seus primeiros dias sob a poeira, o comodoro Hansteen percebia que frequentemente houvera a bordo uma atmosfera febril, para não dizer histérica, assim que o choque inicial terminara. Tentando manter o moral elevado, eles algumas vezes tinham ido longe demais, em uma alegria falsa e um humor infantil.

Agora que tudo acabara, era fácil ver por quê. O fato de a equipe de resgate encontrar-se trabalhando a apenas alguns metros de distância era parte da explicação, mas somente uma parte. O espírito tranquilo que agora todos compartilhavam vinha do encontro com a morte, depois do qual nada poderia ser exatamente o mesmo. A escória mesquinha da covardia e do egoísmo fora arrancada de dentro deles.

Ninguém percebia isso melhor do que o comodoro. Ele já observara acontecer muitas vezes antes, onde quer que a equipagem de uma nave enfrentasse o perigo nas vastidões do sistema solar. Embora não fosse inclinado à filosofia, tivera tempo de sobra para pensar no espaço. E às vezes meditara se a verdadeira razão pela qual os homens buscam o perigo não estaria na possibilidade de encontrarem o companheirismo e a solidariedade inconscientemente desejados.

Seria uma pena dizer adeus a todas essas pessoas. Sim, até mesmo à senhorita Morley, que estava agora afável e atenciosa na medida em que seu temperamento lhe permitia. O fato de poder pensar com tanta antecedência confirmava a sua confiança. Embora não pudesse haver certeza, é claro, a situação agora parecia inteiramente sob controle. Ninguém sabia exatamente como o engenheiro-chefe Lawrence tencionava retirá-los, mas esse problema se resumiria apenas a uma escolha de métodos. De agora

em diante, o aprisionamento seria para eles uma inconveniência, não um perigo.

Nem ao menos constituiria uma provação, já que os cilindros de comida começaram a sair dos tubos de ar. Embora o perigo da fome nunca houvesse existido, a dieta tornara-se extremamente monótona e a água racionada por algum tempo. Agora, várias centenas de litros haviam sido bombeados para encher os tanques quase vazios.

Era estranho que o comodoro, que costumava pensar em tudo, ainda não tivesse feito a si mesmo a simples pergunta: "O que aconteceu com toda a água que tínhamos ao partir?" Apesar de existirem problemas maiores em sua mente, a visão daquela massa extra sendo trazida para bordo deveria tê-lo preocupado. Mas isso só aconteceu quando já era tarde demais.

Pat Harris e o engenheiro-chefe Lawrence eram igualmente culpados de negligência. Havia apenas uma falha num plano muito bem executado. E uma falha sem dúvida já bastava.

A Divisão de Engenharia do Lado Terrestre ainda trabalhava com rapidez, porém não mais numa corrida desesperada contra o relógio. Havia tempo suficiente para construir diversos modelos do cruzador, mergulhá-los no Mar diante de Porto Roris e tentar os vários métodos de penetrar neles. Conselhos, sensatos ou não, continuavam chegando, mas eram ignorados. A abordagem fora decidida e não seria modificada agora, a menos que surgissem obstáculos inesperados.

Vinte e quatro horas após a instalação do iglu, todo o equipamento especial já estava pronto e embarcado para o local. Era um recorde que Lawrence esperava nunca ter de quebrar, e sentia-se muito orgulhoso dos homens que o realizaram. A Divisão de Engenharia raramente recebia o crédito merecido: como o ar que todos respiravam, esquecendo-se dos engenheiros que o forneciam.



Agora, sentindo-se pronto para entrar em ação, Lawrence estava disposto a começar a falar e Maurice Spencer mais do que disposto a ouvi-lo; estivera aguardando o tempo todo por este momento.

Até onde podia se lembrar, esta era a primeira vez que acontecia uma entrevista na televisão com câmara e entrevistado separados por uma distância de cinco quilômetros. Nessa fantástica ampliação, a imagem parecia um pouco nebulosa, é claro, e a mais ligeira vibração na cabine do Auriga a fazia dançar na tela. Assim, todos a bordo da nave encontravam-se imóveis e a maquinaria não-essencial fora desligada.

O engenheiro-chefe Lawrence estava de pé na beira da jangada, sua figura em traje espacial recostada contra um pequeno guindaste pendente sobre a borda.

Suspensa na lança, havia um grande cilindro de concreto, aberto em ambas as extremidades; o primeiro segmento do tubo era agora baixado na poeira.

– Depois de pensar muito – disse Lawrence para a câmara distante, mas sobretudo em favor dos homens e mulheres a 15 metros abaixo dele – decidimos que esta era a melhor forma de enfrentar o problema. Este cilindro é chamado "ensecadeira" e afundará facilmente sob seu próprio peso. O bordo inferior deverá cortar através da poeira como uma faca na manteiga. Há segmentos suficientes para atingir o cruzador. Quando tivermos feito contato e o tubo estiver preso na base... sua pressão contra o teto assegurará isso... começaremos a retirar a poeira de dentro. Em seguida, abriremos uma espécie de chaminé, como um poço, descendo até o teto do Selene. Com isso, teremos vencido metade da batalha, mas só a metade. Deveremos, então, conectar a chaminé a um dos nossos iglus pressurizados de maneira a ser possível cortar através do teto sem que haja perda de ar. Mas penso, e espero, que estes sejam problemas razoavelmente simples.

Fez uma pequena pausa enquanto decidia se mencionava os outros detalhes que tornavam a operação muito mais delicada do que parecia. Resolveu não fazê-lo, pois os conhecedores poderiam ver

com seus próprios olhos e os outros não se interessariam e, além disso, pensariam que ele estava se gabando. Toda a publicidade (mais de meio bilhão de espectadores, como relatara o comissário de Turismo) não o preocupava, desde que tudo corresse bem. Porém, se não conseguissem...

Ergueu o braço e ordenou ao operador do guindaste: – Comece a baixar!

Lentamente, o cilindro acomodou-se na poeira até seus quatro metros de comprimento desaparecerem, à exceção de um estreito anel que se projetava um pouco acima da superfície. Descera de modo fácil e regular. Lawrence esperava que os demais segmentos se comportassem da mesma forma.

Um dos engenheiros verificava cuidadosamente ao longo do bordo da ensecadeira, com um aparelho de nível tipo bolha, para assegurar que a penetração fora vertical.

Em seguida, fez o sinal do polegar para cima, que Lawrence respondeu do mesmo modo. Houvera um tempo em que, como qualquer outro lobo do espaço, ele fora capaz de estabelecer um diálogo técnico bastante extenso unicamente na linguagem dos sinais. Esta era uma habilidade essencial ao seu trabalho, nas ocasiões em que o rádio falhava e quando não era conveniente sobrecarregar o limitado número de canais de áudio disponíveis.

– Pronto para o número dois – disse ele.

Desta vez seria bem mais delicado. O primeiro segmento devia manter-se rígido, enquanto o segundo era aparafusado sem alterar o alinhamento. Normalmente, seriam necessários dois guindastes para realizar este trabalho, mas uma estrutura de vigas em "I", mantida a alguns centímetros acima da poeira, se encarregaria da carga enquanto o guindaste era utilizado em outra tarefa.

– Sem erros agora, pelo amor de Deus! – disse baixinho. O segmento número dois girou para fora do trenó que o trouxera de Porto Roris e três técnicos o colocaram na vertical. Era o tipo de trabalho em que a distinção entre peso e massa se tornava

essencial. O cilindro oscilante pesava relativamente pouco, mas seu momentum era o mesmo que na Terra, e ele poderia esmagar um homem se o prendesse numa daquelas lentas oscilações. E nisso havia alguma coisa de peculiar à Lua: o movimento vagaroso da massa suspensa. Nessa gravidade, um pêndulo levava duas vezes e meia maior tempo para completar um ciclo do que na Terra. Algo que jamais pareceria natural, exceto para um homem nascido neste mundo.

Agora o segundo segmento encontrava-se erguido e unido ao primeiro. Mais uma vez, Lawrence deu a ordem de baixar.

A resistência oferecida pela poeira aumentava, mas a ensecadeira continuava a afundar de um modo uniforme, graças ao seu próprio peso.

– Oito metros já se foram – avisou Lawrence. – Isto significa que já ultrapassamos a metade do caminho. Segmento número três chegando.

Depois deste haveria só mais um, embora Lawrence tivesse providenciado um segmento sobressalente como medida de segurança. Tinha um respeito profundo pela habilidade do Mar quando se tratava de engolir equipamentos. Até aqui apenas algumas porcas e parafusos foram perdidos, mas se uma peça da ensecadeira escorregasse do gancho sumiria num segundo. Embora não fosse provável que afundasse muito, principalmente se atingisse a poeira de lado, estaria efetivamente fora de alcance, ainda que a uns poucos metros abaixo. Não poderiam perder tempo resgatando o seu próprio equipamento de resgate.

E lá se foi o número três – o último segmento – movimentando-se com uma lentidão perceptível. Mas ainda se movia e dentro de alguns minutos, com um pouco de sorte, eles estariam batendo no teto do cruzador.

– Doze metros abaixo – disse Lawrence. – Estamos apenas a três metros de vocês, Selene. Devem ouvir-nos a qualquer instante.

De fato, eles podiam ouvir e o som era maravilhosamente tranquilizador. Pouco mais de dez minutos atrás, Hansteen percebera a vibração no tubo de oxigênio no momento em que a ensecadeira roçara nele. Era possível dizer quando ela parava e quando começava a se mover.

Lá estava a vibração de novo, desta vez acompanhada por uma pequena queda de poeira do teto. Os dois tubos de ar foram puxados para cima, de modo que apenas vinte centímetros de seus comprimentos se projetavam através do teto. O cimento de secagem rápida, que constituía parte do estojo de emergência de todos os veículos espaciais, estava colocado ao redor destes pontos de entrada. Agora parecia estar se soltando, mas aquela impalpável chuva de pó era muito insignificante para causar alarme. De qualquer maneira Hansteen achou melhor mencioná-lo ao capitão, que talvez não tivesse percebido.

– Engraçado – disse Pat, olhando para o cano que vibrava. – Este cimento devia colar, segurando o encanamento mesmo em caso de vibração.

Subiu numa poltrona e examinou a tubulação de ar mais de perto. Não disse nada por um momento e então desceu, parecendo intrigado e aborrecido, além de preocupado.

– Qual é o problema? – perguntou Hansteen baixinho. Conhecia Pat o suficiente agora para ler em seu rosto como num livro aberto.

– O encanamento está subindo através do teto – disse. – Alguém lá naquela jangada está sendo descuidado. Já encurtou em um centímetro desde que eu fixei aquela massa.

Então Pat parou subitamente, muito pálido.

– Meu Deus! – sussurrou. – Suponha que seja nossa falha, suponha que estejamos afundando.

– E se estivermos? – perguntou calmamente o comodoro. – É de esperar que a poeira continue a assentar sob nosso peso. Não significa que estejamos em perigo. A julgar por aquele cano, descemos apenas um centímetro em vinte e quatro horas.

Eles sempre podem baixar mais um pouco a tubulação, se necessário.

Pat sorriu, um pouco envergonhado.

– É claro, esta é a resposta. Devia ter pensado nisso antes. Provavelmente estivemos afundando durante todo o tempo, de um modo muito lento, e esta é a primeira prova. Ainda assim, acho melhor dizer ao senhor Lawrence – pode alterar os seus cálculos.

Pat começou a caminhar em direção à dianteira da cabine, mas não conseguiria chegar até lá.

# Capítulo 25

A Natureza levava milhões de anos para instalar a armadilha que apanhara o Selene e o arrastara para o fundo do Mar da Sede. Na segunda vez ele foi apanhado por uma armadilha feita por si mesmo.

Pelo fato de os seus projetistas não terem necessidade de se preocupar com cada grama de excesso de peso, ou planejá-la para jornadas com mais do que algumas horas de duração, não haviam equipado a embarcação com um daqueles engenhosos, mas não anunciados, equipamentos pelos quais uma espaçonave recicla todo o seu suprimento de água. Como o Selene não precisava conservar seus recursos na maneira avarenta das naves de espaço profundo, a pequena quantidade de água normalmente usada ou produzida a bordo era simplesmente despejada no exterior,

Durante os últimos cinco dias várias centenas de quilos do líquido e vapor haviam deixado o Selene para serem instantaneamente absorvidos pelo pó sedento. Muitas horas atrás, a poeira nas imediações das aberturas de descarga de resíduos tinha se saturado e transformado em lama. Escorrendo através de centenas de canais, perfurara o Mar ao redor como o interior de um favo de mel, tirando o cruzador de seu alicerce de modo lento e silencioso. O leve empurrão causado pela ensecadeira fizera o resto.

Na jangada, o primeiro indício de desastre foi uma luz vermelha piscando no purificador de ar, seguida pelo som dos alarmes de rádio através de todos os canais.

As vibrações cessaram imediatamente quando o técnico encarregado apertou o botão de desligar, mas a luz vermelha continuou a piscar.

Uma olhada nos mostradores foi o suficiente para mostrar a Lawrence qual era o problema. Os tubos de ar – os dois – não

estavam mais conectados ao Selene. O purificador bombeava oxigênio para dentro do Mar através de um dos canos e, o que era pior, sugava poeira através do outro. Lawrence pensou no tempo que gastaria para limpar os filtros, mas não perdeu mais tempo com isso. Estava muito ocupado chamando o Selene.

Não recebeu nenhuma resposta. Tentou todas as frequências do cruzador sem receber nem mesmo o assóvio de uma onda. O Mar da Sede estava tão silencioso ao rádio quanto era ao som.

Eles estão perdidos, disse para si mesmo, está tudo acabado; tão próximos, mas não pudemos conseguir. E precisávamos apenas de mais uma hora.

O que poderia ter acontecido?, pensou tristemente. Talvez o casco tivesse desabado sob o peso do pó. Não, isso era muito improvável; a pressão interna do ar teria impedido. Talvez fosse outro tipo de desabamento. Não estava muito certo, mas pensara sentir um leve tremor sob os pés. Desde o começo estivera consciente desse perigo, mas não pudera encontrar nenhum meio de evitá-lo. Era um jogo que todos aceitaram jogar e que o Selene perdera.

Mesmo enquanto o Selene começava a cair, alguma coisa já dizia a Pat que esse desabamento não era igual ao primeiro. Era muito mais lento e acompanhado por ruídos de algo deslizando e se esmagando, vindos do lado de fora do casco. Mesmo naquele momento desesperado, foi capaz de notar que estes sons eram diferentes dos que a poeira poderia fazer.

No teto, os tubos de ar estavam sendo arrancados. Não deslizaram uniformemente, pois o cruzador escorregava com a popa voltada para baixo, inclinando-se com a dianteira para cima. Com um estalar de fibra de vidro, a tubulação à frente da comporta-cozinha rompeu o teto e desapareceu. Imediatamente, um grosso jato de poeira espalhou-se na cabine e se expandiu numa nuvem sufocante ao atingir o piso.

O comodo Hansteen estava mais perto, e chegou primeiro. Rasgou sua camisa e, enrolando-a rapidamente, empurrou-a na

abertura. A poeira esguichava em todas as direções enquanto ele lutava para bloquear o fluxo. Quase o conseguira quando a tubulação dianteira foi arrancada e as luzes se apagaram. Pela segunda vez o cabo condutor se partira.

– Eu cuidarei disso! – gritou Pat. Um momento depois, também sem camisa, tentava cortar o fluxo da torrente que se derramava através do furo.

Viajara pelo Mar da Sede uma centena de vezes e nunca tocara essa substância com a pele nua. A poeira cinzenta salpicou seu nariz e seus olhos, quase sufocando-o e o cegando inteiramente. Embora fosse mais seca que o pó da tumba de um faraó, pois era um milhão de vezes mais antiga que as pirâmides, dava a sensação de algo escorregadio como sabão. Enquanto lutava contra a coisa, Pat viu-se pensando que, se havia uma morte pior do que ser afogado, era ser enterrado vivo.

Quando o jato diminuiu, tornando-se um pequeno filete, percebeu que conseguira evitar este destino, ao menos por enquanto. A pressão produzida por 15 metros de poeira lunar, sob baixa gravidade, não era difícil de enfrentar, embora a história tivesse sido outra se os buracos no teto fossem maiores.

Pat sacudiu a poeira da cabeça, dos ombros e cautelosamente abriu os olhos. Pelo menos podia enxergar de novo, graças à iluminação de emergência. O comodoro já tampara o vazamento e estava agora calmamente borrifando água com um copo de papel para fazer a poeira baixar. A técnica era extraordinariamente eficaz e as poucas nuvens restantes rapidamente se assentaram em poças de lama.

Hansteen olhou para cima e captou o olhar de Pat.

– Bem, capitão – disse ele -, alguma teoria? Havia ocasiões, pensou Pat, em que o autocontrole olímpico do comodoro era de enlouquecer. Gostaria de vê-lo quebrar pelo menos uma vez. Não, isto não era verdade. Seu sentimento era apenas um clarão de



inveja, de ciúme mesmo, compreensível, mas que não lhe fazia jus. Devia se envergonhar disto, e realmente estava envergonhado.

– Não sei o que aconteceu. Talvez as pessoas lá em cima possam nos dizer.

Era necessário subir para alcançar a posição do piloto, pois o cruzador se encontrava agora inclinado num ângulo de trinta graus. Enquanto tomava seu assento em frente do rádio, Pat sentia um torpor que ultrapassava qualquer coisa que experimentara desde o sepultamento anterior. Era um sentimento de resignação, uma crença quase supersticiosa de que os deuses estavam contra eles e qualquer luta seria inútil.

Teve certeza disso quando ligou o rádio e o encontrou completamente mudo. Não havia força; quando o tubo de oxigênio arrancara o cabo de energia, fizera um trabalho completo.

Pat girou lentamente o assento. Vinte e um homens e mulheres olhavam-no, aguardando notícias. Mas vinte dessas pessoas ele não viu, pois Sue o observava e Pat só tinha consciência da expressão no rosto dela. Exprimia ansiedade e compreensão; mas, mesmo agora, não havia sinal de medo. Enquanto a olhava, seus próprios sentimentos de desespero pareceram se dissolver. Sentiu uma onda de força, até mesmo de esperança.

– Não faço a menor idéia do que está acontecendo – disse – mas de uma coisa tenho certeza. Não estamos acabados ainda, nem por vários anos-luz. Pode ser que tenhamos afundado mais um pouco, contudo os nossos amigos na jangada certamente nos alcançarão logo. Isso vai significar um pequeno atraso, é tudo. Não há motivo para preocupação.

– Não quero ser alarmista, capitão – disse Barrett. – Mas suponha que a jangada também tenha afundado? Que será de nós então?

– Saberemos assim que tivermos consertado o rádio – respondeu Pat, olhando ansiosamente para os fios pendentes do cabo no teto.

– E até que eu tenha arrumado este espaguete vocês terão de se acostumar com a iluminação de emergência.

– Não me importo – disse a senhora Schuster. – Eu a acho bonita.

Deus a abençoe, senhora Schuster, pensou Pat. Deu uma olhada rápida ao redor da cabine; embora fosse difícil de precisar nesta iluminação, os passageiros pareciam razoavelmente calmos.

Eles não estariam tão calmos um minuto depois; foi o tempo gasto para se descobrir que nada poderia ser feito para consertar o rádio ou as luzes. A fiação arrebentara bem dentro do condutor, além do alcance das simples ferramentas disponíveis.

– Isso é um pouco mais sério – relatou Pat. – Não poderemos nos comunicar, a menos que baixem um microfone para fazer contato conosco.

– Isso quer dizer – disse Barrett, que parecia gostar de ver o lado negro das coisas – que eles perderam contato conosco. Não vão entender por que não estamos respondendo. Suponha que eles pensem que estamos todos mortos e abandonem a operação?

A idéia já passara pela mente de Pat, mas ele a rejeitara imediatamente.

– Você ouviu o engenheiro-chefe Lawrence no rádio – respondeu. – Ele não é o tipo de homem que desista até ter absoluta certeza de não estarmos vivos. Não precisa se preocupar em relação a isso.

– E quanto ao nosso ar? – indagou ansiosamente o professor Jayawardene.

– Voltamos mais uma vez aos nossos próprios recursos.

– O que temos deve durar várias horas, agora que os absorventes foram regenerados. Aqueles canos estarão de volta antes disso – acrescentou Pat com bem mais convicção do que realmente sentia.

– Enquanto isso teremos de ser pacientes e providenciar nosso próprio entretenimento uma vez mais. Nós o fizemos durante três dias; devemos ser capazes de consegui-lo por mais duas horas.

Olhou de novo à volta da cabine, procurando algum sinal de discordância e viu um dos passageiros levantar-se lentamente. Era

a última pessoa que teria esperado: o pequeno e calmo senhor Radley, que murmurara apenas uma dúzia de palavras durante toda a viagem.

Pat ainda não sabia nada sobre ele, além de que era um contador e viera da Nova Zelândia, o único país da Terra ainda ligeiramente isolado do resto do mundo em virtude de sua posição. Ela poderia ser alcançada tão rapidamente quanto qualquer outro ponto do planeta, mas era o fim da linha, não um ponto de baldeação para algum outro lugar. Em função disso, os neozelandeses ainda preservavam muito de sua individualidade. Afirmavam, com boa dose de verdade, terem salvo tudo que restara da cultura inglesa, agora que as Ilhas Britânicas haviam sido absorvidas pela Comunidade Atlântica.

– Quer dizer alguma coisa, senhor Radley? – indagou Pat.

Radley olhou para a cabine francamente iluminada como um professor prestes a dirigir-se à classe.

– Sim, capitão. Tenho uma confissão a fazer. Receio que tudo isto seja minha culpa.

Quando o engenheiro-chefe Lawrence interrompeu seus comentários, a Terra soube em dois segundos que alguma coisa saíra errada, embora se passassem vários minutos até que a notícia chegasse a Marte e a Vênus. O que acontecera, entretanto, ninguém poderia deduzir a partir da imagem na tela. Por alguns momentos, houvera uma atividade frenética, mas sem nenhum significado, e agora a crise parecia terminada. As figuras em trajes espaciais estavam obviamente agrupadas numa reunião e com seus circuitos telefônicos ligados de modo que ninguém pudesse ouvir o que diziam. Era muito frustrante observar aquela discussão silenciosa, sem ter idéia do que acontecia.

Durante todos esses longos minutos de agonizante suspense, enquanto o estúdio tentava descobrir o que acontecera, Jules fez o melhor que pôde para manter a imagem interessante. Era um

trabalho extremamente difícil lidar com uma cena estática como aquela, através de uma única posição de câmara. Como todos os câmaras, Jules detestava limitar-se a um único ponto. Este local era perfeito, mas era fixo, e ele estava ficando um pouco cansado desta posição. Chegara mesmo a perguntar se a nave poderia ser deslocada, mas, como dizia o capitão Anson, "macacos me mordam se eu vou ficar pulando de lá para cá sobre estas montanhas. Isto aqui é uma espaçonave, não uma cabra".

Assim, Jules tinha de limitar as mudanças a varreduras e zooms, embora usasse este último recurso com bastante discricção. Nada aborreceria os espectadores mais rapidamente do que serem lançados à frente e atrás no espaço ou observarem o cenário explodir em seus rostos. Se usasse a lente mais poderosa, Jules poderia lançar-se através da Lua a aproximadamente cinquenta mil quilômetros horários, e vários telespectadores se sentiriam enjoados.

Finalmente, aquela reunião silenciosa terminava. Os homens na jangada desconectavam seus telefones. Agora talvez Lawrence respondesse às chamadas no rádio que o bombardeavam há cinco minutos.

– Meu Deus! – exclamou Spencer. – Não acredito! Pode ver o que eles estão fazendo?

– Sim – disse o capitão Anson – e também não acredito. Parece que estão abando-nando o local.

Como botes salva-vidas deixando um navio a soçobrar, os dois esquis de pó apinhados de homens afastavam-se da jangada.

# Capítulo 26

Talvez fosse melhor que o Selene estivesse fora de contato pelo rádio. Dificilmente teria ajudado o moral de seus ocupantes, se soubessem que os esquis, pesadamente sobrecarregados de passageiros, afastavam-se do local. Mas no momento ninguém no cruzador pensava no esforço de resgate: Radley mantinha-se no centro do palco fracamente iluminado.

– O que quer dizer com isto, é tudo sua culpa? – indagou Pat no silêncio enigmático que se seguira à declaração do neozelandês. Apenas enigmático, não hostil, pois ninguém poderia levar a sério tal observação.

– É uma longa história, capitão – disse Radley, num tom de voz curiosamente sem emoção, embora houvesse algumas nuances que Pat não podia identificar. Era quase como ouvir um robô e dava a Pat uma sensação desagradável em algum lugar no meio da espinha. -. Não quero dizer que tenha deliberadamente provocado isto. Mas receio que tenha sido deliberado e sinto ter envolvido todos vocês. Mas eles estão atrás de mim.

Era só o que faltava, pensou Pat. Realmente a sorte está contra nós. Há de tudo neste pequeno grupo: uma solteirona neurótica, um viciado em drogas e agora um maníaco. Que outras aberrações vão se revelar antes que tudo isso tenha acabado?

Então percebeu a injustiça de seu julgamento. A verdade é que tiveram muita sorte. Contra Radley, a senhorita Morley e Hans Baldur (que não dera mais trabalho depois do único e jamais mencionado incidente), ele tinha o comodoro, o Dr.

McKenzie, os Schusters, o pequeno professor Jayawardene, David Barrett e todos os outros que haviam feito tudo o que lhes fora solicitado sem criarem problemas.

Sentiu um súbito impulso de afeição, de amor mesmo, por todos eles, por terem lhe fornecido seu apoio direto ou indireto.

E especialmente em relação a Sue, a um passo dele como sempre parecia estar. Lá ia ela, movendo-se despercebidamente em suas tarefas no fundo da cabine. Pat duvidava que alguém tivesse notado (certamente não Radley) que ela abrisse o estojo médico e apanhara um daqueles cilindros de sono do tamanho de cigarros. Se este sujeito desse trabalho ela estaria pronta,

Mas, no momento, dar trabalho parecia a coisa mais distante da mente de Radley.

Ele parecia perfeitamente seguro e racional; não havia nenhum brilho de loucura em seus olhos ou qualquer outro dos clichês da insanidade. Aparentava ser exatamente o que era: um contador neozelandês de meia-idade, tirando férias na Lua.

– Isso é muito interessante, senhor Radley – disse o comodoro numa voz cuidadosamente neutra – mas, por favor, desculpe a nossa ignorância. Quem são eles e por que estão atrás do senhor?

– Estou certo, comodoro, que já ouviu falar dos discos voadores...

Discos o quê? – perguntou Pat de si para si. Hansteen parecia mais informado do que ele.

– Sim, já ouvi – respondeu, um tanto cansado. – Topei com eles em velhos livros sobre astronáutica. Uma loucura, uns oitenta anos atrás, não era?

Percebeu que "loucura" fora uma palavra infeliz e ficou aliviado ao ver que Radley não se ofendera.

– Oh – respondeu – eles são bem mais antigos, mas somente no último século as pessoas começaram a notá-los. Há um velho manuscrito de um mosteiro inglês, datado de 1290, que descreve um em detalhes. E este não é de modo algum o primeiro relatório. Mais de dez mil observações de discos voadores foram registradas antes do século XX.

– Esperem um minuto – interrompeu Pat. – Que diabo você quer dizer com "discos voadores"? Nunca ouvi falar deles.

– Então receio, capitão, que sua educação foi negligenciada – respondeu Radley, com voz pesarosa. – O termo "disco voador" entrou em voga, depois de 1947, para descrever veículos estranhos, geralmente em forma de discos, que investigam o nosso planeta há séculos. Algumas pessoas preferem usar a expressão "objetos voadores não-identificados".

Isto levantou algumas frágeis lembranças na mente de Pat. Sim, ele já ouvira este termo em conexão com os hipotéticos Estranhos. Contudo, não existia nenhuma prova, é claro, de que naves espaciais alienígenas tivessem algum dia entrado no sistema solar.

– Realmente acredita – disse um dos outros passageiros – que existam visitantes do espaço pairando ao redor da Terra?

– Muito mais do que isso – respondeu Radley. – Eles pousaram frequentemente e fizeram contato com seres humanos. Antes que nós viéssemos aqui, tinham uma base no Lado Remoto, mas a destruíram quando os primeiros foguetes de pesquisa começaram a tirar fotos em dose.

– Como sabe de tudo isso? – indagou alguém. Radley parecia totalmente indiferente ao ceticismo de sua audiência; já devia ter se acostumado a este tipo de resposta há muito tempo. Ele irradiava uma espécie de fé interior que, embora equivocada, poderia ser estranhamente convincente. Sua insanidade o elevara a um domínio além da razão e ele se sentia inteiramente feliz lá.

– Nós temos... contatos – respondeu com um ar de grande importância. – Alguns homens e mulheres têm sido capazes de estabelecer uma comunicação telepática com o povo dos discos. Deste modo, sabemos muito a respeito deles.

– Então como é que ninguém mais sabe? – perguntou outro cético.  
– Se eles estão realmente lá fora, por que nossos astrônomos e pilotos espaciais não os vêem?

– Oh, mas eles vêm – respondeu Radley com um sorriso condescendente. – E

ficam calados. Existe uma conspiração de silêncio entre os cientistas; não gostam de admitir que existem inteligências no espaço superiores às nossas. Assim, quando um piloto relata a aparição de um disco, eles o ridicularizam. Agora, naturalmente todos os astronautas ficam calados quando encontram um.

– Já encontrou um, comodoro? – indagou a senhora Schuster, obviamente não muito crédula. – Ou o senhor também está na... como o senhor Radley chama...

conspiração do silêncio?

– Lamento desapontá-la, senhora – disse Hansteen -, mas terá de aceitar a minha palavra de que todas as espaçonaves que já encontrei tinham o registro do Lloyds.

Ele captou o olhar de Pat e deu um pequeno aceno que dizia "vamos ter uma conversa na comporta de ar". Agora que estava bem convencido de que Radley era inofensivo, quase dava boas-vindas a essa interrupção. Ela de fato afastara as mentes dos passageiros da situação em que se encontravam de um modo bastante eficaz. Se a insanidade de Radley pudesse mantê-los entretidos, então boa sorte para ela.

– Bem, Pat – disse Hansteen, assim que a comporta de ar isolou-os da discussão -, o que acha?

– Ele realmente acredita nessa loucura?

– Oh, sim em cada palavra dela. Já encontrei o tipo antes.

O comodoro conhecia um bocado a respeito da peculiar obsessão de Radley; ninguém, cujo interesse em astronáutica datasse do século XX, poderia evitá-lo.

Quando jovem, ele chegara mesmo a ler parte dos trabalhos originais sobre o assunto. Trabalhos de uma fraude tão gritante ou de uma ingenuidade tão infantil que haviam abalado a sua crença de que os homens fossem seres racionais. O fato de tal literatura



ter florescido era perturbador, apesar de a maioria destes livros ter sido publicada na era psicótica dos "frenéticos anos cinquenta".

– É uma situação muito peculiar – queixou-se Pat. – Numa hora como esta, todos os passageiros discutem sobre discos voadores.

– Acho que é uma idéia excelente. O que mais você sugere que eles façam? Vamos considerar a situação, temos de ficar aqui sentados e esperar até Lawrence começar a bater no teto novamente.

– Se ele ainda estiver lá em cima. Barrett pode estar certo, a jangada pode ter afundado.

– Acho muito improvável. A perturbação foi muito ligeira. Quanto julga que descemos?

Pat pensou. Relembrando o incidente, parecia ter durado um longo tempo. O fato de que estivera na escuridão lutando contra um jato de pó contribuía ainda mais para confundir sua memória. Só podia dar um palpite.

– Eu diria... uns dez metros.

– Absurdo! Não durou mais que alguns segundos. Duvido que tenhamos caído mais do que dois ou três metros.

Pat achou isso difícil de acreditar, mas esperou que o comodoro tivesse razão.

Sabia ser extremamente complicado julgar fracas acelerações, principalmente quando se está sob grande tensão. Hansteen seria o único homem a bordo com alguma experiência a esse respeito e seu veredicto provavelmente correto, o que era bastante encorajador.

– Eles talvez nem tenham sentido na superfície – continuou Hansteen – e provavelmente estão se perguntando por que perderam o contato de rádio conosco.

Tem certeza de que não pode consertar nosso transmissor?

– Absoluta. Todo o bloco do terminal se soltou no final do condutor. Não há meio de alcançá-lo pelo interior da cabine.

– Suponho que sim. Bem, podemos voltar e deixar que Radley nos converta, se puder.

Jules acompanhara o esqui sobrecarregado por cem metros antes de perceber que não estava tão sobrecarregado quanto devia. Eles transportavam sete homens e havia oito no local.

Focalizou rapidamente a jangada, e com a boa sorte ou premonição que separam um câmara brilhante de um medíocre, chegou lá no momento em que Lawrence quebrava o silêncio do rádio.

– Engenheiro-chefe chamando – disse Lawrence, parecendo tão cansado e frustrado como qualquer homem que vê seus planos cuidadosos serem demolidos. – Sinto pela espera, mas, como devem ter deduzido, tivemos uma emergência. Parece que ocorreu outro desmoronamento, mas não sabemos quão profundo ele foi. Perdemos o contato com o Selene... não responde ao nosso rádio. Ordenei aos meus homens, em caso de outro deslizamento, que ficassem distantes algumas centenas de metros. O perigo é muito pequeno, quase não sentimos o tremor, mas não há motivo para correr riscos. Posso fazer tudo o que é necessário no momento sem nenhuma ajuda. Chamarei dentro de alguns minutos. E.C desliga.

Com os olhos de milhões a observá-lo, Lawrence agachou-se na borda da jangada, montando novamente a sonda com que localizara o cruzador pela primeira vez. Tinha vinte metros, e se a embarcação estivesse a uma profundidade maior, teria de pensar em alguma outra coisa.

A vara mergulhou na poeira, movendo-se cada vez mais devagar à medida que se aproximava da profundidade onde o Selene repousara. Lá ia a marca original, quinze ponto um cinco metros, desaparecendo sob a superfície. A sonda continuava a se mover, como uma lança perfurando o corpo da Lua. Quanto mais?, murmurou Lawrence para si próprio, no silêncio sussurrante de seu traje espacial.

O anticlímax foi quase engraçado, só que isso não era motivo de risos. A sonda penetrou mais um metro e meio, uma distância que

ele poderia abarcar confortavelmente sem forçar muito os braços.

Bem mais sério era o fato de que o Selene não afundara na horizontal, como Lawrence descobriu depois de mais algumas sondagens. Estava mais baixo na popa e inclinado, agora, num ângulo em torno de trinta graus. Isto já era o suficiente para estragar o seu plano; ele contara com a ensecadeira fazendo um contato nivelado com o teto horizontal.

Deixou de lado este problema, pois havia outro mais urgente. Com o rádio do cruzador silencioso – e ele tinha de rezar para que isso se devesse a uma simples falha de força – como poderia determinar se as pessoas a bordo ainda estavam vivas? Eles poderiam ouvir sua sonda, mas não haveria meio de se comunicarem.

Mas é claro que havia. O modo mais simples e fácil de todos, que poderia ser facilmente esquecido após um século e meio de eletrônica.

Lawrence levantou-se e chamou os esquis que aguardavam: – Podem voltar, não há perigo. Ela só afundou uns dois metros.

Já se esquecera dos milhões de observadores. Embora seu novo plano ainda tivesse que ser delineado, ele iria entrar em ação novamente.

# Capítulo 27

Quando Pat e o comodoro retornaram à cabine, o debate ainda se desenrolava com força total. Radley, que falara tão pouco até agora, estava certamente compensando o tempo perdido. Era como se alguma mola interna houvesse disparado ou como se ele estivesse enfim livre de um voto de silêncio. Esta era provavelmente a explicação; agora, convencido de que sua missão fora descoberta, sentia-se feliz por poder falar a respeito.

O comodoro Hansteen já encontrara muitos desse tipo de crentes; na verdade, fora apenas por autodefesa que ele mergulhara na literatura bombástica sobre o assunto. A abordagem era quase sempre a mesma. Primeiro haveria aquela sugestão: "Certamente, comodoro, o senhor já viu muitas coisas estranhas em todos os seus anos no espaço?" E depois, quando a resposta fosse insatisfatória, viria aquela cautelosa (mas nem sempre) insinuação de que estava com medo ou sem vontade de falar. Era perda de tempo negar a acusação, já que para os olhos dos crentes isto apenas provava que ele participava da conspiração.

Os outros passageiros não tinham esta experiência amarga para ensiná-los e Radley esquivava-se de seus argumentos com grande naturalidade. Mesmo Schuster, com todo o seu treinamento jurídico, fora incapaz de encurralá-lo; seus esforços eram tão inúteis como se tentasse convencer um paranoico de que não estava sendo perseguido.

– Seria razoável – argumentava Schuster – que milhares de cientistas, sabendo disto, não deixassem o segredo escapar? Você não poderia esconder uma coisa tão grande! Seria como tentar ocultar o Monumento a Washington!

– Oh, mas ocorreram tentativas de revelar a verdade – respondeu Radley. – Mas a evidência era sempre misteriosamente destruída,

assim como os homens que tentavam revelá-la. Eles podem ser totalmente implacáveis quando é necessário.

– Mas você disse que eles estiveram em contato com os seres humanos. Não é contraditório?

– Realmente não. Como pode observar, as forças do bem e do mal estão em guerra no universo assim como na Terra. Alguns, dentre o povo dos discos, querem nos ajudar, outros apenas nos explorar. Os dois grupos estão em luta há milhares de anos. Algumas vezes o conflito envolve a Terra; por isso a Atlântida foi destruída.

Hansteen foi incapaz de ocultar um sorriso. A Atlântida sempre entrava em cena, cedo ou tarde. Se não fosse a Atlântida, então seria Lemúria ou Mu. Todas elas atraíam o mesmo tipo de mentalidade desequilibrada e propagadora de mistérios.

Toda a questão fora completamente investigada por um grupo de psicólogos durante a década de 1970, se Hansteen estava bem lembrado. Eles concluíram que em meados do século XX uma percentagem substancial da população estava convencida de que o mundo se encontrava prestes a ser destruído e que a única esperança residia numa intervenção do espaço. Tendo perdido a fé em si mesmos, os homens buscavam a salvação no céu.

A religião dos discos voadores florescera entre a camada lunática da humanidade por um período de quase dez anos; em seguida morrera abruptamente, como uma epidemia que chegara ao fim. Dois fatores, segundo os psicólogos, eram responsáveis por isto: o primeiro era o simples tédio e o segundo, o Ano Geofísico Internacional, que proclamara a própria entrada do Homem no espaço.

Nos 18 meses do AGI, o céu fora observado e sondado por mais instrumentos e observadores treinados do que em toda a História anterior. Se houvesse visitantes celestes acima da atmosfera, tal esforço científico concentrado os teria revelado. Isso não ocorreu, e quando os primeiros veículos tripulados começaram a deixar a Terra, os discos voadores marcaram ainda mais a sua ausência.

Para a grande maioria dos homens isto decidia a questão. Os milhares de objetos voadores não-identificados, vistos através dos séculos, deviam possuir alguma causa natural, e com o maior conhecimento da meteorologia e astronomia não faltaram explicações razoáveis. E enquanto a Era do Espaço alvorecia, restaurando a confiança do Homem em seu próprio destino, o mundo perdia o interesse nos discos voadores.

É raro, contudo, que uma religião desapareça completamente. Assim, um pequeno corpo de fiéis manteve o culto vivo com fantásticas "revelações", narrativas de encontros com extraterrestres e de contatos telepáticos. Mesmo quando se demonstrava que os profetas haviam falsificado as provas, algo que ocorria frequentemente, os devotos não se abalavam. Eles precisavam de seus deuses no céu e não iriam abdicar deles.

– Ainda não nos explicou – dizia agora o senhor Schuster – por que tripulantes dos discos estão atrás do senhor. "O que fez para aborrecê-los?"

– Eu estava quase descobrindo um de seus segredos, e assim eles usaram desta oportunidade para me eliminar.

– Não acha que poderiam ter encontrado meios menos complicados para fazê-lo?

– É tolice acreditar que nossas mentes limitadas possam entender a maneira de pensar deles. Mas isto pareceria um acidente. Ninguém pensaria que foi deliberado.

– Uma boa explicação. Já que não faz diferença agora, pode nos revelar qual o segredo que procurava? Tenho certeza de que todos gostarão de saber.

Hansteen olhou rapidamente para Irving Schuster. O advogado lhe parecera um homenzinho sério e solene; a ironia não era coerente com a sua personalidade.

– Será um prazer contar a vocês – respondeu Radley. – Realmente, a coisa começou em 1953, quando um astrônomo americano, chamado O'Neil, observou alguma coisa extraordinária aqui na Lua.

Ele descobriu uma pequena ponte na borda leste do Mar Crisium. Os outros astrônomos, é claro, riram dele, porém os menos preconceituosos confirmaram a existência da ponte. Depois de alguns anos, todavia, ela desapareceu. Obviamente, o nosso interesse alarmou o povo dos discos e eles desmantelaram a sua obra.

Aquele "obviamente", pensou Hansteen, era típico da lógica disconática; o atrevido *non sequitur*<sup>{5}</sup>, que deixava a mente normal impotente, debatendo-se a vários passos atrás. Nunca ouvira falar na "ponte" de O'Neil, mas existiam inúmeros exemplos de observações equivocadas nos registros astronômicos. Os "canais marcianos" eram um caso clássico; observadores honestos os descreveram durante anos, mas eles simplesmente não existiam, pelo menos não a fina teia que Lowel e outros haviam desenhado. Será que Radley acreditava que alguém soterrara os canais durante o tempo entre as observações de Lowel e as primeiras fotografias nítidas de Marte? Hansteen tinha certeza de que ele era bem capaz disto.

A ponte de O'Neil talvez resultasse de uma ilusão provocada pela iluminação ou pelas sombras perpetuamente mutáveis da Lua. Esta explicação simples, sem dúvida, não era suficientemente boa para Radley. Em todo caso, o que esse homem estava fazendo aqui, a dois mil quilômetros do Mar Crisium?

Alguém mais pensara o mesmo e fizera a pergunta. Como de hábito, Radley tinha uma resposta convincente na ponta da língua.

– Eu esperava iludir as suspeitas deles comportando-me como um turista comum. Como a prova que eu procurava estava no hemisfério ocidental, fui para o leste. Planejava chegar ao Mar Crisium atravessando o Lado Remoto. Lá existem vários locais que eu também queria olhar. Mas devia ter calculado que eles eram espertos demais para mim. Devo ter sido identificado por um de seus agentes... eles tomam forma humana, vocês sabem. Provavelmente estão me seguindo desde que pousei na Lua.

– Gostaria de saber – disse a senhora Schuster, que parecia encarar Radley com crescente seriedade – o que eles vão fazer conosco agora.

– Eu desejava poder lhe dizer, senhora – respondeu Radley. – Sabemos que eles possuem cavernas profundas dentro da Lua... e quase certamente é para onde estamos sendo levados. Quando perceberam que a equipe de resgate estava perto, agiram de novo. Receio que estejamos a uma profundidade muito grande, agora, para sermos alcançados por quem quer que seja.

Chega desta tolice, pensou Pat. Já tivemos a nossa pausa cômica, e agora este louco está começando a deprimir as pessoas. Mas como vamos fazê-lo calar-se?

A insanidade era rara na Lua, como em todas as sociedades de fronteira. Pat não sabia como lidar com ela, principalmente com esta variedade curiosamente persuasiva. Havia momentos em que quase imaginava se não havia algo de concreto nas ilusões de Radley. Em outras circunstâncias, seu natural e saudável ceticismo o teriam protegido, mas agora, depois de todos esses dias de tensão e suspense, suas faculdades críticas estavam enfraquecidas. Desejava que houvesse um meio de quebrar o encanto que esse maníaco de língua solta estava indubitavelmente lançando.

Um pouco envergonhado com o seu pensamento, lembrou-se do coup de grâce que colocara Hans Baldur para dormir tão rapidamente. Sem a intenção de fazê-lo, pelo menos não de modo consciente, olhou para Harding. Para sua preocupação, houve uma resposta imediata. Harding acenou levemente e se levantou devagar.

Não!, disse Pat para si mesmo. Não quis dizer isso, deixe o pobre lunático em paz; que tipo de homem é você, afinal?

Então, relaxou um pouco. Harding não saiu de seu assento, a quatro lugares além de Radley. Ele apenas ficou de pé, olhando para o neozelandês com uma expressão insondável. Podia ser uma



expressão de piedade, mas nesta iluminação fraca Pat não podia ter certeza.

– Acho que já é hora de eu dar a minha contribuição – disse Harding. – Pelo menos uma das coisas que o nosso amigo disse aos senhores é verdadeira. Ele está sendo seguido, mas não pelos disconautas e sim por mim. Para um amador, Wilfred George Radley, eu o felicito. Foi uma ótima perseguição, desde Christchurch a Astrograd, de lá para Clavius, Tycho, Ptolomeu, Plato, Porto Roris e até aqui, que presumo seja o fim da linha.

Radley não parecia nem um pouco perturbado. Apenas inclinou sua cabeça num gesto quase nobre de reconhecimento, como se aceitasse a existência de Harding, mas não desejasse sua amizade.

– Como já devem ter deduzido – continuou Harding -, sou um detetive. Na maior parte do tempo, me dedico a fraudes. Um trabalho bem interessante, embora raramente tenha chance de falar a respeito. Fico grato pela oportunidade. Não tenho interesse... bem, não interesse profissional... nas crenças peculiares do senhor Radley. Verdadeiras ou não, elas não alteram o fato de ele ser um contador muito esperto, que ganhava um bom dinheiro na Nova Zelândia... embora não tão bom a ponto de permitir o custeio de uma estada de um mês na Lua. Mas isso não era problema porque, vejam vocês, o senhor Radley era o contador-chefe da filial de Christchurch da Cartões de Viagem Universal S.A. O sistema pressupõe a prova de falhas e uma verificação dupla, mas de algum modo ele conseguiu emitir um cartão para si mesmo. Categoria Q... para viagens sem limite pelo sistema solar, aceito em hotéis como pagamento de contas de restaurante, e para emitir cheques de até quinhentos stollars. Não existem muitos cartões Q por aí, e eles são tratados como se fossem feitos de plutônio. É claro que outras pessoas já tentaram fazer isso antes. Os clientes vivem perdendo seus cartões, e indivíduos audaciosos passam uma ótima temporada com eles, antes de serem apanhados. Mas durante apenas alguns dias, pois a CVU possui um sistema de faturamento muito eficiente. Existem várias medidas de segurança

contra o uso não-autorizado e até agora o maior tempo que alguém conseguiu escapar foi de uma semana.

– Nove dias – corrigiu Radley, inesperadamente.

– Desculpe, você deve saber melhor. Nove dias, então. Mas Radley estava em ação há mais de três semanas antes que o localizássemos. Tirou suas férias anuais e contou ao escritório que iria à Ilha Norte. Em vez disso, foi à Astrograd e partiu para a Lua. Ele é o primeiro homem... e esperamos o último... a deixar a Terra viajando a crédito. Ainda queremos saber como ele o fez. Como iludiu os circuitos de verificação automática? Teria um cúmplice na seção de programação dos computadores? E tais questões de tão grande interesse para a CVU, espero, Radley, você esclarecerá apenas para satisfazer a minha curiosidade. É o mínimo que pode fazer nas atuais circunstâncias. No entanto, sabemos por que o fez... porque jogou fora um bom emprego e saiu numa farra destinada a terminar na cadeia. Calculamos a razão, é claro, quando descobrimos que fora para a Lua. A CVU sabia a respeito do seu passatempo favorito, mas isto não afetava a sua eficiência. Eles correram o risco, que acabou se revelando bastante dispendioso.

– Sinto muito – respondeu Radley, com dignidade. – A firma sempre me tratou bem e parecia vergonhoso. Mas era em benefício de uma boa causa. Se eu tivesse encontrado a prova que buscava...

Neste ponto todos, exceto o detetive-inspetor Harding, perderam o interesse em Radley e seus discos. O som ansiosamente esperado chegara afinal.

A sonda de Lawrence arranhava o teto.

# Capítulo 28

É como se eu tivesse passado aqui a metade da minha vida, pensou Maurice Spencer, e no entanto o Sol permanece baixo na direção do oeste, de onde se ergue neste estranho mundo, e ainda faltam três dias para o apogeu. Quanto tempo ainda terei de ficar preso no topo desta montanha, ouvindo as histórias de espaçovias do capitão Anson e olhando para aquela jangada distante com o seu par de iglus?

Era uma pergunta a que ninguém poderia responder. Quando a ensecadeira começara a descer, parecia que o trabalho estaria terminado dentro de 24 horas.

Agora, voltavam ao ponto onde tudo começara – e, para tornar a coisa pior, toda a excitação visual da história desaparecera. Tudo o que aconteceria de agora em diante estaria profundamente oculto no Mar ou ocorreria atrás das paredes de um iglu. Lawrence recusava-se teimosamente a permitir uma câmara na jangada e Spencer não podia censurá-lo. O engenheiro-chefe fora muito infeliz em seus comentários, pois seus planos caíram por terra, e não iria se arriscar a que tal fato se repetisse.

No entanto, não havia problema para o Auriga abandonar o local aonde chegara com tamanha despesa. Se tudo corresse bem, ainda existiria uma cena dramática para ser registrada. Ou então, uma cena trágica. Cedo ou tarde aqueles esquis voltariam a Porto Roris, com ou sem os homens e mulheres que vieram buscar.

Spencer não perderia a partida dessa caravana, ocorresse ela sob o sol nascente ou poente, ou sob a luz fraca da Terra imóvel.

Assim que reencontrara o Selene, Lawrence começara a perfurar. Na tela do monitor, Spencer podia ver a fina haste do tubo de suprimento de oxigênio fazendo sua segunda descida na poeira. Por

que Lawrence se incomodava com isso, quando não tinha certeza de existir alguém vivo lá embaixo? E como iria descobrir, agora que o rádio falhara?

Esta era uma pergunta que milhões de pessoas se faziam enquanto observavam aquela tubulação mergulhar na poeira, e talvez muitos pensassem na resposta certa.

Todavia, ela nunca ocorreu a qualquer pessoa a bordo do Selene, nem mesmo ao comodoro.

Assim que ouviram a forte pancada contra o teto, eles perceberam que não se tratava de uma vara de sondagem perfurando delicadamente o Mar. Um minuto depois, quando se ouviu o zumbido inconfundível da broca abrindo caminho através da fibra de vidro, sentiram-se como condenados que têm a execução adiada na última hora.

Desta vez, a broca evitou o cabo condutor – apesar de isso não ser mais importante. Os passageiros observaram quase hipnotizados enquanto o som triturante se tornava mais forte e os primeiros fragmentos caíam do teto. Quando surgiu, a cabeça da broca desceu vinte centímetros na cabine e houve uma breve salva de palmas.

E agora?, perguntou Pat a si mesmo. Não podemos falar com eles. Como vamos saber quando desatarraxar a cabeça de corte? Não vou cometer aquele erro pela segunda vez.

Espantosamente alto no silêncio tenso e cheio de expectativa, o tubo de metal ressonou um Da, Da, Da, De, que certamente ninguém do grupo do Selene esqueceria enquanto vivesse. Pat replicou imediatamente, batendo seu V de resposta com um alicate. Agora eles sabem que estamos vivos, pensou. Nunca acreditara realmente que Lawrence iria pensar que estavam mortos e abandoná-los; no entanto, ao mesmo tempo, houvera sempre a dúvida a atormentá-lo.

O tubo sinalizou de novo, desta vez muito mais lentamente. Era um aborrecimento ter de aprender o código Morse nesta época. Parecia

tão anacrônico que havia muitos protestos entre pilotos e engenheiros espaciais, pois o consideravam perda de tempo. Em toda uma vida, só se precisa dele uma vez.

Mas esta era a questão. Ele realmente é necessário.

Da, Da, De batia o tubo. De, Da... Da, Da, Da... De, Da, De, Da... Da, De, Da...

Da... Da, De, De...

Então, para que não houvesse engano, o código começou a ser repetido, mas Pat e o comodoro, apesar do conhecimento enferrujado, já haviam recebido a mensagem.

– Eles estão dizendo que podemos desparafusar a broca – avisou Pat. – Bem, aqui vamos nós.

O breve sopro de ar deu a todos um momento de pânico desnecessário, enquanto a pressão equalizava. Em seguida, a canalização abriu-se para o mundo da superfície e 22 homens e mulheres ansiosos esperavam que o primeiro sopro de oxigênio jorrasse para baixo.

Em vez disso, o tubo falou. De fora do orifício aberto saiu uma voz oca e sepulcral, mas perfeitamente clara. Era tão alta e inesperada que provocou uma exclamação de surpresa em todos. Provavelmente, não mais do que meia dúzia daqueles homens e mulheres já tinham ouvido um tubo megafone; e viviam na crença de que somente a eletrônica poderia enviar vozes através do espaço. Este antigo artifício era tamanha novidade para eles como o telefone teria sido para um grego da Antiguidade.

– Engenheiro-chefe Lawrence falando. Podem me ouvir?

Pat colocou as mãos em torno da abertura e respondeu com voz pausada: – Ouvindo alto e claro. Como está nos recebendo?

– Muito bem. Como estão vocês?

– Bem. O que aconteceu?

– Vocês caíram cerca de dois metros, não mais que isso. Quase não notamos nada aqui em cima até que os tubos se soltaram. Como está o ar aí embaixo?

– Ainda bom. Porém, quanto mais cedo puderem começar a bombear, melhor.

– Não se preocupem. Vamos bombear assim que retirarmos a poeira dos filtros e conseguirmos outra cabeça de broca de Porto Roris. A que acabou de desatarraxar era a única sobressalente que tínhamos... e foi uma sorte que a tivéssemos.

Assim, vai levar pelo menos uma hora, pensou Pat. Mas este não era o problema que o preocupava agora. Sabia como Lawrence planejara alcançá-los e percebia que tal plano não funcionaria mais, pois o Selene não se encontrava na horizontal.

– Como vai nos tirar daqui? – perguntou bruscamente.

Houve apenas uma breve hesitação, antes que Lawrence respondesse.

– Ainda não calculamos todos os detalhes, mas vamos adicionar outro segmento à enscadeira e continuar a baixá-la até chegar a vocês. Então começaremos a retirar a poeira até chegar no fundo. Isto deverá nos colocar a alguns centímetros de vocês.

Cruzaremos este intervalo de algum modo. Mas antes queremos que façam uma coisa.

– O que é?

– Tenho noventa por cento de certeza de que não vão deslizar de novo, mas, se o fizerem, prefiro que aconteça agora. Quero que todos vocês comecem a pular juntos durante alguns minutos.

– É seguro? – indagou Pat indeciso. – E se o tubo de ar se soltar novamente?

– Você poderia tapar. Outro buraco pequeno não fará diferença, mas outro deslissamento sim, principalmente quando estivermos tentando abrir no teto um buraco da largura de um homem.

O Selene já fora palco de algumas cenas estranhas, mas esta era indubitavelmente a mais bizarra. Vinte e dois homens e mulheres pulando solenemente para cima e para baixo em uníssono; subindo até o teto e impulsionando-se o mais vigorosamente possível contra o piso. Enquanto isso, Pat mantinha uma vigilância cuidadosa sobre a tubulação que levava ao mundo superior. Após um minuto do exercício extenuante realizado pelos passageiros, o Selene descera menos de dois centímetros.

Relatou isto a Lawrence, que recebeu as novas agradecido. Agora, razoavelmente certo de que o Selene não se moveria outra vez, ele se tornava uma vez mais confiante quanto à capacidade de resgatar os passageiros. Ainda não sabia exatamente de que maneira, mas um plano começava a se formar em sua mente.

O plano tomou forma nas 12 horas seguintes, através de reuniões com o seu grupo de assistentes no Mar da Sede. A Divisão de Engenharia aprendeu mais a respeito da poeira nesta semana do que durante toda a sua existência. Não lutava mais no escuro contra um oponente desconhecido. Entendia agora que liberdades podia tomar e quais as que não podia.

A despeito da velocidade com que os planos foram mudados e o equipamento construído, não havia pressa desnecessária nem descuidos. Esta era outra operação que devia funcionar na primeira tentativa. Se falhasse no final, a ensecadeira deveria ser abandonada e uma nova baixada. Porém, o que era pior – aquelas pessoas a bordo do Selene estariam sufocadas na poeira.

– Este é um lindo problema – comentou Tom Lawson, que gostava de lindos problemas e de quase nada mais. – A extremidade inferior da ensecadeira está aberta na poeira porque repousa contra apenas um ponto do Selene e a inclinação do teto evita que a abertura seja selada. Antes que possamos bombear a poeira, temos de fechar esta abertura. Eu disse bombear? Foi um engano, não se pode bombear esta substância. Ela deve ser erguida. Se tentássemos fazê-lo do jeito que as coisas se encontram agora, a poeira fluiria

tão rapidamente pelo fundo do tubo quanto na sua retirada do topo.

Tom fez uma pausa, sorrindo sardonicamente para a sua platéia de milhões como se a desafiasse a resolver o problema que acabara de delinear. Deixou seus telespectadores cozinhando um pouco em seus pensamentos, enquanto apanhava o modelo sobre a mesa do estúdio. Embora fosse bem simples, era o orgulho de Lawson, pois ele mesmo o construía. E ninguém julgaria, do outro lado da câmara, que fosse apenas um papelão coberto de tinta prateada.

– Este tubo – disse – representa um curto segmento da ensecadeira que desce agora ao Selene... a qual, como eu disse, está cheia de poeira. Agora isto... – e com a outra mão pegou um cilindro curto, fechado numa das extremidades – ...se encaixa exatamente dentro da ensecadeira como um pistão. É muito pesado e tentará mergulhar sob seu próprio peso. Mas não pode fazê-lo por causa da poeira presa por baixo.

Tom virou o pistão até a sua extremidade chata apontar para a câmara. Apertou o dedo indicador contra o centro da pequena face circular e o pequeno alçapão abriu-se.

– Isto funciona como uma válvula. Quando está aberta, a poeira pode fluir através dela e o pistão afunda ao longo do poço. Assim que chegarmos ao fundo, a válvula será fechada mediante um sinal da superfície. Isto será selar a ensecadeira de modo que possamos começar a colher a poeira. Parece simples, não? Mas não é. Existem uns cinquenta problemas que não mencionei. Por exemplo, quando a ensecadeira estiver vazia, ela tentará flutuar para a superfície com um empuxo de muitas toneladas. O engenheiro-chefe Lawrence teve de idealizar um engenhoso sistema de âncoras para mantê-la submersa. Vocês percebem, naturalmente, que, mesmo quando este tubo estiver vazio de poeira, existirá ainda um espaço em forma de cunha entre sua extremidade inferior e o teto do Selene. Não sabemos ainda como o senhor Lawrence se propõe lidar com isto. E por favor não me mandem mais sugestões. Já tivemos bastantes ideias mal concebidas neste programa... poderia



durar uma vida inteira. O engenho-pistão não é apenas uma teoria. Os engenheiros da Lua o construíram e testaram durante as últimas 12 horas. Ele se encontra em ação agora mesmo. Se compreendo bem os acenos daquele homem para mim, acho que vamos voltar ao Mar da Sede para descobrir o que está acontecendo naquela jangada.

O estúdio temporário do Hotel Roris apagou-se num milhão de telas e em seu lugar surgiu a imagem agora familiar à maior parte da raça humana.

Havia agora três iglus de tamanhos variados, em cima e em volta da jangada.

Enquanto a luz do sol se refletia em suas superfícies prateadas, assemelhava-se a grandes gotas de mercúrio. Um dos esquis de pó encontrava-se estacionado ao lado do domo maior e os outros dois estavam em trânsito transportando suprimentos de Porto Roris.

Como a boca de um poço, a ensecadeira projetava-se do Mar. Seu bordo erguia-se apenas vinte centímetros sobre a poeira e sua abertura parecia estreita demais para admitir um homem. Seria de fato muito apertada para um homem com traje espacial, mas a parte crucial desta operação seria feita sem trajes.

Em intervalos regulares uma pá cilíndrica desaparecia no poço e era puxada de volta à superfície por um guindaste pequeno, mas poderoso. Em cada retirada, a pá saía da abertura e descarregava seu conteúdo no Mar. Por um breve instante um cone de poeira cinzenta se ergueria num equilíbrio precário sobre a planície nivelada e em seguida desabaria em câmara lenta, para desaparecer completamente antes de a próxima carga emergir do poço.

Era um truque de mágica realizado à luz do dia e fascinante de observar. Mais eficiente do que mil palavras descritivas, revelava aos espectadores tudo o que precisavam saber sobre o Mar da Sede.

A pá levava mais tempo agora em seu trabalho, mergulhando mais fundo na poeira. Afinal chegou o momento de ela surgir coberta apenas pela metade. O caminho para o Selene estava aberto, a não ser por um último obstáculo.

# Capítulo 29

– Ainda estamos com um ânimo muito bom – disse Pat ao microfone baixado através do cano de ar. – É claro que tivemos um choque terrível depois do segundo desabamento, quando perdemos contato com vocês. Mas agora temos certeza de que logo vão nos retirar. Podemos ouvir a pá trabalhando enquanto ela recolhe a poeira, e é maravilhoso saber que a ajuda está tão próxima. Nunca esqueceremos – acrescentou um tanto timidamente – os esforços que tantas pessoas fizeram para nos ajudar. Não importa o que aconteça, queremos agradecer a todos. Temos certeza de que se fez tudo que era possível. Agora vou passar o microfone, pois muitos de nós querem mandar mensagens. Com um pouco de sorte, esta será a última transmissão do Selene.

Ao passar o microfone para a senhora Williams, percebeu que devia ter feito aquela última observação com outras palavras, pois ela poderia ser interpretada de dois modos. Entretanto, agora que o salvamento estava tão perto, recusava-se a admitir a possibilidade de qualquer contratempo. Haviam superado tanta coisa que certamente nada mais lhes poderia acontecer agora.

Mas sabia que a fase final da operação seria a mais difícil e a mais crítica de todas.

Debateram o problema interminavelmente, desde que o engenheiro-chefe Lawrence explicara seus planos. Não havia nada mais a falar, já que, por decisão unânime, o assunto dos discos voadores fora vetado.

Poderiam continuar com a leitura dos livros, mas de algum modo Os brutos também amam e A laranja e a maçã haviam perdido todo o seu atrativo. Ninguém conseguia se concentrar em nada, exceto na perspectiva do resgate e na recuperação da vida, que se estenderia quando se juntassem uma vez mais à raça humana.

Acima do teto houve uma pancada forte. Isto só podia significar uma coisa: a pá chegara ao fundo do poço e a ensecadeira estava agora livre da poeira. O passo seguinte seria acoplá-la a um dos iglus e bombear o ar para o seu interior.

Levou mais de uma hora para completar a conexão e fazer todos os testes necessários. O iglu Mark XIX especialmente modificado, com uma abertura no fundo do tamanho exato para acomodar a extremidade proeminente da ensecadeira, tinha de ser posicionado e inflado com um cuidado extremo. As vidas dos passageiros do Selene, bem como as dos homens envolvidos no resgate, dependiam deste fecho de ar.

Só depois de completamente satisfeito, o engenheiro-chefe Lawrence retirou seu traje espacial e se aproximou da abertura. Segurou uma lanterna acima da borda e olhou para dentro do poço, que parecia encolher na distância até o infinito. No entanto, eram apenas 17 metros até o fundo; mesmo nesta gravidade baixa, um objeto levaria apenas cinco segundos para cair lá embaixo.

Lawrence voltou-se para seus assistentes, cada um deles usando um traje espacial, mas com as viseiras abertas. Se alguma coisa saísse errada, as viseiras poderiam ser fechadas numa fração de segundo e os homens provavelmente estariam seguros. Mas para Lawrence não haveria esperança; nem para os 22 a bordo do Selene.

– Vocês sabem exatamente o que fazer – disse. – Se eu quiser subir depressa, todos vocês puxem a escada de corda juntos. Alguma pergunta?

Não havia nenhuma. Tudo fora completamente ensaiado. Com um "agora" para seus homens e um coro de "boa sorte" em resposta, Lawrence baixou no interior do poço.

Deixou-se cair a maior parte do percurso, freando a velocidade de vez em quando, ao segurar a escada. Na Lua era seguro fazer isso. Bem, quase seguro. Lawrence vira alguns homens morrerem por se

esquecerem de que mesmo neste campo de gravidade poderiam acelerar a uma velocidade letal em menos de dez segundos.

Era como a queda de Alice no País das Maravilhas (tanta coisa em Carrol poderia ter se inspirado nas viagens, espaciais), mas aqui não havia nada para se ver durante a queda, exceto a parede de concreto nua, tão próxima que Lawrence tinha de comprimir os olhos para enxergá-la. E então, com um ligeiro baque, ele chegara ao fundo.

Agachou-se na pequena plataforma de metal, do tamanho e formato de um bueiro, e examinou-a cuidadosamente. A válvula-alçapão estivera aberta durante a descida do pistão através da poeira e vazava ligeiramente com um filete de pó cinzento deslizando ao redor do selo. Não era problemático, mas Lawrence não podia deixar de imaginar o que aconteceria se a válvula se abrisse com a pressão. A que velocidade a poeira subiria, como água num poço? Não tão rápido, ele estava certo, quanto poderia subir aquela escada.

Sob os seus pés, a apenas alguns centímetros de distância, encontrava-se o teto do cruzador, inclinando-se para baixo na poeira nos enlouquecedores trinta graus.

Seu problema era casar a extremidade horizontal do poço com o teto inclinado do cruzador e fazê-lo de modo que a acoplagem fosse à prova de pó.

Não notava falhas em seu plano nem as esperava, pois fora idealizado pelos melhores cérebros de engenheiros da Terra e da Lua. Levava em conta até mesmo a possibilidade de o Selene mover-se novamente por alguns centímetros, enquanto estivessem trabalhando. Contudo, como bem sabia, a teoria era uma coisa e a prática outra.

Havia seis grandes parafusos com orelhas, igualmente espaçados, ao longo da circunferência do disco de metal, sobre o qual Lawrence estava agachado. Começou a girá-los, um por um, como um baterista afinando seu instrumento. Conectada à extremidade

inferior da plataforma, estava uma peça curta de um tubo sanfona, quase tão largo quanto a ensecadeira e agora dobrado. Formava um acoplamento flexível suficientemente largo para um homem se arrastar através dele e agora se abria lentamente, à medida que Lawrence girava os parafusos.

Um dos lados do tubo corrugado deveria se estender por quarenta centímetros para chegar ao teto inclinado, enquanto o lado oposto quase não se moveria. A principal preocupação de Lawrence fora a resistência que a poeira oporia à sanfona, o que poderia impedi-la de se abrir, mas os parafusos estavam vencendo a pressão com facilidade.

Agora, nenhum deles podia ser mais apertado; a extremidade inferior da junção devia estar nivelada com o teto do Selene e, como Lawrence esperava, selada pela gaxeta de borracha em torno da borda. Ele descobrira logo o quanto esta junção era eficaz.

Checando automaticamente a sua rota de fuga, Lawrence olhou para cima. Não podia ver nada além do clarão da lâmpada suspensa, dois metros acima de sua cabeça, mas a escada de corda estendendo-se além dela era extremamente tranquilizadora.

– Baixei a conexão – gritou para seus colegas ocultos. – Parece estar nivelada com o teto. Vou abrir a válvula.

Qualquer erro agora e todo o poço seria inundado, talvez além de qualquer possibilidade de uso posterior. Lenta e suavemente soltou o alçapão que deixara a poeira passar, enquanto o pistão descia. Não houve nenhum transbordar súbito: o tubo corrugado abaixo de seus pés continha o Mar da Sede.

Lawrence estendeu a mão através da válvula e seus dedos sentiram o teto do Selene, ainda invisível sob a poeira, mas agora a um palmo de distância. Poucas realizações durante sua vida proporcionaram-lhe tamanha satisfação. O trabalho ainda estava longe de terminar, mas ele chegara ao cruzador. Por um momento, permaneceu agachado no pequeno poço, com o sentimento

semelhante ao de um mineiro, no passado, ao ver a primeira pepita de ouro reluzir sob sua lâmpada.

Bateu três vezes no teto e o sinal retornou imediatamente. Não havia sentido em iniciar uma conversa em Morse, pois se desejasse poderia falar diretamente através do circuito do microfone, mas sabia o efeito psicológico que estas pancadas produziriam. Elas seriam a prova para os homens e mulheres do Selene de que o resgate se encontrava agora a apenas alguns centímetros de distância.

Havia ainda grandes obstáculos a serem superados e o primeiro era a cobertura de bueiro sobre a qual estava sentado – a própria face do pistão. Ela serviria ao seu propósito, contendo a poeira enquanto a chaminé era esvaziada, mas agora tinha de ser retirada antes que alguém pudesse escapar do Selene. Isso deveria ser feito sem abalar a junção flexível que ajudara a colocar em posição.

A fim de tornar a operação possível, a face do pistão fora construída de modo a poder ser erguida como uma tampa de panela, quando os oito parafusos fossem retirados. Lawrence levou apenas alguns minutos para lidar com eles e prender uma corda ao disco de metal agora solto. Então gritou: "Suspendam!"

Um homem mais gordo seria obrigado a escalar pelo poço com a tampa circular subindo atrás, mas Lawrence foi capaz de se espremer contra a parede enquanto a chapa de metal, movendo-se de lado, era erguida passando por ele. Lá se vai a primeira linha de defesa, disse para si mesmo, enquanto o disco desaparecia acima.

Agora seria impossível selar o poço se a junção falhasse e a poeira começasse a entrar.

– Desçam o balde! – gritou. O balde já se encontrava a caminho.

Quarenta anos atrás, pensou Lawrence, eu estava brincando numa praia da Califórnia, com uma pá e um balde, fazendo castelos na areia. Agora aqui estou na Lua, engenheiro-chefe do Lado Terrestre, cavando bem mais seriamente, com toda a raça humana olhando para mim.

Quando a primeira carga se erguera, ele conseguira expor uma área considerável do teto do Selene. O volume de pó aprisionado no tubo de acoplagem era bem pequeno, e mais dois baldes se encarregaram dele.

Diante de Lawrence, encontrava-se agora o tecido aluminizado do escudo solar, que há muito tempo fora esmagado sob a pressão. Cortou-o sem dificuldade, pois era tão frágil que poderia rasgá-lo com a mão, e expôs o casco externo de fibra de vidro ligeiramente áspero. Cortá-lo com uma pequena serra elétrica seria fácil, mas fatal.

O casco duplo do Selene perdera sua integridade quando o teto foi danificado e a poeira inundara o espaço entre as duas paredes. Ela estaria esperando lá, sob pressão, para esguichar assim que ele fizesse a primeira incisão. Antes que pudesse entrar no Selene, a fina camada de pó deveria ser imobilizada.

Lawrence raspou o teto levemente e, como esperava, o som foi amortecido pelo pó. Não contava, porém, em receber um urgente e frenético sinal de resposta.

Isto, ele podia dizer imediatamente, não era nenhum O.K. tranquilizador do Selene. Antes que os homens acima pudessem transmitir-lhe as notícias, Lawrence já sabia que o Mar da Sede fazia uma tentativa final para conservar sua presa.

Como engenheiro nucleônico, Karl Johanson tinha um olfato sensível, e por estar sentado na traseira do ônibus, foi a pessoa que percebeu a aproximação do desastre.

Ficou quieto por alguns segundos; em seguida disse "com licença" para o companheiro no assento ao lado e dirigiu-se calmamente para o lavatório. Não desejava provocar alarme desnecessário, especialmente quando o salvamento parecia tão próximo, mas em sua vida profissional aprendera, através de mais exemplos do que gostaria de lembrar, a nunca ignorar o cheiro de borracha queimada.



Permaneceu no lavatório menos de 15 segundos. Quando saiu, caminhava rapidamente, mas não tão rápido que pudesse causar pânico. Foi direto a Pat Harris, que conversava com o comodoro Hansteen e interrompeu-os, sem cerimônia.

– Capitão – disse em voz baixa e ansiosa -, estamos pegando fogo. Vá olhar no lavatório. Não contei a mais ninguém.

Num segundo Pat se fora, e Hansteen com ele. No espaço, bem como no mar, ninguém discute quando ouve a palavra "fogo". E Johanson não era o tipo de homem que daria um alarme falso; como Pat, ele era um técnico da Administração Lunar e fora um dos que o comodoro selecionara para o esquadrão anti-distúrbio.

O toalete era típico dos usados em qualquer veículo pequeno, de terra, mar, ar ou espaço e era possível tocar todas as paredes sem mudar de posição. Mas a parede traseira, imediatamente acima da pia, não podia mais ser tocada. A fibra de vidro estava cheia de bolhas com o calor, dobrando-se e inchando enquanto os aterrorizados espectadores olhavam para ela.

– Meu Deus! – exclamou o comodoro. – Isto vai ceder num instante. Qual é a causa?

Mas Pat se fora. Voltou alguns segundos depois, carregando os dois pequenos extintores da cabine debaixo dos braços.

– Comodoro – disse -, avise a jangada. Diga que só temos alguns minutos. Ficarei aqui no caso de romper.

Hansteen fez o que foi pedido. Um momento depois Pat ouviu a sua voz enviando a mensagem pelo microfone e o súbito tumulto que se instalou entre os passageiros.

Quase imediatamente, a porta voltou a abrir-se e McKenzie surgiu.

– Posso ajudar?

– Acho que não – respondeu Pat, segurando o extintor. Sentia um curioso torpor, como se tudo isso não estivesse realmente lhe acontecendo, fosse apenas um sonho do qual logo iria despertar. Talvez tivesse superado o medo, experimentando uma crise após

outra, até que toda a sua emoção se esgotara. Ainda podia suportar, mas não era mais capaz de reagir.

– O que está provocando isso? – indagou McKenzie, repetindo a pergunta sem resposta do comodoro. – O que há por trás deste anteparo?

– Nosso suprimento principal de energia. Vinte pilhas de alta potência!

– Quanta energia há nelas?

– Bem, começamos com cinco mil quilowatts/hora. Provavelmente ainda temos a metade.

– Esta é a resposta. Alguma coisa provocou um curto em nosso suprimento de energia. Talvez esteja queimando desde que a fiação do teto foi arrancada.

A explicação fazia sentido; não existia outra fonte de energia a bordo do cruzador.

Ele era completamente à prova de fogo e portanto não poderia sofrer uma combustão comum. Mas havia bastante energia elétrica em suas pilhas de força para movê-lo a toda velocidade durante horas, e se toda esta energia se dissipasse em calor os resultados seriam catastróficos.

Todavia, isso era impossível. Tal sobrecarga deveria ter acionado os fusíveis imediatamente. A não ser que, por alguma razão, estivessem emperrados.

Mas não estavam, como informou McKenzie após uma rápida verificação na comporta de ar.

– Todos os relês se abriram – avisou. – Os circuitos estão completamente sem corrente. Não entendo.

Mesmo nesse momento de perigo, Pat não pôde evitar um sorriso. McKenzie era o eterno cientista; podia estar a ponto de morrer, mas insistia em saber como. Se fosse queimado numa estaca – e um destino semelhante poderia lhe estar reservado – perguntaria aos carrascos: "Que tipo de madeira vão usar?"

A porta dobrou-se para dentro enquanto Hansteen voltava para relatar: – Lawrence diz que vai entrar em dez minutos. Esta parede resistirá tanto tempo?

– Só Deus sabe – respondeu Pat. – Ela pode durar outra hora ou se acabar nos próximos cinco segundos. Depende de como o fogo esteja se espalhando.

– Não existe equipamento automático de combate ao fogo neste compartimento?

– Não há motivo para tê-lo. Este é nosso anteparo de pressão e normalmente há vácuo do outro lado. Este é o melhor extintor que existe.

– Ê isso! – exclamou McKenzie. – Não percebem? Todo o compartimento foi inundado. Quando o teto rasgou, a poeira começou a penetrar. E colocou todo o equipamento elétrico em curto.

Pat sabia, sem sombra de dúvida, que McKenzie estava certo. A esta altura todos os segmentos normalmente abertos ao espaço estariam cheios de poeira. Ela teria se derramado através do teto quebrado, fluído pelo espaço entre o casco duplo e se acumulado lentamente em torno dos terminais na sala de força. Assim, o fogo começara; havia suficiente ferro meteórico na poeira para torná-la um bom condutor.

Os arcos incandescentes e os curto-circuitos seriam como um milhar de fogos elétricos.

– Se salpicássemos água na parede – perguntou o comodoro -, isso ajudaria ou partiria a fibra de vidro?

– Acho que devemos tentar – respondeu McKenzie. – Mas com muito cuidado, um pouco de cada vez.

Encheu um copo plástico – a água já estava quente – e olhou de modo indagador para os outros. Como não houve objeções, começou a atirar algumas gotas sobre a superfície empolada.

Os estalidos resultantes foram tão aterradores que ele parou imediatamente. Era um risco muito grande, seria uma boa idéia numa parede de metal, mas este plástico não-condutor se partiria sob a tensão térmica.

– Não há nada que possamos fazer aqui – disse o comodoro. – Mesmo os extintores não ajudarão muito. E melhor sairmos e bloquearmos todo o compartimento. A porta agirá como barreira contra o fogo e nos dará um tempo extra.

Pat hesitou. O calor já se tornava insuportável, mas parecia covardia sair. Mas a sugestão de Hansteen fazia sentido. Se ficasse aqui até o fogo penetrar seria provavelmente sufocado num instante pela fumaça.

– Certo, vamos sair – concordou. – Tentaremos construir uma barricada atrás da porta.

Não imaginou que teriam muito tempo para fazê-lo. Já podia ouvir claramente o som da parede frigindo, enquanto continha o inferno aprisionado.

# Capítulo 30

As notícias de que o Selene estava em chamas não alterou em nada as ações de Lawrence. Ele não podia trabalhar com mais rapidez; se tentasse, poderia cometer um erro justamente quando começava a parte mais delicada do trabalho. Tudo o que podia fazer era torcer para chegar antes das chamas.

O aparelho, descendo agora no poço, parecia uma enorme pistola de graxa ou uma versão gigantesca das seringas para colocar glacê em bolos de casamento. Esta não continha nem graxa nem glacê, e sim um composto orgânico de silício, sob grande pressão. No momento era líquido, mas não se manteria nesse estado por muito tempo.

O primeiro problema de Lawrence seria colocar esse líquido entre o casco duplo sem deixar a poeira escapar. Usando um pequeno revólver de rebites, disparou sete pinos ocos dentro da casca externa do Selene – um no centro do círculo exposto, os outros seis igualmente espaçados à volta da circunferência.

Conectou a seringa ao pino central e apertou o gatilho. Houve um leve assovio enquanto o fluido escorria através do pino oco; a sua pressão abriu a minúscula válvula na ponta em forma de bala. De maneira muito rápida, Lawrence moveu-se de um pino a outro, disparando cargas iguais de fluido através de cada um. Agora, o fluido teria se espalhado quase uniformemente entre os dois cascos, formando uma panqueca esfiapada de mais de um metro de largura. Não, uma panqueca não, um suflê, pois começaria a espumar assim que escapasse do cano.

Alguns segundos depois aquilo começaria a assentar sob a influência do catalisador adicionado. Lawrence olhou para o seu relógio; em cinco minutos aquela espuma estaria dura como rocha, embora tão porosa quanto pedra-pomes, com que de fato se assemelharia muito. Não haveria chance de qualquer poeira extra

entrar nesta seção do casco e a que já estivesse nela ficaria congelada no lugar.

Não havia nada que pudesse fazer para encurtar aqueles cinco minutos; todo o plano dependia de a espuma solidificar-se na consistência conhecida. Se sua cronometragem e posicionamento estivessem errados ou se os químicos lá na Base tivessem cometido algum engano, as pessoas no Selene já podiam se considerar mortas.

Usou o período de espera para desimpedir o poço, mandando todo o equipamento de volta à superfície. Apenas Lawrence continuou no fundo, sem nenhuma ferramenta, a não ser suas mãos nuas. Se Maurice Spencer pudesse introduzir uma câmara nesse espaço restrito – e ele teria assinado um contrato com o diabo para fazê-lo – seus telespectadores não poderiam compreender o movimento seguinte de Lawrence.

Eles ficariam ainda mais perplexos quando vissem o que parecia um bambolê infantil sendo baixado no poço. Mas não era brinquedo de criança – era a chave que abriria o Selene.

Sue já reunira os passageiros na parte dianteira e agora muito mais elevada da cabine. Eles se aglomeravam, olhando ansiosamente para o teto e atentos a qualquer ruído encorajador.

Encorajamento, pensou Pat, era o que precisavam agora. E ele precisava mais do que qualquer um deles, pois era o único – se McKenzie ou Hansteen ainda não tivessem deduzido – a conhecer a real magnitude do perigo que enfrentavam.

O fogo já era suficientemente ruim e poderia matá-los se penetrasse na cabine.

Mas era lento e eles poderiam combatê-lo, ainda que por um breve tempo. Contra uma explosão, todavia, não poderiam fazer nada.

Pois o Selene era uma bomba e o pavio já fora aceso. A energia armazenada em suas pilhas de força, para impulsionar seus motores e todo o equipamento elétrico, poderia se transformar em

calor, mas não detonar. Infelizmente, o mesmo não acontecia aos tanques de oxigênio líquido.

Eles deviam ainda conter muitos litros daquele elemento terrivelmente frio e violentamente reativo. Quando o calor acumulado rompesse os tanques, haveria uma explosão física e química. Seria pequena, é verdade, equivalendo talvez a cem quilos de T.N.T., mas o suficiente para fazer o Selene em pedaços.

Pat não viu necessidade de mencionar isso a Hansteen, que já planejava sua barricada. Assentos eram desparafusados das fileiras da frente e colocados entre a última fila e , a porta do toailete. Era como se o comodo estivesse se preparando para repelir uma invasão em vez de fogo, o que de fato acontecia. O fogo em si, devido à sua natureza, não poderia se propagar além do compartimento das pilhas, mas assim que a parede rachada e empolada cedesse, a poeira inundaria tudo.

– Comodoro – avisou Pat -, enquanto o senhor faz isso, começarei a organizar os passageiros. Não podemos ter vinte pessoas tentando sair ao mesmo tempo.

Este era um pesadelo que devia evitar a todo custo. No entanto, seria difícil combater o pânico, mesmo nesta comunidade bem disciplinada, se um túnel estreito fosse o único meio de escapar a uma morte que se aproximava rapidamente.

Pat dirigiu-se à dianteira da cabine. Na Terra teria sido uma subida íngreme, mas aqui uma inclinação de trinta graus era quase imperceptível. Olhou para os rostos ansiosos à sua frente e disse:

– Vamos sair daqui logo. Quando o teto se abrir, uma escada de corda será baixada. As senhoras irão primeiro, depois os homens, todos em ordem alfabética. Não se incomodem de usar os pés. Lembrem-se de que vocês pesam pouco aqui e subam com as mãos tão rápido quanto puderem. Mas não atropelem a pessoa da frente; terão tempo suficiente e levarão apenas alguns segundos para chegar ao topo. Sue, coloque todos em ordem alfabética. Harding,

Bryan, Johanson, Barrett...gostaria que ficassem de prontidão, como fizeram antes. Podemos precisar de sua ajuda...

Não terminou a frase. Houve uma espécie de explosão abafada na traseira da cabine; nada espetacular, um saco de papel teria feito mais ruído. Mas isto significava que a parede cedera, enquanto o teto infelizmente continuava intacto.

No outro lado do teto, Lawrence colocara seu laço chato contra a fibra de vidro e começava a fixar-lhe a posição com uma cola de secagem rápida. O anel era quase tão largo quanto o pequeno poço no qual se agachava; chegava a alguns centímetros das paredes corrugadas. Embora fosse perfeitamente seguro de lidar, ele o tratava com cuidado exagerado. Nunca adquirira a tranquila familiaridade com os explosivos que caracteriza os que vivem com eles.

A carga-anel que colocava em posição era um produto convencional da arte; não envolvia nenhum problema técnico. Faria um corte uniforme na largura e espessura desejados, realizando num milésimo de segundo um trabalho que requereria um quarto de hora com uma serra elétrica. Isto era o que Lawrence tencionava usar a princípio, e agora estava feliz por ter mudado de idéia. Parecia improvável que dispusesse de um quarto de hora.

Descobriu essa verdade enquanto ainda esperava a espuma assentar.

– O fogo penetrou na cabine! – gritou uma voz lá de cima.

Lawrence olhou para o relógio. Por um momento pareceu que o ponteiro de segundos ficara imóvel, mas era uma ilusão que experimentara durante toda a sua vida. O relógio não havia parado; era apenas o Tempo que não transcorria, como de hábito, na velocidade que desejava. Até este momento passara muito rapidamente; agora, é claro, se arrastava com pés de chumbo.

A espuma deveria estar dura como rocha em mais trinta segundos. Melhor esperar um pouco mais do que se arriscar a disparar muito



cedo, quando ela ainda estivesse plástica.

Começou a subir a escada de corda sem pressa, desenrolando os finos fios do detonador. Sua cronometragem foi perfeita. Quando saiu do poço e desmanchou o curto-circuito que estabelecera na ponta dos fios por segurança, conectando-os ao detonador, faltavam apenas dez segundos.

– Avise-os de que vamos começar a contar a partir de dez – disse.

Enquanto corria ladeira abaixo para ajudar o comodoro, sem saber como, Pat ouvia Sue chamar em voz calma: senhorita Morley, senhora Schuster, senhora Williams... Seria irônico se a senhorita Morley fosse novamente a primeira, desta vez em virtude da ordem alfabética. Ela dificilmente poderia se queixar do tratamento recebido agora.

Então um segundo pensamento, muito mais sombrio, relampejou pela mente de Pat. E se a senhora Schuster ficasse entalada no túnel, bloqueando a saída? Bem, dificilmente poderiam deixá-la para o final; ela fora um fator decisivo no desenho do tubo e desde então perdera vários quilos.

À primeira vista parecia que a porta do toailete estava aguentando. De fato, o único sinal de que algo acontecera era um fino fio de fumaça passando pelas dobradiças. Por um momento Pat sentiu um grande alívio. Certamente o fogo levaria meia hora para queimar a dupla espessura de fibra de vidro e muito antes disso...

Alguma coisa escorria pelos seus pés descalços. Moveu-se para o lado automaticamente antes que sua mente consciente indagasse: "O que é isto?"

Olhou para baixo. Apesar de seus olhos já estarem acostumados à fraca iluminação de emergência, ele levou algum tempo para perceber a fantasmagórica maré cinzenta escorrendo sob a porta, cujos painéis já começavam a se curvar ante a pressão de toneladas de poeira. Bastariam alguns minutos para que comessem a ceder; ainda que isso não acontecesse, faria pouca

diferença. Aquela inundação sinistra e silenciosa já subira acima de seus calcanhares enquanto ele observava.

Pat não se moveu nem tentou falar ao comodoro, igualmente imóvel a apenas alguns centímetros de distância. Pela primeira vez em sua vida, e talvez pela última, sentia uma emoção de puro e irresistível ódio. Naquele momento, enquanto milhões de palpos secos e delicados roçavam contra suas pernas nuas, Pat sentia como se o Mar da Sede fosse uma entidade maligna e consciente, que houvesse brincado com eles como um gato faz com um rato. Cada vez que pensavam ter a situação sob controle, preparava uma nova surpresa. Estávamos sempre em movimento atrás dele e agora, cansado do seu joguinho, não quer mais se divertir conosco. Talvez Radley estivesse certo, apesar de tudo.

O alto-falante, suspenso do tubo de ar, retirou-o desse devaneio fatalista.

– Estamos prontos! – gritou. – Fiquem reunidos na traseira do ônibus e cubram os rostos. Vamos contar a partir de dez.

– *Dez.*

Já estamos no final do ônibus, pensou Pat. Não há necessidade de todo este tempo. Podemos nem tê-lo.

– *Nove.*

Aposto como não vai funcionar. O Mar não deixará, se ele pensar que nós temos alguma chance de escapar.

– *Oito.*

É uma pena, depois de todo este esforço. Um punhado de gente quase se matou tentando nos ajudar. Eles mereciam sorte melhor.

– *Sete.*

Supõe-se que este seja o número da sorte, não? Talvez possamos conseguir, apesar de tudo. Alguns de nós.

– *Seis.*

Vamos fazer de conta. Não fará nenhum mal agora. Suponhamos que leve...

digamos, 15 segundos para passar.

– *Cinco.*

E, é claro, soltar a escada de novo; eles provavelmente a recolheram por segurança.

– *Quatro.*

E presumindo que alguém saia a cada três segundos. Não, vamos colocar cinco para ter certeza.

– *Três.*

Isto dá 22 vezes cinco, que é mil e... não, isto é ridículo. Já esqueci como se fazem contas simples.

– *Dois.*

Digamos cento e poucos segundos, o que deve ser uma boa parte de dois minutos; é tempo suficiente para aqueles tanques de lox nos estourarem para a eternidade...

– *Um.*

Um! E não cobri meu rosto. Talvez devesse deitar, mesmo que tenha de engolir esta poeira suja...

Houve um estalido súbito e um breve sopro de ar. Era tudo. Um anticlímax desapontador, mas os especialistas em explosivos conheciam seu trabalho como se esperava que conhecessem. A energia da carga fora precisamente calculada e focalizada; pouco sobrara para fazer ondular a poeira que agora cobria quase metade do piso da cabine.

O tempo pareceu se imobilizar e durante uma era nada aconteceu. Então houve um lento e belo milagre, mais extraordinário por ser tão inesperado e contudo tão óbvio que ninguém o imaginara.

Um anel de luz branca e brilhante surgiu entre as sombras encarnadas do teto.

Cresceu, tornando-se mais brilhante e então, subitamente, expandiu-se num círculo completo e perfeito enquanto o pedaço do teto caía. Essa luz provinha de um único tubo luminoso vinte metros acima, mas para olhos que não viam nada há horas, exceto um crepúsculo avermelhado, ela parecia mais gloriosa que todas as alvoradas.

A escada desceu quase ao mesmo tempo em que o círculo do teto atingiu o chão.

A senhorita Morley, preparada como uma corredora, desapareceu num clarão.

Quando a senhora Schuster a seguiu, um pouco mais lenta, mas ainda assim numa velocidade da qual ninguém poderia se queixar, foi como um eclipse. Somente alguns raios filtraram-se pela radiante estrada rumo à salvação. Estava escuro novamente, como se, após um breve vislumbre da aurora, a noite retornasse com redobrada escuridão.

Agora os homens começavam a subir. Baldur primeiro, provavelmente abençoando sua posição no alfabeto. Havia apenas 12 na cabine quando a porta escorada finalmente soltou suas dobradiças e a avalanche acumulada desabou.

A primeira onda de pó atingiu Pat enquanto ele ainda se encontrava no meio do declive da cabine. Embora leve e impalpável, ela retardou seus movimentos, como se estivesse lutando para escapar através de cola. Era uma sorte que o ar e a umidade houvessem tirado da poeira um pouco de sua força; do contrário, a cabine estaria agora cheia de nuvens sufocantes. Pat espirrava e tossia, mas ainda conseguia respirar.

No crepúsculo enevado podia ouvir Sue contando "15... 16... 17... 18... 19...", enquanto guiava os passageiros para a salvação. Queria deixá-la subir com as outras mulheres, mas ela continuava ali,

zelando pelos passageiros. Enquanto lutava contra a areia movediça, que subira até sua cintura, ele sentia por Sue um amor tão grande que parecia estourar seu coração. Agora não tinha mais dúvida. O verdadeiro amor é o equilíbrio perfeito entre o desejo e a ternura. O primeiro existira por um longo tempo e agora o segundo chegava à sua plenitude.

– 20... é o senhor, comodoro. Rápido!

– Com mil diabos, Sue, suba você.

Pat não pôde ver o que aconteceu, estava parcialmente cego pela poeira e a escuridão, mas calculou que Hansteen devia ter literalmente jogado Sue através do teto. Nem sua idade nem seus anos no espaço o haviam privado de sua força terrestre.

– Está aí, Pat? – chamou ele. – Eu estou na escada.

– Não espere por mim, estou indo.

Era mais fácil dizer do que fazer. Sentia como se milhões de dedos suaves porém determinados o prendessem, puxando-o de volta para a inundação crescente.

Agarrou um dos encostos de assento, agora quase oculto sob a poeira, e lançou-se em direção à luz.

Alguma coisa bateu em seu rosto; instintivamente estendeu a mão para retirá-la e percebeu ser a ponta da escada de corda. Ergueu-se com toda a força, enquanto lenta e relutantemente o Mar da Sede relaxava seu aperto sobre ele.

Antes de entrar na chaminé teve um último vislumbre da cabine. Toda a traseira estava agora submersa na rastejante maré cinzenta. Parecia sobrenatural e duplamente sinistro que ela subisse num plano geometricamente perfeito, sem uma única ondulação ou sulco em sua superfície. A um metro de distância – algo que Pat sabia que iria lembrar por toda a sua vida, embora sem saber por quê – um copo de papel solitário flutuava calmamente, como um barco de brinquedo num lago. Em alguns

minutos ele chegaria ao teto e seria submerso, mas por enquanto ainda desafiava bravamente a poeira.

Era como as luzes de emergência, que continuariam acesas durante dias, mesmo quando cada uma delas já estivesse encerrada na escuridão.

Agora o poço mal iluminado estava ao seu redor. Não subia tão rapidamente quanto seus músculos permitiriam para não se chocar com o comodoro. Houve um súbito clarão acima, enquanto Hansteen saía do poço. Involuntariamente Pat olhou para baixo, tentando proteger seus olhos do clarão. A poeira subia rapidamente atrás dele, ainda lisa, plácida e inexorável.

Em seguida pulou sobre a boca da ensecadeira, no centro de um iglu fantasticamente abarrotado. À sua volta, em vários estádios de exaustão e desalinho, encontravam-se seus passageiros; quatro figuras em trajes espaciais os ajudavam, mais um homem sem traje de pressão que ele imaginou ser Lawrence. Era estranho ver um rosto novo, depois de todos esses dias.

– Todo mundo saiu? – perguntou Lawrence ansiosamente.

– Sim – respondeu Pat. – Eu sou o último homem... assim espero – acrescentou, percebendo que na escuridão e no meio do tumulto alguém talvez fosse deixado para trás. E se Radley resolvesse não enfrentar o que o esperava na Nova Zelândia?

Não, lá estava ele entre os outros. Pat começava justamente a contar as pessoas quando o piso de plástico deu um súbito salto e um perfeito anel de fumaça ou pó saiu do poço. Aquilo atingiu o teto, ricocheteou e desintegrou-se antes que alguém pudesse se mover.

– Que diabo foi isso? – indagou Lawrence.

– Nosso tanque de oxigênio líquido – respondeu Pat. – O bom e velho ônibus aguentou o tempo exato...

E então, para seu próprio embaraço, o comandante do Selene começou a chorar.



# Capítulo 31

– Ainda não acho que estas bandeiras sejam uma boa idéia – comentou Pat enquanto o cruzador se afastava de Porto Roris. – Elas parecem falsas quando se sabe que estão no vácuo.

No entanto tinha de admitir que a ilusão era perfeita, pois a linha de estandartes em torno do prédio do embarcadouro parecia tremular numa brisa não existente. Era tudo feito com molas e motores elétricos e certamente confundiria os observadores na Terra.

Este era um grande dia para Porto Roris e de fato para toda a Lua. Desejava que Sue pudesse estar aqui, mas ela não se encontrava em forma para a viagem – literalmente, como observara ao lhe dar o beijo de despedida pela manhã.

– Não sei como as mulheres podem ter bebês na Terra. Imagine carregar esse peso todo numa gravidade seis vezes maior.

Pat afastou sua mente da família iminente e levou o Selene II à velocidade máxima. Da cabine vieram os "ohs" e "ahs" dos 32 passageiros, enquanto as nuvens cinzentas de poeira erguiam-se contra o Sol, como arco-íris monocromáticos. Esta viagem inaugural era à luz do dia e os passageiros perderiam a fosforescência mágica do Mar, a corrida noturna pelo desfiladeiro do Lago Cratera e as glórias esverdeadas da Terra imóvel. Todavia, as atrações principais eram a novidade e a excitação da jornada. Graças ao seu fatídico predecessor, o Selene II era um dos veículos mais conhecidos do sistema solar.

Uma prova do velho ditado de que não existe má publicidade. Agora que as reservas adiantadas começavam a chegar, o comissário de Turismo estava satisfeito por ter insistido em conseguir mais espaço para passageiros. A princípio, tivera de lutar para obter um novo Selene. "Uma vez mordido, duas vezes



cuidadoso", dissera o administrador-chefe, mas rendeu-se quando o padre Ferraro e sua Divisão de Geofísica provaram, sem qualquer dúvida, que o Mar não se mexeria novamente por outro milhão de anos.

– Mantenha no curso – avisou Pat ao co-piloto. – Vou lá atrás conversar com os passageiros.

Ainda era suficientemente jovem e vaidoso para apreciar os olhares de admiração enquanto caminhava pela cabine. Todos a bordo teriam lido a seu respeito ou visto sua imagem na TV. De fato, a própria presença dessas pessoas aqui era um voto implícito de confiança. Pat sabia muito bem que outros compartilhavam o crédito, mas não havia falsa modéstia quanto ao papel que desempenhara nas últimas horas do Selene I. Seu pertence mais valioso era o pequeno modelo dourado do cruzador, presente de casamento oferecido ao casal Harris: "De todos na última viagem, em sincera estima." Era o único testemunho que contava, e ele não desejava outros.

Já caminhara metade da extensão da cabine de passageiros, trocando algumas palavras aqui e ali, quando parou subitamente.

– Alô, capitão – disse uma voz inesquecível. – Parece surpreso em me ver.

Pat recobrou-se rapidamente e usou seu sorriso oficial mais deslumbrante.

– É certamente um prazer inesperado, senhorita Morley. Não fazia idéia de que estivesse na Lua.

– É também uma surpresa para mim. Devo isto à história que escrevi sobre o Selene I. Estou cobrindo esta viagem para a Vida Interplanetária.

– Só espero que seja um pouco menos excitante que da última vez – comentou Pat.

– A propósito, teve contato com alguns dos outros? O Dr. McKenzie e os Schusters me escreveram algumas semanas atrás, mas às

vezes me pergunto o que terá acontecido ao pobre e pequeno Radley depois que Harding o levou.

– Nada, exceto que perdeu o emprego. A Cartões de Viagens Universal decidiu que se o processasse atrairia a simpatia de todos sobre Radley e daria a outras pessoas a idéia de fazer a mesma coisa. Ele vive agora, acredito, fazendo palestras para os seguidores de seu culto sobre "O que encontrei na Lua". E eu faço uma previsão, capitão Harris.

– Qual é?

– Algum dia ele voltará à Lua.

– Espero que o faça. Nunca descobri o que ele esperava achar no Mar Crisium.

Ambos riram e em seguida a senhorita Morley comentou: – Ouvi dizer que vai deixar este trabalho. Pat pareceu um pouco embaraçado.

– É verdade – admitiu. – Vou me transferir para o Serviço Espacial. Se puder passar nos testes.

Não estava muito certo de conseguir, mas sabia que deveria fazer o esforço. Dirigir um ônibus lunar fora um trabalho interessante e agradável, mas era também um beco sem saída, como Sue e o comodoro o haviam convencido. E existia outra razão.

Frequentemente se perguntava quantas vidas foram mudadas ou desviadas de seu curso quando o Mar da Sede se abria sob as estrelas. Ninguém a bordo do Selene I poderia deixar de ser marcado pela experiência, mudando em muitos casos para melhor. O fato de estar aqui agora, tendo essa conversa amigável com a senhorita Morley, era prova suficiente disso.

O efeito também devia ter sido profundo nos homens envolvidos no esforço de salvamento. Especialmente o Dr. Lawson e o engenheiro-chefe Lawrence. Pat vira Lawson muitas vezes, fazendo suas palestras irascíveis sobre assuntos científicos na televisão. Estava

grato ao astrônomo, mas achava impossível gostar dele. Parecia, contudo, que milhões de pessoas não pensavam assim.

Quanto a Lawrence, trabalhava duro em suas memórias provisoriamente intituladas O Homem sobre a Lua, e desejava nunca ter assinado o contrato. Pat já o ajudara nos capítulos sobre o Selene e Sue lia os originais, enquanto esperava o bebê.

– Queira me desculpar – disse Pat, lembrando-se de suas tarefas como capitão. -

Devo atender os outros passageiros. Mas, por favor, venha nos visitar a próxima vez que estiver em Cidade Clavius.

– Eu irei – prometeu a senhorita Morley, um pouco surpresa, mas obviamente satisfeita.

Pat continuou a caminhar até o fim da cabine, respondendo a uma saudação aqui, a uma pergunta ali. Então chegou à cozinha-comporta e fechou a porta atrás de si, ficando momentaneamente sozinho.

Havia mais espaço aqui do que no Selene II, mas o desenho básico era o mesmo.

Não era de surpreender que as lembranças fluíssem de novo. Aquele poderia ser o mesmo traje espacial cujo oxigênio ele e McKenzie compartilharam enquanto os outros dormiam; aquela poderia ser a parede onde encostara o ouvido, escutando o sussurro da poeira ascendente. E essa câmara, de fato, poderia ter sido o lugar onde ele conhecera Sue pela primeira vez, no sentido bíblico e literal. Mas havia uma inovação nesse modelo: a pequena janela na comporta para o exterior. Colocou o rosto contra ela e olhou sobre a superfície do Mar.

Estava no lado sombreado do cruzador, olhando na direção oposta ao Sol, para a noite escura do espaço. Quando sua visão se ajustou à penumbra, pôde ver as estrelas. Apenas as mais brilhantes, pois havia bastante luz refletida para dessensibilizar seus olhos. Mas lá estavam elas – e também Júpiter, o mais brilhante dos planetas depois de Vênus.

Logo estaria lá, longe de seu mundo nativo. Este pensamento o excitava e também o aterrorizava, mas ele sabia que tinha de ir.

Amara a Lua, mas ela tentara matá-lo e nunca mais se sentiria à vontade em sua superfície. Embora o espaço profundo fosse ainda mais hostil e implacável, ainda não lhe declarara guerra. Com seu próprio mundo, de agora em diante, não haveria mais que uma neutralidade armada.

A porta da cabine se abriu e a comissária entrou com uma bandeja de xícaras vazias. Pat deu as costas à janela e às estrelas. Na próxima vez que as fitasse, elas estariam muito mais brilhantes.

Sorriu para a moça elegantemente uniformizada e acenou, indicando a pequena cozinha.

– É toda sua, senhorita Johnson, cuide bem dela.

E então caminhou de volta para os controles, conduzindo o Selene II através do Mar da Sede em sua viagem inaugural, que para ele seria a última.

**FIM**

# O Autor e sua Obra



"*Um romance movimentado e fascinante*": assim se expressou o New York Times Book Review sobre *Os náufragos do Selene*, de Arthur C. Clarke, que a Nova Fronteira publica após o sucesso de 2010: *uma odisséia no espaço II*.

Selene é uma nave que, devido a um acidente na poeira lunar, submerge no Mar da Sede. Em seu interior vinte e duas pessoas lutam para sobreviver. Cabe ao engenheiro-chefe Lawrence desempenhar uma missão praticamente impossível: encontrar a

nave e resgatar os passageiros. De sua missão depende o futuro da humanidade na Lua.

Residindo atualmente em Sri Lanka, Arthur C. Clarke sempre procurou em seus livros ampliar as dimensões das narrativas de ficção científica. Para o Chicago News, "Clarke provoca os leitores, levando-os a pensar construtivamente no futuro da humanidade, e mais, a se preocupar com a existência de um futuro para si mesma".

Aluno exemplar do tradicional King's College de Londres – suas notas em física e matemática sempre lhe garantiram os primeiros lugares -, notabilizou-se pelo espírito premonitório de algumas das ideias que lançou em seus textos.

Clarke foi também, durante a segunda guerra mundial, o oficial da Força Aérea Real inglesa encarregado do primeiro equipamento de radar em seu período experimental. Também, os satélites foram criados por ele, em 1945, o que lhe valeu a medalha de ouro do Franklin Institute.

A leitura de Os naufragos do Selene faz pensar, por exemplo, na nave Colúmbia e suas viagens pelo espaço. Autor de cerca de quarenta livros traduzidos em mais de quinze línguas, Clarke alia à sua imaginação o dom de saber, como poucos no gênero, mesclar elementos de terror, política, humor e religião.

Segundo a melhor crítica especializada, Arthur C. Clarke é o autor mais revolucionário da ficção científica no século XX.

- [{1}](#) Sinus Roris, a "Baía do Orvalho", está situada próximo ao pólo norte lunar. Lunetas de abertura razoável podem localizá-la como uma mancha escura, acima dos montes Jura e a noroeste da brilhante cratera Aristarco (N. do T.)
- [{2}](#) GMT: Tempo Médio de Greenwich; em inglês, Greenwich Mean Time. (N. do T.)
- [{3}](#) O Lado Terrestre (Earthside) é o que se encontra sempre voltado para a Terra, enquanto a parte oculta aos observadores chama-se Lado Remoto (Farside). (N. do T.)
- [{4}](#) Em 1960, quando Arthur Clarke escreveu o romance, este era um bom palpite para a data da chegada à Lua. Infelizmente, os primeiros homens lá desembarcaram apenas em julho de 1969. Além disso, eram americanos e não russos. (N. do T.)
- [{5}](#) argumento no qual a conclusão não segue as premissas. É uma falácia lógica (N.do T).